

A VERY
A Very
LARGE
Large
EXPANSE
Expanse
OF SEA
of Sea
TAHEREH
A Novel
MAFI

A VERY
A Very
LARGE
Large
EXPANSE
Expanse
OF SEA
Of Sea
TAHEREH

HARPER

An Imprint of HarperCollinsPublishers

MAFI

Conteúdo

Capa

Título

1. Um

2. Dois

3. Três

4. Quatro

5. Cinco

6. Seis

7. Sete

8. Oito

9. Nove

10. Dez

11. Onze

12. Doze

13. Treze

14. Catorze

15. Quinze

16. Dezesseis

17. Dezessete

18. Dezoito

19. Dezenove

20. Vinte

21. Vinte e Um

- 22. Vinte e Dois
- 23. Vinte e Três
- 24. Vinte e Quatro
- 25. Vinte e Cinco
- 26. Vinte e Seis
- 27. Vinte e Sete
- 28. Vinte e Oito
- 29. Vinte e Nove
- 30. Trinta
- 31. Trinta e Um
- 32. Trinta e Dois
- 33. Trinta e Três
- 34. Trinta e Quatro
- 35. Trinta e Cinco
- 36. Trinta e Seis
- 37. Trinta e Sete
- 38. Trinta e Oito

Sobre a Autora

Livros por Tahereh Mafi

Anúncios

Copyright

Sobre a Editora

Tradução feita pela WhitethornTeca: Drive e Traduções.

Siga o nosso Twitter: @whitethornteca

1

Um

Nós sempre parecemos estar nos movendo, sempre para melhor, sempre para melhorar nossa vida, ou algo assim. Eu não conseguia acompanhar o choque emocional. Eu tinha frequentado tantas escolas primárias e escolas de ensino médio que eu não conseguia mais lembrar seus nomes, mas isso, essa mudança de escola o tempo todo, estava realmente começando a me fazer querer morrer. Esta era a minha terceira escola secundária em menos de dois anos e minha vida parecia de repente compreender uma confusão de besteira todos os dias que às vezes eu mal conseguia mexer meus lábios. Eu me preocupava que, se eu falasse ou gritasse, minha raiva iria agarrar os dois lados da minha boca aberta e me rasgar ao meio.

Então eu não dizia nada.

Era o final de agosto, todo o calor volátil e a brisa ocasional. Eu estava cercada por mochilas engomadas, jeans duros e crianças que cheiravam a plástico fresco. Eles pareciam felizes.

Suspirei e fechei o meu armário.

Para mim, hoje foi apenas mais um primeiro dia de aula em outra cidade nova, então fiz o que sempre fiz quando apareci em uma nova escola: não olhei para as pessoas. As pessoas sempre olhavam para mim, e quando eu olhava para trás, muitas vezes aceitavam isso como um convite para falar comigo, e quando falavam comigo, quase sempre diziam algo ofensivo ou estúpido, ou ambos, e eu decidi há muito tempo que era mais fácil fingir que simplesmente não existiam.

Eu consegui sobreviver as três primeiras aulas do dia sem grandes incidentes, mas eu ainda estava lutando para andar na escola em si. Minha próxima aula parecia estar do outro lado do campus, e eu estava tentando descobrir onde estava – comparando os números dos quartos com o meu novo horário de aula – quando o sinal final tocou. No tempo em que fiquei chocada ao olhar para o relógio, as massas de estudantes ao meu redor haviam desaparecido.

De repente, eu estava sozinha em um corredor longo e vazio, com meu cronograma impresso amassado em um só punho. Eu apertei meus olhos e jurei sob a minha respiração.

Quando finalmente encontrei minha próxima aula, estava sete minutos atrasada. Eu abri a porta, as dobradiças rangeram levemente e os estudantes se viraram em seus lugares. O professor parou de falar, a boca ainda presa em torno de um som, o rosto congelado entre as expressões.

Ele piscou para mim.

Eu desviei meus olhos, mesmo quando senti o lugar se contrair ao meu redor. Eu deslizei para o assento vazio mais próximo e não disse nada. Eu tirei um caderno da minha bolsa. Peguei uma caneta.

Eu mal respirava, esperando o momento passar, esperando que as pessoas se afastassem, esperando que meu professor começasse a falar de novo quando de repente pigarreou e disse: — De qualquer forma, como eu estava dizendo: nosso currículo inclui um pouco de leitura obrigatória, e aqueles de vocês que são novos aqui... — Ele hesitou, olhou para a lista em suas mãos. — pode não estar acostumado com a nossa escola e, ah, currículo altamente exigente.

— Ele parou. Hesitou novamente. Apertou o papel nas mãos dele.

E então, como se do nada, ele dissesse: — Agora – me perdoe se estou dizendo isso incorretamente – mas é isso – *Sharon*? — Ele olhou para cima, me olhou diretamente nos olhos.

Eu disse: — É Shirin.

Os alunos se viraram para me olhar de novo.

— Ah. — Meu professor, Sr. Webber, não tentou pronunciar meu nome novamente. — Bem vinda.

Eu não respondi a ele.

— Então — Ele sorriu. — Você entende que esta é uma aula de inglês de honra.

Eu hesitei. Eu não tinha certeza do que ele estava esperando que eu dissesse para uma declaração tão óbvia. Finalmente, eu disse: — Sim?

Ele assentiu, depois riu e disse: — Querida, acho que você pode estar na aula errada.

Eu queria dizer a ele para não me chamar de *querida*. Eu queria dizer a ele para não falar comigo, nunca, como regra geral. Em vez disso, eu disse: — Estou na aula certa. — E segurei meu cronograma amassado.

O Sr. Webber balançou a cabeça, mesmo enquanto continuava sorrindo. — Não se preocupe, isso não é sua culpa. Acontece às vezes com novos alunos. Mas o escritório da ESL é na verdade apenas o...

— Eu estou na aula certa, ok? — Eu disse as palavras com mais força do que eu pretendia. — Eu estou na aula certa.

Essa merda sempre estava acontecendo comigo.

Não importava o quanto meu inglês fosse pouco acentuado. Não importava que eu dissesse às pessoas, repetidas vezes, que eu nasci aqui, na *América*, que o inglês era minha primeira língua, que meus primos no Irã zombavam de mim por falar *farsi* medíocre com um sotaque americano – não importava. Todos achavam que eu saíra do barco de uma terra estrangeira.

O sorriso do Sr. Webber vacilou. — Oh — ele disse. — OK.

As crianças ao meu redor começaram a rir e senti meu rosto ficar quente. Olhei para baixo e abri meu caderno em branco para uma página aleatória, esperando que a ação inspirasse o fim da conversa.

Em vez disso, o Sr. Webber levantou as mãos e disse: — Ouça-me, pessoalmente? Eu quero que você fique, ok? Mas essa é uma aula muito avançada e, embora eu tenha certeza de que o seu inglês é realmente bom, ainda é...

— Meu inglês — eu disse. — não é *muito bom*. Meu inglês é perfeito pra caralho.

Passei o resto da hora no escritório do diretor.

Foi-me dada uma severa conversa sobre o tipo de comportamento esperado dos alunos desta escola e adverti que, se fosse deliberadamente hostil e pouco cooperativo, talvez não fosse a escola para mim. E então me deram detenção por usar linguagem vulgar na aula. O sino do almoço tocou enquanto o diretor estava gritando comigo, então quando ele finalmente me soltou eu peguei minhas coisas e fugi.

Eu não estava com pressa para chegar a lugar nenhum; Eu só estava ansiosa para estar longe das pessoas. Eu tive mais duas aulas para terminar depois do almoço, mas eu não tinha certeza se minha cabeça aguentaria; Eu já superei meu limite para a estupidez do dia.

Eu estava equilibrando minha bandeja de almoço no meu colo em um banheiro, minha cabeça em um aperto visível entre as minhas mãos, quando meu telefone tocou. Era meu irmão.

o que você está fazendo?

almoçando

besteira. onde você está se escondendo?

no banheiro

que? porque?

o que mais devo fazer por 37 minutos? olhar para as pessoas?

E então ele me disse para dar o fora do banheiro e vir almoçar com ele, aparentemente a escola já havia enviado uma carroça de boas vindas cheia de novos amigos em comemoração de seu lindo rosto, e eu deveria me juntar a ele em vez de se escondendo.

não, obrigada, eu digitei.

E então eu joguei meu almoço no lixo e me escondi na biblioteca até o sinal tocar.

Meu irmão é dois anos mais velho que eu; nós quase sempre estávamos na mesma escola ao mesmo tempo. Mas ele não odiava se enturmar como eu fazia; ele nem sempre sofria quando chegávamos a uma nova cidade. Havia duas grandes diferenças entre mim e meu irmão: primeiro, que ele era extremamente bonito e, segundo, que ele não andava por aí usando um letreiro de néon metafórico pregado na testa, piscando, CUIDADO, APROXIMAÇÃO TERRORISTA.

Eu aposto que não, meninas alinhadas para mostrar meu irmão ao redor da escola. Ele era o cara novo e bonito. O menino interessante com um passado interessante e um nome interessante.

O belo menino exótico que todas essas garotas bonitas inevitavelmente usariam para satisfazer sua necessidade de experimentar e um dia se rebelar contra seus pais. Eu aprendi da maneira mais difícil que eu não poderia almoçar com ele e seus amigos. Toda vez que eu aparecia, rabo entre as pernas e meu orgulho no lixo, levava cinco segundos para perceber que a única razão pela qual suas novas amigas eram boas para mim era porque elas queriam me usar para chegar até meu irmão.

Eu prefiro comer no banheiro.

Eu disse a mim mesma que não me importava, mas obviamente eu me importei. Eu precisei. O ciclo de notícias nunca me deixa respirar mais. O 11 de setembro aconteceu no ano passado, duas semanas depois do primeiro ano, e duas semanas depois dois caras me atacaram enquanto eu voltava da escola e a pior parte – a pior parte – foi que precisei de dias para me livrar da escola. negação; levei dias para entender o porquê. Eu continuei esperando que a explicação se tornasse mais complexa, que houvesse mais do que puro ódio

cego para motivar suas ações. Eu queria que houvesse alguma outra razão para dois estranhos me seguirem em casa, outra razão pela qual eles arrancaram meu lenço da minha cabeça e tentaram me sufocar com isso. Eu não entendi como alguém podia estar tão violentamente zangado comigo por algo que eu não tinha feito, tanto que eles se sentiam justificados em me atacar em plena luz do dia enquanto eu caminhava pela rua.

Eu não *queria* entender isso.

Mas lá estava.

Eu não esperava muito quando nos mudamos para cá, mas eu ainda sentia muito por descobrir que essa escola não parecia melhor do que a minha última. Eu estava presa em outra pequena cidade, presa em outro universo povoado pelo tipo de pessoas que só viam rostos como o meu em seus noticiários da noite, e eu odiava isso. Eu odiava os meses exaustivos e solitários que levaram para se estabelecer em uma nova escola; Eu odiava quanto tempo levava para as crianças ao meu redor perceberem que eu não era nem aterrorizante nem perigosa; Eu odiava o esforço patético, sugador de almas que levou para finalmente fazer um único amigo corajoso o suficiente para se sentar ao meu lado em público. Eu tive que reviver este ciclo terrível tantas vezes, em tantas escolas diferentes, que às vezes eu realmente queria colocar minha cabeça através de uma parede. Tudo que eu queria do mundo era ser perfeitamente normal.

Eu queria saber como era andar por um quarto e ser olhada por ninguém. Mas uma única olhada ao redor do campus esvaziou qualquer esperança que eu pudesse ter para me misturar.

O corpo estudantil era, em sua maior parte, uma massa homogênea de cerca de duas mil pessoas que estavam aparentemente apaixonadas pelo basquete. Eu já passei por dezenas de cartazes – e uma faixa enorme pendurada sobre as portas da frente – celebrando uma equipe que ainda não estava na temporada.

Havia grandes números em preto e branco colados nas paredes do corredor, sinais gritando aos transeuntes para contar os dias até o primeiro jogo da temporada.

Eu não tinha interesse em basquete.

Em vez disso, eu estava contando o número de coisas ruins que as pessoas tinham me dito hoje. Eu estava segurando forte aos quatorze anos até que eu fiz o meu caminho para a minha próxima aula e um garoto me passando no corredor perguntou se eu usava essa coisa na cabeça porque eu estava escondendo bombas e eu o ignorei, e então o amigo dele disse que talvez eu

fosse secretamente careca e eu o ignorei, e então um terceiro disse que eu provavelmente era, na verdade, um homem, e apenas tentando escondê-lo e finalmente eu disse a todos para se foderem, mesmo quando eles parabenizaram um ao outro tendo reunido estas excelentes hipóteses. Eu não tinha ideia do que esses babacas pareciam porque eu nunca olhava na direção deles, mas eu estava pensando em dezessete, *dezessete*, quando cheguei a minha próxima aula muito cedo e esperei, no escuro, que todos aparecessem.

Essas, as injeções regulares de veneno que eu recebia de estranhos, eram definitivamente as piores coisas sobre usar um lenço de cabeça. Mas a melhor coisa foi que meus professores não podiam me ver ouvindo música.

Isso me deu a cobertura perfeita para meus fones de ouvido.

A música tornou meu dia muito mais fácil. Andar pelos corredores da escola era mais fácil; sentar sozinha o tempo todo era mais fácil. Eu adorava que ninguém pudesse dizer que eu estava ouvindo música e que, como ninguém sabia, nunca me pediam para desligar. Eu tive várias conversas com professores que não tinham ideia de que eu estava ouvindo apenas o que quer que estivessem dizendo para mim e, por algum motivo, isso me deixou feliz. A música parecia me firmar como um segundo esqueleto; Eu me apoiei quando meus próprios ossos estavam muito abalados para ficar em pé. Eu sempre ouvia música no iPod que eu roubara do meu irmão e, aqui – como fiz no ano passado, quando ele comprou a coisa – eu caminhei para a aula como se estivesse ouvindo a trilha sonora do meu próprio filme de merda. Isso me deu um tipo de esperança inexplicável.

Quando minha última aula do dia finalmente chegou, eu já estava observando minha professora em silêncio. Minha mente vagou; Eu continuei checando o relógio, desesperada para escapar.

Hoje, os Fugees estavam enchendo os buracos na minha cabeça, e eu olhei para o meu estojo de lápis, virando-o de novo e de novo nas minhas mãos. Eu realmente gostava de lapiseiras. Eram boas. Eu tinha uma pequena coleção, na verdade, que eu consegui de uma velha amiga de quatro mudanças de casa atrás; ela trouxe de para mim do Japão e eu estava levemente obcecada. Os lápis eram delicados, coloridos e reluzentes e eles vinham com um conjunto de borrachas adoráveis e este estojo realmente fofo com uma imagem de desenho animado de uma ovelha, e as ovelhas diziam: *Não zoe de mim só porque eu sou uma ovelha*. e eu sempre achei que era tão engraçado e estranho e estava me lembrando disso agora, sorrindo um pouco, quando alguém me deu um tapinha no ombro. Duro.

— O quê? — Eu me virei quando disse isso, falando muito alto por acidente.

Algum cara. Ele pareceu surpreso.

— O quê? — Eu disse baixinho, irritado agora.

Ele disse alguma coisa, mas eu não consegui ouvi-lo. Eu puxei o iPod do meu bolso e dei uma pausa.

— Uh... — Ele piscou para mim. Sorriu, mas parecia confuso sobre isso.
— Você está ouvindo música aí por baixo?

— Posso ajudar?

— Oh. Não. Acabei de bater no seu ombro com o meu livro. Por acidente. Eu estava tentando pedir desculpas.

— Ok. — Eu me virei de volta. Eu bati o play na minha música novamente.

O dia passou.

As pessoas haviam massacrado meu nome, os professores não sabiam o que diabos fazer comigo, minha professora de matemática olhou para o meu rosto e fez um discurso de cinco minutos para a classe sobre como as pessoas que não amam esse país deveriam simplesmente voltar atrás. de onde eles vieram e eu olhei para o meu livro de forma tão dura que foi dias antes que eu pudesse tirar a equação quadrática da minha cabeça.

Nenhum dos meus colegas de classe falou comigo, ninguém além do garoto que acidentalmente atacou meu ombro com seu livro de biologia.

Eu gostaria de não me importar.

Voltei para casa naquele dia me sentindo aliviada e abatida. Foi preciso muito de mim para erguer as paredes que me protegiam do desgosto, e no final de cada dia me sentia tão definhada pelo esforço emocional que às vezes meu corpo inteiro tremia. Eu estava tentando me equilibrar enquanto seguia pelo trecho calmo da calçada que me levava para casa – tentando afastar essa pesada e triste neblina da minha cabeça – quando um carro diminuiu a marcha apenas o tempo suficiente para uma dama gritar comigo que eu estava na América agora, então eu não deveria me vestir assim, e eu estava apenas, eu não sei, eu estava tão cansada que eu não conseguia nem me animar com raiva, nem mesmo quando eu ofereci a ela um visão completa do meu dedo do meio enquanto ela se afastava.

Dois anos e meio, era tudo que eu conseguia pensar.

Dois anos e meio, até que eu pudesse me livrar desse manicômio, que eles chamavam o ensino médio, esses monstros que eles chamavam de pessoas. Eu estava desesperada para escapar da instituição dos idiotas. Eu queria ir para a

faculdade, fazer minha própria vida. Eu só tinha que sobreviver até então.

2

Dois

Meus pais eram realmente ótimos, até onde os seres humanos podiam ser. Eles eram orgulhosos imigrantes iranianos que trabalharam duro o dia todo para melhorar minha vida – e a vida de meu irmão. Cada movimento que fizemos foi para nos levar a um bairro melhor, a uma casa maior, a um distrito escolar melhor, com melhores opções para o nosso futuro. Eles nunca pararam de lutar, meus pais. Nunca pararam de se esforçar. Eu sabia que eles me amavam. Mas você tem que saber, logo de cara, que eles não tinham nenhuma simpatia pelo que consideravam minhas lutas não dignas de nota.

Meus pais nunca conversaram com meus professores. Eles nunca ligaram para a minha escola. Eles nunca ameaçaram chamar a mãe de outra criança porque seu filho jogou uma pedra no meu rosto.

As pessoas vinham cagando em mim por ter o nome/raça/religião e status socioeconômico incorretos desde que me lembro, mas minha vida tinha sido tão fácil em comparação com a educação dos meus pais que eles genuinamente não conseguiam entender por que eu não acordava cantando todas as manhãs. A história pessoal de meu pai era tão insana – ele tinha saído de casa, sozinho, para os Estados Unidos quando tinha dezesseis anos – que a parte em que ele foi convocado para ir à guerra no Vietnã parecia um destaque. Quando eu era criança e dizia à minha mãe que as pessoas na escola eram más para mim, ela me dava tapinhas na cabeça e me contava histórias sobre como ela viveu a guerra e uma verdadeira revolução, e quando ela tinha quinze anos ela abriu seu crânio no meio da rua, enquanto sua melhor amiga foi estripada como um peixe, então, ei, por que você simplesmente não come sua Cheerios e a lida com isso, sua filha americana ingrata.

Eu comi minhas Cheerios. Eu não falei sobre isso.

Eu amava meus pais, eu realmente amava. Mas eu nunca falei com eles sobre minha própria dor. Era impossível competir pela simpatia com uma mãe e um pai que achavam que eu tinha sorte de frequentar uma escola onde os professores só *diziam* coisas ruins para você e não davam a *mínima* para você.

Então eu nunca falei muito mais.

Eu cheguei da escola e dei de ombros com as muitas perguntas dos meus pais sobre o meu dia. Eu faria meu dever de casa; Eu me mantenho ocupada. Eu leio muitos livros. É tão clichê, eu sei, a garota solitária e seus livros, mas o dia em que meu irmão entrou no meu quarto e jogou uma cópia de *Harry Potter* na minha cabeça e disse: — Eu ganhei isso na escola, parece algo que você desfrutaria. — foi um dos melhores dias da minha vida. Os poucos amigos que eu fiz e que não viviam exclusivamente no papel haviam caído em pouco mais do que lembranças e até mesmo aqueles estavam desaparecendo rapidamente. Eu perdi muito em nossas mudanças – coisas, objetos – mas nada doía tanto quanto perder pessoas.

De qualquer forma, eu geralmente estava sozinha.

Meu irmão, porém, ele estava sempre ocupado. Ele e eu costumávamos estar próximos, costumávamos ser melhores amigos, mas um dia ele acordou e descobriu que ele era legal e bonito e eu não era, que na verdade minha própria existência assustava as pessoas, e, eu não sei, perdemos contato. Não foi de propósito. Ele sempre tinha pessoas para ver, coisas para fazer, garotas para chamar, e eu não. Eu gostava do meu irmão, no entanto. Amava-o mesmo. Ele era um cara legal quando não estava incomodando a merda fora de mim.

Eu sobrevivi as primeiras três semanas na minha nova escola com muito pouco para relatar. Foi desinteressante. Tedioso. Eu interagi com as pessoas apenas nos níveis mais básicos e superficiais, e passei a maior parte do tempo ouvindo música. Lendo.

Folheando a *Vogue*. Eu estava realmente em uma moda complicada que eu nunca poderia pagar e passei meus fins de semana vasculhando brechós, tentando encontrar peças que relembassem meus looks favoritos da passarela, que eu iria mais tarde, no silêncio do meu quarto, tentar recriar. Mas eu só era medíocre com uma máquina de costura; Eu fiz o meu melhor trabalho à mão. Mesmo assim, eu continuava quebrando as agulhas e acidentalmente me esfaqueando e aparecendo na escola com muitos Band-Aids em meus dedos, levando meus professores a olhar para mim de um jeito ainda mais estranho do que o habitual. Ainda assim, me manteve distraída. Foi só em meados de setembro que eu já estava lutando para dar a mínima merda sobre a escola.

Depois de outro dia emocionante no panóptico, eu caí no sofá.

Meus pais ainda não estavam em casa, e eu não sabia onde meu irmão estava. Suspirei, liguei a televisão e tirei o lenço da cabeça.

Puxei o rabo de cavalo livre e passei a mão pelo meu cabelo. Voltei para o sofá.

Havia reprises de *Matlock* na TV todas as tardes exatamente a essa hora, e eu não estava envergonhada em admitir em voz alta que eu os amava. Eu amava *Matlock*. Foi um show que foi criado antes mesmo de eu nascer, sobre um advogado realmente velho e caro chamado Matlock, que resolveu casos criminais por uma tonelada de dinheiro. Nos dias de hoje era popular apenas com a multidão geriátrica, mas isso não me incomodou. Muitas vezes eu me sentia como uma pessoa muito velha presa no corpo de uma pessoa jovem; *Matlock* era meu povo. Tudo o que eu precisava era de uma tigela de ameixas ou uma xícara de purê de maçã para acabar com o visual, e eu estava começando a me perguntar se talvez tivéssemos algumas escondidas em algum lugar na geladeira quando ouvi meu irmão chegar em casa.

No começo eu não pensava em nada disso. Ele gritou um alô para a casa e eu fiz um barulho evasivo; *Matlock* estava sendo incrível e eu não conseguia me incomodar em desviar o olhar.

— Ei, você não me ouviu?

Eu levantei minha cabeça. Vi o rosto do meu irmão.

— Eu trouxe alguns amigos — ele estava dizendo, e mesmo assim eu não entendi direito, não até que um dos caras entrou na sala e eu levantei tão rápido que quase caí.

— *Que diabos*, Navid? — Eu assobieei e peguei meu cachecol.

Era um confortável xale pashmina que normalmente era muito fácil de usar, mas eu me atrapalhei no momento, me sentindo confusa e de alguma forma acabei empurrando-o na minha cabeça. O cara apenas sorriu para mim.

— Oh, não se preocupe — ele disse rapidamente. — Eu sou como oitenta por cento gay.

— Isso é bom — eu disse, irritada, — mas isso não é sobre você.

— Este é o Bijan — disse Navid para mim, e ele mal conseguia conter o riso enquanto balançava a cabeça para o cara novo, que era tão obviamente persa que eu quase não conseguia acreditar; Eu não achava que houvesse outras pessoas do Oriente Médio nesta cidade.

Mas Navid estava agora rindo do meu rosto e percebi então que eu deveria ter parecido ridícula, de pé ali com meu lenço preso na minha cabeça. — Carlos e Jacobi são...

— Tchau.

Eu corri para o andar de cima.

Passei alguns minutos pensando, enquanto andava pelo chão do meu quarto, quão constrangedor aquele incidente tinha sido. Eu me senti nervosa e estúpida, pega de surpresa, mas finalmente decidi que, embora a coisa toda fosse meio constrangedora, não era tão embaraçoso que eu pudesse justificar me esconder aqui por horas sem comida. Então amarrei meu cabelo para trás, remontei-me com cuidado – não gostava de prender meu lenço no lugar, então geralmente envolvia-o frouxamente em volta da cabeça, jogando as pontas mais compridas sobre os ombros – e ressurgi.

Quando entrei na sala de estar, descobri os quatro meninos estavam sentados no sofá e comendo, o que parecia, tudo na nossa despensa. Um deles realmente encontrou um saco de ameixas e estava atualmente empenhado em enchê-los na boca.

— Ei. — Navid olhou para cima.

— Oi.

O menino com as ameixas olhou para mim. — Então você é a irmãzinha?

Eu cruzei meus braços.

— Este é Carlos — disse Navid. Ele acenou para o outro cara que eu não conheci, esse cara negro realmente alto, e disse: — Isso é Jacobi.

Jacobi acenou com a mão sem entusiasmo, sem sequer olhar em minha direção. Ele estava comendo todo o torrão de rosas que a irmã da minha mãe lhe enviara do Irã. Eu duvidava que ele soubesse o que era.

Não pela primeira vez, fiquei impressionada com o apetite insaciável dos adolescentes. Isso me arrecadou de uma maneira que eu realmente não conseguia articular. Navid era o único que não comia nada no momento; em vez disso, ele estava bebendo um desses shakes de proteína nojentos.

Bijan me olhou de cima a baixo e disse: — Você parece melhor.

Eu estreitei meus olhos para ele. — Quanto tempo vocês vão ficar aqui?

— Não seja rude — disse Navid sem olhar para cima. Ele estava agora de joelhos, mexendo no videocassete. — Eu queria mostrar a esses caras *Breakin'*.

Fiquei mais do que um pouco surpresa.

Breakin' era um dos meus filmes favoritos.

Eu não conseguia lembrar como nossa obsessão começou, exatamente, mas meu irmão e eu sempre amávamos vídeos de breakdance.

Filmes sobre breakdancing; competições de breakdancing de horas de duração de todo o mundo; seja o que for, qualquer coisa. Era uma coisa que compartilhamos – um amor por esse esporte esquecido – que muitas vezes nos uniu no final do dia.

Nós encontramos este filme, *Breakin'*, em um mercado de pulgas alguns anos atrás, e nós já assistimos pelo menos vinte vezes.

— Por quê? — Eu disse. Sentei-me em uma poltrona, enrolei minhas pernas debaixo de mim. Eu não ia a lugar nenhum. *Breakin'* era uma das poucas coisas que eu gostava mais do que *Matlock*. — Qual é a ocasião?

Navid voltou-se. Sorriu para mim. — Eu quero começar uma equipe de breakdancing.

Eu olhei para ele. — Você está falando sério?

Navid e eu conversamos sobre isso muitas vezes antes: como seria o breakdance – aprender e se apresentar de verdade – mas nunca fizemos nada sobre isso. Era algo que eu pensava há anos.

Navid levantou-se então. Ele sorriu mais largo. Eu sabia que ele poderia dizer que eu estava super animada. — Está dentro?

— Porra, sim — eu disse suavemente.

Minha mãe entrou na sala naquele exato momento e me bateu na parte de trás da cabeça com uma colher de pau.

— *Fosh nadeh* — ela retrucou. *Não jure*.

Eu esfreguei a parte de trás da minha cabeça. — Porra, mãe — eu disse. — Essa merda doeu.

Ela me bateu na parte de trás da cabeça novamente.

— *Droga*.

— Quem são esses? — Ela disse, e acenou para os novos amigos do meu irmão.

Navid fez um rápido trabalho com as apresentações enquanto minha mãe fazia um inventário de tudo o que eles tinham comido. Ela balançou a cabeça. — *Een chiyeh?* — Ela disse. *O que é isso?* E então, em inglês: — Isso não é comida.

— É tudo o que tivemos — disse Navid para ela. O que era meio que verdade. Meus pais nunca compraram junk food. Nós nunca tivemos chips ou biscoitos por aí. Quando eu queria um lanche, minha mãe me entregava um pepino.

Minha mãe suspirou dramaticamente com o comentário de Navid e começou a buscar comida de verdade para nós. Ela então disse algo em farsi sobre como ela passou todos esses anos ensinando seus filhos a cozinhar e se ela chegasse em casa do trabalho amanhã e alguém ainda não tivesse feito o jantar para ela, nós dois iríamos chutar nossas bundas – e eu tinha apenas 40% de certeza de que ela estava brincando.

Navid parecia irritado e eu quase comecei a rir quando minha mãe se virou para mim e disse: — Como está a escola?

Isso limpou o sorriso do meu rosto muito rapidamente. Mas eu sabia que ela não estava perguntando sobre minha vida social. Minha mãe queria saber sobre minhas notas. Eu estava na escola há menos de um mês e ela já estava perguntando sobre minhas notas.

— A escola está bem — eu disse.

Ela assentiu e então se foi. Sempre se movendo, fazendo, sobrevivendo.

Eu me virei para o meu irmão. — Então?

— Amanhã — disse ele — vamos nos encontrar depois da escola.

— E se conseguirmos um professor para supervisionar — disse Carlos — poderíamos torná-lo um clube oficial no campus.

— Legal. — Eu sorri para o meu irmão.

— Eu sei, certo?

— Então, uh, pequenos detalhes — eu disse, franzindo a testa.

— Algo que eu acho que você pode ter esquecido—?

Navid levantou uma sobrancelha.

— Quem vai nos ensinar a dançar breakdance?

— Eu vou — disse Navid, e sorriu.

Meu irmão tinha um supino em seu quarto que ocupava metade do chão. Encontrou-o, desmontado e enferrujado, ao lado de uma lixeira, um dia, e o levou de volta a um de nossos antigos apartamentos, consertou-o, pintou-o com tinta spray e acumulou lentamente uma coleção de pesos para usá-lo. Ele arrastou aquela coisa conosco em todos os lugares que nos mudamos. Ele amava treinar, meu irmão. Para correr. Para box. Ele costumava fazer aulas de ginástica até ficarem muito caras, e acho que ele secretamente queria ser um personal trainer. Ele estava trabalhando desde que ele tinha doze anos; Ele era todo musculoso e virtualmente não tinha gordura corporal, e eu sabia disso porque ele gostava de me atualizar regularmente sobre seu percentual de

gordura corporal. Certa vez, quando eu disse: — Bom para você — ele beliscou meu braço, franziu os lábios e disse: — Não é ruim, não é ruim, mas você poderia construir mais músculos — e ele estava forçando eu trabalhar com ele e seu supino desde então.

Então, quando ele disse que queria nos ensinar a dançar, eu acreditei nele.

Mas as coisas estavam prestes a ficar estranhas.

3

Três

Aconteceu muito, certo? No ensino médio? Parceiros de laboratório.

Essa merda. Eu odiava essa merda. Foi sempre uma provação para mim, o embaraço constrangedor e agonizante de não ter ninguém com quem trabalhar, ter que falar com a professora em silêncio no final da aula para dizer a ela que você não tem um parceiro, que você poderia trabalhar sozinha, se isso fosse possível, e ela diria que não, ela sorriria beatificamente, pensaria que estava te fazendo um favor fazendo de você o terceiro em um par que estava muito empolgado em trabalhar sozinho, Jesus Cristo—

Bem, isso não aconteceu dessa vez.

Desta vez, Deus separou os céus e colocou um pouco de sentido em meu professor que nos fez parceiros ao acaso, selecionando pares baseados em nossos assentos, e foi assim que eu me encontrei na súbita posição de ser ordenada a esfolar um gato morto com o cara que me bateu no ombro com seu livro bio no primeiro dia de aula.

Seu nome era Ocean.

As pessoas deram uma olhada no meu rosto e esperavam que meu nome ficasse estranho, mas uma olhada no rosto do Ken-Barbie desse cara e eu não esperava que o nome dele fosse Ocean.

— Meus pais são estranhos — foi tudo o que ele disse como explicação.

Dei de ombros.

Tiramos a pele do gato morto em silêncio, principalmente porque era repugnante e ninguém queria narrar a experiência de cortar a carne ensopada que fedia a formaldeído, e tudo que eu conseguia pensar era que a escola era tão idiota, e o que diabos estamos fazendo, por que isso era uma exigência, oh meu Deus, isso estava tão doente, tão doente, eu não podia acreditar que nós tivemos que trabalhar no mesmo gato morto por dois meses— Eu não posso ficar muito tempo, mas tenho um pouco de tempo depois da escola — disse Ocean. Parecia uma afirmação repentina, mas percebi apenas que ele estava

falando por um tempo; Eu estava tão focada neste bisturi frágil na minha mão que eu não tinha notado.

Eu olhei para cima. — Desculpe?

Ele estava preenchendo sua ficha de laboratório. — Nós ainda temos que escrever um relatório para as descobertas de hoje — disse ele, e olhou para o relógio. — Mas o sino está prestes a tocar. Então, devemos terminar isso depois da escola. — Ele olhou para mim. — Certo?

— Oh. Bem. Não posso me encontrar depois da escola.

Ocean ficou um pouco rosa ao redor das orelhas. — Oh — ele disse. — Certo. Entendi. Você está... quero dizer, você não tem permissão para, como...

— Uau — eu disse, meus olhos se arregalando. — *Uau*. — Eu balancei a cabeça, lavei minhas mãos e suspirei.

— Uau o quê? — Ele disse baixinho.

Eu olhei para ele. — Escute, eu não sei o que você já decidiu sobre o que você acha que é a minha vida, mas eu não estou prestes a ser vendida por meus pais por uma pilha de cabras, ok?

— Rebanho de cabras — disse ele, limpando a garganta. — É um rebanho— Qualquer que seja o tipo de cabras, eu não me importo. Ele se encolheu.

— Eu só tenho merda de fazer depois da escola.

— Oh.

— Então, talvez possamos descobrir isso de outra maneira — eu disse. — OK?

— Oh. OK. O que você está fazendo depois da escola?

Eu estava colocando minhas coisas na minha mochila quando ele fez a pergunta, e eu fui pega de surpresa e deixei minha caixa de lápis cair. Eu me abaixei para pegá-la. Quando me levantei, ele estava me encarando.

— O que?. Por quê você se importa?

Ele parecia muito desconfortável agora. — Eu não sei.

Eu o estudei apenas o tempo suficiente para analisar a situação.

Talvez eu estivesse sendo um pouco dura demais com os pais estranhos. Eu enfiei minha caixa de lápis na minha mochila e fechei a coisa toda. Ajustei

as alças sobre meus ombros. — Estou me juntando a uma equipe de breakdancing — eu disse.

Ocean franziu a testa e sorriu ao mesmo tempo. — Isso é uma piada?

Eu revirei meus olhos. O sino tocou.

— Eu tenho que ir — eu disse.

— Mas e o trabalho de laboratório?

Eu refleti sobre minhas opções e finalmente anotei meu número de telefone. Eu entreguei para ele. — Você pode me mandar um texto. Vamos trabalhar nisso hoje à noite.

Ele olhou para o pedaço de papel.

— Mas tenha cuidado com isso — eu disse, acenando para o papel, — porque se você me mandar textos demais, você terá que se casar comigo. São as regras da minha religião.

Ele empalideceu. — Espere. O que?

Eu estava quase sorrindo. — Eu tenho que ir, Ocean.

— Espere, não, sério, você está brincando, certo?

— Uau — eu disse, e balancei a cabeça. — Tchau.

Meu irmão, como prometido, conseguira que um professor aprovasse toda a coisa do breakdancing. Teríamos papelada até o final da semana para oficializar o clube, o que significava que, pela primeira vez na minha vida, eu estaria envolvida em uma atividade extracurricular, o que parecia estranho. Atividades extracurriculares não eram realmente a minha coisa.

Ainda assim, eu estava sobre a maldita lua.

Eu sempre quis fazer algo assim. Breakdancing era algo que eu admirava para sempre e sempre de longe; Eu assisti meninas se apresentarem em competições e eu pensei que elas pareciam tão legais – *tão fortes*. Eu queria ser como elas. Mas breakdancing não era como balé; não era algo que você pudesse procurar nas páginas amarelas. Não havia escolas de breakdancing, não onde eu morava.

Não havia dançarinos aposentados por aí, esperando que meus pais os pagassem em comida persa para me ensinar a aperfeiçoar um surto. Eu não tinha certeza se poderia fazer algo assim se não fosse pelo Navid. Ele me confessou, na noite passada, que ele estava secretamente aprendendo e praticando por conta própria nesses últimos dois anos, e eu fiquei impressionada com o quanto ele progrediu sozinho. De nós dois, foi ele quem

realmente levou o nosso sonho a sério – e a realização me deixou orgulhosa dele e desapontada comigo mesma.

Navid estava assumindo um risco.

Nós nos mudamos tanto que eu senti que nunca mais poderia fazer planos. Eu nunca fiz compromissos, nunca me juntei a clubes escolares. Nunca comprei um anuário. Nunca memorizei números de telefone ou nomes de ruas, nem aprendi nada mais do que absolutamente necessário sobre a cidade em que vivia. Não parecia haver um ponto. Navid também lutara com isso, à sua própria maneira, mas ele disse que estava pronto para o momento certo. Ele estaria se formando este ano, e ele finalmente queria dar uma chance ao breakdancing antes de ir para a faculdade e tudo mudar. Eu estava orgulhosa dele.

Acenei quando entrei em nosso primeiro treino.

Estávamos nos encontrando em um dos salões de dança dentro da academia da escola, e os três novos amigos do meu irmão me examinaram de novo e de novo, embora já tivéssemos nos conhecido. Eles pareciam estar me avaliando.

— Então — disse Carlos. — Você dança?

— Ainda não — eu disse, sentindo-me de repente auto-consciente.

— Isso não é verdade. — Meu irmão deu um passo à frente e sorriu para mim. — Sua briga não é ruim e ela faz seis passos decentes.

— Mas eu não conheço nenhum movimento de poder — eu disse.

— Tudo bem. Eu vou te ensinar.

Foi então que me sentei e me perguntei se Navid não estava fazendo tudo isso só para me dar um osso. Talvez eu estivesse imaginando, mas pela primeira vez em muito tempo, meu irmão parecia ser meu novamente, e eu não percebi até aquele momento o quanto eu sentia falta dele.

Ele era disléxico, meu irmão. Quando ele começou o ensino médio e começou a reprovar todos os assuntos, finalmente percebi que ele e eu odiávamos a escola por razões muito diferentes.

Palavras e letras nunca faziam sentido para ele como faziam comigo.

E só dois anos atrás, quando ele foi ameaçado de expulsão, ele finalmente me contou a verdade.

Gritou, na verdade.

Minha mãe me mandou ajudá-lo com o dever de casa. Nós não

poderíamos pagar um tutor, então eu teria que fazer isso, e eu estava chateada. Tutoriar meu irmão mais velho não era como eu queria passar meu tempo livre. Então, quando ele se recusou a fazer o trabalho, eu fiquei com raiva.

— Apenas responda a pergunta — eu me arrepiaria com ele. — É simples compreensão de leitura. Leia o parágrafo e faça um resumo, em algumas frases, sobre o assunto. É isso aí. Não é ciência de foguetes.

Ele recusou.

Eu empurrei.

Ele recusou.

Eu o insultei.

Ele me insultou de volta.

Eu o insultei mais.

— Basta responder a maldita pergunta por que você é tão preguiçoso *que diabos está errado com você*— E finalmente ele acabou de explodir.

Esse foi o dia em que soube que meu irmão, meu lindo e brilhante irmão mais velho, não conseguia entender palavras e letras da maneira que eu conseguia. Ele passava meia hora lendo um parágrafo várias vezes e, mesmo assim, ele não sabia o que fazer com ele. Ele não conseguiu criar frases. Ele lutou tremendamente para traduzir seus pensamentos em palavras.

Então comecei a ensinar-lhe como.

Trabalhamos juntos todos os dias durante horas, até tarde da noite, até que um dia ele poderia juntar frases sozinho. Meses depois ele estava escrevendo parágrafos. Demorou um ano, mas ele finalmente escreveu seu próprio trabalho de pesquisa. E a coisa que ninguém nunca soube foi que eu fiz todos os seus trabalhos escolares nesse ínterim. Todas as suas atribuições de escrita. Eu escrevi todos os papéis para ele até que ele pudesse fazer isso sozinho.

Eu pensei que talvez fosse essa a sua maneira de dizer obrigado. Quer dizer, quase certamente não foi, mas eu não pude deixar de me perguntar por que ele teria essa chance comigo. Os outros caras que ele juntou – Jacobi, Carlos e Bijan – já tinham experiência em outras equipes. Nenhum deles era especialista, mas também não eram novatos. Eu era a pessoa que mais precisava de trabalho, e Navid era o único que não parecia irritado com isso.

Carlos, em particular, não parava de olhar para mim. Ele parecia cético de que eu terminaria bem, e ele me disse isso. Ele nem queria dizer sobre isso, apenas uma questão de fato.

— O que? — eu disse. — Por que não?

Ele encolheu os ombros. Mas ele estava olhando para minha roupa.

Eu troquei para algumas das únicas roupas de ginástica que eu possuía – um par de calças e blusa de moletom fino – mas eu também estava usando um lenço diferente; era feito de um material leve de algodão que eu tinha amarrado em um estilo de turbante, e isso parecia distraí-lo.

Finalmente, ele acenou para a minha cabeça e disse: — Você pode dançar breakdance nisso?

Meus olhos se arregalaram. Por alguma razão, fiquei surpresa.

Eu não sei porque eu pensei que esses caras seriam um pouco menos estúpidos do que todos os outros que eu conheci.

— Você é de verdade? — Eu disse. — Que coisa de pau para dizer.

Ele riu e disse: — Eu sinto muito, eu nunca vi ninguém tentar dançar breakdance assim antes.

— Uau — eu disse, atordoada. — Eu literalmente nunca vi você tirar aquele gorro, mas você está me dando merda por isso?

Carlos pareceu surpreso. Ele riu mais. Ele tirou o gorro da cabeça e passou a mão pelo cabelo. Ele tinha cachos muito pretos e elásticos que eram um pouco longos demais e continuavam caindo em seu rosto. Ele colocou o gorro de volta. — Tudo bem — disse ele.

— Tudo certo. OK. Desculpa.

— Tanto faz.

— Sinto muito — disse ele, mas sorria. — Sério. Eu sinto muito.

Essa foi uma coisa de pau para dizer. Você está certa. Eu sou um idiota.

— Claramente.

Navid estava rindo tanto. De repente eu odiava todo mundo.

Jacobi balançou a cabeça e disse: — Droga.

— Uau — eu disse. — Vocês todos são péssimos.

— Hey — Bijan estava no meio de esticar as pernas. Ele fingiu estar magoado. — Isso não é justo. Jacobi e eu nem sequer falamos nada.

— Sim, mas você estava pensando, não é?

Bijan sorriu.

— Navid — eu disse — seus amigos são uma merda.

— Eles são um trabalho em andamento — disse ele, e atirou uma garrafa

de água em Carlos, que se esquivou facilmente.

Carlos ainda estava rindo. Ele caminhou até onde eu estava sentada no chão e me ofereceu sua mão.

Eu levantei uma sobrancelha para ele.

— Sinto muito — ele disse novamente. — Mesmo.

Eu peguei a mão dele. Ele me puxou para os meus pés.

— Tudo bem — disse ele. — Deixe-me ver sobre esses seis passos que eu continuo ouvindo.

Eu passei o resto do dia praticando habilidades simples: fazendo handstands e flexões e tentando melhorar meu uprocks. Um impulso foi a dança que você fez enquanto estava em pé. Grande parte do breakdancing era realizada no solo, mas uma alavanca foi dada a sua atenção especial; foi o que você fez primeiro – foi uma introdução, uma oportunidade para preparar o palco – antes de você quebrar seu corpo, figurativamente, em um embate e os subsequentes movimentos de poder e poses que geralmente constituíam uma única performance.

Eu sabia como fazer um upgrade muito básico. Meu trabalho de pés era simples, meus movimentos fluidos, mas sem inspiração. Eu tinha uma sensação natural das batidas na música – podia facilmente sincronizar meus movimentos com o ritmo – mas isso não era suficiente. Os melhores breakdancers tinham seus próprios estilos de assinatura, e meus movimentos ainda eram genéricos. Eu sabia disso – sempre soube disso – mas os caras apontaram para mim de qualquer maneira. Estávamos conversando, em grupo, sobre o que sabíamos e o que queríamos aprender, e eu estava recostado em minhas mãos quando meu irmão tocou meus dedos e disse: — Deixe-me ver seus pulsos.

Eu estendi minhas mãos.

Ele os inclinou para frente e para trás. — Você tem pulsos realmente flexíveis — disse ele. Ele pressionou minha palma para trás. — Isso não dói?

Eu balancei a cabeça.

Ele sorriu, os olhos brilhantes de emoção. — Nós vamos ensinar-lhe como fazer o passeio de caranguejo. Esse será seu movimento de poder de assinatura.

Meus olhos se arregalaram. O passeio de caranguejo era exatamente tão estranho quanto parecia. Não era nada parecido com o tipo de coisa que eles ensinaram nas aulas de ginástica do ensino fundamental; em vez disso, foi um movimento que, como grande parte do breakdancing, desafiou as regras

básicas da gravidade.

Requeria força total do núcleo. Você segurava o peso do corpo nas mãos – os cotovelos enfiados no torso – e você andava. Com as mãos.

Era difícil. Muito difícil.

— Legal — eu disse.

De alguma forma, foi o melhor dia do ensino médio que eu já tive.

4

Quatro

Eu não acabei chegando em casa até às cinco da tarde, e quando terminei de tomar banho, minha mãe já havia gritado conosco várias vezes que o jantar estava pronto. Eu descii as escadas mesmo sabendo que tinha um monte de mensagens de texto preocupadas e, depois, exasperadas, de Ocean, esperando por mim no meu telefone, mas apenas porque eu não tinha o tipo de pai que me permitia ignorar o jantar – nem mesmo para o dever de casa. Ocean teria que esperar.

Todos já estavam reunidos quando descii as escadas. Meu pai tirou seu laptop – o cabo de rede arrastando-o pelo chão – e seus óculos de leitura na cabeça; ele acenou para sim quando entrei na sala. Ele estava lendo um artigo sobre pepinos em conserva.

— *Mibini?* — Ele estava dizendo para mim. *Você vê?* — Muito fácil.

Não parecia particularmente fácil para mim, mas dei de ombros.

Meu pai era um mestre em fazer coisas, e ele estava sempre tentando me recrutar para se juntar a ele em seus projetos, o que eu não me importava. Na verdade, era meio que nossa coisa.

Eu tinha nove anos na primeira vez que meu pai me levou a uma loja de ferragens, e eu pensei que o lugar era tão legal que meu cérebro quase explodiu. Comecei a sonhar em voltar lá, em economizar o dinheiro que gastaria com os cadernos da Lisa Frank e, em vez disso, comprar um pedaço de compensado apenas para ver o que poderia fazer com ele. Mais tarde, meu pai foi quem me ensinou como trabalhar uma agulha e um linha. Ele me viu grampeando as barras da minha calça jeans para impedi-las de se arrastar, e uma noite ele me mostrou como fazer um par de calças corretamente. Ele também me ensinou a balançar um machado para dividir a lenha.

Como trocar um pneu furado.

Mas às vezes a mente do meu pai funcionava tão rapidamente que eu quase não conseguia acompanhar. O pai de meu pai – meu avô – era arquiteto

no Irã, responsável por projetar alguns dos edifícios mais bonitos do país, e eu pude ver o mesmo tipo de cérebro em meu pai. Ele devorou livros ainda mais rápido do que eu fiz; Ele os carregou com ele por toda parte. Onde quer que vivêssemos, nossa garagem se tornou sua oficina. Ele reconstruiu motores de automóveis, por diversão. Ele construiu a mesa em que estávamos sentados – era uma recriação de um estilo dinamarquês de meados do século que ele sempre amou – e quando minha mãe voltou para a escola e precisava de uma bolsa, meu pai insistiu em fazer uma para ela. Ele estudou padrões. Ele comprou o couro. E então ele juntou tudo para ela, ponto por ponto. Ele ainda tem uma cicatriz, abrangendo três dedos, onde ele acidentalmente cortou sua pele.

Foi a ideia dele de um gesto romântico.

O jantar já estava na mesa, ligeiramente fumegante. Eu tinha sido capaz de sentir o cheiro de cima: os aromas de arroz basmati amanteigado e *fesenjoon* inundaram toda a casa. *Fesenjoon* era uma espécie de ensopado feito de pasta de noz e melado de romã, o que soa estranho, eu sei, mas era tão, tão bom. A maioria das pessoas fazia *fesenjoon* com frango, mas minha falecida tia reinventara-o com almôndegas pequenas e se tornara uma receita familiar em homenagem a ela. Havia também pequenos acompanhamentos de legumes em conserva e iogurte de alho e os discos ainda quentes de pão fresco que meu pai fazia todas as noites. Havia um prato de ervas frescas e rabanetes e pequenas torres de queijo feta. Uma taça de datas. Um copo de frescas nozes de bebê. O samovar, gorgolejando baixinho no fundo.

A comida era um acessório em nossa casa e na cultura persa em geral. Os horários das refeições eram momentos de reunião, e meus pais nunca permitiram que quebrássemos essa tradição, não importando o quanto quiséssemos assistir alguma coisa na TV ou em outro lugar que quiséssemos estar. Isso só me ocorreu há alguns anos, quando um amigo de Navid veio jantar, que nem todo mundo se importava com comida assim. Ele achou que era uma loucura. Mas isso – aqui, na mesa hoje à noite – era a versão extremamente despojada de um jantar persa. Foi assim que arrumamos uma mesa quando estávamos muito ocupados e ninguém vinha visitar. Para nós, era normal.

Estava em casa.

Quando finalmente cheguei no andar de cima, já passava das oito e Ocean havia atingido o pico de pânico.

Eu me encolhi enquanto clicava em suas mensagens.

ei

você está aí?

é o ocean

eu realmente espero que este seja o número certo

olá?

aqui é o ocean, seu parceiro de laboratório, lembra?

está ficando tarde e agora estou ficando preocupado

nós realmente temos que terminar isso antes da aula amanhã

você está aí?

Eu só tinha comprado um celular há alguns meses, e tinha sido preciso muita mendicância – todos que eu conhecia tiveram o deles no ano anterior – antes que meus pais finalmente, a contragosto, me levassem a uma loja da T-Mobile para pegar meu muito próprio tijolo Nokia. Nós tínhamos um plano familiar, o que significava que nosso pacote limitado de minutos e mensagens de texto seriam compartilhados por nós quatro, e as mensagens de texto, embora ainda fossem um fenômeno novinho em folha, já me causaram muitos problemas. De alguma forma, na minha excitação de experimentar a novidade das mensagens de texto (uma vez eu tinha enviado Navid trinta mensagens seguidas apenas para irritá-lo), eu tinha ultrapassado o nosso limite no espaço de uma única semana, acumulando um conta que causou meus pais sentar e ameaçar tirar o meu telefone. Percebi tarde demais que estava sendo cobrada não apenas pelos textos que enviei, mas também pelos que recebi.

Uma olhada na longa série de mensagens do Ocean me contou muito sobre o estado de sua conta bancária.

oi, eu escrevi. você sabe que essas mensagens de texto são caras, certo?

Ocean escreveu de volta imediatamente.

oh, ei

eu quase desisti de você

desculpe pelos textos

você tem AIM?

AIM foi como eu percebi que faríamos a maior parte da nossa conversa hoje à noite. Às vezes as crianças usavam o MSN

Messenger para se conectarem, mas a maioria usava o testado e verdadeiro, o único portal mágico que era o AOL Instant Messenger.

Ainda assim, eu estava sempre um pouco atrasada na frente tecnológica.

Eu sabia que havia adolescentes lá fora, com computadores extravagantes da Apple e suas próprias câmeras digitais, mas nós tínhamos acabado de obter DSL em minha casa, e foi um verdadeiro milagre que eu tivesse um computador antigo no meu quarto que conseguia conectar na internet. Levei uns quinze minutos apenas para ligar a coisa, mas no fim nós dois estávamos logados. Nossos nomes agora viviam em uma pequena janela de mensagens quadrada toda nossa. Eu fiquei realmente impressionada que o Ocean não tinha algum tipo de apelido.

riversandoceans04: ei

juhehpolo: oi

Verifiquei o perfil dele automaticamente – foi praticamente um reflexo – mas fiquei surpresa ao descobrir que ele havia deixado em branco. Bem, não em branco, exatamente.

Dizia andróide paranóico e nada mais.

Eu quase sorri. Eu não tinha certeza, mas eu esperava que isso fosse uma referência a uma música do Radiohead. Então, novamente, talvez eu estivesse imaginando algo que não estava lá; Eu realmente gostava do Radiohead. Na verdade, meu perfil do AIM atualmente contém uma lista de músicas que eu ouvia na semana passada—

1. *Differences*, de Ginuwine
2. *7 Days*, de Craig David
3. *Hate Me Now*, de Nas
4. *No Surprises*, de Radiohead
5. *Whenever, Wherever*, de Shakira
6. *Pardon Me*, de Incubus
7. *Doo Wop*, de Lauryn Hill

—e só então percebi que Ocean também poderia checar meu perfil.

Eu congelo.

Por alguma razão, eu rapidamente deletei o conteúdo. Eu não sabia porque. Eu não conseguia explicar por que eu não queria que ele soubesse que tipo de música eu ouvia. Foi só que a coisa toda de repente pareceu invasiva demais. Muito pessoal.

riversandoceans04: Onde você estava hoje?

juhehpolo: Desculpe

juhehpolo: Eu tive uma tarde muito ocupada

juhehpolo: Acabei de ver suas mensagens

riversandoceans04: Você estava realmente dançando break depois da escola?

juhehpolo: Sim

riversandoceans04: Uau. Isso é legal.

Eu não falei nada. Eu realmente não sabia como responder. Eu apenas desviei o olhar para pegar minha mochila quando ouvi, mais uma vez, o suave ding duplo que indicava que eu tinha recebido uma nova mensagem e reduzi o volume no meu computador. Eu verifiquei se minha porta estava fechada. Eu me senti de repente auto-consciente. Eu estava conversando com um menino no meu quarto. *Eu estava conversando com um menino no meu quarto.* AIM fez as coisas parecerem inesperadamente íntimas.

riversandoceans04: Ei, desculpa por achar que você não tinha permissão para fazer as coisas depois da escola.

ding duplo

riversandoceans04: Eu não deveria ter dito isso

E eu suspirei.

Ocean tentava ser amigável. Ele estava tentando ser um amigo mesmo. *Talvez.* Mas Ocean era todas as coisas tradicionalmente agradáveis que uma garota poderia gostar de um cara, o que tornava sua amizade perigosa para mim. Eu poderia ter sido uma adolescente irritada, mas eu também não era cega. Eu não estava magicamente imune a caras fofos, e não tinha escapado à minha percepção que Ocean era um tipo superlativo de boa aparência. Ele se vestia bem.

Ele cheirava agradável. Ele era muito educado. Mas ele e eu parecíamos vir de mundos tão diametralmente opostos que eu sabia melhor do que permitir sua amizade em minha vida. Eu não queria conhecê-lo. Eu não queria me sentir atraída por ele. Eu não queria pensar nele, ponto final. Não apenas ele, na verdade, mas qualquer um como ele. Eu era tão boa em negar a mim mesma isso, o simples prazer de até mesmo uma paixão secreta, que os pensamentos nunca foram autorizados a marinar em minha mente.

Eu já estive aqui tantas vezes antes.

Embora para a maioria dos rapazes eu fosse pouco mais que um objeto de ridículo, ocasionalmente me tornei um objeto de fascinação. Por alguma razão, alguns caras desenvolveram um interesse intenso e focado em mim e na minha vida que eu costumava interpretar como um interesse romântico. Em vez disso, descobri – depois de muito embaraço – que era mais como se

eles pensassem em mim como uma curiosidade; um espécime exótico por trás do vidro. Eles só queriam me observar de uma distância confortável, não para eu existir em suas vidas de qualquer maneira permanente. Eu já havia experimentado esse tempo o suficiente para ter aprendido que nunca fui um verdadeiro candidato à amizade – e certamente nada mais do que isso. Eu sabia que Ocean, por exemplo, nunca seria meu amigo além desta tarefa escolar. Eu sabia que ele não iria me convidar para entrar em seu círculo interno, onde eu me encaixaria, bem como uma cenoura, quando empurrada através de um espremedor de frutas.

Ocean tentava ser bom, claro, mas eu sabia que seu súbito coração simpático nascera apenas de uma culpa estranha, e que essa era uma estrada que levaria a lugar nenhum. Eu achei exaustivo.

juhehpolo: Tudo bem

riversandoceans04: Não está bem. Eu me senti péssimo com isso a tarde toda.

riversandoceans04: Eu realmente sinto muito

juhehpolo: Ok

riversandoceans04: Eu realmente nunca conversei com uma garota que usa a coisa da cabeça antes.

juhehpolo: Coisa da cabeça, uau.

riversandoceans04: Vê? Eu não sei de nada.

juhehpolo: Você pode simplesmente chamar de lenço

riversandoceans04: Oh

riversandoceans04: Isso é fácil

juhehpolo: Sim

riversandoceans04: Eu pensei que fosse chamado de outra coisa.

juhehpolo: Ouça, realmente não é um grande negócio. Podemos apenas fazer o dever de casa?

riversandoceans04: Oh

riversandoceans04: Sim

riversandoceans04: Ok

E eu tinha me afastado por cinco segundos para pegar as folhas de trabalho da minha mochila quando lá estava de novo – o suave ding duplo. Duas vezes.

Eu olhei para cima.

riversandoceans04: Desculpe

riversandoceans04: Eu não quis deixar você desconfortável.

Jesus Cristo.

juhehpolo: Eu não estou desconfortável.

juhehpolo: Eu acho que talvez você esteja desconfortável, no entanto.

riversandoceans04: O que? Não

riversandoceans04: Eu não estou desconfortável.

riversandoceans04: O que você quer dizer?

juhehpolo: Quero dizer, isso vai ser um problema? Minha coisa da cabeça?

juhehpolo: Toda a minha situação é muito estranha para você?

Ocean não respondeu por pelo menos vinte segundos, o que, no momento, pareceu uma vida real. Eu me senti mal. Talvez eu tenha sido muito contundente. Talvez eu estivesse sendo má. Mas ele estava tentando muito ser, eu não sei? Muito bom para mim. Parecia não natural. E eu apenas, eu não sei, isso estava me deixando louca.

Ainda assim, culpa roeu em minha mente. Talvez eu tenha machucado seus sentimentos.

Bati meus dedos contra o teclado, imaginando o que dizer.

Como voltar atrás. Nós ainda tínhamos que ser parceiros de laboratório, afinal.

Ou talvez não tenhamos. Talvez ele apenas pedisse ao professor um novo parceiro. Isso aconteceu antes. Certa vez, quando fui casada aleatoriamente com outra aluna, ela simplesmente se revoltou. Ela se recusou a ser minha parceira na frente de toda a classe e depois exigiu trabalhar com a amiga. Minha professora, panqueca frágil que ela era, entrou em pânico e disse que tudo bem.

Eu acabei trabalhando sozinha. Foi humilhante.

Merda.

Talvez desta vez eu tenha trazido a humilhação para mim.

Talvez Ocean também se revoltasse. Meu estômago afundou.

E depois—

ding duplo

riversandoceans04: Eu não acho que você é estranha.

Eu pisquei na tela do computador..

ding duplo

riversandoceans04: Sinto muito

Ocean parecia ser um apologista crônico.

juhehpolo: Tudo bem

juhehpolo: Me desculpe por colocar você num lugar assim. Você estava apenas tentando ser legal.

juhehpolo: Eu entendi

juhehpolo: Está tudo bem

Mais cinco segundos se arrastaram.

riversandoceans04: Ok

Suspirei. Deixei cair meu rosto em minhas mãos. De alguma forma eu fiz as coisas estranhas. Tudo estava bem, totalmente normal, e então eu tive que ir e tornar estranho. Havia apenas uma maneira de consertar isso agora. Então eu tomei uma respiração profunda e triste e digitei.

juhehpolo: Você não precisa ser meu parceiro de laboratório se não quiser ser.

juhehpolo: Tudo bem

juhehpolo: Eu posso dizer a Sra. Cho amanhã.

riversandoceans04: O que?

riversandoceans04: Por que você diria isso?

riversandoceans04: Você não quer ser minha parceira de laboratório?

Eu fiz uma careta.

juhehpolo: Uh, ok, eu não sei o que está acontecendo.

riversandoceans04: Nem eu

riversandoceans04: Você quer ser minha parceira de laboratório?

juhehpolo: Claro

riversandoceans04: Ok

riversandoceans04: Bom

juhehpolo: Ok

riversandoceans04: Desculpe

Eu olhei para o meu computador. Essa conversa estava me dando dor de cabeça.

jujehpolo: Por que você está se desculpando?

Mais alguns segundos.

riversandoceans04: Eu não sei mais.

Eu não sei mais Eu quase ri. Eu não entendi o que diabos tinha acabado de acontecer. Eu não entendi suas desculpas ou sua confusão e eu nem pensei que queria saber. O que eu queria era voltar a não me importar com Ocean James, o garoto com dois primeiros nomes. Eu falei com esse garoto por um total de *talvez* uma hora e de repente a presença dele estava no meu quarto, no meu espaço pessoal, me estressando.

Eu não gostei. Isso me fez sentir estranha.

Então eu tentei manter as coisas simples

jujehpolo: Por que não fazemos a lição de casa?

Outros dez segundos.

riversandoceans04: Ok

E nós fizemos.

Mas senti algo mudar entre nós e não tinha ideia do que era.

5

Cinco

Na manhã seguinte, meu irmão, que tinha um período zero e sempre saía para a escola uma hora antes de mim, parou no meu quarto para pegar emprestado o CD do Wu-Tang que eu tinha roubado dele. Eu estava colocando rímel quando ele começou a bater na minha porta, e ele agora estava exigindo que eu devolvesse não apenas seu CD, mas também seu iPod, e eu estava gritando que seu iPod era muito mais útil para mim durante o dia de escola, em seguida, nunca tinha sido para ele, e eu ainda estava usando esse argumento quando abri a porta e ele de repente congelou. Ele me olhou de cima a baixo e seus olhos se arregalaram, só um pouco.

— O que? — eu disse.

— Nada.

Eu deixei ele entrar. Eu dei a ele o CD que ele estava procurando. Ele continuou olhando para mim.

— *O quê?* — Eu disse novamente, irritada.

— Nada — disse ele, e riu. — Você está bonita.

Eu levantei uma sobrancelha. Isso foi um truque.

— Roupa nova?

Eu olhei para o que eu estava vestindo. Minha blusa não era nova. Mas eu comprei esses jeans da loja de segunda mão na semana passada e acabei de terminar de alterá-los. Eles eram grandes demais para mim, mas a qualidade do jeans era boa demais para deixar passar. Além disso, eles só me custaram cinquenta centavos. — Mais ou menos — eu disse. — O jeans é novo.

Ele assentiu. — Bem, eles são legais.

— Sim. Ok — eu disse. — Por que você está sendo esquisito?

Ele encolheu os ombros. — Eu não estou sendo esquisito — disse ele. — O jeans é legal. Eles são muito apertados. Eu não estou acostumado a ver você em calças assim.

— Bruto.

— Hey, escute, eu não me importo. Eles ficam bem em você.

— Uh-huh.

— Não, eu quero dizer isso. Eles parecem legais. — Ele ainda estava sorrindo.

— Oh meu Deus, *o que?*

— Nada — disse ele pela terceira vez. — Eu só, você sabe, eu não acho que mamãe vai gostar de ver sua bunda nesses jeans.

Eu revirei meus olhos. — Bem, ela não tem que olhar para a minha bunda se ela não quiser.

Navid riu. — É só que às vezes o que você veste não combina muito, sabe? É um pouco confuso. — Ele gesticulou, vagamente, na minha cabeça, mesmo que eu não tivesse colocado o lenço ainda.

Ainda assim, eu sabia o que ele estava tentando dizer. Eu sabia que ele estava tentando não julgar. Mas a conversa me irritou.

Pessoas – e muitas vezes homens – gostavam de dizer que as mulheres muçulmanas usavam lenços de cabeça porque estavam tentando ser recatadas, ou porque estavam tentando encobrir sua beleza, e eu sabia que havia mulheres no mundo que se sentiam assim. Eu não podia falar por todas as mulheres muçulmanas – ninguém podia falar – mas foi um sentimento com o qual eu discordei fundamentalmente. Eu não acreditava que fosse possível esconder a beleza de uma mulher. Eu achava que as mulheres eram lindas, não importava o que vestissem, e eu não achava que elas devessem a ninguém uma explicação para suas escolhas de roupas. Diferentes mulheres se sentiam confortáveis em roupas diferentes.

Elas eram todas lindas.

Mas foram apenas os monstros que forçaram as mulheres a usar sacos humanos de batata durante todo o dia que conseguiram fazer manchetes, e esses idiotas de alguma forma deram o tom para todas nós. Ninguém sequer me fez a pergunta mais; as pessoas simplesmente supunham que sabiam a resposta e estavam quase sempre erradas. Eu me vesti do jeito que eu fiz não porque eu estava tentando ser freira, mas porque me sentia bem – e porque me fazia sentir menos vulnerável em geral, como eu usava uma espécie de armadura todos os dias. Foi uma preferência pessoal. Eu definitivamente não fiz isso porque eu estava tentando ser modesta por causa de um idiota que não conseguia manter seu pau em suas calças. As pessoas lutavam para acreditar nisso, porque as pessoas lutavam para acreditar nas mulheres em geral.

Foi uma das maiores frustrações da minha vida.

Então eu empurrei Navid para fora do meu quarto e disse a ele que não era da sua conta como minha bunda parecia no meu jeans e ele disse: — Não, eu sei – não é isso que eu quis dizer— — Não faça isso estranho — eu disse, e fechei a porta na cara dele.

Depois que ele saiu, olhei no espelho.

O jeans era *legal*.

Os dias continuaram a dissolver-se e silenciosamente.

Além de breakdancing, praticamente nada havia mudado, exceto que Ocean estava de repente diferente ao meu redor na biografia. Ele tinha sido diferente desde aquela primeira e única conversa no AIM que tivemos, mais de duas semanas atrás.

Ele falou demais.

Ele estava sempre dizendo coisas como *Uau, o tempo está tão estranho hoje e como foi seu fim de semana?* e *Ei, você estudou para o quiz na sexta-feira?* e isso me surpreendeu todos os momentos. Eu olhei para ele por apenas um segundo e disse *Sim, o tempo está estranho* e *Hum, meu fim de semana foi bom* e *Não, eu não estudei para o quiz na sexta-feira* e ele sorriu e disse *Eu sei, certo?* e *Isso é bom* e *Realmente?* *Eu estive estudando a semana toda* e eu normalmente o ignorava. Eu nunca lhe fiz uma pergunta de acompanhamento.

Talvez eu estivesse sendo rude, mas não me importava.

Ocean era um cara muito bonito, e sei que isso não parece um motivo válido para não gostar de alguém, mas foi motivo suficiente para mim. Ele me deixou nervosa. Eu não queria falar com ele. Eu não queria conhecê-lo. Eu não queria *gostar* dele, o que era mais difícil do que você pensa, porque ele era muito simpático. Me apaixonar por alguém como Ocean, eu sabia, só acabaria mal para mim. Eu não queria me envergonhar.

Hoje ele estava se esforçando muito para fazer conversa fiada – o que eu acho que era compreensível, já que era estranho ficar sentado por uma hora sem dizer nada enquanto você separava um gato morto – e ele disse: — Então, você vai? Para o regresso a casa?

Eu realmente olhei para cima, então. Eu olhei para cima porque fiquei espantada. Eu ri baixinho e me afastei. Sua pergunta era tão ridícula que nem sequer respondi. Nós estivemos tendo reuniões de torcida durante toda a semana em antecipação ao jogo de boas-vindas – foi uma coisa de futebol, eu acho – e eu estava pulando eles.

Nós também estávamos, aparentemente, tendo competições de espírito de

classe, o que quer que isso significasse. Eu deveria estar vestindo verde ou azul ou alguma coisa hoje, mas eu não estava.

As pessoas estavam perdendo a cabeça por causa dessa merda.

— Você realmente não faz material escolar, hein? — Ocean disse, e eu me perguntei por que ele se importava.

— Não — eu disse baixinho. — Eu realmente não faço material escolar.

— Oh.

Havia uma parte de mim que queria ser mais amigável com Ocean, mas às vezes me deixava realmente desconfortável fisicamente quando ele era legal comigo. Parecia tão falso. Alguns dias nossas interações pareciam que ele estava se esforçando muito para compensar esse primeiro erro, por pensar que meus pais estavam prestes a me enviar para um harém ou algo assim. Como se ele quisesse outra chance de provar que ele não era intolerante, como se pensasse que eu poderia não perceber que ele passou de pensar que eu não poderia sequer me encontrar depois da escola para pensar que eu poderia aparecer em um baile, tudo no período de duas semanas. Eu não gostei. Eu não confiava nisso.

Então eu cortei o coração de um gato morto e o chamei um dia.

Eu apareci para praticar um pouco cedo demais naquela tarde e o quarto ainda estava trancado; Navid era quem tinha a chave que nos deixava entrar e ele ainda não tinha chegado, então eu caí no chão e esperei. Eu sabia que a temporada de basquete estava começando no mês que vem — eu sabia disso, porque via os cartazes espalhados por toda parte — mas a academia, por algum motivo, já estava mais ocupada do que eu já tinha visto. Foi alto. Super alto. Muita gritaria.

Muitos assobios soprando e tênis rangendo. Eu realmente não sabia o que estava acontecendo; Eu não sabia muito sobre esportes, em geral. Tudo o que ouvi foram os sons estrondosos de muitos pés atravessando uma quadra. Eu podia ouvir através das paredes.

Quando eu finalmente entrei na sala de dança com os outros caras, nós levantamos a música e fizemos o nosso melhor para abafar as reverberações das muitas bolas de basquete batendo no chão. Eu estava trabalhando com Jacobi hoje, que estava me mostrando como melhorar meu footwork.

Eu já sabia como fazer um básico de seis passos, que era exatamente o que parecia: era uma série de seis passos realizados no chão. Você se segurou em seus braços enquanto suas pernas faziam a maior parte do trabalho, movendo-se em uma espécie de movimento circular. Isso serviu como uma

introdução ao seu movimento de poder – que foi o seu movimento acrobático – o tipo de coisa que parecia, às vezes, como o que você viu ginastas fazer em um cavalo com alças, exceto que muito mais legal. O breakdance foi, de muitas maneiras, mais próximo de algo como a capoeira, uma forma afro-brasileira de artes marciais que envolve muitos chutes e giros no ar; a capoeira feita chutando a bunda de alguém parece assustadora e bonita.

Breakdancing era mais ou menos assim.

Jacobi estava me mostrando como adicionar CMs aos meus seis passos. Eles foram chamados CMs porque foram inventados por um grupo de disjuntores que se chamavam de Comandos Malucos, e não porque o movimento se parecia em nada com um c. Eram rotações corporais que tornaram meu trabalho mais complexo e, no geral, a rotina parecia mais fria. Eu estive trabalhando nisso por um tempo. Eu já aprendi como fazer um CM duplo, mas eu ainda estava aprendendo a fazer CM de uma mão, e Jacobi estava me observando enquanto eu tentava, repetidamente, fazer a coisa certa. Quando finalmente consegui, ele bateu palmas com força.

Ele estava radiante.

— Bom trabalho — disse ele.

Eu quase caí para trás. Eu estava no chão, espalhada como uma estrela do mar, mas estava sorrindo.

Isso não foi nada; estes eram *passos de bebê*. Mas me senti tão bem.

Jacobi me ajudou a levantar e apertou meu ombro. — Legal — ele disse. — Sério.

Eu sorri para ele.

Eu me virei para encontrar minha garrafa de água e de repente congelei.

Ocean estava encostado no batente da porta, não exatamente na sala e não muito do lado de fora, uma sacola de ginástica pendurada no peito dele. Ele acenou para mim.

Eu olhei em volta, confusa, como se talvez ele estivesse acenando para outra pessoa, mas ele riu de mim. Finalmente, acabei de encontrá-lo na porta e percebi que alguém a havia aberto.

Aconteceu, às vezes, quando ficava muito quente aqui; um dos caras abria a porta para deixar o quarto respirar um pouco.

Ainda assim, nossa porta aberta nunca atraiu visitantes antes.

— Uh, oi — eu disse. — O que você está fazendo aqui?

Ocean sacudiu a cabeça. Ele parecia, de alguma forma, ainda mais surpreso do que eu. — Eu estava apenas caminhando — disse ele. — Eu ouvi a música. Eu queria saber o que estava acontecendo.

Eu levantei uma sobrancelha. — Você estava apenas andando.

— Sim. — Ele sorriu. — Eu, um, passo muito tempo no ginásio.

De qualquer forma, eu honestamente não sabia que você estaria aqui. Sua música é super barulhenta.

— OK.

— Mas eu imaginei que deveria dizer oi em vez de ficar aqui, observando você como um idiota.

— Boa ideia — eu disse, mas estava franzindo a testa. Ainda processando. — Então você não precisa de algo? Para aula?

Ele balançou sua cabeça.

Eu olhei para ele.

Finalmente, ele respirou fundo. — Você realmente não estava brincando — disse ele. — Sobre a coisa de breakdancing.

Eu ri. Olhei para ele incrédula. — Você pensou que eu iria mentir sobre algo assim?

— Não — ele disse, mas pareceu repentinamente inseguro. — Eu só, eu não sei. Eu não sabia.

— Uh-huh.

— Esses são seus amigos? — Ocean disse. Ele estava olhando para Jacobi, que estava me atirando um olhar que dizia *Quem é o cara?* e *O que está acontecendo?* Tudo ao mesmo tempo.

— Mais ou menos — eu disse.

— Isso é legal.

— Sim. — Eu estava tão confusa. — Hum, eu deveria ir.

Ocean assentiu. Levantou-se mais reto. — Sim eu também.

Nós dissemos adeus desajeitados. Assim que ele desapareceu, fechei a porta.

Jacobi foi o único que me notou falando com Ocean naquele dia, e quando ele me perguntou sobre isso, eu disse que não era nada, apenas uma criança da classe que precisava de algo. Eu nem sabia porque menti sobre isso.

Eu estava totalmente perplexa.

6

Seis

As coisas da minha vida começaram a encontrar um ritmo.

Eu estava me estabelecendo em uma nova rotina nesta cidade, e minhas ansiedades sobre ser sem amigos na escola estavam começando a desaparecer. Eu não era mais um choque para o sistema; em vez disso, eu me tornava uma presença regular na escola, uma que a maioria dos meus colegas de classe agora podia ignorar confortavelmente. As pessoas ainda gostavam de se referir a mim como o Taleban enquanto eu passava, e de vez em quando eu encontrava uma nota anônima no meu armário dizendo para eu voltar para onde eu vinha, e ocasionalmente alguém tirava um tempo para ressaltar que os toalhetes como eu não mereciam viver em seu país – mas tentei não deixar que isso me incomodasse. Eu tentei me acostumar com isso. Eu ouvi em algum lugar que as pessoas poderiam se acostumar com qualquer coisa.

Felizmente, breakdancing me manteve ocupada da melhor maneira possível.

Adorei tudo: a música, os movimentos, até a história. O breakdancing começou nos anos 1970, no sul do Bronx, em Nova York, e lentamente, com o tempo, percorreu o país até Los Angeles.

Foi uma iteração, um braço simultâneo e evolução do hip-hop e, o mais legal de todos – foi originalmente usado como uma alternativa à violência física. Em suas lutas pelos territórios, as gangues disputariam batalhas para determinar a propriedade – e é por isso que o termo *batalha* ainda existe hoje. As equipes de ruptura não competem; eles batalham. Cada membro da tripulação oferece um desempenho.

O melhor b-boy ou b-girl ganha.

Eu me joguei no trabalho, batendo na academia quase todos os dias. Quando não tínhamos acesso ao estúdio de dança da escola, dividíamos caixas de papelão grandes em ruas abandonadas e estacionamentos, montamos um aparelho de som e treinamos. Navid me arrastava para fora da cama cedo demais nas manhãs de fim de semana para fazer corridas de

dezesseis quilômetros com ele. Nós começamos a treinar juntos, regularmente. Breakdancing envolveu extremamente trabalho físico taxativo, mas foi um trabalho que me encheu de alegria e propósito. Na verdade, eu estava tão focada nessa nova vida fora da escola – e tão cansada depois da prática todos os dias – que mal tive tempo de ficar brava com todos os idiotas espalhados por toda parte.

O aspecto educacional da escola era bem chato.

Eu descobri há muito tempo como conseguir o As sem tentar; meu segredo para o sucesso era que eu realmente não me importava. Não senti pressão para me apresentar, então normalmente eu me saía bem. Eu parei de me importar com a escola alguns anos atrás, bem na época em que eu tinha idade suficiente para perceber que se importar com uma escola – seus professores, seus alunos, suas paredes e portas e muitos corredores – quase sempre terminava em desgosto. Então eu acabei parando. Eu parei de lembrar de coisas. Pessoas. Rostos. Com o tempo, as instituições e seus muitos nomes se confundiram. Mrs. Alguém foi minha professora da primeira série. O Sr. Qualéonome ensinou na terceira série. Quem sabia.

Eu era obrigada por lei e a colher de pau da minha mãe gostava de gritar com minha bunda para aparecer todos os dias, então eu fiz.

Eu apareci, fiz o trabalho, lidei com as microagressões confiáveis e implacáveis das massas que influenciaram os padrões climáticos emocionais do meu dia. Eu não insisti em entrar em uma boa faculdade porque eu já sabia que não podia me dar ao luxo de ir para uma boa faculdade. Eu não insisti nas aulas de AP porque eu não pensava nelas como algo diferente das aulas regulares. Eu não insisti nos SATs porque quem dava uma merda sobre os SATs. Eu não.

Eu não sei, acho que sempre achei que ficaria bem, não importa o quanto minhas muitas escolas tentassem me mutilar. E eu segurei esse sentimento todos os dias. Dois anos e meio mais, pensei.

Apenas mais dois anos e meio até que eu pudesse ficar bem longe dessa existência organizada pelos sinos da escola que, sejamos honestos, nem sequer tocaram.

Eles apitaram.

Isso foi o que eu estava pensando quando eu tirei outra camada de carne de gato encharcada longe do músculo do gato encharcado.

Eu estava pensando sobre o quanto eu odiava isso. Como eu já estava ansiosa para entrar no ginásio novamente. Eu estava ficando melhor em segurar a postura de caranguejo agora – eu quase consegui segurar meu peso

no cotovelo ontem – e eu queria ver se eu faria mais progressos esta tarde. Eu estava indo para a minha primeira batalha ao vivo neste fim de semana, e eu queria sentir que sabia alguma coisa quando chegasse lá.

Eu terminei meu turno com o gato e retirei minhas luvas, jogando-as no lixo antes de lavar minhas mãos – para uma boa medida – na pia da nossa estação de laboratório. Até agora, nossas descobertas foram abaixo do esperado, e foi como eu gostei delas.

Um dos grupos da nossa turma descobriu que a gata que eles estavam dissecando havia morrido grávida; eles encontraram uma ninhada de gatinhos não nascidos em seu útero.

Esta foi uma tarefa escolar seriamente confusa.

— Sua vez — eu disse, olhando para Ocean, cuja atitude em relação a mim havia mudado dramaticamente na última semana.

Ele parou de falar comigo na aula.

Ele não me fazia mais perguntas genéricas sobre minhas noites ou meus finais de semana. Na verdade, ele não disse mais do que algumas palavras para mim nos últimos dias, não desde aquela tarde que eu o vi no estúdio de dança. Eu frequentemente o pegava olhando para mim, mas as pessoas sempre olhavam para mim.

Ocean pelo menos teve a decência de fingir que ele não estava olhando para mim, e ele nunca disse nada sobre isso, pelo que eu estava secretamente grata. Eu prefiro muito mais olhares silenciosos do que os idiotas que me disseram, espontaneamente, exatamente o que pensavam de mim.

Mas eu estaria mentindo se dissesse que não estava um pouco confusa. Eu achava que tinha o Ocean bem entendido, mas de repente eu não tinha tanta certeza. Além do nome incomum, ele me parecia um garoto extremamente comum criado por pais extremamente comuns. O tipo de pais que compravam sopa enlatada, mentia para seus filhos sobre o Papai Noel, acreditavam em tudo que leram em seus livros de história e realmente não falaram sobre seus sentimentos.

Meus pais eram exatamente o oposto.

Eu era fascinada por comida enlatada simplesmente porque aquele milagre de invenção ocidental nunca foi permitido em minha casa. Meus pais fizeram tudo do zero, não importa o quão básico; nunca celebramos o Natal, exceto que às vezes minha mãe e meu pai tinham pena de nós – recebi uma caixa de envelopes um ano – e meus pais nos ensinaram sobre as atrocidades da guerra e do colonialismo desde antes que eu pudesse ler. Eles também não

tiveram problema em compartilhar seus sentimentos comigo. Eles sabiam disso. Meus pais adoravam me dizer o que achavam que estava errado comigo – era o que eles chamavam de minha desafortunada atitude – o tempo todo.

De qualquer forma, eu não consegui mais ter uma conta em Ocean, e me incomodou que isso me incomodasse. Seu silêncio era o que eu pensava que queria; era, na verdade, exatamente com o que eu estava trabalhando. Mas agora que ele realmente tinha me ignorado, eu não pude deixar de me perguntar por quê.

Mesmo assim, achei que o silêncio dele era o melhor.

Hoje, porém, foi um pouco diferente. Hoje, depois de um trecho de vinte minutos de silêncio perfeito, ele falou.

— Ei — ele disse, — o que aconteceu com a sua mão?

Eu estava tentando abrir uma costura em uma jaqueta de couro ontem à noite e eu puxei um pouco demais; o estilete de costura escorregou e abriu as costas da minha mão esquerda. Eu tinha uma atadura muito intensa colada no espaço entre o dedo e o polegar. Eu encontrei os olhos do Ocean. — Acidente de costura — eu disse.

Suas sobranças se uniram. — Acidente de costura? O que é um acidente de costura?

— Costura — eu disse. — Como, costurando roupas? Eu faço muitas roupas minhas — eu disse, quando ele não parecia entender.

— Ou, quero dizer, muitas vezes eu só vou comprar vintage e fazer as alterações sozinha. — Eu levantei minha mão como prova. — De qualquer maneira, eu não sou boa nisso.

— Você faz suas próprias roupas? — Seus olhos se arregalaram, só um pouco.

— Às vezes — eu disse.

— Por quê?

Eu ri. Foi uma pergunta razoável. — Bem, uh, porque as roupas que eu realmente quero estão fora da minha faixa de preço.

Ocean apenas me encarou.

— Você sabe alguma coisa sobre moda? — Eu perguntei a ele.

Ele balançou sua cabeça.

— Oh — Eu disse, e tentei sorrir. — Sim. Eu acho que não é para todos.

Mas eu adorei.

A linha de outono de Alexander McQueen tinha acabado de chegar às lojas e, depois de muita imploração, eu convenci minha mãe a me levar a um dos shoppings extravagantes por aqui só para poder ver as peças pessoalmente. Eu nem toquei nelas. Eu apenas fiquei perto delas, encarando.

Eu pensei que Alexander McQueen era um gênio.

— Então, você fez isso com seus sapatos? — Ocean disse de repente. — Como, de propósito?

Eu olhei para baixo.

Eu estava usando o que costumava ser um par de simples Nikes brancos, mas eu tinha desenhado tudo sobre eles. E minha mochila.

E minhas pastas. Foi apenas algo que eu fazia às vezes. Eu me trancava no meu quarto, ouvia música e desenhava coisas. Às vezes, eram rabiscos aleatórios, mas ultimamente eu estava experimentando grafites – marcando, especificamente – porque algumas técnicas de marcação me lembravam de caligrafia persa altamente estilizada. Eu não era como Navid, no entanto; Eu nunca grafitei propriedade pública. Não mais do que duas vezes, de qualquer maneira.

— Sim — eu disse devagar. — Eu fiz isso de propósito.

— Oh. Isso é legal.

Eu ri do olhar em seu rosto.

— Não, realmente — disse ele. — Eu gosto disso.

Ainda assim, hesitei. — Obrigada.

— Você tem outro par assim também, hein?

— Sim. — Eu levantei uma sobrancelha. — Como você sabe?

— Você senta na minha frente — disse ele. Ele me olhou bem nos olhos e quase sorriu, mas parecia uma pergunta. — Você está sentada na minha frente há dois meses. Eu olho para você todos os dias.

Meus olhos se arregalaram. E então eu fiz uma careta. Eu nem tive a chance de dizer as palavras antes que ele disse — Eu não quis dizer — ele balançou a cabeça, desviou o olhar — Uau, eu não quis dizer isso, eu olho para você. Eu só quis dizer que te vejo. Você sabe. Merda — ele disse suavemente, e principalmente para si mesmo. — Deixa pra lá.

Eu meio que ri, mas soou estranho. — OK.

E foi isso. Ele não disse mais nada que valesse a pena lembrar pelo resto do período.

7

Sete

Eu estava deixando meus livros no meu armário depois da escola – e pegando as roupas de treino que eu escondi lá com a minha bolsa de ginástica – quando ouvi uma onda repentina de vozes. Os corredores geralmente eram bem silenciosos a essa hora, e eu raramente via pessoas deixando a escola, então os sons eram incomuns. Eu me virei antes que pudesse pensar.

Líderes de torcida.

Haviam três delas. Muito bonitas e animadas. Elas não estavam em uniformes oficiais de torcida – elas estavam vestindo roupas combinando – mas de alguma forma era óbvio que elas eram líderes de torcida. Curiosamente, as líderes de torcida nunca foram más para mim; em vez disso, elas me ignoraram tão completamente que achei a presença delas inesperadamente reconfortante.

Eu me virei de volta.

Eu tinha acabado de pendurar minha bolsa de ginástica sobre o ombro quando ouvi alguém chamar uma saudação e eu estava muito certa de que quem estava falando não estava falando comigo, e que mesmo se elas estivessem falando comigo, eu me viraria apenas para ser encontrada com alguma nova besteira criativa, então eu ignorei. Fechei meu armário, coloquei a combinação e me afastei.

— Ei. — Eu continuei andando, mas agora eu estava começando a me sentir meio assustada porque a voz parecia estar focada na minha direção e eu não achava que queria saber por que alguém estava tentando me denunciar agora. Todas as pessoas que eu conhecia nessa escola estavam esperando por mim, neste exato momento, dentro de uma sala de dança na academia, então, quem quer que fosse, elas estavam quase certamente tentando me incomodar e...

— Shirin!

Eu congelo. Este foi um desenvolvimento incomum. Geralmente, os

babacas que me assediaram nos corredores não sabiam meu nome.

Eu me virei, mas apenas na metade.

— Ei. — Era Ocean, parecendo um pouco exasperado.

Eu tive que fazer um esforço físico para não parecer muito surpresa.

— Você deixou cair o seu telefone — disse ele, e estendeu para eu pegar.

Eu olhei para o meu celular na mão dele. Olhei para ele. Eu não entendi porque o mundo continuava jogando ele no meu caminho, mas eu também não sabia como ficar brava com ele por ser uma pessoa decente, então eu peguei o telefone.

— Obrigada — eu disse.

Ele olhou para mim e sua expressão estava de alguma forma ao mesmo tempo frustrada e divertida e ainda assim ele não disse nada, o que teria sido bom, exceto que ele olhou para mim por apenas três segundos a mais, e de repente foi estranho.

Eu respirei fundo. Eu estava prestes a dizer adeus quando alguém chamou seu nome. Eu olhei para ele e vi que era uma das líderes de torcida.

Fiquei surpresa, mas tentei não demonstrar isso.

E então eu saí sem uma palavra.

Naquela noite, depois de uma sessão de treinamento particularmente exaustiva, eu me senti com problemas demais para dormir e não consegui explicar por quê. Eu estava sentada na cama, escrevendo, escrevendo e escrevendo. Eu sempre mantive um diário muito intenso.

Eu rabisquei naquela coisa todos os dias, várias vezes ao dia.

No meio da aula, até. Durante o horário de almoço. A coisa era tão preciosa para mim que eu a carreguei em todos os lugares que fui, porque era a única coisa que eu conseguia pensar – a única maneira de mantê-la segura. Eu me preocupava que um dia minha mãe pudesse colocar as mãos nele, ler, perceber que sua filha era um ser humano complicado e falho – que muitas vezes desconsiderava o dogma da religião – e ter um aneurisma real. Então eu sempre mantive isso perto.

Mas esta noite, eu não consegui focar minha mente.

De vez em quando eu olhava para cima, olhava para o meu computador, seu rosto moreno e morto brilhava na penumbra e eu hesitava. Era muito tarde, talvez uma da manhã. Todos estavam dormindo.

Eu coloco minha caneta no chão.

O velho e volumoso computador do meu quarto era uma coisa volumosa e desajeitada. Minha mãe o construiu, peça por peça, alguns anos atrás, quando ela estava adquirindo um novo nível de certificação em programação de computadores. Era um pouco como o monstro de Frankenstein, exceto que era o monstro da minha mãe e eu tinha sido a sortuda destinatária de sua grande circunferência.

Rapidamente, antes que eu pudesse mudar de idéia, liguei a coisa.

Foi alto.

A tela se iluminou, cegou e ostensivamente, e seu componente de CPU começou a zumbir como um louco. O ventilador estava trabalhando muito, o disco rígido estava clicado, e eu imediatamente me arrependi da minha decisão. Eu ouvi histórias de pais que deixaram seus filhos ficarem acordados a noite toda, mas eu não os conhecia. Em vez disso, meus pais sempre estavam no meu pé e sempre desconfiados – embora geralmente por boas razões; meu irmão e eu não éramos muito bons em seguir as regras – e eu tinha certeza de que eles me ouviriam por aqui, entrariam e me forçariam a dormir.

Mordi o lábio e esperei.

O maldito computador finalmente ligou. Demorou dez minutos.

Demorou mais dez para clicar e fazer a internet funcionar, porque às vezes meu computador era apenas, eu não sei, obstinado. Eu estava estranhamente nervosa. Eu nem sabia o que estava fazendo. Por que eu estava fazendo isso? Não exatamente.

Minha conta do AIM se conectou automaticamente, e minha pequena lista de amigos estava toda offline. Exceto um.

Meu coração fez algo estranho e eu me levantei rápido demais, me sentindo repentinamente estúpida e envergonhada. Eu nem conhecia esse cara. Ele não era, nunca seria, mesmo remotamente interessado em alguém como eu e eu sabia disso. Eu já sabia disso e ainda estava aqui parada, sendo uma idiota.

Eu não ia fazer isso. Eu não ia fazer uma bunda fora de mim.

Voltei para o meu computador, pronto para apertar o botão de energia e desligar tudo quando—

ding duplo

ding duplo

ding duplo

riversandoceans04: Ei

riversandoceans04: Você está online

riversandoceans04: Você nunca está online

Eu olhei, o dedo congelado no interruptor de energia.

ding duplo

riversandoceans04: Olá?

Eu me sentei na minha mesa.

juhehpolo: Ei

riversandoceans04: Ei

riversandoceans04: O que você está fazendo até tão tarde?

Eu comecei a digitar, *eu não sei*, antes de perceber que minha resposta poderia ser óbvia demais. Então eu tentei por algo genérico.

juhehpolo: Eu não consegui dormir.

riversandoceans04: Oh

riversandoceans04: Ei, posso te fazer uma pergunta?

Eu olhei para a janela de mensagens. Senti um pouco de medo.

juhehpolo: Claro

riversandoceans04: O que juhehpolo significa?

Eu estava tão aliviada por ele não ter me perguntado algo super ofensivo que eu quase ri alto.

juhehpolo: É uma coisa persa. Jueh significa pequeno, mas também é a palavra para um filhote de galinha.

juhehpolo: E polo significa arroz.

juhehpolo: Eu percebo quando estou digitando isso que isso não faz sentido, mas é apenas uma piada interna, eu acho. Minha família me chama de jueh, porque eu sou pequena, e o kebab e o arroz de jueh são tipo um tipo de comida...

juhehpolo: De qualquer forma

juhehpolo: É apenas um apelido.

riversandoceans04: Não, eu entendi. Isso é legal.

riversandoceans04: Então você é persa?

juhehpolo: Sim

riversandoceans04: Isso é legal. Eu realmente gosto de comida Persa.

Minhas sobranças subiram pela minha testa. Surpresa.

juhehpolo: Você gosta?

riversandoceans04: Sim. Eu realmente gosto de hummus.

riversandoceans04: E falafel.

Ah. Sim. Ok.

juhehpolo: Nenhuma dessas coisas é Persa.

riversandoceans04: Não são?

juhehpolo: Não

riversandoceans04: Oh

Eu deixei minha cabeça cair em minhas mãos. De repente eu me odiei. O que diabos eu estava fazendo? Essa conversa foi tão estúpida. Eu fui tão idiota. Eu não podia acreditar que eu liguei meu computador para isso.

juhehpolo: De qualquer forma, eu provavelmente deveria ir para a cama.

riversandoceans04: Oh, ok

Eu já tinha digitado a palavra *Tchau*, estava prestes a enviar.—

riversandoceans04: Ei, antes de você ir

Eu hesitei. Excluí. Reescrevi.

juhehpolo: Sim?

riversandoceans04: Talvez algum dia você possa me mostrar o que é comida Persa.

Eu olhei para a minha tela por muito tempo. Eu estava confusa. Meu primeiro instinto me disse que ele estava me convidando para sair; meu segundo instinto mais sábio me dizia que ele nunca, jamais seria estúpido o suficiente para fazer algo assim, que quase certamente estava ciente do fato de que garotos brancos bonitos não tinham a pretensão de convidar garotas muçulmanas estranhas para sair, mas depois, exceto isso, fiquei perplexa.

DEle queria que eu o educasse em comida persa? Ensine-o sobre os caminhos do meu povo? Que diabos?

Então eu decidi ser honesta.

juhehpolo: Eu não acho que entendi o que você quis dizer.

riversandoceans04: Eu quero experimentar comida Persa.

riversandoceans04: Há algum restaurante persa por aqui?

juhehpolo: Lol

juhehpolo: Por aqui? Não

juhehpolo: Não a menos que você conte a cozinha da minha mãe

riversandoceans04: Oh

riversandoceans04: TEntão talvez eu possa vir para jantar

Eu quase caí da minha cadeira. As bolas desse garoto, puta merda.

juhehpolo: Você quer vir na minha casa e jantar com minha família?

riversandoceans04: Isso é estranho?

juhehpolo: Hm, um pouco

riversandoceans04: Oh

riversandoceans04: Então é um não?

juhehpolo: Eu não sei

Eu fiz uma careta para o meu computador.

juhehpolo: Eu acho que posso perguntar aos meus pais.

riversandoceans04: Legal

riversandoceans04: Ok, boa noite

juhehpolo: Hm

juhehpolo: Boa noite

Eu não tinha ideia do que o inferno acabara de acontecer.

8

Oito

Passei o fim de semana ignorando meu computador.

Era meados de outubro, eu estava na escola há alguns meses e ainda estava tentando entender isso. Eu não fiz amigo, mas não me sentia solitária, o que era novo. Além disso, eu estava ocupada – também novo – e bônus, de repente eu tinha *planos*. Na verdade, eu estava me preparando para sair.

Hoje à noite, eu tinha uma batalha de breakdancing para participar.

Nós só estaríamos na platéia, mas a perspectiva ainda me animava. Queríamos nos juntar à cena do break nesta nova cidade e ver onde isso nos levaria. Talvez, quando fôssemos bons o suficiente, começássemos a lutar contra outras equipes. Talvez um dia, sonhamos, entraríamos em competições regionais e estaduais e talvez, *talvez*, internacionais.

Nós tínhamos grandes sonhos. E eles tinham sido aprovados pelos pais.

Meus pais eram um pouco conservadores, um pouco tradicionais e, de certa forma, surpreendentemente progressistas.

Geralmente, eles eram bem legais. Ainda assim, eles tinham enormes padrões duplos. Eles estavam aterrorizados com o fato de que o mundo me machucaria, ainda jovem, muito mais do que meu irmão, e por isso eram mais rigorosos comigo, com meu toque de recolher, com o que eu podia e não podia fazer. Eles nunca tentaram me cortar socialmente, mas sempre queriam saber tudo sobre aonde eu estava indo e com quem eu estava indo e exatamente quando eu voltaria e assim por diante e eles quase nunca fizeram isso com Navid. Quando Navid chegava tarde em casa, ficavam levemente irritados. Certa vez, voltei para casa uma hora depois de assistir ao primeiro filme de Harry Potter – não fazia ideia de que a coisa duraria *três longas horas* – e minha mãe estava tão chateada que não conseguia decidir se iria chorar ou me matar. Essa reação me confundiu porque minhas atividades sociais eram tão leves que eram quase inexistentes. Eu não saí tarde da festa, nunca. Eu não estava sentada embriagada em algum lugar. Eu fazia coisas estúpidas com meus amigos como passear pela Target e comprar as coisas

mais baratas que pudéssemos encontrar e usá-las para decorar os carros no estacionamento.

Minha mãe não aprovava isso.

O lado positivo do breakdancing com meu irmão era que meus pais se preocupavam menos quando sabiam que ele estava comigo, pronto para dar um soco na cara de um assediador, se necessário.

Mas meu irmão e eu também aprendemos há muito tempo como jogar o sistema; quando eu queria sair para algum lugar, e eu sabia que meus pais não aprovariam, ele me garantiria. Eu faria o mesmo por ele.

Mas Navid acabara de completar dezoito anos. Ele era mais velho e, como resultado, mais livre. Ele estava trabalhando em trabalhos estranhos em todos os lugares onde morávamos desde que era mais novo do que eu, e ele economizou tempo suficiente para comprar um iPod e um carro. Foi o sonho adolescente. Ele era atualmente o orgulhoso proprietário de um Nissan Sentra 1988 que um dia usaria para atropelar meu pé. Até então, minha bunda ainda estava andando para a escola todos os dias. Às vezes eu pegava uma carona com ele, mas ele tinha esse período zero no período da manhã e ele geralmente me abandonava depois do treino para fazer algo com seus amigos.

Hoje, nós estaríamos dirigindo aquela bela fera para um novo mundo. Um mundo que me daria um novo título e aprimoraria uma nova faceta da minha identidade. Eu queria me tornar uma b-girl no sentido pleno da palavra. Seria muito melhor ser chamada de b-girl, breakdancer, do que a Garota-Que-Usava-Aquela-Coisa-Em-Sua-Cabeça.

O evento foi ainda mais emocionante do que eu esperava. Eu já tinha visto batalhas antes, claro – nós tínhamos assistido a competições de breakdancing antigas em VHS por anos – mas era algo totalmente diferente testemunhar essas coisas pessoalmente. O espaço era relativamente pequeno – parecia uma galeria de arte convertida – e as pessoas estavam reunidas como cigarros em uma mochila, pressionadas contra as paredes e portas, apertando juntas para deixar espaço vazio suficiente no centro da sala. A energia era palpável. A música reverberava contra as paredes e os tetos, o baixo pulsando nos meus tímpanos. Aqui, as pessoas não pareciam se importar comigo; ninguém olhou para mim, os olhos apenas olharam para o meu rosto e corpo enquanto examinavam a sala. Eu não sabia por que, de repente, não importava como eu era, porque minha aparência não trazia reações. Talvez fosse porque a demografia auto-selecionada aqui era diferente. Eu estava cercada por diversos corpos e rostos; Eu estava ouvindo espanhol em um ouvido e chinês no outro. Nós éramos brancos, pretos e pardos reunidos por um único interesse.

Eu amei.

De alguma forma eu sabia, naquele momento, que tudo o que importava nesse mundo particular era o talento. Se eu fosse uma breakdancer decente, essas pessoas me respeitariam. Aqui, eu poderia ser mais do que as configurações aplicadas à minha vida pela sociedade.

Foi tudo que eu sempre quis.

Eu cheguei em casa naquela noite me sentindo mais alegre do que eu senti – talvez, nunca. Eu falei na orelha da minha mãe sobre a coisa toda e ela sorriu, não impressionada, e me disse para ir fazer o meu dever de casa. A escola estaria esperando por mim, brilhante e cedo no dia seguinte, mas esta noite eu ainda estava radiante. Ecos da música estavam dançando na minha cabeça. Eu me preparei para dormir e não pude me concentrar nos trabalhos escolares que eu deixei inacabados. Em vez disso, limpei um espaço no centro do meu quarto e pratiquei a pose de caranguejo por tanto tempo que o tapete começou a queimar as palmas das mãos. Eu ficava caindo para a frente – beijando o chão, como meu irmão gostava de dizer – e não conseguia entender direito. Eu ainda tinha um longo caminho a percorrer antes de me tornar uma dançarina decente, mas nunca tive medo de trabalho duro.

9

Nove

Minha segunda aula do dia era chamada Perspectivas Globais. Meu professor era um daqueles pensadores criativos e selvagens, um daqueles caras determinados a fazer descobertas com adolescentes.

Ele era mais legal que a maioria dos professores, mas era óbvio, na maioria dos dias, que ele estava tentando um pouco demais para nos convencer desse fato. Ainda assim, eu não odiava a aula dele. A única coisa que ele exigiu de nós foi a participação nas aulas.

Não houve exames; sem trabalhos de casa.

Em vez disso, ele nos forçou a discutir os eventos atuais.

Política. Tópicos controversos. Ele queria que nos fizéssemos perguntas difíceis – questionar a nós mesmos e às nossas idéias sobre o mundo – e ele queria que nos envolvêssemos diretamente uns com os outros de uma maneira que de outra forma nunca faríamos. Aqueles de nós que se recusassem a participar – se recusassem a expressar nossas opiniões em voz alta – fracassariam.

Eu estava nisso.

Até agora, a turma estava bem livre de drama. Ele começou com softballs. Nós entramos no segundo dia de aula para descobrir que ele dividiu todas as mesas em grupos de quatro. Nós deveríamos começar por lá, em um grupo menor, antes que ele mudasse as coisas.

Após trinta minutos de intensas discussões, ele veio ao nosso pequeno grupo e nos pediu para recapitular o que havíamos conversado.

E então, ele disse— — Ótimo ótimo. Então, quais são os nomes de todos no seu grupo?

Foi isso que me levou a levá-lo a sério. Porque uau, nós tínhamos conversado por um tempo e nunca pedimos para saber os nomes um do outro. Eu pensei que talvez esse cara fosse esperto. Eu pensei que talvez ele fosse diferente. Eu pensei, *ei, o Sr. Jordan pode realmente saber alguma coisa.*

Mas hoje foi uma nova segunda-feira. Hora de mudar.

Eu mal cheguei ao meu lugar quando ele gritou para mim.

— Shirin e Travis — ele chamou — Venham aqui, por favor.

Eu olhei para ele, confusa, mas ele apenas acenou para mim.

Deixei minha mochila no chão ao lado da minha cadeira e fui, relutantemente, para a frente da turma. Eu olhei para os meus pés, na parede. Eu estava me sentindo nervosa.

Eu ainda não conhecia Travis – ele não era uma das quatro pessoas do meu grupo – mas Travis era tudo que a televisão ensinava a você como um atleta deveria ser. Ele era grande, loiro e corpulento, e vestia uma jaqueta de letterman. Ele, também, eu notei, estava olhando ao redor sem jeito.

O Sr. Jordan estava sorrindo.

— Um novo experimento — disse ele para a classe, batendo palmas antes de se virar para nós. — Tudo bem, vocês dois — disse ele, virando os ombros para que Travis e eu estivéssemos encarando um ao outro. — Não se contorçam. Eu quero que vocês olhem para os rostos um do outro.

Alguém me mata.

Eu olhei para Travis apenas porque eu não queria falhar nesta aula. Travis não parecia muito feliz em olhar para o meu rosto, e eu me senti mal por ele. Nenhum de nós queria estar fazendo o que diabos meu professor estava prestes a nos fazer.

— Continue olhando — disse Jordan. — Eu quero que vocês dois se vejam. Realmente, realmente se vejam. Você está olhando?

Eu atirei com força no Sr. Jordan. Eu não disse nada.

— Tudo bem — disse ele. Ele estava sorrindo como um maníaco. — Agora, Travis — disse ele — quero que você me diga exatamente o que pensa quando olha para Shirin.

E eu perdi a sensação nas minhas pernas.

Senti-me subitamente desmaiada e de alguma forma ainda enraizada no chão. Senti pânico e indignação – me senti traída – e não sabia o que fazer. Como eu poderia justificar me virar para o meu professor e dizer que ele era louco? Como eu poderia fazer isso sem ter problemas?

Travis ficara vermelho vivo. Ele começou a cuspir.

— Seja honesto — o Sr. Jordan estava dizendo. — Lembre-se, a honestidade é tudo. Sem isso, nunca podemos avançar. Nós nunca podemos

ter discussões produtivas. Então *seja honesto*. Diga-me exatamente o que você pensa quando olha para o rosto dela.

Primeiras impressões. Fora do manguito. Agora. *Agora*.

Eu fiquei entorpecida. Fiquei paralisada por uma impotência e constrangimento que não sabia explicar. Eu fiquei lá, me odiando, enquanto Travis se atrapalhava com as palavras.

— Eu não sei — disse ele. Ele mal podia olhar para mim.

— Besteira — disse Jordan, seus olhos brilhando. — Isso é besteira, Travis, e você sabe disso. Agora seja *honesto*.

Eu estava respirando muito rápido. Eu estava olhando para Travis, implorando-lhe com os olhos para ir embora, para me deixar em paz, mas Travis estava perdido em seu próprio pânico. Ele não podia ver o meu.

— Eu – eu não sei — ele disse novamente. — Quando olho para ela, não vejo nada.

— O quê? — Sr. Jordan novamente. Ele andou até Travis, estava estudando ele, duro. — O que você quer dizer com você não vê nada?

— Quero dizer, quero dizer — Travis suspirou. Seu rosto ficou manchado de vermelhidão. — Quero dizer, ela não gosta, eu simplesmente não a vejo. É como se ela não existisse para mim.

Quando olho para ela, não vejo nada.

Raiva fugiu do meu corpo. Eu me senti subitamente flácida. Oca.

Lágrimas picaram meus olhos; Eu lutei com elemas de volta.

Ouvi os sons vagos e distorcidos da vitória do Sr. Jordan. Eu o ouvi bater palmas, excitado. Eu o vi se mover na minha direção, ostensivamente para me fazer dar uma volta realizando sua experiência estúpida e ao invés disso eu apenas olhei para ele, meu rosto entorpecido.

E eu fui embora.

Eu peguei minha mochila de onde eu a deixei e me movi, no que parecia ser câmera lenta, direto para fora da porta. Eu me senti cega e surda ao mesmo tempo, como se estivesse me movendo através do nevoeiro, e percebi então – quando percebi que toda vez que algo assim acontecia – que eu nunca era tão forte quanto eu esperava ser.

Eu ainda me importava muito. Eu ainda era tão fácil, pateticamente puncionada.

Eu não sabia para onde estava indo. Eu só sabia que tinha que ir. Tive que

sair, tive que sair dali antes de chorar na frente da classe, xingar o Sr. Jordan e ser expulsa.

Eu cobri cegamente pela porta e pelo corredor e no meio da escola antes de perceber que queria ir para casa. Eu queria limpar a minha cabeça; Eu queria ficar longe de tudo por um tempo. Então eu atravessei o pátio e atravessei o estacionamento e estava prestes a sair do campus quando senti alguém pegar meu braço.

— Puta *merda*, você anda rápido – Eu me virei, atordoada.

A mão de Ocean estava no meu braço, os olhos cheios de algo parecido com medo ou preocupação e ele disse: — Eu tenho chamado seu nome esse tempo todo. Você não me ouviu?

Eu olhei em volta como se estivesse perdendo a cabeça. Como isso continuou acontecendo comigo? Que diabos o Ocean estava fazendo aqui?

— Eu sinto muito — eu disse. Eu vacilei. Percebi que ele ainda estava me tocando e dei um passo repentino e nervoso para trás. — Eu, hum, eu estava meio perdida na minha cabeça.

— Sim, eu percebi — disse ele, e suspirou. — Sr. Jordan é um idiota. Que idiota completo.

Meus olhos se arregalaram. Eu estava agora, de alguma forma, ainda mais confusa. — Como você sabia sobre o Sr. Jordan?

Ocean olhou para mim. Ele parecia que não tinha certeza se eu estava brincando ou não. — Eu estou na sua *classe* — disse ele finalmente.

Eu pisquei.

— Você está falando sério? — Ele disse. — Você não sabia que eu estava na sua aula? — Ele riu, mas parecia triste. Ele balançou sua cabeça. — Uau.

Eu ainda não consegui processar isso. Era demais – muita coisa estava acontecendo de uma só vez. — Você acabou de transferir ou algo assim? — Eu perguntei. — Ou você sempre esteve na minha aula?

Ocean pareceu atordoado.

— Oh, uau, eu sinto muito mesmo — eu disse. — Eu não estava ignorando você. Eu só não olho para as pessoas a maior parte do tempo.

— Sim — ele disse, e riu novamente. — Eu sei.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

E ele suspirou. — Ei, realmente, você está bem? Eu não posso acreditar que ele fez isso com você.

— Sim. — Eu desviei o olhar. — Eu me sinto meio mal por Travis.

Ocean fez um som de descrença. — Travis vai ficar bem.

— Sim.

— Então você está bem? Você não precisa de mim para voltar lá e chutar a bunda dele?

E eu olhei para cima, incapaz de conter minha surpresa. Quando Ocean se tornou o tipo de cara disposto a defender minha honra?

Quando eu me tornei o tipo de pessoa para quem ele iria oferecer?

Eu mal falei com o cara, e mesmo assim, nós nunca conversamos muito. Na semana passada ele quase não falou comigo na biografia.

Percebi então que eu não conhecia o Ocean.

— Estou bem — eu disse. Quer dizer, eu não estava, mas eu não sabia mais o que dizer.

Eu realmente queria ir embora. E só me ocorreu que eu disse a última parte em voz alta quando ele disse: — Boa ideia. Vamos sair daqui.

— O quê? — Eu acidentalmente ri dele. — Você está falando sério?

— Você estava prestes a matar a aula —disse ele. — Não era?

Eu assenti.

— Bem — ele disse, e encolheu os ombros. — Eu vou com você.

— Você não precisa fazer isso.

— Eu sei que não *preciso fazer isso* — disse ele. — Eu só quero. Tudo bem?

Eu olhei para ele.

Eu olhei para ele e seu cabelo castanho simples e descomplicado. Sua suave camisola azul e jeans escuros. Ele estava usando tênis muito branco. Ele também estava me encarando sob a luz fria do sol, esperando pela minha resposta, e ele finalmente puxou um par de óculos escuros do bolso e colocou-os. Eles eram bons óculos de sol. Eles pareciam bem nele.

— Sim — eu disse baixinho. — Tudo bem.

10

Dez

Nós caminhamos para IHOP.

Não era longe do campus, e parecia um destino bastante inócuo para comida barata e uma pequena mudança de cenário. Mas então estávamos sentados em uma mesa, sentados em frente um do outro, e de repente eu não tinha ideia do que estava fazendo. O que nós estávamos fazendo.

Eu estava tentando pensar no que dizer, como dizê-lo, quando Ocean pareceu se lembrar de repente que ele ainda usava óculos escuros.

Ele disse: — Oh, certo...

E os tirou.

Foi uma coisa tão simples. Foi um momento calmo e completamente sem graça. O mundo não parou de girar; pássaros de repente não começaram a cantar. Obviamente, eu vi seus olhos antes. Mas de alguma forma, de repente, foi como se eu os estivesse vendo pela primeira vez. E de alguma forma, de repente, eu não consegui parar de olhar para o rosto dele. Algo vibrou contra o meu coração. Eu senti minha armadura começar a quebrar.

Ele tinha olhos muito bonitos.

Eles eram uma mistura incomum de azul e marrom e juntos formavam uma espécie de cinza. Eu nunca peguei as sutilezas antes.

Talvez porque ele nunca tenha me olhado assim antes. Sempre em frente. Sorridente. Realmente sorrindo para mim. Eu só então percebi que eu nunca tinha recebido um sorriso completo do Ocean antes. Na maioria das vezes, seus sorrisos eram confusos ou assustados ou uma combinação de várias outras coisas. Mas, por alguma razão, neste momento extremamente feio no IHOP, ele sorria para mim como se houvesse algo para celebrar.

— O que? — Ele finalmente disse.

Eu pisquei rápido, assustada. Envergonhada. Olhei para o meu cardápio e disse: — Nada — muito baixinho.

— Por que você estava olhando para mim?

— Eu não estava olhando para você. — Eu segurei o menu mais perto do meu rosto.

Ninguém disse nada por alguns segundos.

— Você nunca ficou online de novo no fim de semana — disse ele.

— Sim.

— Por que não? — Ele estendeu a mão e gentilmente empurrou o cardápio para longe do meu rosto.

Oh meu Deus.

Eu não consegui descobrir. Eu não pude desanexar, *oh meu Deus*, alguém me salve de mim mesmo, eu não pude desvincular o rosto dele. O que aconteceu comigo? Por que de repente eu estava tão atraída por ele?

Por quê?

Eu procurei cegamente em minha mente por paredes, armaduras antigas, qualquer coisa para me manter a salvo disso – do perigo de todas as coisas estúpidas que aconteceram com meus garotos bonitos – mas nada estava funcionando porque ele não parava de olhar para mim.

— Eu estava ocupada — eu disse, mas as palavras saíram um pouco estranhas.

— Oh — disse ele, e sentou-se. Seu rosto era inescrutável. Ele pegou seu cardápio, seus olhos examinando suas muitas opções.

E então, eu não sei. Eu não aguentava mais.

— Por que você está saindo comigo? — Eu disse.

As palavras simplesmente aconteceram. Elas apenas saíram, sem fôlego e um pouco zangadas. Eu não o entendi, não gostei do que estava acontecendo no meu coração ao seu redor, não gostei que eu não tivesse ideia do que ele estava pensando. Eu estava confusa como o inferno e isso me fez sentir tão desequilibrada, fora do meu jogo, e eu só precisava quebrar essa coisa e acabar com isso.

Eu não pude evitar.

Ocean se sentou, baixou o cardápio. Ele pareceu surpreso. — O que você quer dizer?

— Quero dizer... — olhei para o teto, mordi o lábio — quero dizer, não entendo o que está acontecendo aqui. Por que você está sendo tão legal

comigo? Por que você está me seguindo para fora da aula? Por que você está pedindo para jantar na minha casa...

— Oh, ei, sim, você perguntou a seus pais sobre isso...

— Eu não entendo o que você está fazendo — eu disse, interrompendo-o. Eu podia sentir meu rosto ficando quente. — O que você quer de mim?

Seus olhos se arregalaram. — Eu não quero nada de você.

Eu engoli em seco. Desviei o olhar. — Isso não é normal, Ocean.

— O que não é normal?

— Isso — eu disse, gesticulando entre nós. — *Isso*. Isso não é normal. Caras como você não falam com garotas como eu.

— Garotas como você?

— Sim — eu disse. — Garotas como de mim. — Eu estreitei meus olhos para ele. — Por favor, não finja que você não sabe do que estou falando, ok? Eu não sou uma idiota.

Ele olhou para mim.

— Eu só quero saber o que está acontecendo — eu disse. — Eu não entendo porque você está se esforçando para ser meu amigo. Eu não entendo porque você continua aparecendo na minha vida. Você sente pena de mim ou algo assim?

— Oh. — Ele levantou as sobrancelhas. — Uau.

— Porque se você está apenas sendo legal comigo porque sente pena de mim, por favor, não faça isso.

Ele sorriu um pouco e só para si mesmo. — Você não entende — disse ele. Não foi uma pergunta.

— Não, eu não entendo. Estou tentando entender e não entendo e estou enlouquecendo.

Ele riu, apenas uma vez. — Por que você está enlouquecendo?

— Apenas isso.

— OK.

— Você sabe o que? — Eu balancei a cabeça. — Deixa pra lá.

Eu acho que deveria ir.

— Não... — Ele suspirou, com força, se cortando. — Não vá. — Ele bagunçou seus cabelos, murmurou, — *Jesus Cristo*, — baixinho, e finalmente

disse: — Eu só acho que você parece legal, ok? — Ele olhou para mim. — É tão difícil acreditar?

— Mais ou menos.

— Eu também acho que você é realmente linda, mas você não vai me dar a chance de ser legal sobre isso, vai?

Eu pensei, com certeza, que meu coração parou. Eu sabia, racionalmente, que tal coisa era impossível, mas por algum motivo parecia verdade.

A única vez que alguém me chamava de alguma coisa perto de bonita era quando eu estava na oitava série. Eu ouvi alguém dizer isso. Ela estava explicando para outra garota que ela não gostava de mim porque achava que eu era uma daquelas garotas que era realmente bonita e realmente malvada. Ela disse isso de uma forma cruel e irreverente que me fez pensar que ela realmente queria dizer isso.

Na época, foi a coisa mais legal que alguém já havia dito sobre mim. Eu me perguntava muitas vezes, desde aquele dia, se eu era realmente bonita, mas ninguém além de minha mãe se preocupava em corroborar sua afirmação.

E agora, aqui Eu fiquei chocada.

— Oh — foi tudo o que consegui dizer. Meu rosto parecia ter sido incendiado.

— Sim — ele disse. Eu não estava mais olhando para ele, mas eu poderia dizer que ele estava sorrindo. — Você entende agora?

— Mais ou menos — eu disse.

E então pedimos panquecas.

11

Onze

Passamos o resto da nossa experiência do IHOP falando sobre nada em particular. Na verdade, nós mudamos as marchas tão rapidamente de algo sério para superficial que eu realmente saí pela porta me perguntando se eu tinha imaginado a parte em que ele me disse que eu era linda.

Eu acho que foi minha culpa. Eu meio que congelei. Eu o empurrei tanto para me dar uma resposta direta, mas o que eu recebi não foi o que eu estava esperando e isso me desequilibrou. Eu não sabia o que fazer com isso.

Isso me fez sentir vulnerável.

Então nós conversamos sobre filmes. Coisas que vimos; coisas que não tínhamos. Tudo bem, mas foi meio chato. Acho que ambos ficamos aliviados quando finalmente deixamos o IHOP para trás, como se estivéssemos tentando nos livrar de algo embaraçoso.

— Você sabe que horas são? — Eu perguntei a ele. Nós estávamos andando em silêncio, lado a lado, indo em nenhuma direção particular.

Ele olhou para o relógio e disse: — O terceiro período está quase no fim.

Suspirei. — Eu acho que devemos voltar para a escola.

— Sim.

— Tanto para abandonar.

Ele parou de andar e tocou meu braço. Disse meu nome.

Eu olhei para cima.

Ocean era um pouco mais alto que eu, e eu nunca tinha olhado para ele assim antes. Eu estava em pé na sua sombra. Nós estávamos na calçada, de frente um para o outro, e não havia muito espaço entre nós.

Ele cheirava muito bem. Meu coração estava estranho de novo.

Mas seus olhos estavam preocupados. Ele abriu a boca para dizer alguma coisa e então, de repente, mudou de idéia. Desviou o olhar.

— O que foi? — Eu disse.

Ele balançou sua cabeça. Sorriu para mim com o canto do olho, mas apenas brevemente. — Nada. Deixa pra lá.

Eu poderia dizer que algo o estava incomodando, mas sua relutância em compartilhar me fez pensar que eu provavelmente não queria saber o que ele estava pensando. Então eu mudei de assunto.

— Ei, há quanto tempo você mora aqui?

Inesperadamente, Ocean sorriu. Ele parecia ao mesmo tempo satisfeito e surpreso ao ser perguntado. — Desde sempre — disse ele. E então — quero dizer, eu me mudei para cá quando tinha tipo seis, mas sim, basicamente desde sempre.

— Uau — eu disse. Eu quase sussurrei a palavra. Ele descreveu em uma única frase algo com que eu sempre sonhei. — Deve ser bom morar no mesmo lugar por tanto tempo.

Nós começamos a andar de novo.

Ocean se aproximou, pegou uma folha de uma árvore que estávamos passando e girou em torno de suas mãos. — Tudo bem.

— Ele deu de ombros. — Fica meio chato, na verdade.

— Eu não sei — eu disse. — Parece muito legal. Você provavelmente conhece seus vizinhos, né? E você pode ir para a escola com as mesmas pessoas.

— As mesmas pessoas — disse ele, assentindo. — Sim. Mas confie em mim, fica velho, rápido. Estou morrendo de vontade de dar o fora daqui.

— Realmente? — Eu me virei para olhar para ele. — Por quê?

Ele jogou a folha, enfiou as mãos nos bolsos. — Há muito o que eu quero fazer — disse ele. — Coisas que eu quero ver. Eu não quero ficar preso aqui para sempre. Eu quero morar em uma cidade grande. Viajar. Ele olhou para mim. — Eu nunca saí do país, sabe?

Eu sorri para ele, mais ou menos. — Não realmente — eu disse. — Acho que já viajei o suficiente para nós dois. Estou pronta para me aposentar. Estabelecer-me. Envelhecer.

— Você tem *dezesseis* anos.

— Mas no meu coração eu sou um homem de setenta e cinco anos.

— Uau, eu realmente espero que não.

— Você sabe, quando eu tinha oito anos — eu disse — meus pais tentaram voltar para o Irã. Eles arrumaram toda a nossa merda e venderam a casa e apenas deram um salto. — Eu ajustei a mochila nos meus ombros. Suspirei. — Em última análise, não deu certo. Nós éramos muito americanos. Muito havia mudado. Mas eu vivi no Irã por seis meses, saltando entre a cidade e o campo. Eu fui a uma escola internacional realmente chique em Teerã por um tempo, e todos os meus colegas de classe eram esses horríveis, mimados e idiotas filhos de diplomatas. Eu chorava todos os dias. Implorei a minha mãe para me deixar ficar em casa. Mas então passamos algum tempo mais ao norte, em uma parte do país ainda mais próxima do mar Cáspio, e fui para a aula com um bando de garotos da aldeia. A escola inteira era um quarto único – direto de *Anne of Green Gables* – e das doze escolas que participei na minha vida, ainda é a minha favorita. — Eu ri. — As crianças costumavam me perseguir na hora do almoço e me imploravam para dizer coisas em inglês. Eles estavam obcecados com a América — expliquei. — Eu nunca fui tão popular na minha vida. — Eu ri, de novo, e olhei para cima para encontrar os olhos de Ocean, mas ele diminuiu a velocidade. Ele estava olhando para mim e eu não conseguia ler sua expressão.

— O que? — eu disse. — Muito estranho?

O olhar intenso em seus olhos evaporou. Na verdade, ele pareceu subitamente frustrado. Ele balançou a cabeça e disse: — Eu gostaria que você parasse de dizer coisas assim para mim. Eu não acho que você é estranha. E eu não sei porque você acha que eu vou ter uma epifania repentina de que você é estranha e comece a surtar.

Eu não vou. OK? Eu realmente não me importo que você cubra seu cabelo. Eu não me importo. Quero dizer — ele hesitou — desde que seja algo que você realmente queira fazer.

Ele olhou para mim. Esperei por algo.

Eu olhei para trás, confusa.

— Quero dizer — ele disse — seus pais não obrigam você a usar lenço de cabeça, não é?

— O quê? — Eu fiz uma careta. — Não. Não, quero dizer, eu não amo o jeito que as pessoas me tratam por usá-lo – o que muitas vezes me faz pensar se eu não deveria simplesmente parar – mas não — eu disse. Eu olhei para longe. — Quando não estou pensando em pessoas me assediando todos os dias, eu realmente gosto do jeito que isso me faz sentir. É legal.

— Legal como?

Nós oficialmente paramos de andar. Estávamos em pé na calçada, ao lado

de uma espécie de estrada movimentada, onde eu estava tendo uma das conversas mais pessoais que já tive com um menino.

— Quero dizer, eu não sei — eu disse. — Isso me faz sentir, eu não sei. Como se eu estivesse no controle. Eu posso escolher quem vai me ver. Como eles me veem. Eu não acho que é para todos — eu disse, e encolhi os ombros. — Eu conheci garotas que se sentem forçadas a usá-lo e elas odeiam isso. E eu acho que isso é besteira.

Obviamente, não acho que ninguém deva usá-lo se não quiser. Mas eu gosto disso — eu disse. — Eu gosto que você tenha que pedir minha permissão para ver meu cabelo.

Os olhos de Ocean se arregalaram de repente. — Posso ver seu cabelo?

— Não.

Ele riu alto. Desviou o olhar. Ele disse: — Tudo bem. — E então, em silêncio, — Eu já posso ver o seu cabelo, no entanto.

Eu olhei para ele, surpresa.

Enrolei meu lenço um pouco, o que fez com que um pouco do meu cabelo, no topo, às vezes aparecesse, e algumas pessoas estavam obcecadas com esse detalhe. Eu não tinha certeza do porquê, mas eles adoravam apontar para mim que eles já podiam ver um centímetro do meu cabelo, como talvez isso fosse o suficiente para anular a coisa toda. Eu achei essa fixação um tanto hilária.

— Sim — eu disse. — Bem, quero dizer, geralmente é tudo o que é preciso. Os caras vêem uma polegada do meu cabelo e eles apenas, você sabe — eu imitei uma explosão com a mão — perdem a cabeça. E então são apenas propostas de casamento em todo o lugar.

Ocean parecia confuso.

Ele não disse nada por um segundo e depois — Oh. Oh. Você está brincando.

Eu olhei com curiosidade para ele. — Sim — eu disse. — Estou super brincando.

Ele estava olhando para mim com a mesma curiosidade que eu olhava para ele. Nós ainda estávamos de pé na calçada, conversando. Olhando um para o outro.

Finalmente, ele disse: — Então você está tentando me dizer que o que eu disse foi estúpido, hein? Eu só entendi isso.

— Sim — eu disse. — Eu sinto muito. Eu sou geralmente mais direta.

E ele riu. Ele desviou o olhar. Olhou de volta para mim. — Estou deixando isso estranho? Eu deveria parar de te fazer essas perguntas?

— Não, não. — Eu balancei a cabeça. Sorri mesmo. — Ninguém nunca me faz essas perguntas. Eu gosto que você pergunte. A maioria das pessoas apenas assume que sabe o que estou pensando.

— Bem, eu não tenho ideia do que você está pensando. Como sempre.

— Agora — eu disse, — estou pensando que você é muito mais corajoso do que eu pensava que você seria. Estou meio impressionada.

— Espere, o que você quer dizer, do que você *pensou* que eu seria?

Eu não pude evitar, de repente eu estava rindo. — Eu não sei. Quando te conheci? Você parecia realmente tímido — falei. — Meio aterrorizado.

— Bem, para ser justo, você é aterrorizante.

— Sim — eu disse, sóbria em um instante. — Eu sei.

— Eu não quero dizer — ele balançou a cabeça, riu — Eu não quero dizer por causa de seu lenço ou sua religião ou qualquer outra coisa. Eu só quero dizer que você não se vê do jeito que as outras pessoas fazem.

Eu levantei uma sobrancelha para ele. — Tenho certeza que sei como outras pessoas me veem.

— Talvez algumas pessoas — disse ele. — Sim. Eu tenho certeza que existem pessoas horríveis no mundo. Mas há muitas outras pessoas que estão olhando para você porque acham que você é interessante.

— Bem, eu não quero ser *interessante* — eu disse. — Eu não existo para fascinar estranhos. Estou apenas tentando viver. Eu só quero que as pessoas sejam normais ao meu redor.

Ocean não estava olhando para mim quando disse baixinho: — Eu não tenho ideia de como alguém deveria ser normal ao seu redor. Eu não posso nem ser normal perto de você.

— O que? Por que não?

— Porque você é uma louca intimidante — disse ele. — E você nem vê isso. Você não olha para as pessoas, não fala com as pessoas, não parece se importar com nada que a maioria das crianças está obcecada. Quero dizer, você aparece na escola parecendo que acabou de sair de uma revista e acha que as pessoas estão olhando para você por causa de algo que viram nos noticiários.

Eu parei de repente.

Meu coração pareceu acelerar e diminuir a velocidade. Eu não sabia o que dizer, e Ocean não encontrava meus olhos.

— De qualquer forma — disse ele. Ele limpou a garganta. Eu notei que ele ficou rosa em torno das orelhas. — Então você foi para doze escolas diferentes?

Eu assenti.

— Droga.

— Sim — eu disse. — É uma merda. Continua a irritar.

— Sinto muito por ouvir isso.

— Quero dizer, não é ruim agora — eu disse, olhando para os nossos pés.
— Agora não é tão ruim assim.

— Não?

Eu olhei para cima. Ele estava sorrindo para mim.

— Não, eu disse. — Agora não é nada ruim.

12

Doze

Ocean e eu nos separamos para o almoço.

Eu acho que ele poderia ter se juntado a mim, se eu tivesse perguntado, mas eu não perguntei. Eu não sabia o que ele fazia no almoço, quem eram seus amigos, quais eram suas obrigações sociais, e eu não tinha certeza se queria saber ainda. No momento, eu só queria espaço para processar nossa conversa. Eu queria espaço para descobrir o que fazer com a aula do Sr. Jordan. Eu queria tempo para acertar meu cérebro. Eu não estava mais com fome, graças à pilha de panquecas que eu tinha comido no IHOP, então fui direto para a minha árvore.

Essa foi a minha solução para o solitário problema da hora do almoço. Eu tinha me cansado do banheiro e da biblioteca, e já passava tempo suficiente para que eu não me sentisse mais autoconsciente em comer sozinha. Esta escola tinha alguns espaços verdes e eu escolhi uma árvore ao acaso para fazer a minha. Eu escolhi uma árvore. Sentei-me sob ela, encostada no tronco. Eu comia comida se estivesse com fome; mas principalmente eu escrevia no meu diário ou lia um livro.

Hoje cheguei atrasada.

E outra pessoa estava sentada debaixo da minha árvore.

Eu não estava olhando para as pessoas, como era o meu infeliz hábito, então eu não notei a pessoa sentada embaixo da minha árvore até que eu quase pisei nele.

Ele gritou.

Eu pulei para trás. Assustada. — Oh — eu disse: — Oh meu Deus, me desculpe.

Ele levantou-se, franziu a testa e eu dei uma olhada real em seu rosto e quase caí. Ele era, uau, ele era possivelmente o cara mais bonito que eu já vi. Ele tinha pele morena quente e olhos castanhos e ele parecia distintamente do Oriente Médio. Eu tinha um senso de espírito para esse tipo de coisa. Ele

também não estava claramente no segundo ano, quem quer que fosse; ele era talvez da idade do meu irmão.

— Oi — eu disse.

— Ei — ele disse de volta. Ele estava olhando curiosamente para mim. — Você é nova aqui?

— Sim. Eu me transferi neste ano.

— Uau, legal — disse ele. — Não temos muitos hijabis nessas partes. Isso é muito corajoso — ele disse, acenando para a minha cabeça.

Mas eu estava distraída. Eu nunca pensei que eu iria ouvir qualquer criança nesta escola usar a palavra hijab tão casualmente.

Hijab era a palavra para um lenço de cabeça em árabe. Hijabis era uma espécie de termo coloquial que algumas pessoas usavam para descrever garotas que usavam hijab. Tinha que haver uma razão para ele saber disso.

— Você é muçulmano? — Perguntei.

Ele assentiu. — Ei, por que você estava prestes a pisar em mim?

— Oh — eu disse, e me senti de repente estranhoma. — Eu normalmente sento aqui durante o almoço. Eu simplesmente não vi você.

— Oh, erro meu — disse ele, olhando para a árvore. — Eu não percebi que esse era o lugar de alguém. Eu estava pegando alguma lição de casa antes da aula. Precisava de um lugar tranquilo para trabalhar.

— A biblioteca é bastante confiável para esse tipo de coisa — eu disse.

Ele riu, mas não se ofereceu para explicar por que ele ignorou a biblioteca. Em vez disso, ele disse: — Você é síria?

Eu balancei a cabeça.

— Turca?

Eu balancei a cabeça novamente. Eu tenho muito isso. Havia algo no meu rosto, aparentemente, que fazia com que as pessoas nunca soubessem onde me colocar no mapa. — Eu sou persa.

— Oh — disse ele, com as sobrancelhas erguidas. — Legal legal. Eu sou libanês.

Eu balancei a cabeça, sem surpresa. Na minha experiência, os caras mais quentes do Oriente Médio sempre foram libaneses.

— De qualquer forma — disse ele, e respirou fundo. — Foi bom conhecê-la.

— Você também — eu disse. — Eu sou Shirin.

— Shirin — disse ele, e sorriu. — Agradável. Bem, espero te ver de novo algum dia. Eu sou Yusef.

— Ok — eu disse, o que era uma coisa estúpida para dizer, mas eu realmente não percebi no momento. — Tchau.

Ele acenou e se afastou e eu não estava muito orgulhosa de vê-lo ir. Ele estava usando um suéter apertado que pouco fazia para esconder o fato de que ele tinha o corpo de um atleta.

Droga. Eu estava realmente começando a gostar dessa escola.

Bio foi minha última aula do dia. Eu estava esperando ver Ocean, mas ele nunca apareceu. Larguei minha bolsa no chão e olhei ao redor da sala de aula. Eu sentei no meu lugar e me senti distraída.

Quando fomos enviados para nossos laboratórios, eu cortei meu gato encharcado e não pude deixar de me perguntar onde ele estava. Eu até me preocupei, por um segundo, que algo ruim poderia ter acontecido. Mas não havia nada a ser feito sobre isso.

Quando o sinal tocou, fui para a prática.

— Então eu ouvi que você matou aula hoje — foi a primeira coisa que meu irmão me disse.

Merda.

Eu quase me esqueci disso. — Quem te disse que eu matei aula?

— Sr. Jordan — O quê? — Ultraje novamente. — Por quê? Como vocês dois se conhecem?

Navid apenas balançou a cabeça. Ele quase riu. — Sr. Jordan é nossa supervisora do clube de breakdance.

— É claro que ele é. — O professor legal Sr. Jordan teria aproveitado a chance de supervisionar um clube de breakdancing.

Claro.

— Ele disse que estava preocupado com você. Ele disse que você ficou chateada durante as aulas e saiu correndo sem dizer uma palavra. — Navid fez uma pausa. Me nivelou com um olhar. — Ele disse que você fugiu com um cara.

— O quê? — Eu fiz uma careta. — Primeiro de tudo, eu não fiquei sem aula. E em segundo lugar, eu não saí com *um cara*. Ele me seguiu.

— Seja como for — disse Navid. — O que está acontecendo aqui? Você está abandonando a aula? Correndo fora do campus com caras aleatórios? Eu vou ter que chutar a merda de alguém amanhã?

Eu revirei meus olhos. Carlos, Bijan e Jacobi estavam assistindo a nossa conversa com grande fascinação e eu estava irritada com todos eles. — Sr. Jordan estava sendo um babaca — eu disse. — Ele me forçou e a esse outro cara a olhar um para o outro na frente de toda a classe, e então ele disse ao cara para dizer, em voz alta, exatamente o que ele estava pensando quando olhava para mim.

— E? — Meu irmão cruzou os braços. — E daí?

Eu olhei para ele, surpresa. — O que você quer dizer, *e daí*? O que você acha que aconteceu? Foi humilhante.

Navid deixou cair os braços. — O que você quer dizer com isso foi humilhante?

— Quero dizer que foi horrível. Ele disse que eu parecia nada.

Que eu basicamente não existia. — Eu acenei com a mão frustrada.

— Tanto faz. Parece estúpido agora, eu sei, mas realmente feriu meus sentimentos. Então eu saí.

— Droga — disse Navid em voz baixa. — Então eu realmente tenho que chutar a merda de alguém amanhã.

— Você não tem que chutar a merda de ninguém — eu disse, e caí no chão. — Está bem. Eu acho que posso simplesmente largar a aula. Ainda há tempo.

— Eu não penso assim. — Navid balançou a cabeça para mim.

— Tenho certeza que você perdeu a janela. Você ainda pode retirar, mas vai aparecer na sua transcrição assim, que m...

— Eu não dou a mínima para a minha transcrição — eu disse, irritada.

— Tudo bem — disse ele, levantando as mãos. — Ok. — Meu irmão olhou para mim, genuinamente simpático, por cinco segundos antes de ele de repente franzir a testa. — Espere, eu não entendo uma coisa — por que você abandonaria a aula com um cara que pensa que você não existe?

Eu balancei a cabeça. Suspirei. — Cara diferente — eu disse.

Navid levantou as sobrancelhas. — Cara diferente? — Ele olhou para seus amigos. — Vocês três estão ouvindo essa merda? Ela diz que era um cara *diferente*.

Carlos riu.

— Essas crianças crescem rápido — disse Jacobi.

Bijan sorriu para mim e disse: — Droga, garota.

— Oh meu Deus — eu disse, apertando meus olhos fechados.

— Cale a boca, todos vocês. Você está sendo ridículo.

— Então, quem é o cara diferente? — Perguntou Navid. — Ele tem um nome?

Eu abri meus olhos. Olhei para ele. — Não.

A boca de Navid caiu aberta. Ele estava meio sorrindo, meio surpreso. — Uau — disse ele. — *Uau*. Você deve realmente gostar dele.

— Eu não gosto dele — eu retruquei. — Eu só não quero que você o incomode.

— Por que nós o incomodaríamos?— Meu irmão ainda estava sorrindo.

— Podemos apenas começar a praticar? Por favor?

— Não até você me dizer o nome dele.

Suspirei. Eu sabia que a minha evasão só pioraria a situação, por isso desisti. — O nome dele é Ocean.

Navid franziu a testa. — Que tipo de nome é Ocean?

— Você sabe, as pessoas se perguntam a mesma coisa sobre você.

— Seja como for — disse ele. — Meu nome é incrível.

— De qualquer forma — eu disse, — Ocean é meu parceiro de laboratório em outra classe. Ele só se sentiu mal por o Sr. Jordan ser um idiota.

Meu irmão ainda parecia cético, mas ele não insistiu. Pude senti-lo começar a se afastar, a perder o interesse pela conversa e isso me deixou subitamente ansiosa. Havia algo que eu ainda queria dizer.

Algo que estava me incomodando o dia todo. Eu estava deliberando por horas se deveria ou não fazer a pergunta – até mesmo como fazer a pergunta – e, finalmente, eu simplesmente desisti e fiz uma bagunça.

— Ei, Navid? — Eu disse baixinho.

Ele se virou para pegar algo da bolsa e olhou de volta para mim.

— Sim?

— Você... — eu hesitei. Reconsiderado.

— Eu o que?

Eu respirei fundo. — Você acha que eu sou bonita?

A reação de Navid à minha pergunta foi tão absurda que quase nem sei como descrevê-la. Ele parecia de algum modo chocado e confuso e histérico ao mesmo tempo. Eventualmente, ele riu. Forte.

Soava estranho.

Eu estava mortificada.

— Oh meu Deus, não importa — eu disse rapidamente. — Me desculpe, eu até perguntei. Isso foi tão idiota.

Eu estava do outro lado da sala quando Navid correu – lentamente, arrastando seus tênis – atrás de mim e disse: — Espere, espere, me desculpe — — Esqueça — eu disse com raiva. Eu estava corando pela minha linha do cabelo. Eu agora estava muito perto de Bijan, Carlos e Jacobi, e não queria que eles ouvissem essa conversa. Tentei desesperadamente transmitir isso com meus olhos, mas Navid parecia incapaz de captar meus sinais. — Eu não quero falar sobre isso, ok? Esqueça que eu disse qualquer coisa.

— Ei, escute — disse Navid, — fiquei surpreso. Eu não estava esperando que você dissesse algo assim.

— Dissesse algo como o quê? — Isso, de Bijan.

Eu queria morrer.

— Nada — eu disse a Bijan. Eu olhei para Navid. — *Nada*, ok?

Navid olhou para os caras e suspirou. — Shirin quer saber se eu acho que ela é bonita. Mas, escute, — ele disse, olhando para mim de novo — eu não acho que deveria estar respondendo a essa pergunta. Isso parece uma pergunta muito estranha para uma irmã perguntar ao irmão dela, sabe? Talvez você devesse perguntar a esses caras – ele disse, acenando para o resto do grupo.

— *Oh meu Deus* — eu disse, meio sussurrando as palavras. Eu realmente pensei que poderia matar meu irmão. Eu queria fechar minhas mãos ao redor de sua garganta. — O que há de *errado* com você? — Eu gritei.

E depois — — Eu acho que você é bonita — disse Carlos. Ele estava retificando seus cadarços. Ele disse que a declaração como se ele estivesse falando sobre o tempo.

Eu olhei para ele. Eu me senti um pouco atordoada.

— Quero dizer, eu acho que você é assustadora como o inferno — disse ele, e encolheu os ombros. — Mas sim. Quero dizer sim. Muito bonitinha.

— Você acha que eu sou assustadora? — Eu disse e franzi a testa.

Carlos assentiu. Ele nem olhava para mim.

— Você acha que eu sou assustadora? — Eu disse para Bijan.

— Oh — ele disse, e ergueu as sobrancelhas. — Definitivamente.

Eu realmente dei um passo para trás, fiquei tão surpresa. — Você está falando sério? Todos vocês se sentem assim?

E todos eles assentiram. Mesmo Navid.

— Eu acho que você é linda — disse Bijan. — Se isso ajuda.

Minha boca se abriu. — Por que vocês acham que sou tão assustadora?

Eles encolheram os ombros coletivamente.

— As pessoas acham que você é má — disse finalmente Navid.

— As pessoas são idiotas — eu retruquei.

— Vê? — Navid apontou para mim. — Isso é o que você faz.

— O que? — Eu disse frustrada novamente. — As pessoas são peças de merda flamejantes para mim, tipo, o dia todo, e eu não deveria estar com raiva disso?

— Você pode ficar brava com isso — Jacobi disse, e o som de sua voz me assustou. Ele parecia, de repente, muito sério. — Mas, parece que você acha que *todo mundo* é horrível.

— Isso é porque todo mundo *é* horrível.

Jacobi balançou a cabeça. — Escute — ele disse — eu sei o que é estar com raiva o tempo todo, ok? Eu sei. Sua merda – a merda com a qual você tem que lidar – é difícil, sim. Mas você apenas – você não pode fazer isso. Você *não pode* ficar com raiva o tempo todo. Confie em mim — disse ele. — Eu tentei isso. Isso vai te matar.

Eu olhei para ele. Realmente olhei para ele. Havia algo nos olhos de Jacobi que era simpático de uma maneira que eu nunca tinha experimentado antes. Não foi *pena*. Foi reconhecimento. Ele na verdade pareceu me reconhecer, minha dor e minha raiva, de uma maneira que ninguém mais reconheceu.

Não meus pais. Nem meu irmão.

Eu senti de repente como se tivesse sido perfurada no peito. Eu senti de repente que queria chorar.

— Apenas tente ser feliz — Jacobi finalmente me disse. — Sua felicidade é a única coisa que esses babacas não suportam.

13

Treze

Toda a tarde, eu estava pensando sobre o que Jacobi me disse.

Cheguei em casa e tomei um banho e pensei sobre isso. Durante todo o jantar, pensei nisso. Sentei-me à minha mesa e olhei para a parede, escutei música e pensei sobre isso, pensei sobre isso e pensei sobre isso.

Eu me tranquei no meu quarto e pensei sobre isso.

Já passava das nove horas. A casa estava parada. Essas foram as horas de silêncio antes que meus pais exigissem que eu dormisse – as horas durante as quais todos os membros da minha família faziam uma pequena misericórdia e deixavam um ao outro em paz por um tempo. Eu estava sentada na cama, olhando para uma página em branco no meu diário.

Pensando.

Eu me perguntei, pela primeira vez, se talvez eu estivesse fazendo tudo errado. Se talvez eu tivesse me deixado cegar pela minha própria raiva, excluindo tudo o mais. Se talvez, apenas talvez, eu estivesse tão determinada a não ser estereotipada que comecei a estereotipar todos ao meu redor.

Isso me fez pensar em Ocean.

Ele continuou tentando ser gentil comigo e, em uma virada inesperada de eventos, sua bondade me deixou irritada e confusa. Eu o empurrei para longe porque tinha medo de estar remotamente perto de alguém que, eu tinha certeza, um dia me machucaria. Eu não confiava mais em ninguém. Eu estava tão machucada pela repetida exposição à crueldade que agora até as menores abrasões deixavam uma marca. A dama do caixa na mercearia seria rude comigo e sua simples indelicadeza me enervaria pelo resto do dia, porque eu nunca soube – não tinha como saber— *Você é racista? Ou você está apenas tendo um dia ruim?*

Eu não conseguia mais distinguir pessoas de monstros.

Eu olhei para o mundo ao meu redor e não vi mais nuances. Eu não via nada além do potencial para a dor e a necessidade subsequente de me proteger

constantemente.

Porra, pensei.

Isso realmente foi exaustivo.

Eu suspirei e peguei meu telefone.

Ei. por que você não estava na aula hoje?

Ocean respondeu imediatamente.

uau

Eu não achei que você notaria que eu não estava
você pode ficar online?

Eu sorri.

juhehpolo: Ei

riversandoceans04: Oi

riversandoceans04: Desculpe por te deixar em bio

riversandoceans04: Ninguém deveria ter que fatiar um gato morto sozinho

juhehpolo: Realmente é a pior tarefa escolar que eu já tive

riversandoceans04: O mesmo pra mim

E depois—

Eu não sabia por que, exatamente, mas tive a sensação súbita e estranha de que algo estava errado. Era difícil dizer a partir de algumas palavras digitadas, mas senti no meu intestino. Ocean parecia desligado, de alguma forma, e eu não conseguia me livrar disso.

juhehpolo: Ei, está tudo bem?

riversandoceans04: Sim

riversandoceans04: Mais ou menos

Eu esperei.

Eu esperei e nada aconteceu. Ele não escreveu mais nada.

juhehpolo: Você não quer falar sobre isso?

riversandoceans04: Na verdade, não

juhehpolo: Você se meteu em encrencas por abandonar a aula?

riversandoceans04: Não

jujehpolo: Você está em apuros por outra coisa?

riversandoceans04: Você percebe que isso é exatamente o oposto de não falar sobre isso, certo?

jujehpolo: Sim

riversandoceans04: Mas ainda estamos falando sobre isso

jujehpolo: Estou preocupada que você esteja em apuros

E então, nossas mensagens se cruzaram no éter:

Eu escrevi *meu irmão não te incomodou, não é?* e Ocean escreveu *não se preocupe, não tem nada a ver com você*

E depois—

riversandoceans04: O que?

riversandoceans04: Por que seu irmão me incomodaria?

riversandoceans04: Eu nem sabia que você tinha um irmão

riversandoceans04: Espere

riversandoceans04: Você contou ao seu irmão sobre mim?

Merda.

jujehpolo: Aparentemente o Sr. Jordan está supervisionando nosso clube de breakdancing

jujehpolo: Ele disse ao meu irmão que eu abandonei a aula com um cara hoje

jujehpolo: E meu irmão estava louco

jujehpolo: Tudo bem agora. Eu disse a ele o que aconteceu.

riversandoceans04: Oh

riversandoceans04: SEntão o que isso tem a ver com o seu irmão me incomodando?

jujehpolo: Nada

jujehpolo: Ele só acha que nós abandonamos a aula juntos

riversandoceans04: Mas nós fizemos isso

jujehpolo: Eu sei

riversandoceans04: Então seu irmão me odeia agora?

jujehpolo: Ele nem te conhece

jujehpolo: Ele estava apenas sendo superprotetor

riversandoceans04: Espere um segundo, quem é seu irmão de novo? Ele vai para a nossa escola?

jujehpolo: Sim. Ele é um veterano. Seu nome é Navid.

riversandoceans04: Oh

riversandoceans04: Eu não acho que o conheço.

jujehpolo: Provavelmente não

riversandoceans04: Então eu deveria estar preocupado?

riversandoceans04: Sobre o seu irmão?

jujehpolo: Não

jujehpolo: Ouça, eu não estou tentando assustar você, me desculpe

riversandoceans04: Eu não estou assustado.

Claro que ele não estava.

Esprei alguns segundos para ver se ele dizia mais alguma coisa, mas ele não disse. Finalmente, eu escrevi:

jujehpolo: Então você realmente não vai me contar o que aconteceu com você hoje?

riversandoceans04: Depende

riversandoceans04: Muitas coisas aconteceram comigo hoje

Meu estômago deu um pequeno pulo. Eu não pude deixar de me perguntar se ele estava falando sobre nós. Nossas conversas anteriores. A falta de distância física entre nossos corpos enquanto estávamos em uma calçada sem importância no meio de uma cidade sem importância. Eu não sabia o que isso significava – ou se isso significava alguma coisa. Talvez eu fosse a única a experimentar essas pequenas viradas no estômago. Talvez eu estivesse projetando meus próprios sentimentos em suas palavras.

Talvez eu estivesse maluca.

Eu ainda não tinha decidido o que dizer quando ele enviou outra mensagem.

riversandoceans04: Ei

jujehpolo: Sim?

riversandoceans04: Você pode ir pro celular?

juhehpolo: Oh

juhehpolo: Você quer falar no celular?

riversandoceans04: Sim

juhehpolo: Por que?

riversandoceans04: Eu quero ouvir sua voz

Um nervosismo estranho, não exatamente indesejado, inundou-me. Meu cérebro ficou subitamente quente e talvez alguém tivesse enchido minha cabeça com água efervescente. Eu teria preferido muito ter desaparecido naquele momento; em vez de falar ao telefone, queria dissecar essa conversa em outro lugar, em algum lugar sozinha. Eu queria separar a coisa toda e juntá-la novamente.

Eu queria entender o que parecia inexplicável para mim. Na verdade, eu teria ficado feliz se *eu quero ouvir sua voz* fosse a última coisa que a Ocean me dissesse.

Em vez disso, eu escrevi *ok*. A voz de Ocean pressionada contra o meu ouvido pode ter sido uma das experiências físicas mais intensas que eu já tive. Foi estranho.

Isso me deixou surpreendentemente nervosa. Eu conversei com ele tantas vezes – ele era meu parceiro de laboratório, afinal de contas – mas de alguma forma, isso era diferente. Nós dois no telefone parecia tão privado. Como se nossas vozes tivessem se encontrado no espaço exterior.

Ele disse: — Hey — e eu senti o som lavar-me.

— Oi — eu disse. — Isso é estranho.

Ele riu. — Eu acho legal. Você parece real assim.

Eu nunca percebi isso pessoalmente, com muito mais para me distrair, mas ele tinha uma voz muito atraente. Soava diferente – bom, muito bom – em estéreo.

— Oh. — Meu coração estava acelerado. — Eu acho.

— Então, seu irmão quer chutar a minha bunda, hein?—m — O que? Não. — Eu hesitei. — Quero dizer, eu não penso assim. Na verdade não.

Ele riu novamente.

— Você tem irmãos ou irmãs? — Perguntei.

— Não.

— Oh. Bem. Isso é provavelmente o melhor.

— Eu não sei — disse ele. — Isso soa bem.

— Às vezes é realmente bom — eu disse, considerando isso. — Meu irmão e eu somos muito próximos. Mas também passamos por um período em que literalmente nos espancávamos.

— Ok, isso parece ruim.

— Sim. — Eu fiz uma pausa. — Mas ele também me ensinou a lutar, o que foi um benefício inesperado.

— Sério? — Ele parecia surpreso. — Você pode lutar?

— Nada bem.

Ele disse: — Huh — de uma maneira pensativa, e depois ficou quieto.

Eu esperei alguns segundos antes de dizer — Então o que aconteceu com você hoje?

Ele suspirou.

— Se você realmente, *realmente* não quer falar sobre isso — eu disse, — nós não temos que falar sobre isso. Mas se você quiser falar sobre isso um pouco, fico feliz em ouvir.

— Eu quero dizer a você — disse ele, mas sua voz soou de repente longe. — Eu também não quero contar a você.

— Oh — eu disse. Confusa. — OK.

— É muito pesado, muito cedo.

— *Oh* — eu disse.

— Talvez possamos falar sobre meus problemas parentais confusos depois que eu aprender seu nome do meio, por exemplo.

— Eu não tenho um nome do meio.

— Hã. Ok, e quanto a...

— Você me faz muitas perguntas.

Silêncio.

— Isso é ruim?

— Não — eu disse. — Eu só — posso fazer algumas perguntas?

Ele não disse nada por um segundo. E então, em silêncio — Ok.

Ele me contou por que seus pais o chamaram de Ocean, que a história não

era tão empolgante, ele disse que sua mãe estava obcecada com a água e que era irônico, na verdade, porque ele sempre teve esse estranho medo de se afogar e era um péssimo nadador e na verdade nunca se importou com o oceano, e que seu nome do meio era Desmond, então ele não tinha dois, mas três primeiros nomes, e eu disse a ele que realmente gostava do nome Desmond, e ele disse que tinha sido o nome do avô dele, não havia nada de especial nisso, e eu perguntei se ele conhecia o avô dele e ele disse que não, ele disse que seus pais se separaram quando ele tinha cinco anos e ele perdeu o contato com aquele lado da família dele, que ele só tinha visto seu pai ocasionalmente desde então. Eu queria fazer mais perguntas sobre seus pais, mas eu não fiz, porque eu sabia que ele não queria falar sobre isso, então eu perguntei onde ele queria ir para a faculdade e ele disse que estava dividido entre Columbia e Berkeley. porque Berkeley parecia perfeito, mas não estava em uma cidade grande, e ele disse que realmente queria morar em uma cidade grande, e eu disse sim, você disse isso antes, e ele disse: — É. Às vezes sinto que nasci na família errada.

— O que você quer dizer?

— Eu sinto que todos ao meu redor estão mortos — disse ele, e sua raiva me surpreendeu. — Como ninguém *pensa* mais. Todo mundo parece satisfeito com a merda mais deprimente. Eu não quero ser assim.

— Eu não gostaria de ser assim também.

— Sim, bem, eu não acho que você esteja em perigo.

— Oh — eu disse, surpresa. — Obrigada.

E então ele disse: — Você já teve um namorado? — e senti o momento congelar ao meu redor.

Eu nunca tive um namorado, eu disse a ele, *não, eu não tive*

— Por que não?

— Hum — Eu ri. — Uau, por onde eu começo com isso?

Primeiro de tudo, tenho certeza que meus pais ficariam horrorizados se eu tivesse *insinuado* que eu tinha sentimentos por um garoto, porque acho que eles ainda pensam que eu tenho cinco anos. Em segundo lugar, eu nunca realmente morei em um lugar o tempo suficiente para algo assim acontecer, e, não sei, Ocean... — eu ri de novo — a verdade é que os caras não, eles realmente não me convidam para sair.

— Bem, e se um cara te convidar para sair?

Eu não gostei de onde isso estava indo.

Eu não queria representar esse cenário. Honestamente, nunca pensei que chegaria tão longe. Eu estava tão certa de que Ocean nunca estaria interessado em mim que eu não me importei em considerar o quão ruim seria se ele *estivesse*.

Eu achava que Ocean era um cara legal, mas também achava que ele era ingênuo.

Talvez eu pudesse tentar me livrar da minha raiva – talvez eu pudesse tentar ser gentil por uma mudança – mas eu sabia que mesmo a atitude mais otimista não mudaria a estrutura do mundo em que vivíamos. Ocean era um homem bonito, heterossexual cara branco, e o mundo esperava grandes coisas dele. Essas coisas não envolvem se apaixonar por uma menina altamente controversa do Oriente Médio com um lenço de cabeça. Eu tive que salvá-lo de si mesmo.

Então eu não respondi a pergunta dele.

Em vez disso, eu disse: — Quero dizer, não é uma ocorrência frequente na minha vida, mas na verdade aconteceu antes. Quando eu estava no ensino médio, meu irmão passou por uma fase em que ele era um idiota total e completo, e ele passava pelo meu diário e descobria essas almas raras e corajosas e as caçava. Ele iria assustar a merda deles. — Eu parei. — Ele fez maravilhas pela minha vida amorosa, como eu tenho certeza que você pode imaginar.

E eu não sei o que eu esperava que ele dissesse exatamente, mas quando Ocean disse: — Você mantém um diário?

Percebi que não esperava que ele dissesse *isso*.

— Oh — eu disse. — Sim.

— Isso é muito legal.

E eu soube então, de alguma forma, que eu precisava terminar essa conversa. Algo estava acontecendo; alguma coisa estava mudando e isso estava me assustando.

Então eu disse, de repente: — Ei, eu provavelmente deveria ir. É tarde e ainda tenho muito trabalho a fazer.

— Oh — ele disse. E eu poderia dizer, mesmo naquela pequena palavra, que ele parecia surpreso e talvez – *talvez* – desapontado.

— Vejo você amanhã?

— Claro — disse ele.

— Ok. — Eu tentei sorrir, mesmo que ele não pudesse me ver.

— Tchau.

Depois que desligamos, desabei na cama e fechei os olhos. Essa tontura estava na minha medula, na minha mente.

Eu estava sendo idiota.

Eu sabia melhor, e eu mandei uma mensagem para ele de qualquer maneira, e agora eu estava confundindo esse pobre garoto que não tinha ideia do que ele estava se metendo. Essa coisa toda provavelmente parecia simples para ele: Ocean achava que eu era bonita e ele me disse isso; Eu não disse a ele para ir para o inferno, então aqui estávamos nós. Ele estava tentando, talvez, me convidar para sair? Chamar para sair uma garota que ele achava bonita provavelmente parecia um movimento óbvio para ele, mas isso não era algo que eu queria que acontecesse. Esse era o drama que eu não queria, não tinha interesse.

Uau, eu fui idiota.

Eu deixei minha guarda baixa. Eu fiz aquela coisa – a coisa em que eu permitia que meninos bonitos entrassem na minha cabeça e mexessem no meu bom senso – e deixei minha conversa com Jacobi me distrair do quadro maior aqui.

Nada havia mudado.

Eu cometi um erro abrindo-me assim. Isso foi um erro. Eu tinha que parar de falar com o Ocean. Eu tinha que discar de volta.

Mudar de marcha.

E rápido.

14

Catorze

Eu saí da aula do Sr. Jordan por quatro dias seguidos.

Eu tinha ido a minha conselheira acadêmica e disse a ela que queria me retirar da minha aula de Perspectivas Globais e ela perguntou por que e eu disse que não gostava da aula, que não gostava dos métodos de ensino do Sr. Jordan, e ela disse era tarde demais para largar a aula, que eu tinha um W na minha transcrição e que as faculdades não gostavam disso, e eu encolhi os ombros e ela franziu a testa e nós duas nos entreolhamos por um minuto.

Finalmente, ela disse que precisaria notificar o Sr. Jordan que eu estaria desistindo da aula. Ela disse que ele teria que aprovar a ação, eu sabia disso e disse: — Sim, tudo bem.

E eu parei de ir para a aula do Sr. Jordan. Isso funcionou bem no começo, mas no quarto dia – já era quinta-feira – ele me encontrou no meu armário.

Ele disse: — Ei. Eu não te vi em sala de aula em alguns dias.

Eu olhei para ele. Bati meu armário fechado; girei a combinação.

— Isso é porque eu não estou mais tendo sua aula.

— Eu ouvi.

— Tudo bem. — Comecei a andar.

Ele continuou. — Posso falar com você por um minuto?

— Você está falando comigo agora.

— Shirin — ele disse, — sinto muito mesmo. Percebo que fiz algo errado e gostaria muito de conversar com você.

Eu parei no meio do corredor. Virei para encará-lo. Eu estava me sentindo corajosa, aparentemente. — O que você gostaria de discutir?

— Bem, obviamente eu chateei você — *Obviamente* você me chateou, sim. — Eu olhei para ele. — Por que você faria um movimento tão idiota, Sr. Jordan? Você *sabia* que Travis ia dizer algo horrível sobre mim e você queria

que ele o fizesse.

Alunos estavam correndo ao nosso redor, alguns deles diminuindo a velocidade para olhar enquanto andavam. O Sr. Jordan parecia confuso.

— Isso não é verdade — disse ele, com o pescoço ficando vermelho. — Eu não queria que ele dissesse algo horrível sobre você.

Eu só queria que pudéssemos falar sobre estereótipos e como eles são prejudiciais. Como você é mais do que ele poderia ter presumido sobre você.

— Seja como for — eu disse. — Isso é talvez sessenta por cento verdade. Os outros quarenta por cento são que você sacrificou meu conforto apenas para parecer progressista. Você me colocou naquela situação de merda porque achou que seria chocante e empolgante.

— Podemos, por favor, falar sobre isso em outro lugar? — Ele disse, implorando com os olhos. — Talvez na minha sala de aula?

Suspirei pesadamente. — Bem.

Honestamente, eu não sabia por que ele se importava.

Eu não sabia que seria tão grande desistir de sua aula, mas eu não sabia nada sobre ser professora. Talvez minha queixa tenha deixado o Sr. Jordan em apuros. Eu não fazia ideia.

Mas ele simplesmente não estava desistindo disso.

— Sinto muito — disse ele pela quinta vez. — Eu realmente sinto. Eu nunca quis te chatear assim. Eu realmente não achei que isso machucaria você.

— Então você não *pensou* — eu disse. Minha voz estava tremendo um pouco; algumas das minhas bravatas se esgotaram.

Aqui, separados por sua mesa, de repente eu estava muito ciente do fato de que eu estava conversando com um professor, e velhos hábitos profundamente enraizados estavam me lembrando que eu era apenas uma criança de dezesseis anos muito à mercê desses adultos aleatórios mal pagos. — Não é muito um salto — eu disse a ele, falando com mais calma agora, — imaginar algo como isso ser doloroso. E de qualquer forma, isso nem sequer é sobre você ferir meus sentimentos.

— Não é?

— Não — eu disse. — É sobre o fato de você achar que está sendo útil. Mas se você tivesse parado para pensar por cinco segundos em o que minha vida era, como se tivesse percebido que você não estava me fazendo um favor. Eu não preciso ouvir mais pessoas dizendo merda no meu rosto, ok? Eu

não preciso. Eu já tive o suficiente para durar uma vida inteira. Você não consegue me dar um exemplo — eu disse. — Não é assim.

— Eu sinto muito.

Eu balancei a cabeça. Desviei o olhar.

— O que posso fazer para você voltar para a aula?

Eu levantei uma sobrancelha para ele. — Eu não estou procurando fazer um acordo.

— Mas precisamos da sua voz na sala de aula — disse ele. — O que você acabou de me dizer aqui, agora mesmo — eu quero ouvir você dizer isso na aula. Você pode me dizer quando estou estragando também, ok? Mas se você se afastar no segundo, será difícil, como algum de nós aprenderá? Quem vai estar lá para nos guiar?

— Talvez você possa procurar. Visite uma biblioteca.

Ele riu. Suspirou. Sentou-se em sua cadeira. — Eu entendo — disse ele, levantando as mãos em derrota. — Eu entendo. Não é seu trabalho educar os ignorantes.

— Não — eu disse. — Não é. Estou cansada como o inferno, Sr. Jordan. Eu tenho tentado educar as pessoas por anos e é *cansativo*.

Estou cansada de ser paciente com fanáticos. Estou cansada de tentar explicar porque eu não mereço ser tratada como um pedaço de merda o tempo todo. Estou cansada de implorar a todos que entendam que as pessoas de cor não são todas iguais, que nem todos acreditam nas mesmas coisas, sentem as mesmas coisas ou experimentam o mundo da mesma maneira. — Eu balancei a cabeça — Estou apenas — estou cansada de tentar explicar ao mundo por que o racismo é ruim, ok? Por que esse é meu trabalho?

— Não é.

— Você está certo — eu disse. — Não é.

— Eu sei.

— Eu não acho que você saiba.

Ele se inclinou para frente. — Volte para a aula — disse ele. — Por favor. Eu sinto muito.

O Sr. Jordan estava me vestindo.

Eu nunca tinha falado com um professor assim antes, e eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei surpresa por estar saindo impune. Ele também parecia — eu não sei? Ele realmente parecia genuíno. Isso me fez

querer dar-lhe outra chance.

Ainda assim, eu disse: — Escute, agradeço seu pedido de desculpas, mas não sei se você realmente me quer de volta à sua aula.

Ele pareceu surpreso. — Por que não?

— Porque — eu disse — se você puxar outro truque como esse, eu posso dizer para você ir para o inferno na frente de todos os seus alunos.

Ele parecia imperturbável. — Eu posso aceitar esses termos.

Finalmente, eu disse: — Tudo bem.

O Sr. Jordan sorriu tanto que achei que poderia quebrar seu rosto. — Sim?

— Sim, tanto faz. — Levantei-me.

— Vai ser um ótimo semestre — disse ele. — Você não vai se arrepender.

— Uh-huh.

O Sr. Jordan levantou-se também. — A propósito, estou muito animado para ver vocês se apresentarem no show de talentos. Parabéns.

Eu congelo. — Desculpe?

— O show de talentos da escola — disse ele. Ele parecia confuso. — O clube de breakdancing?

— E isso?

— Seu irmão assinou vocês duas semanas atrás. Ele não te contou? Sua inscrição foi aceita hoje. É realmente um grande negócio, na verdade...

— Oh, *merda* — eu disse, e gemi.

— Ei, vai ser ótimo, vocês vão se sair muito bem...

— Sim, eu tenho que ir — eu disse. E eu tinha um pé fora da porta quando o Sr. Jordan chamou meu nome.

Voltei a olhar para ele.

Seus olhos ficaram tristes de repente. — Eu realmente espero que você não deixe essas coisas te derrubarem — disse ele. — A vida fica muito melhor depois do ensino médio, eu juro.

Eu queria dizer, *então por que você ainda está aqui?* Mas decidi dar-lhe uma folga. Em vez disso, atirei-lhe um meio sorriso e fugi.

15

Quinze

Eu entrei em prática e Navid bateu palmas, sorriu e disse: — Grandes notícias.

— Oh sim? — Eu deixei cair minha bolsa no chão. Eu queria matá-lo.

— Show de talentos da escola — disse ele, e sorriu mais. — Algumas semanas depois de voltarmos das férias de inverno, o que significa que temos cerca de três meses para nos prepararmos. E nós vamos começar agora.

— Besteira, Navid.

Seu sorriso desapareceu. — Ei, — ele disse — achei que você seria mais legal agora. O que aconteceu com esse novo plano?

Eu revirei meus olhos. — Por que você não me disse que você nos inscreveu para o show de talentos da escola?

— Eu não achei que você se importaria.

— Bem, eu me importo, ok? Eu me importo. Eu não tenho ideia do porque você acha que eu gostaria de me apresentar na frente de toda a escola. Eu odeio essa escola.

— Sim, mas, para ser justo — ele disse, apontando para mim, — você meio que odeia tudo.

— Vocês estão bem com isso? — Eu disse, girando ao redor.

Jacobi, Carlos e Bijan estavam fingindo que não conseguiam ouvir nossa conversa, e eles ergueram os olhos de repente. — Vocês três querem se apresentar na frente da escola?

Carlos encolheu os ombros.

Bijan escolheu esse momento para beber profundamente de sua garrafa de água.

Jacobi apenas riu de mim. — Quero dizer, eu não estou bravo com isso — disse ele. — Pode ser legal.

Ótimo. Então eu estava exagerando. Eu era a única aqui que achava que essa era uma ideia estúpida. Isso foi ótimo.

Suspirei, disse: — Seja como for — e sentei-me. Eu mudei para o meu tênis muito rápido hoje e ainda não tinha amarrado meus sapatos.

— Ei, vai ser divertido — disse Navid para mim. — Eu prometo.

— Eu mal posso manter uma *pose* agora — eu disse, e olhei para ele. — Como isso vai ser divertido? Eu vou fazer graça de mim mesma.

— Deixe-me preocupar com isso, ok? Você está melhorando a cada dia. Nós ainda temos tempo.

Eu resmunguei algo sob minha respiração.

Bijan se aproximou e sentou ao meu lado. Eu olhei para ele com o canto do meu olho. — O que? — eu disse.

— Nada. — Ele estava usando grandes, diamantes quadrados, um em cada orelha. Suas sobrancelhas eram perfeitas. Seus dentes eram super brancos. Eu notei essa última parte porque ele estava de repente sorrindo para mim.

— *O quê?* — Eu disse novamente.

— Qual é o seu negócio? — Ele disse, e riu. — Por que você está suando tanto assim?

Eu terminei de amarrar meus cadarços. — Eu não estou. Está bem.

— Tudo bem — disse ele. — Levante-se.

— O que? Por quê?

— Eu vou ensinar você a fazer um backflip.

Meus olhos se arregalaram.

Ele acenou com a mão. — Levante, por favor.

— Por quê? — Eu disse.

Bijan riu. — Porque é divertido. Você é pequena, mas parece forte. Não deve ser muito difícil para você.

Foi difícil.

Na verdade, eu tinha certeza de que quase quebrei meus dois braços. E minhas costas. Mas sim, acabou sendo divertido também.

Bijan havia sido, em uma vida anterior, um ginasta. Seus movimentos eram tão limpos e fortes que eu não pude deixar de ficar surpresa por ele estar

disposto a perder seu tempo aqui, com nosso pequeno clube. Ainda assim, eu estava agradecida. Bijan pareceu sentir pena de mim de uma forma que eu achei um pouco humilhante, então eu não me importei com a companhia dele. E não me incomodou muito que ele passou o resto da hora, basicamente tirando sarro de mim.

Depois do que pareceu a centésima tentativa fracassada de um backflip, eu finalmente caí e não voltei a subir. Eu estava respirando com dificuldade. Meus braços e pernas estavam tremendo. Navid estava andando pela sala de dança com as mãos, fazendo pontapés de tesoura. Jacobi estava praticando moinhos de vento, um clássico movimento de poder que ele havia aperfeiçoado há muito tempo; ele estava tentando agora transformar seus moinhos de vento em chamas na mesma rotina. Carlos estava olhando para ele, com as mãos nos quadris, um elmo sob o braço. Carlos sabia rodar a cabeça durante dias; ele nem precisou do capacete. Eu me senti ao mesmo tempo excitada e inferior enquanto eu olhava para eles. Eu era, de longe, a menos talentosa do grupo. Claro que eles se sentiram mais confortáveis em se apresentar em público. Eles já eram tão bons.

Eu, por outro lado, precisava de muito trabalho.

— Você vai ficar bem — disse Bijan para mim, e cutucou meu braço.

Eu olhei para ele.

— E você não é a única que odeia o ensino médio, sabe? Você não inventou isso.

Eu levantei uma sobrancelha. — Sim, eu não achei que sim.

— Bom — Ele olhou para mim. — Apenas checando.

— Então, ei — eu disse a ele, — se você é apenas oitenta por cento gay, isso não faria você bissexual?

Bijan franziu a testa. Falou um momento. — Huh — disse ele. — Sim, eu acho.

— Você não sabe?

Ele inclinou a cabeça para mim e disse: — Ainda estou descobrindo.

— Seus pais sabem?

— Uh. — Ele levantou as sobrancelhas. — O que você acha?

— Eu estou supondo que não?

— Sim, e vamos continuar assim, ok? Eu não estou interessado em ter essa conversa agora.

— OK.

— Talvez, assim, no meu leito de morte.

— O que você quiser — eu disse, e encolhi os ombros. — Seus oitenta por cento estão seguros comigo.

Bijan riu. Ele apenas olhou para mim. — Você não faz nenhum sentido, você sabe disso?

— O que? Por que não?

Ele balançou sua cabeça. Olhou para o outro lado da sala. — Você simplesmente não faz.

Eu não tive a chance de fazer outra pergunta. Navid gritava para eu pegar minha mala, porque nosso tempo na sala de dança estava em alta.

— Estou com fome como o inferno — disse ele, enquanto corria para nós. — Vocês querem comer alguma coisa?

Não me ocorreu que pudesse haver algo estranho em mim, no segundo ano, sair com um bando de caras mais velhos o tempo todo.

Eu nunca pensei sobre isso dessa forma. Navid era meu irmão e esses eram seus amigos. Este foi um habitat familiar para mim. Navid tinha infestado meu espaço pessoal – em casa, na escola – com seus muitos amigos desde sempre, e, geralmente, eu não me importava com isso. Ele e seus amigos estavam sempre comendo minha comida. Brincando com minhas coisas. Eles saíam do meu banheiro e diziam, sem nenhuma autoconsciência, que haviam aberto uma janela lá, mas se eu tivesse algum interesse em autopreservação, eu poderia querer usar um toalete diferente por um tempo.

Era *nojento*.

Os amigos do meu irmão sempre começaram vagamente bonitos, mas tudo o que foi preciso foi uma única semana de observação concentrada antes que esses caras me fizessem querer me barricar no meu quarto.

Então não foi até que estávamos saindo do estúdio de dança que de repente me lembrei que eu estava no colegial, e que, por alguma razão, Navid e seus amigos eram legais. Legal o suficiente para que uma líder de torcida fosse inspirada a falar comigo.

Eu comecei a notar, o tempo todo agora. As líderes de torcida.

Elas estavam sempre por perto, depois da escola, e eu demorei um tempo embaraçoso para perceber que elas provavelmente estavam por perto o tempo todo, porque elas estavam se reunindo para praticar todos os dias. Então, quando nos deparamos com um grupo de meninas quando estávamos saindo,

eu não estava mais surpresa.

O que me surpreendeu foi quando uma delas acenou para mim.

No começo eu estava confusa. Eu pensei que ela estava tendo um problema. E eu estava tão certa de que aquela garota não estava acenando para *mim* que a ignorei por quinze segundos inteiros antes que Navid finalmente me cutucasse e dissesse: — Uh, eu acho que aquela garota está tentando chamar sua atenção.

Foi uma loucura, mas ela estava.

— Isso é bom — eu disse. — Podemos ir?

— Você só vai ignorá-la? — Jacobi olhou espantado, e não de um jeito bom.

— Há uma chance de cem por cento de que ela não tem um bom motivo para falar comigo — eu disse. — Então sim. Eu vou ignorá-la.

Bijan sacudiu a cabeça para mim. Ele quase – *quase* – sorriu.

Navid me empurrou para frente. — Você disse que ia ser legal.

— Não, eu não disse.

Mas todos pareciam tão decepcionados comigo que eu finalmente cedi. Eu me aborreci toda a caminhada de vinte e cinco pés até ela, mas consegui.

No momento em que eu estava perto o suficiente, ela agarrou meu braço.

Eu endureci.

— Ei — ela disse rapidamente. Ela nem estava olhando para mim; ela estava olhando atrás de mim. — Quem é aquele cara ali?

Uau, havia pouco que eu odiava mais do que esta conversa.

— Uh, quem é você? — Eu disse.

— O quê? — Ela olhou para mim. — Oh. Eu sou Bethany. Ei, como você é amiga desses caras?

Era isso. Isso aqui mesmo. Foi por isso que eu não falei com as pessoas. — É por isso que você me chamou aqui? Porque você quer que eu te prenda com um desses caras?

— Sim. Aquele. — Ela gesticulou com a cabeça. — Aquele com os olhos azuis.

— Quem? Carlos? — Eu fiz uma careta. — O cara com o cabelo preto encaracolado?

Ela assentiu. — O nome dele é Carlos?

Suspirei.

— Carlos — eu gritei. — Você vem aqui, por favor?

Ele se aproximou confuso. Mas então eu o apresentei a Bethany, e ele pareceu de repente encantado.

— Divirta-se — eu disse. — Tchau.

Bethany tentou me agradecer, mas eu acenei para ela. Eu nunca estive tão desapontada com meu próprio gênero. A qualidade dessa interação feminina foi pior que abismal. E eu estava prestes a sair quando de repente me distraí com um rosto familiar.

Era Ocean, saindo do ginásio.

Ele tinha aquela grande bolsa de ginástica amarrada no peito e ele parecia ter tomado banho; seu cabelo estava molhado e suas bochechas estavam rosadas. Eu o vi por apenas um segundo antes que ele atravessasse o corredor e desaparecesse.

Meu coração afundou.

Eu não falei com o Ocean em três dias. Eu queria. Eu realmente queria, mas eu estava tentando fazer o que eu achava que era a coisa certa. Eu não queria liderá-lo. Eu não queria que ele pensasse que havia potencial aqui, entre nós. Ele tentou, duas vezes, me acompanhar depois da aula, mas eu o ignorei. Eu fiz o meu melhor para evitar seus olhos. Eu não fiquei online. Eu mantive nossas conversas em bio tão breves e chatas quanto possível. Eu estava tentando não me envolver mais com ele, porque eu não queria lhe dar uma ideia errada. Mas eu poderia dizer que ele estava machucado e confuso.

Eu não sabia mais o que fazer.

Havia uma parte pequena e covarde de mim que esperava que Ocean percebesse por conta própria que eu não era uma opção que valesse a pena explorar. Ele parecia fascinado por mim de uma maneira que me pareceu familiar, mas também inteiramente nova, e me perguntei se sua fascinação se desgastaria, como sempre acontecia nesses tipos de situações. Eu me perguntei se ele aprenderia a esquecer de mim. Voltar para seus amigos. Encontrar uma linda namorada loira.

Foi confuso, eu sei, como eu tinha ido de querer um novo amigo nesta escola para, de repente, desejar que eu pudesse desfazer a coisa toda. Porém, para ser justa, eu estava procurando por um amigo platônico, preferencialmente feminino. Não um namorado, nem mesmo perto disso. Eu queria apenas uma experiência normal de adolescente. Eu queria almoçar com

amigos no plural. Eu queria ir ao cinema com alguém. Eu talvez até quisesse fingir que tinha uma merda sobre os SATs. Eu não sei. Mas eu estava começando a me perguntar se uma experiência adolescente normal seria uma coisa.

— Ei, podemos ir? Eu estou morrendo de fome. — Foi Navid batendo no meu ombro.

— Oh. Sim. — eu disse. Mas eu ainda estava olhando para a porta pela qual Ocean havia desaparecido. — Sim. Vamos sair daqui.

16

Dezesseis

Eu apareci na aula do Sr. Jordan no dia seguinte, como prometido, mas meu retorno foi mais estranho do que eu esperava. Eu não tinha percebido que todo mundo saberia – ou mesmo perceberia – que eu saí das aulas e não tinha voltado a maior parte da semana. Eu não achei que alguém se importaria. Mas quando eu tomei meu lugar normal, as crianças no meu pequeno agrupamento olharam para mim como se eu tivesse brotado asas.

— O que? — eu disse. Deixei minha mochila no chão ao meu lado.

— Você realmente tentou largar a aula? — Isso, de uma das garotas. Seu nome era Shauna.

— Sim — eu disse. — Por quê?

— Uau. — A outra garota, Leilani, estava olhando para mim. — Isso é louco.

Ryan, o quarto membro do nosso grupo – um cara que sempre falava comigo e nunca me olhava nos olhos – escolheu aquele momento para bocejar. Alto.

Eu fiz uma careta para Leilani. — Por que isso é loucura? O sr. Jordan me deixou super desconfortável.

Nenhuma das garotas parecia pensar que essa era uma resposta aceitável.

— Ei, por que o Ocean te seguiu no outro dia? O que foi aquilo? — Leilani novamente.

Agora eu estava verdadeiramente atordoada. Eu não pude começar a imaginar por que eles se importavam com tudo disso. Eu nem percebi que Leilani sabia quem era Ocean. Essa turma era eletiva, então havia flexibilidade na lista – não estávamos todos na mesma série; Leilani e Shauna, por exemplo, eram juniores. — Eu não sei — eu disse. — Eu acho que ele se sentiu mal.

Shauna estava prestes a me fazer outra pergunta quando o Sr. Jordan bateu

palmas com força, e gritou uma saudação.

— Tudo bem, todo mundo, estamos mudando as coisas hoje. — O Sr. Jordan estava dançando o cha-cha na frente da sala. Ele era tão esquisito. Eu ri e ele parou, chamou minha atenção. Ele sorriu e disse: — É bom ver você de novo, Shirin — e as pessoas se viraram para olhar para mim.

Eu parei de rir.

— Então — disse ele. Ele estava falando com a classe novamente. — Vocês estão prontos para isso? — Ele fez uma pausa por apenas um segundo antes de dizer: — Novos grupos! Todos se levantem.

A turma gemeu alto e eu concordei com o sentimento coletivo.

Eu definitivamente não queria conhecer mais pessoas novas. Eu odiava conhecer novas pessoas.

Mas eu também entendi que isso era meio que o ponto.

Então eu suspirei, resignada, enquanto o Sr. Jordan começou a nos classificar em novos grupos. Eu acabei do outro lado da sala, sentada com três novas garotas, e todas nós evitamos olhar uma para a outra por alguns minutos.

— Ei.

Eu me virei assustada.

Ocean estava sentado, não ao meu lado, exatamente, mas perto de mim. Em um grupo diferente. Ele estava recostado na cadeira. Ele sorriu, mas seus olhos pareciam cautelosos, um pouco preocupados.

— Oi — eu disse.

— Oi — ele disse.

Ele tinha um lápis atrás da orelha. Eu não acho que as pessoas realmente fizeram isso, mas ele atualmente tinha um lápis real atrás da orelha. Foi tão fofo. Ele era tão fofo.

— Você largou isso — disse ele, e estendeu um pequeno pedaço de papel dobrado.

Eu olhei o papel em sua mão. Eu tinha certeza de que não havia largado nada, mas, novamente, quem sabia. Eu tirei dele, e, assim mesmo, a preocupação em seus olhos se aqueceu em outra coisa.

Eu senti meu coração acelerar.

Alguém mais descobriu que você está sempre ouvindo música em sala de

aula? Você está ouvindo música agora? Como você ouve música o tempo todo sem falhar em todas as suas aulas? Por que você excluiu seu perfil do AIM na primeira vez que conversamos?

Eu tenho muitas perguntas.

Eu olhei de volta para ele, surpresa, e ele sorriu tanto que quase riu. Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo.

Eu balancei a cabeça, mas também sorria. E então eu deliberadamente puxei o iPod do meu bolso e apertei o play.

Quando voltei ao meu lugar, quase pulei para fora da minha pele.

As outras três garotas do meu aglomerado agora estavam olhando fixamente para mim, parecendo possivelmente mais confusas com a minha existência do que eu esperava.

— Não se esqueça de se apresentar — o Sr. Jordan berrou. — Nomes são importantes! — E então ele pegou o grande frasco de pedreiro que estava em sua mesa todos os dias e disse: — O tópico de hoje é — ele puxou um pedaço de papel para fora do frasco, leu-o — o conflito israelense-palestino! Este deve ser realmente bom — disse ele. — Hamas! Terrorismo! O Irã é cúmplice? Pontos de discussão estarão no quadro! Divirtam-se!

Eu abaixei minha cabeça na minha mesa.

Provavelmente não surpreenderá ninguém saber que eu era terrível em ignorar Ocean.

Eu fingi, muito difícil, parecer desinteressada nele, mas isso é tudo. Eu era muito boa em fingir. Eu me neguei permissão para pensar nele, o que de alguma forma fez com que eu pensasse nele o tempo todo.

Eu notava muito ele agora.

Ele parecia estar em toda parte, de repente. Tanto que comecei a pensar se talvez estivesse errada, talvez não fosse a mera coincidência que continuava nos unindo. Talvez, em vez disso, ele sempre estivesse lá, e talvez eu apenas tivesse começado a vê-lo.

Foi como quando Navid comprou aquele Nissan Sentra; Antes de Navid pegar o carro, eu nunca, jamais, notei um deles na estrada antes. Agora eu via o velho Nissan Sentras em todos os lugares.

Essa coisa toda estava me estressando.

Eu me senti nervosa, mesmo sentada na mesma sala com ele.

Nosso trabalho em bio tornou-se mais difícil do que nunca, simplesmente

porque eu estava tentando não gostar dele e não estava funcionando; ele era quase bionicamente simpático. Ele tinha essa presença realmente calma que sempre me fazia sentir, eu não sei, como se eu pudesse baixar a guarda quando estava com ele.

O que, de alguma forma, só me deixou mais nervosa.

Eu pensava que ficar quieta – falando apenas quando eu absolutamente precisava – ajudaria a neutralizar qualquer tensão existente entre nós, mas isso só parecia tornar as coisas mais intensas. Quando não falamos, alguma alavanca invisível ainda estava enrolando uma bobina entre nossos corpos. De certa forma, meu silêncio era mais revelador do que qualquer outra coisa. Foi um impasse sem fôlego.

Eu continuei tentando me afastar, e não consegui.

Hoje – era agora segunda-feira – só consegui passar trinta minutos ignorando Ocean em bio. Eu estava batendo meu lápis contra uma página em branco no meu caderno, evitando o gato morto entre nós e, em vez disso, tentando pensar em coisas que eu odiava sobre ele, quando Ocean se virou para mim, a propósito de nada, e disse: — Ei, estou dizendo o seu nome certo?

Fiquei tão surpresa que me sentei. Olhei para ele. — Não.

— O que? Você está falando sério? — Ele riu, mas parecia chateado. — Por que você não me contou?

Dei de ombros. Voltei para o meu caderno. — Ninguém nunca diz meu nome direito.

— Bem, eu gostaria — disse ele. Ele tocou meu braço e eu olhei de novo. — Como pronuncia isso?

Ele estava pronunciando meu nome *Shi-reen*, o que era melhor que a maioria das pessoas; a maioria das pessoas estava dizendo isso em duas sílabas: *Shir-in*, que estava muito errado. Na verdade, é pronunciado *Shee-reen*. Eu tentei explicar isso para ele. Eu tentei dizer a ele que ele tinha que rolar o *r*. Que a coisa toda deveria ser pronunciada lentamente. Suavemente, até.

Ocean tentou, várias vezes, dizer isso corretamente, e eu fiquei genuinamente tocada. Um pouco divertida.

— Parece tão bonito — disse ele. — O que isso significa?

Eu ri. Eu não queria contar a ele, então balancei a cabeça.

— O que? — ele disse. Seus olhos se arregalaram. — É ruim?

— Não. — Eu suspirei. — Isso significa doce. Eu só acho engraçado. Eu acho que meus pais estavam esperando por um tipo diferente de criança.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, ninguém nunca me acusou de ser doce.

Ocean riu. Ele deu de ombros, devagar. — Eu não sei — disse ele. — Eu acho que você não é *doce* exatamente. Mas – ele hesitou; pegou o lápis, rolou entre as mãos — você é, apenas, como— Ele parou. Suspirou. Ele não olhava para mim.

E eu não sabia o que fazer. Eu não sabia o que dizer. Eu definitivamente queria saber o que ele estava pensando, mas eu não queria que ele soubesse que eu queria saber o que ele estava pensando, então eu apenas sentei, esperando.

— Você é tão forte — disse ele finalmente. Ele ainda estava olhando para o lápis. — Você não parece ter medo de nada.

Eu não sabia o que eu esperava que ele dissesse exatamente, mas fiquei surpresa. Tão surpresa, na verdade, que fiquei sem expressão por um momento.

Eu raramente me sentia forte. Principalmente me sentia com medo.

Quando ele finalmente olhou para cima, eu já estava olhando para ele.

— Eu tenho medo de muitas coisas — eu sussurrei.

Nós estávamos apenas olhando um para o outro, mal respirando, quando de repente o sinal tocou. Eu pulei, me sentindo inesperadamente envergonhada, peguei minhas coisas e desapareci.

Ele me mandou uma mensagem naquela noite.

do que você tem medo? ele escreveu.

Mas eu não respondi.

Entrei em biologia no dia seguinte, preparada para fazer o esforço hercúleo de ser uma parceira de laboratório entediante e entediante de novo, quando a coisa toda finalmente desmoronou. Desabou.

Ocean correu para mim.

Eu não sei exatamente o que aconteceu. Ele tinha andado de um lado para o outro muito rápido – alguém estava correndo entre as mesas do laboratório com um gato morto ensopado em suas mãos – e ele bateu em mim assim que eu estava subindo. Foi como algo saído de um filme.

Seu corpo era duro e macio e minhas mãos voaram para cima, encontrei uma compra em suas costas e ele me pegou, envolveu seus braços em volta de mim, disse: — Oh — desculpe. — mas nós ainda estávamos pressionados juntos quando o instinto forçou minha cabeça para cima, surpresa e tentei falar, mas em vez disso meus lábios roçaram seu pescoço, e por um segundo eu consegui respirá-lo, e ele soltou, muito rápido, e eu tropecei; ele pegou minhas mãos, e eu olhei para ele, seus olhos arregalados, profundos, assustados, e me afastei, quebrando a conexão, cambaleando.

Foi a produção mais desajeitada da interação física; a coisa toda não durou mais do que alguns segundos. Tenho certeza de que ninguém mais notou isso acontecer. Mas eu o vi tocar seu pescoço onde minha boca estava. Senti meu coração gaguejar quando me lembrei de seus braços em volta de mim.

E nenhum de nós falou pelo resto do período.

Peguei minha bolsa quando o sinal tocou, pronta para correr pela minha vida, quando ele disse que meu nome e apenas as regras básicas de etiqueta me mantinham no lugar. Meu coração estava acelerado, corria por uma hora. Eu me senti elétrica, como uma bateria sobrecarregada. As coisas estavam acendendo dentro de mim e eu precisava ir embora, ficar longe dele. Sentar ao lado dele durante toda a aula havia sido profundo e excruciante.

Eu tive muitas paixões insignificantes e sem importância nos garotos antes. Eu tive devaneios patéticos e fantasias tolas e tinha dedicado muitas páginas em meu diário para pessoas completamente esquecíveis que eu conhecia e rapidamente descartei ao longo dos anos.

Mas eu nunca, nunca toquei em alguém e me senti assim: como se estivesse segurando eletricidade dentro de mim.

— Ei — disse ele.

Demorou muito esforço para me virar, mas eu fiz, e quando eu fiz, ele parecia diferente. Como se talvez ele estivesse tão apavorado quanto eu.

— Oi — eu disse, mas a palavra não fez muito som.

— Podemos conversar?

Eu balancei a cabeça. — Eu tenho que ir.

Eu o observei engolir, o pomo de Adão subindo e descendo em sua garganta. Ele disse: — Tudo bem — mas então ele se aproximou de mim, caminhou até mim e senti algo estourar dentro da minha cabeça. Células cerebrais morrendo, provavelmente. Ele não estava olhando para mim, ele estava olhando para os dois centímetros de chão entre nós e eu pensei que

talvez ele fosse dizer algo, mas ele não disse. Ele apenas ficou lá, e eu observei os movimentos gentis de seu peito enquanto ele respirava, para dentro e para fora, para cima e para baixo, e eu senti um leve giro na minha cabeça, e como se meu corpo tivesse superaquecido, e meu coração não parasse, não conseguia parar de correr e, finalmente, ele sussurrou as palavras – sem me tocar, nem mesmo olhando para mim – ele disse: — Eu só preciso saber — ele disse, — você está sentindo isso também?

Ele olhou para cima, então. Me olhou nos olhos.

Eu não falei nada. Eu não conseguia lembrar como. Mas ele deve ter encontrado algo nos meus olhos porque de repente ele exalou suavemente; Ele olhou, apenas uma vez, nos meus lábios, e ele recuou. Agarrou sua bolsa.

E saiu.

Eu não tinha certeza de que alguma vez me recuperaria.

17

Dezessete

Eu era uma completa idiota na prática.

Eu não conseguia lembrar como fazer coisas simples. Eu ficava pensando sobre o fato de que Ocean e eu tínhamos tocado apenas *por acidente* e se nós tivéssemos tocado *de propósito* e uau, eu me perguntava se minha cabeça iria explodir. Eu também continuei pensando que eu não queria ter meu coração partido. Eu não sabia o que poderia vir disso, de nós, ou como nós já navegamos nessas águas turvas e eu não sabia o que fazer.

Eu senti como se tivesse perdido o controle.

De repente, tudo que eu conseguia pensar era beijá-lo. Eu nunca beijei ninguém antes. Um garoto ousou me beijar uma vez e ele me beijou na bochecha e não foi exatamente repugnante, mas a coisa toda tinha sido tão estranha que até a lembrança me incomodava.

Eu estava, a este respeito, lamentavelmente despreparada.

Eu sabia que meu irmão havia beijado muitas garotas. Eu não sabia o que mais ele fez, e eu não perguntei. Na verdade, eu tive que dizer a ele para calar a boca várias vezes porque, por algum motivo, ele sempre se sentia à vontade para compartilhar esses detalhes comigo. Eu acho que meus pais sabiam sobre seus muitos relacionamentos, mas também acho que eles estavam felizes em fingir que não. Eu também tinha certeza de que meus pais teriam tido ataques cardíacos simultâneos se soubessem que eu estava pensando em beijar um garoto, o que, surpreendentemente, não levou em consideração minhas considerações.

Não havia nada sobre a ideia de beijar Ocean que parecia errado para mim. Eu só não vi como beijar ele ajudaria em alguma coisa.

Só então, meu irmão jogou sua garrafa de água para mim.

Eu olhei para cima.

— Você está bem? — Ele disse. — Você parece doente.

Eu me sinto doente. Como se eu estivesse com febre. Eu tinha certeza que não, mas era estranho como minha pele estava quente.

Eu queria subir na cama e me esconder. — Sim — eu disse — eu me sinto meio estranha. Você se importa se eu sair cedo? Ir para casa?

Meu irmão veio para a frente, pegou sua garrafa. Pressionou a mão contra a minha testa. Seus olhos se arregalaram. — Sim. Eu vou te levar para casa — ele disse.

— Mesmo?

Ele pareceu de repente irritado. — Você acha que eu deixaria minha irmã ir para casa com febre?

— Eu não estou com febre.

— Sim — ele disse. — Você está.

Ele não estava errado. Eu cheguei em casa mais cedo do que o normal, então minha mãe e meu pai ainda não voltaram do trabalho.

Navid me trouxe água, me deu remédio e me enfiou na cama. Eu não me senti mal, porém, eu me senti estranha, e não sabia como explicar isso. Não havia nada aparentemente errado comigo a não ser que minha temperatura havia disparado.

Ainda assim, eu dormi.

Quando acordei, a casa estava escura. Eu me senti tonta. Eu pisquei e olhei em volta, ressecada e peguei a garrafa de água que Navid me deixou. Esvaziei a garrafa, descansei minha cabeça quente contra a parede fria e me perguntei o que diabos tinha acontecido comigo. Só então notei meu telefone na mesa de cabeceira. Eu tinha cinco mensagens não lidas.

As duas primeiras foram de seis horas atrás.

ei

como foi a prática?

Havia mais três mensagens, enviadas dez minutos atrás. Eu verifiquei a hora; eram duas da manhã.

você provavelmente está dormindo

mas se não estiver, me liga?

(desculpe por usar todas as suas mensagens de texto)

Eu não tinha certeza se estava com a cabeça no lugar para ligar para qualquer pessoa no momento, mas não pensei. Eu peguei o número dele,

liguei para ele imediatamente – e então eu me enterrei debaixo das minhas cobertas, puxando o lençol para cima da minha cabeça para ajudar a abafar a minha voz. Eu não queria ter que explicar aos meus pais por que eu estava perdendo preciosos minutos de telefone conversando com um garoto às duas da manhã.

Eu não tinha ideia do que diria.

Ocean pegou no primeiro toque, o que me fez pensar se talvez ele estivesse se escondendo de sua mãe também. Mas então ele disse — Oi — em voz alta, como uma pessoa normal, e eu percebi que não, era só eu cujos pais estavam na sua bunda o tempo todo.

— Oi — eu sussurrei. — Eu estou me escondendo debaixo das cobertas.

Ele riu. — Por quê?

— Todo mundo está dormindo — eu disse baixinho. — Minha mãe e meu pai me matariam se me encontrassem no telefone tão tarde. Além disso, os minutos são caro.

Ele disse: — Desculpe — mas ele não pareceu arrependido.

— Estou com febre, a propósito. Eu estive na cama o tempo todo — eu expliquei. — Eu acabei de acordar e vi suas mensagens.

— O quê? — Ele disse, alarmado. — O que aconteceu?

— Eu não sei.

— Você se sente bem agora?

— Eu me sinto um pouco estranha, mas estou bem, eu acho.

Ele ficou quieto por um tempo longo demais.

— Você ainda está aí? — Eu disse.

— Sim. Eu só – eu não pensei sobre isso até você dizer isso, mas eu também não me sinto bem.

— Mesmo?

— Sim — ele disse. — Eu só...

Senti minha cabeça acendendo novamente.

— Podemos, por favor, falar sobre isso? — Sua voz era suave, mas assustada. — Eu sei que você tem me evitado, mas eu não sei por que e se nós não falamos sobre isso eu simplesmente – eu não— — Falar sobre o quê?

— Nós — disse ele, a palavra um pouco sem fôlego. — Nós, *Deus*, quero

falar sobre nós. Eu não consigo nem pensar direito em torno de você — E então — Eu não sei mais o que está acontecendo.

Senti minha mente diminuir ainda mais quando meu coração acelerou. Um espantoso e maravilhoso nervosismo me agarrou pela garganta.

Eu me senti paralisada.

Eu queria desesperadamente dizer alguma coisa, mas não sabia o que dizer, como dizer ou se deveria me incomodar. Eu não consegui decidir. De repente eu estava pensando demais em tudo. E

nos perdemos no silêncio por vários segundos quando ele finalmente disse — Sou apenas eu? Estou imaginando isso?

O som da sua voz quebrou meu coração. Eu não tinha ideia de como Ocean poderia ser tão corajoso. Eu não tinha ideia de como ele poderia se tornar vulnerável. Não houve jogos com ele. Não havia declarações confusas e sinuosas com ele. Ele apenas se colocou lá fora, seu coração exposto diretamente aos elementos, e uau, eu o respeitava por isso.

Mas isso me assustou muito.

Na verdade, eu estava começando a me perguntar se minha febre não era simplesmente uma consequência disso, dele, de toda essa situação, porque quanto mais ele falava, mais delirante eu me sentia. Senti minha cabeça nadar, minha mente lentamente evaporando.

Eu fechei meus olhos. — Ocean — eu finalmente sussurrei.

— Sim?

— Eu – eu apenas... — Eu parei. Tentei firmar minha cabeça. Eu podia ouvi-lo respirando. Eu podia senti-lo esperando por algo, qualquer coisa, e eu podia sentir meu coração se abrindo e percebi que não havia sentido em mentir sobre isso. Eu pensei que ele merecia saber a verdade, pelo menos.

— Você não está imaginando — eu disse.

Eu ouvi sua respiração exalar. Quando ele falou, sua voz estava um pouco áspera. — Eu não estou?

— Não. Você não está. Eu também sinto isso.

Nenhum de nós disse nada por um tempo. Nós apenas sentamos lá no silêncio, ouvindo um ao outro respirar.

— Então, por que você está me afastando? — Ele disse finalmente. — Do que você tem medo?

— Isso — eu disse. Meus olhos ainda estavam fechados. — Eu tenho

medo disso. Não há para onde ir — eu disse a ele. — Não há futuro aqui.

— Por que não? — Ele disse. — Por causa de seus pais?

Porque eu sou um cara branco aleatório?

Meus olhos se abriram e eu ri, mas fez um som triste. — Não, eu disse. — Não por causa dos meus pais. Quero dizer, é verdade que meus pais não aprovam você, sim, mas não porque você é um cara branco. Meus pais não aprovariam *nenhum* cara — eu disse. — Em geral. Não é só você. De qualquer forma, eu nem me importo com isso. — Eu suspirei, com força. — Não é por causa disso.

— Então por que?

Fiquei quieta por muito tempo, mas ele não me obrigou a falar.

Ele não disse uma palavra. Ele apenas esperou.

Finalmente, eu abri o silêncio.

— Você é uma pessoa muito legal — eu disse a ele. — Mas você não sabe o quão complicado seria algo assim. Você não sabe o quão diferente sua vida seria comigo — eu disse. — Você simplesmente não sabe.

— O que você quer dizer?

— Eu quero dizer que o mundo é realmente horrível, Ocean. As pessoas são super racistas.

Ocean ficou quieto por um segundo inteiro antes de finalmente dizer, atordoado: — É com isso você está preocupada?

— Sim — eu disse baixinho. — Sim.

— Bem, eu não me importo com o que as outras pessoas pensam.

Minha cabeça estava superaquecendo novamente. Eu me senti instável.

— Ouça — ele disse suavemente — Isso não tem que ser nada sério. Eu só quero te conhecer melhor. Eu só... quero dizer, eu *acidentalmente* encontrei você e não consegui respirar direito por horas — ele disse, sua voz firme novamente. — Eu me sinto meio maluco. Como eu não posso — quero dizer — eu só quero saber o que é isso, — ele disse finalmente. — Eu só quero saber o que está acontecendo agora.

Meu coração estava batendo muito forte. Muito rápido.

Sussurrei: — Estou me sentindo do mesmo jeito.

— Você está?

— Sim — eu disse suavemente.

Ele respirou fundo. Ele parecia nervoso. — Nós poderíamos apenas – podemos passar algum tempo juntos? — Ele disse. — Fora da escola? Talvez em algum lugar longe, longe da nossa nojenta tarefa de laboratório?

Eu ri. Eu me senti um pouco tonta.

— Isso é um sim?

Suspirei. Eu queria tanto dizer apenas sim. Em vez disso, eu disse: — Talvez. Mas sem propostas de casamento, ok? Eu recebo muitos desses.

— Você está fazendo piadas agora? — Ocean riu. — Você está, tipo, partindo meu coração, e você está fazendo piadas agora.

Uau.

— Sim — eu suspirei. Eu não sabia o que havia de errado comigo. Eu estava sorrindo.

— Espere. – o que isso significa? Isso é um sim para sair comigo?

— Certo.

— Certo?

— Sim — eu sussurrei. — Eu realmente gostaria de sair com você. — Senti-me nervosa, feliz e apavorada, mas pude sentir minha temperatura aumentando novamente. Eu realmente senti que poderia desmaiar. — Mas eu deveria ir — eu disse. — Eu ligo para você mais tarde, ok?

— Tudo bem — disse ele. — OK.

Nós desligamos.

E eu não saí da cama por três dias.

18

Dezoito

Eu estava basicamente imóvel o resto da semana. A febre finalmente quebrou na sexta-feira, mas minha mãe ainda me fez ficar em casa.

Eu tentei dizer a ela que estava bem, que não tinha outros sintomas, mas ela não escutou. Eu nunca desenvolvi um resfriado. Eu não sentia dores no meu corpo. Eu não senti nada além do calor na minha cabeça.

Eu me senti um pouco como se meu cérebro estivesse no vapor.

Ocean tinha me mandado uma mensagem, mas eu tinha tão poucos momentos de clareza que eu nunca consegui respondê-lo de volta. Eu imaginei que ele descobriria, de um jeito ou de outro, que eu ainda estava doente, mas nunca imaginei que ele procuraria meu irmão.

Navid veio me visitar na sexta-feira, depois da escola. Ele sentou-se na minha cama e me tocou na testa.

— Pare — eu murmurei. Eu me virei, enterrei meu rosto no travesseiro.

— Seu namorado estava procurando por você hoje.

Virei tão rápido que quase estalei meu pescoço. — Desculpe?

— Você ouviu o que eu disse.

— Ele não é meu namorado.

Navid levantou as sobrancelhas. — Bem, uh, eu não sei o que você fez com esse garoto que aparentemente não é seu namorado — ele disse — mas eu tenho certeza que ele está apaixonado por você.

— Cale a boca — eu disse, e virei meu rosto de volta para o travesseiro.

— Eu não estou brincando.

Eu o tirei sem olhar.

— Seja como for — disse Navid. — Você não precisa acreditar em mim. Eu apenas pensei que você deveria saber. Ele está preocupado. Talvez você

devesse ligar para ele.

Agora eu fiz uma careta. Eu me reajustei lentamente, dobrei um travesseiro sob o meu pescoço e olhei para o meu irmão. — Você está falando sério agora?

Navid encolheu os ombros.

— Você não está ameaçando chutar a bunda dele? — Eu disse.

— Você está me dizendo para *ligar* para ele?

— Me sinto mal pelo cara. Ele parece legal.

— Hum. — Eu ri. — OK.

— Estou falando sério — disse Navid, e se levantou. — E eu só vou te dar um conselho, ok? Então ouça atentamente.

Eu revirei meus olhos.

— Se você não está interessada — disse ele — diga a ele agora.

— O que? Do que você está falando?

Navid sacudiu a cabeça. — Apenas não seja malvada.

— Eu não quero ser.

Meu irmão já estava na porta quando ele riu. Forte. — Você é brutal — disse ele. — E eu não quero ver esse cara ter seu coração despedaçado em todo o lugar, ok? Ele parece tão inocente. Ele claramente não tem ideia do que está se metendo.

Eu olhei para Navid, estupefata.

— Prometa-me — disse ele. — OK? Se você não gosta dele, deixe-o ir.

Mas eu gostava dele. O problema não era saber se eu gostava dele ou não. O problema era que eu não *queria* gostar dele.

Eu já pude ver o futuro. Eu podia imaginar nós saindo em algum lugar, em qualquer lugar, e alguém dizendo algo horrível para mim.

Eu poderia imaginar sua paralisia; Eu podia imaginar o embaraço que nos inundaria, como tentaríamos fingir que não havia acontecido, mesmo quando eu me enchia lentamente de mortificação; Eu sabia como essa experiência iria, inevitavelmente, deixá-lo consciente de passar o tempo comigo, como ele um dia perceberia que não queria ser visto comigo em público. Eu podia vê-lo me apresentando às pessoas em seu mundo, ver sua repugnância e/ou desaprovação velada, ver como estar comigo o faria perceber que seus próprios amigos eram preconceituosos incubados, que seus pais estavam

felizes em fazer gentilezas gerais com o não-conformismo entre nós, desde que nunca tentássemos beijar seus filhos.

Estar comigo perfuraria a bolha segura e confortável de Ocean.

Tudo sobre mim – meu rosto, minha moda – se tornou político. Houve um tempo em que minha presença só confundia as pessoas; Eu costumava ser apenas uma esquisitona comum, o tipo de entidade insondável que era facilmente desconsiderada, facilmente descartada. Mas um dia, após uma tragédia terrível, eu acordei no centro das atenções. Não importava que eu estivesse tão abalada e horrorizada quanto todos os outros; Ninguém acreditou em minha dor.

Pessoas que eu nunca conheci estavam subitamente me acusando de assassinato. Estranhos gritavam comigo na rua, na escola, no supermercado, em postos de gasolina e restaurantes para ir para casa, ir para casa, *voltar para o Afeganistão, seu terrorista de camelo*.

Eu queria dizer a eles que morava no quarteirão. Eu queria dizer a eles que nunca tinha ido ao Afeganistão. Eu queria dizer a eles que eu conheci um camelo apenas uma vez, em uma viagem ao Canadá, e que o camelo era infinitamente mais gentil do que os humanos que conheci.

Mas nunca importava o que eu dizia mais. As pessoas falavam de mim, falavam por mim, me discutiam sem nunca pedir minha opinião. Eu me tornei um ponto de discussão; uma estatística. Eu não era mais livre para ser apenas uma adolescente, apenas uma humana, apenas carne e sangue – não, eu tinha que ser mais do que isso.

Eu era um ultraje. Um tema desconfortável de conversa.

E eu já sabia que isso – o que quer que isso fosse com o Ocean – só poderia terminar em lágrimas.

Então eu não liguei para ele.

19

Dezenove

Eu não acho que estava fazendo a coisa certa, ignorando-o novamente, eu realmente não estava. Eu não sabia mais o que fazer.

Eu não tenho todas as respostas. Eu me importava com Ocean e, do meu próprio jeito confuso, estava tentando protegê-lo. Eu estava tentando proteger nós dois. Eu queria voltar a ser conhecida; Eu queria que fôssemos gentis um com o outro e encerrássemos o dia.

Nós tínhamos dezesseis anos, pensei.

Isso passaria.

Ocean iria ao baile com uma garota legal com um nome facilmente pronunciado e eu seguiria em frente, literalmente, quando meu pai inevitavelmente conseguisse um emprego mais bem remunerado em outro lugar e anunciasse, orgulhosamente, que estaríamos mudando para uma cidade ainda melhor, um bairro melhor, um futuro melhor.

Isso seria bom. Ou algo semelhante a bom.

O único problema com meu plano, claro, era que Ocean não concordava com isso.

Eu apareci na aula do Sr. Jordan na segunda-feira, mas eu quase certamente falhei naquela sessão em particular porque eu não disse nada, todo o período, e por duas razões: 1. Eu ainda estava superando o calor inexplicável na minha cabeça, e 2. Eu estava tentando não chamar atenção para mim mesma.

Eu não olhei para Ocean na aula. Eu não olhei para ninguém.

Eu fingi que não prestava atenção porque esperava que Ocean entendesse a dica e parasse de falar comigo.

Foi um plano estúpido.

Eu tinha acabado de escapar da sala de aula e estava correndo por um corredor deserto quando ele me encontrou. Ele pegou meu braço e eu me virei. Ele parecia nervoso. Um pouco pálido. Eu me perguntei como eu

parecia para ele.

— Oi — ele sussurrou.

— Oi — eu disse.

Ele ainda não me soltou; seus dedos estavam enrolados no meu antebraço como uma pulseira solta. Eu olhei para a mão dele. Eu realmente não queria que ele fosse embora, mas quando ele me viu olhando, ele se assustou. Deixou cair meu braço.

— Sinto muito — disse ele.

— Pelo quê?

— Pelo o que eu fiz — ,disse ele. — Eu fiz algo errado, não fiz?

Eu estraguei alguma coisa.

Meu coração afundou. Caiu. Ele foi tão legal. Ele era tão bom e ele estava fazendo isso tão duro.

— Você não fez nada de errado — eu disse. — Eu juro.

— Não? — Mas ele ainda parecia nervoso.

Eu balancei a cabeça. — Eu realmente tenho que ir para a aula, ok? — Eu me virei para ir, e ele disse meu nome como uma pergunta.

Eu olhei para trás.

Ele se aproximou. — Podemos conversar? No almoço?

Eu estudei seus olhos, a dor que ele estava tentando esconder, e percebi então que as coisas tinham ido longe demais. Eu deixei as coisas irem longe demais e agora eu não poderia simplesmente ignorá-lo e esperar que ele fosse embora. Eu não poderia ser tão cruel. Não, eu realmente tenho que dizer a ele – em frases claras e focadas – o que estava prestes a acontecer. Que precisávamos parar com isso, o que quer que fosse.

Então eu disse ok.

Eu disse a ele onde estava minha árvore. Eu disse a ele para me encontrar lá.

A coisa que eu não tinha como antecipar, claro, era que outra pessoa já estaria esperando por mim.

Yusef estava encostado na minha árvore.

Yusef.

Uau, eu quase me esqueci de Yusef.

Eu ainda achava que ele era um cara realmente bonito, e eu estaria mentindo se dissesse que não me perguntei sobre ele uma ou duas vezes nas últimas duas semanas, mas, na maioria das vezes, ele escorregou da minha mente. Eu não tinha motivos para continuar pensando nele, porque raramente o via na escola.

E eu não tinha ideia do que ele estava fazendo aqui.

Eu queria que ele fosse embora, mas Ocean ainda não havia chegado e eu já estava nervosa o suficiente sobre a conversa que estávamos prestes a ter; Eu não queria ter que lidar com pedir a Yusef para ir a outro lugar também. Além disso, não parecia justo que eu reivindicasse propriedade pública. Então eu peguei meu telefone, virei à esquerda e comecei a enviar mensagens de texto para o Ocean me encontrar em outro lugar.

Yusef chamou meu nome.

Eu olhei para trás, surpresa, a mensagem de texto inacabada ainda não enviada. — Sim?

— Onde você está indo? — Ele se aproximou. Ele estava sorrindo.

Talvez em um dia diferente, em outro momento, eu estivesse interessada em seu sorriso. Hoje, eu estava muito distraída.

— Sinto muito — respondi, — estou procurando alguém.

— Oh — disse ele, e seguiu o meu olhar.

Eu estava olhando para o pátio, onde a maioria do corpo estudantil se reunia para o almoço todos os dias. O quadrilátero era, como resultado, um lugar que eu quase sempre evitava, então eu realmente não sabia o que estava procurando enquanto olhava ao redor. Mas Yusef ainda estava falando, e de repente eu fiquei irritada, o que não era justo. Yusef não poderia saber a profunda preocupação da minha mente. Nada que ele disse para mim era ofensivo – não era nem bem-vindo – era apenas um mau momento.

— Eu queria voltar e verificar a minha árvore — ele estava dizendo. — Eu estava esperando que você estivesse aqui.

— Isso é bom — ,eu disse, ainda franzindo a testa.

Yusef inclinou a cabeça na minha linha de visão. — Qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar?

— Não. — eu disse, — eu só...

— Ei.

Eu me virei. Meu alívio repentino foi substituído, em um instante, por

apreensão. Ocean chegara, mas parecia confuso. Ele estava olhando para Yusef, que estava perto demais de mim.

Eu coloquei cinco pés entre nós.

— Hey — eu disse, e tentei sorrir. Ocean virou na minha direção, mas ele ainda parecia incerto.

— Esse é quem você estava procurando? — Yusef novamente.

Ele parecia surpreso.

Foi preciso um esforço concentrado para evitar que Yusef fosse embora, que obviamente era uma época ruim para conversa fiada, que ele claramente não tinha ideia de como ler os sinais sociais—

— Ei, cara, e aí? — disse Yusef, a pergunta quase como uma declaração, e estendeu a mão para apertar a mão de Ocean. Exceto que ele não agitou exatamente. Ele fez aquela coisa que os caras fazem às vezes, quando eles puxam um ao outro e fazem um tipo de bofetão. — Você conhece Shirin? — Ele disse. — Mundo pequeno.

Ocean permitiu o gesto, aceitando involuntariamente o amável abraço de Yusef, e eu só estava adivinhando porque ele era uma pessoa gentil e educada. Seus olhos, no entanto, pareciam quase com raiva. Ocean não disse uma palavra para Yusef. Não ofereceu uma resposta ou uma explicação.

— Ei, hum — eu disse, — eu preciso falar com meu amigo sozinha, ok? Nós vamos ir embora—

— Ah, tudo bem — disse Yusef.

— Eu serei rápido, então. Eu só queria saber se você vai jejuar na próxima semana. Minha família sempre joga um iftar massivo na primeira noite e você e seu irmão – e seus pais, se eles quiserem – são bem vindos.

Que diabos?

— Como você sabia que eu tenho um irmão?

Yusef franziu a testa. — Navid está na maioria das minhas aulas. Eu coloquei dois e dois juntos depois da última vez que conversamos. Ele não te contou?

— Ok, hum — olhei para Ocean, que parecia de repente como se tivesse levado um soco no estômago — Sim, eu vou falar para Navid entrar em contato com você. Eu tenho que ir.

Eu apenas lembrava vagamente de dizer adeus depois disso.

Principalmente me lembrei do olhar no rosto de Ocean quando nos

afastamos.

Ele parecia traído.

Eu disse ao Ocean que não sabia para onde ir, que queria falar com ele em algum lugar quieto e privado, mas a biblioteca era o único lugar em que eu conseguia pensar e você não pode falar lá, não de verdade, e ele disse: — Meu carro está no estacionamento.

Isso foi tudo o que ele disse. Eu o segui até o carro dele em silêncio, e não foi até que estávamos sentados dentro, portas fechadas em nosso pequeno mundo, que ele olhou para mim e disse: — Você está— ele suspirou e se virou de repente, estudou o chão — você está namorando esse cara? Yusef?

— O que? Não.

Ele olhou para cima.

— Não. Eu não estou namorando ninguém.

— Oh. — Seus ombros caíram. Estávamos sentados no banco de trás do carro, de frente um para o outro, e ele se encostou na porta atrás dele, encostou a cabeça na janela. Ele parecia exausto. Ele passou a mão pelo rosto e finalmente, finalmente, disse: — O que aconteceu? O que aconteceu entre agora e a última vez que conversamos?

— Eu acho que talvez eu tenha tido muito tempo para pensar sobre isso.

Ele parecia com o coração partido. Não havia outro jeito de colocar isso. E ele parecia desolado quando disse: — Você não quer ficar comigo.

Ocean era tão simples. Tudo sobre ele parecia honesto e decente e eu realmente o admirava por isso. Mas agora sua honestidade estava tornando essa conversa mais difícil do que precisava ser.

Eu tinha um plano.

Eu tinha tudo resolvido na minha cabeça; Eu esperava contar uma história, pintar uma foto, ilustrar muito, muito claramente porque essa coisa toda estava condenada, e por que deveríamos evitar irromper em direção à inevitável e dolorosa dissolução de tudo o que estávamos construindo aqui.

Mas todas as minhas razões cuidadosamente pensadas pareceram subitamente pequenas. Estúpidas. Impossível de articular.

Olhar nos olhos dele tinha virado mesas na minha cabeça; meus pensamentos estavam emaranhados e desorganizados, e eu não sabia como fazer isso, mas lançar meus sentimentos para ele em nenhuma ordem particular.

Ainda assim, eu estava demorando demais. Fiquei em silêncio por muito tempo.

Eu estava atrapalhada.

Ocean sentou-se e virou para a frente. Ele se inclinou e senti meu peito apertar. Eu podia de repente sentir o cheiro dele – seu cheiro particular e familiar – em todo lugar. Eu estava sentada em seu carro, percebi, e só me ocorrera olhar em volta, para ter uma ideia de onde estávamos, quem ele era. Eu queria catalogar o momento, capturá-lo em palavras e imagens. Eu queria lembrar disso. Eu queria me lembrar dele.

Eu nunca quis me lembrar de ninguém antes.

— Hey — disse ele, mas ele disse suavemente. Eu não sei o que ele viu na minha expressão, o que ele pegou nos meus olhos ou no meu rosto, mas ele pareceu de repente diferente. Como se ele tivesse percebido que eu tinha caído, duro, e que isso não era fácil para mim, que eu realmente não queria ir embora.

Eu encontrei seus olhos.

Ele tocou minha bochecha, seus dedos roçando minha pele, e eu ofeguei. Recostou-se. Foi inesperado. Eu exagerei. De repente, eu estava respirando com muita força, minha cabeça cheia de fogo novamente.

— Sinto muito — eu disse — não posso fazer isso.

— Por que não?

— Porque — eu disse. — Porque.

— Por que porque?

— Porque não vai funcionar.— Eu estava confusa. Eu soava como idiota.
— Simplesmente não vai funcionar.

— Isso não depende de nós? — Ele disse. — Não temos controle sobre se isso funciona ou não?

Eu balancei a cabeça. — Não é tão simples assim. Você não entende. E não é sua culpa que você não entenda — eu disse — mas você simplesmente não sabe o que você não sabe. Você não pode ver. Você não pode ver como sua vida seria diferente – como estar comigo, passar um tempo com alguém como eu — parei. Lutei por palavras. — Seria difícil para você — eu disse, — com seus amigos, sua família...

— Por que você tem tanta certeza de que eu me importo com o que as outras pessoas pensam?

— Você vai se importar — eu disse.

— Não, eu não vou. Eu já não me importo.

— Você diz isso agora — eu disse, balançando a cabeça. — Mas você não sabe. Você vai se importar, Ocean. Você vai se importar.

— Por que você não pode me deixar decidir com o que eu vou me importar?

Eu ainda estava balançando a cabeça. Eu não consegui olhar para ele.

— Ouça-me — disse ele, e ele pegou minhas mãos, e eu não percebi até aquele exato momento que minhas próprias mãos estavam tremendo. Ele apertou meus dedos. Me puxou para mais perto. Meu coração estava selvagem.

— Ouça-me — ele disse novamente. — Eu não me importo com o que as outras pessoas pensam. Eu não me importo, ok?

— Você se importa — eu disse baixinho. — Você acha que não, mas você se importa.

— Como você pode dizer isso?

— *Porque* — eu disse — Porque eu sempre digo isso. Eu sempre digo que não me importo com o que as outras pessoas pensam. Eu digo que isso não me incomoda, que eu não dou a mínima para as opiniões dos idiotas, mas isso não é verdade — eu disse, e meus olhos dói quando eu disse isso. — Não é verdade, porque dói toda vez, e isso significa que ainda me importo. Isso significa que ainda não sou forte o suficiente, porque toda vez que alguém diz algo grosseiro, algo racista — toda vez que algum sem-teto sofre um ataque terrível quando me vê atravessando a rua — dói. Isso nunca para de doer. Só fica mais fácil recuperar.

— E você não sabe o que é isso — eu disse. — Você não sabe como é minha vida e não sabe como seria se tornar parte disso. Para dizer ao universo que você está do meu lado. Eu não acho que você entende que você estaria se tornando um alvo. Você estaria arriscando o mundo feliz e confortável em que você vive...

— Eu não vivo em um mundo feliz e confortável — disse ele de repente, e seus olhos estavam brilhantes, intensos quando ele disse isso. — E se a vida que tenho é supostamente um exemplo de felicidade, então o mundo está ainda mais bagunçado do que eu pensava. Porque eu não estou feliz e não quero ser como meus pais.

Eu não quero ser como todo mundo que conheço. Eu quero escolher como viver minha própria vida, ok? Eu quero escolher com quem ficar.

Eu só podia olhar para ele, meu coração batendo forte no meu peito.

— Talvez você se preocupe com o que as outras pessoas pensam — disse ele, e sua voz era mais suave agora. — E tudo bem.

Mas eu realmente, realmente, não.

— Ocean — eu sussurrei. — *Por favor.*

Ele ainda estava segurando minhas mãos e ele se sentia seguro e real e eu não sabia como dizer a ele que eu não tinha mudado de idéia, nem mesmo um pouquinho, e que quanto mais ele falava, mais eu sentia meu coração implodir.

— Por favor, não faça isso — disse ele. — Por favor, não se afaste de mim porque você está preocupada com as opiniões de racistas e idiotas. Afaste-se de mim porque você me odeia — disse ele. — Diga-me que você acha que eu sou estúpido e feio e eu juro que isso machucaria menos.

— Eu não posso fazer isso — eu disse. — Eu acho que você é maravilhoso.

Ele suspirou. Ele não estava olhando para mim quando disse: — Isso não está ajudando.

— Eu também acho que você tem olhos muito bonitos.

Ele olhou para cima, surpreso. — Você acha?

Eu assenti.

E ele riu baixinho. Ele pegou minhas mãos e as pressionou contra seu peito e ele se sentiu forte. Eu podia sentir seu coração acelerado sob as palmas das minhas mãos. Eu podia sentir o contorno de seu corpo sob sua camisa e isso me deixou um pouco tonta.

— Ei — disse ele.

Eu encontrei seus olhos.

— Você não tem nada de ofensivo que você gostaria de dizer para mim? Talvez me faça te odiar um pouquinho?

Eu balancei a cabeça. — Eu sinto muito, Ocean. Eu realmente sinto. Por tudo.

— Eu só não entendo como você pode ter tanta certeza — disse ele, e seus olhos estavam tristes novamente. — Como você pode ter *tanta certeza* de que isso não vai funcionar que você nem vai dar uma chance?

— Porque eu já sei — eu disse. — Eu já sei o que vai acontecer.

Ele disse: — Você não sabe o que vai acontecer.

— Sim — eu disse — eu sei. Eu já sei onde esta história vai.

— Não. Você acha que sabe. Mas você não tem ideia do que está prestes a acontecer.

— Sim — eu disse — sim, eu—

E ele me beijou.

Não era o tipo de coisa sobre a qual eu leria. Não foi rápido; não foi suave e simples. Ele me beijou e eu senti euforia real, como todos os meus sentidos se fundiram e eu fui reduzida a respirações e batimentos cardíacos e repetindo inteiros. Não foi nada como eu pensei que seria. Foi melhor, foi infinitamente melhor, na verdade, pode ter sido a melhor coisa que já me aconteceu. Eu nunca fiz isso antes, mas de alguma forma eu não precisei de um manual. Eu desmorenei nele, dentro dele, e ele separou meus lábios e eu adorei, eu amei como ele parecia, como ele provou doce e quente e eu me senti delirante, eu estava pressionada contra a porta do passageiro e minhas mãos estavam em seu cabelo e eu não estava pensando em nada, eu estava pensando em nada, nada além disso, mas a impossibilidade *disso* quando ele se afastou, ofegando por ar. Ele pressionou sua testa contra a minha e disse *Oh*, ele disse, *Uau*, e eu pensei que tinha acabado e ele me beijou novamente. E de novo. E de novo.

Eu ouvi a campainha tocar em algum lugar. Eu ouvi como se estivesse ouvindo som pela primeira vez.

E então, de repente, minha mente voltou para mim.

Foi como um estrondo sônico.

Eu sentei rápido demais. Meus olhos estavam selvagens. Eu estava quase hiperventilando. — Oh meu Deus — eu disse. — Oh meu Deus, Ocean— Ele me beijou novamente.

Eu me afoguei.

Quando nos separamos nós dois estávamos respirando com dificuldade, mas ele estava olhando para mim e ele disse *Put a merda*, mas suavemente, como se ele estivesse falando apenas para si mesmo, e eu disse: — Eu tenho que ir, eu tenho que ir — e ele apenas olhou para mim, sua mente ainda não totalmente acordada e eu agarrei minha mochila e seus olhos se arregalaram, de repente alerta, e ele disse: — Não vá.

— Eu tenho que ir — eu disse. — O sino tocou. Eu tenho que ir para aula.

Isso era obviamente uma mentira, eu não dava a mínima para as aulas, eu era apenas uma covarde, tentando fugir, agarrei a maçaneta, abri a porta e ele

disse: — Não, espere...

E eu disse — Talvez devêssemos ser apenas amigos, ok?— E eu pulei para fora do carro antes que ele pudesse me beijar novamente.

Eu olhei para trás, apenas uma vez, e o vi olhando para mim através da janela enquanto me afastava.

Ele parecia atordoado.

E eu sabia que tinha feito tudo muito pior.

20

Vinte

Eu larguei bio.

Nosso tempo com o gato morto tinha chegado oficialmente ao fim – nós estaríamos retomando os trabalhos regulares por um tempo até que recebêssemos nosso próximo trabalho no laboratório – mas eu ainda não conseguia encará-lo. Eu não sabia o que faria se o visse de novo. As coisas ainda estavam muito cruas. Meu corpo parecia que agora era feito inteiramente de nervos, como se músculo e osso tivessem sido removidos para dar espaço a toda essa nova emoção.

As coisas entre nós tinham oficialmente saído do controle.

Eu estava tocando meus lábios a tarde toda, confusa e surpresa e um pouco desconfiada de que tinha imaginado a coisa toda. O calor na minha cabeça não diminuiria. Eu não tinha ideia do que aconteceu com a minha vida. Mas a insanidade do dia só me deixou mais ansiosa para praticar. Breakdancing me deu foco e controle; quando trabalhei duro, vi resultados. Eu gostei de como era simples.

Direto.

— O que diabos está acontecendo com você?

Foi assim que meu irmão disse olá para mim.

Eu deixei cair minha bolsa no chão. Jacobi, Bijan e Carlos estavam agrupados em um canto distante da sala de dança, fingindo não olhar para mim.

— O quê? — Eu disse, tentando ler seus rostos. — O que há de errado?

Navid fechou os olhos com força. Abriu-os. Olhou para o teto.

Passou as duas mãos pelos cabelos. — Eu lhe disse para *ligar* para ele — disse ele. — Eu não lhe disse para *ficar* com ele.

Eu me senti subitamente paralisada.

Horrorizada.

Navid estava sacudindo a cabeça. — Escute — ele disse, — eu não me importo, ok? Eu não me importo com você beijando algum cara – eu nunca pensei que você fosse algum tipo de santa – mas você tem que ter cuidado. Você não pode sair por aí com caras como ele. As pessoas notam.

Eu finalmente consegui separar meus lábios, mas quando falei, as palavras soaram como sussurros. — Navid — eu disse, tentando realmente não ter um ataque cardíaco — do que você está falando?

Navid pareceu de repente confuso. Ele estava olhando para mim como se não tivesse certeza se meu pânico era real. Como se ele não soubesse se eu estava apenas fingindo agir como se não soubesse como na terra ele descobriu que eu beijei alguém pela primeira vez hoje.

— Carros — disse ele — têm janelas.

— E daí?

— Então — ele disse, irritado — as pessoas viram vocês dois juntos.

— Sim — eu disse, — eu entendo isso, mas quem se importa?

— Eu estava quase gritando com ele, meu pânico se transformando muito rapidamente em raiva. — Por que alguém se importaria? Por que alguém diria a você?

Navid franziu a testa para mim, com força. Ele ainda não conseguia decidir se eu estava ou não brincando com ele. — Você sabe alguma coisa sobre esse cara? — Ele disse. — Este garoto Ocean?

— Claro que sei.

— Então eu não sei porque você está tão confusa.

Eu estava respirando com muita força. Eu queria gritar. — Navid — eu disse cuidadosamente — eu juro por Deus, se você não me disser o que diabos está acontecendo agora eu vou chutar você na virilha.

— Ei — ele disse, e se encolheu, — não há necessidade de ficar violenta.

— *Eu não entendo* — eu disse, e eu realmente estava gritando agora. — Por que alguém daria a mínima para quem eu decidi beijar ou não? Eu não conheço *ninguém* nesta escola. — — Criança — disse ele, e de repente ele riu. — Você não precisa conhecer ninguém nesta escola. É o suficiente que ele faz. Seu namorado é meio que um grande negócio.

— Ele não é meu namorado.

— Tanto faz.

E então, o pânico subiu pela minha garganta, apertando.

— O que você quer dizer com isso? – Ele é meio que um grande negócio?

— Ele é como o garoto de ouro deles. Ele está no time de basquete do colégio.

E eu tive que sentar, bem ali, minha cabeça girando de repente.

Eu me sinto doente. Legitimamente enjoada. Eu não sabia nada sobre basquete. Eu não me importava com esportes, geralmente. Eu não poderia dizer-lhe nada sobre quem fez o que com a bola ou como colocá-la em uma rede ou porque era tão importante para as pessoas, mas eu aprendi uma coisa importante sobre esta escola quando cheguei aqui: Eles estavam obcecados com seu time de basquete.

Eles tiveram uma temporada de banners no ano anterior e ainda estavam invictos. Eu ouvi isso todos os dias durante os anúncios da manhã. Ouvi os constantes e quase diários lembretes sobre como a temporada estava começando em apenas duas semanas, que deveríamos nos lembrar de apoiar nossa equipe, devemos nos certificar de participar de jogos locais e fora, devemos nos apresentar em comícios de torcida porque o espírito da escola era uma coisa, aparentemente. Mas eu nunca fui a comícios. Eu nunca fui a um jogo da escola, nem nunca, nem em nenhuma escola. Eu só fiz as coisas que era absolutamente necessário fazer. Eu não fui voluntária. Eu não participei. Eu nunca me juntei ao maldito Key Club. Hoje mesmo recebi um e-mail lembrando-me de que em quinze dias – no dia do primeiro jogo de basquete da temporada – todos deviam se vestir de preto na cabeça aos pés; era a idéia da escola de uma piada: supostamente fingíamos comparecer ao funeral da equipe adversária.

Eu pensei que era *ridículo*.

E depois...

— Espere — eu disse, confusa. — Como ele pode estar no time da escola? Ele é um estudante de segundo ano.

Navid parecia que queria me bater na cabeça. — Você está falando sério agora? Como é que eu sei mais sobre esse cara do que você? Ele é um maldito júnior.

— Mas ele está em duas das minhas... — Comecei a dizer e me interrompi.

Ocean estava na minha aula bioquímica de AP. Fui eu quem estava fora do lugar – na verdade, estava um ano à frente; normalmente bio AP era para juniores e veteranos. A outra classe, Perspectivas Globais, era uma eletiva.

Apenas os calouros não podiam assisti-la.

Ocean era um ano mais velho que eu. Isso explicaria por que ele parecia tão certo sobre a faculdade quando eu perguntei sobre isso.

Ele falou sobre escolher uma escola como se fosse uma coisa real; algo para se preocupar, mesmo. A faculdade estava chegando para ele. Ele faria os SATs em breve. Ele se inscreveria nas escolas no próximo ano.

Ele era um jogador de basquete.

Oh meu Deus.

Eu caí de costas, debruçada no chão arranhado da sala de dança, e olhei para a iluminação embutida. Eu queria desaparecer.

— É ruim? — Eu disse, e minha voz soou assustada. — É realmente ruim?

Eu ouvi o suspiro de Navid. Ele andou até mim, olhou para baixo. — Não é *ruim*. É estranho, você sabe. É boa fofoca. As pessoas estão confusas.

— *Droga* — eu disse, e apertei meus olhos fechados.

Isso era exatamente o que eu não queria.

21

Vinte e Um

Quando cheguei em casa naquele dia, fiquei confortada, pela primeira vez, no fato de que meus pais nunca davam a mínima para minha vida escolar. Eles eram tão inconscientes, na verdade, que eu sinceramente não tinha certeza se meu pai sabia onde minha escola ficava. Minha volta para casa uma hora atrasada para um filme de Harry Potter, agora – isso era algo para perder a cabeça – mas imaginar que minha escola secundária americana poderia realmente ser mais assustadora do que as ruas ruins dos subúrbios? Esse salto parecia, de alguma forma, impossível.

Eu nunca consegui que meus pais se importassem com a minha vida na escola. Eles nunca se ofereceram para nada; eles nunca compareceram às funções da escola. Eles não leram as cartas. Eles não entraram no PTA nem ajudaram a dançar a escola. Minha mãe só pôs os pés no campus para assinar os papéis para o meu registro.

Caso contrário, isso não era coisa deles. A única vez que eles se interessaram foi logo depois do 11 de setembro, quando aqueles caras me prenderam no caminho da escola para casa. Navid basicamente salvou minha vida naquele dia. Ele apareceu com os policiais pouco antes daqueles caras poderem bater minha cabeça no concreto. Foi um incidente premeditado; alguém os ouvira falar, na aula, sobre seus planos de vir atrás de mim e avisou Navid.

Os policiais nunca prenderam ninguém naquele dia. As luzes da polícia tinham assustado os caras o suficiente para recuarem, então quando os policiais saíram do carro eu estava sentado na calçada, tremendo, tentando tirar meu cachecol em volta do meu pescoço. Os policiais suspiraram, disseram a esses dois idiotas que parassem de ser idiotas e os mandaram para casa.

Navid ficou furioso.

Ele ficava dizendo a eles para fazer alguma coisa, que esses caras deveriam ser presos, e os policiais disseram para ele se acalmar, que eles eram

apenas crianças, que não havia necessidade de tornar isso tão dramático. E então os policiais se aproximaram de mim, onde eu ainda estava sentada no chão, e me perguntaram se eu estava bem.

Eu realmente não entendi a pergunta.

— Você está *bem*? — Um dos policiais disse novamente.

Eu não estava morta e, por algum motivo, achei que deveria significar que estava bem. Então eu assenti.

— Escute — ele disse, — talvez você devesse reconsiderar tudo isso.... — Ele apontou vagamente para o meu rosto. — Andando por aí assim o tempo todo? — Ele balançou a cabeça. Suspirou. — Sinto muito, garota, mas é como se você estivesse pedindo por isso. Não se torne um alvo. As coisas estão complicadas no mundo agora. As pessoas estão com medo. Você entende? — E então — você fala inglês?

Lembro-me de tremer tanto que mal conseguia me sentar direito.

Lembro-me de olhar para o policial e sentir-me impotente. Lembro-me de olhar para a arma no coldre e estar aterrorizada.

— Aqui — ele disse, e me ofereceu um cartão. — Ligue para esse número se você se sentir insegura, ok?

Eu peguei o cartão. Era um número para serviços de proteção à criança.

Isso não foi o começo – não foi onde minha raiva começou – mas foi um momento de cauterização que eu nunca esqueceria.

Quando cheguei em casa naquele dia, ainda tão atordoada que ainda não havia descoberto como chorar, meus pais se transformaram. Foi a primeira vez que eles pareciam pequenos para mim. Petrificados. Meu pai me disse naquele dia que talvez eu devesse parar de usar meu cachecol. Se talvez fosse melhor para mim desse jeito. Mais fácil.

Eu disse não.

Eu disse a ele que estava bem, que tudo ficaria bem, que eles não precisavam se preocupar, que eu só precisava tomar um banho e eu ficaria bem. Não foi nada, eu disse. Eu disse aos meus pais que estava bem porque de alguma forma eu sabia que eles precisavam da mentira ainda mais do que eu. Mas quando nos mudamos um mês depois, eu sabia que não era coincidência.

Eu estive pensando muito sobre isso ultimamente. Todas as besteiras. O cansaço que acompanhou a minha escolha pessoal de envolver um pedaço de pano em volta do meu cabelo todos os dias.

Eu estava tão cansada de lidar com essa porcaria. Eu odiava como essa porcaria parecia envenenar tudo. Eu odiava que eu me importasse com tudo. Eu odiava como o mundo continuava tentando me intimidar em acreditar que eu era o problema.

Eu senti que nunca conseguiria dar um tempo.

Fiz uma pausa antes de abrir a porta da minha casa, minha mão congelada na maçaneta. Eu sabia que minha mãe estava cozinhando alguma coisa porque o ar frio e fresco era infundido com um aroma delicioso. Era aquele cheiro perfeito e incrível que sempre me levava de volta à sensação específica de ser criança: o cheiro de cebola refogada no azeite de oliva.

Eu senti meu corpo relaxar.

Eu entrei, larguei minha bolsa e afundei na mesa da cozinha.

Apoiei-me nos sons familiares e reconfortantes e cheiros de casa, segurando-os como uma tábua de salvação, e olhei para minha mãe, que era, inquestionavelmente, um ser humano de uma variedade superior. Ela lidou muito com isso. Ela sobreviveu tanto. Ela era a mulher mais corajosa e forte que eu já conheci, e embora eu soubesse que ela enfrentava todos os tipos de discriminação diariamente, ela raramente discutia isso. Em vez disso, ela empurrou todos os obstáculos, nunca se queixando. Eu aspirava a seus níveis de graça e perseverança. Ela trabalhava durante todo o dia e voltou para casa pouco antes do meu pai, preparava uma refeição incrível e sempre tinha um sorriso, um tapa na parte de trás da cabeça ou uma peça devastadora de sabedoria para transmitir.

Hoje, eu queria desesperadamente perguntar a ela o que fazer.

Mas eu sabia que provavelmente ia dar um tapa na parte de trás da cabeça, então reconsiderarei. Em vez disso, suspirei. Eu olhei para o meu celular. Eu tinha seis chamadas perdidas e duas mensagens de texto de Ocean—

por favor me ligue

ppr favor

— e eu já olhei para elas cerca de cem vezes. Fiquei olhando para as palavras dele no meu celular, sentindo tudo de uma vez.

Apenas a lembrança de beijá-lo foi o suficiente para me fazer corar.

Eu me lembrei dele, cada centímetro dele. Minha mente registrou o momento em detalhes surpreendentes, e eu o repeti várias e várias vezes. Quando fechei meus olhos, ainda podia senti-lo contra meus lábios. Eu me lembrei dos olhos dele, do jeito que ele olhou para mim, e minha pele ficou repentinamente quente e elétrica. Mas quando eu pensava sobre as

consequências – a estranheza com a qual eu seria inevitavelmente forçada a lidar na escola no dia seguinte – sentime horrível e envergonhada. Eu me senti tão idiota que não conhecia o seu lugar na hierarquia dessa escola idiota, me senti idiota por nunca ter perguntado o que ele fazia em seu tempo livre. Sentime repentinamente frustrada por ter abandonado todos esses comícios.

Eu o veria quando eles desfilaram todos os jogadores de basquete para o centro do ginásio.

Eu saberia.

Mas eu estava agora com uma merda de vaca metafórica e eu não sabia o que fazer. Eu não acho mais que ignorar Ocean era uma opção – na verdade, eu não tenho certeza se foi algum dia – mas eu também não sabia se conversar com ele ajudaria também. Eu já tentei isso. Hoje, de fato. Esse foi o plano todo. Eu pensei que estava amadurecendo, terminando as coisas em pessoa. Eu poderia ter sido – na verdade, teria preferido ter sido – uma covarde que lhe enviou uma mensagem de texto simples e cruel, dizendo a ele para me deixar sozinha para sempre; mas eu queria fazer a coisa certa. Eu pensei que ele merecia ter uma conversa adequada sobre isso. Mas eu de alguma forma estraguei tudo.

Eu arrastei meus pés naquela noite. Fiquei no andar de baixo com meus pais por muito mais tempo do que normalmente faria. Eu comi o jantar devagar, empurrando minha comida em volta do meu prato muito tempo depois que todos saíram da mesa e disse: — Estou bem, apenas cansada. — para as muitas perguntas preocupadas dos meus pais. Navid não disse muito para mim, exceto para me dar um sorriso simpático, o que eu apreciei.

Nada ajudou, no entanto.

Eu estava perdendo tempo. Eu não queria ir para o meu quarto, onde a porta fechada, o silêncio e a privacidade me forçariam a tomar uma decisão. Eu estava preocupada que iria desmoronar e chamar Ocean de volta, que eu ouviria sua voz e perderia minha capacidade de ser objetiva e então, inevitavelmente, concordaria em *tentar*, ver o que aconteceria, em última instância ficar sozinha com ele em outra ocasião iminente porque uau, eu queria desesperadamente beijá-lo novamente. Mas eu sabia que toda essa situação era perigosa para minha saúde. Então eu adiei.

Eu consegui adiar até às três da manhã.

Eu estava deitada na cama, totalmente desperta, completamente incapaz de desligar meu cérebro ou meu corpo, quando meu telefone tocou na mesa ao meu lado. A mensagem do Ocean foi ao mesmo tempo simples e comovente.

:(

Eu não sei porque foi o emoticon de cara triste que finalmente rompeu minhas defesas. Talvez porque parecesse tão humano. Tão real.

Eu peguei meu telefone porque eu estava fraca e sentia falta dele e porque eu estava deitada lá, pensando nele por horas já; meu cérebro sucumbiu muito antes de ele me mandar uma mensagem.

Ainda assim, eu sabia melhor.

Eu cliquei para o seu número e eu sabia – mesmo quando hesitei, meu dedo pairando sobre o botão de chamada – eu sabia que estava apenas convidando problemas. Mas eu também era apenas uma adolescente, e meu coração ainda estava fraco demais. Eu não era um modelo de nada. Eu definitivamente não era uma santa, como meu irmão havia claramente apontado. Não uma santa, não de longe.

Então eu liguei para ele.

Ocean parecia diferente quando ele atendeu. Nervoso. Eu o ouvi expirar, apenas uma vez, antes que ele dissesse: — Ei.

— Oi — eu sussurrei. Eu estava me escondendo debaixo das cobertas novamente.

Ele não disse nada por alguns segundos.

Eu esperei.

— Eu realmente pensei que você não ia me ligar. — ele finalmente disse. — Tipo, nunca mais.

— Eu sinto muito.

— É porque eu beijei você? — Ele disse, e sua voz estava tensa. — Foi isso – eu não deveria ter feito isso?

Eu apertei meus olhos fechados. Essa conversa já estava fazendo as coisas para os meus nervos. — Ocean. — eu disse. — O

beijo foi incrível.— Eu podia ouvi-lo respirar. Eu podia ouvir o jeito que a respiração dele mudou quando eu falei. — O beijo foi perfeito — eu disse. — Meio que me surpreendeu.

Ele ainda não disse nada.

E depois— — Por que você não me ligou? — Ele sussurrou, e ele soou de repente quebrado.

Eu soube então que era isso. Aqui estava. Aqui foi o momento e eu tive

que dizer isso. Com toda a probabilidade isso me mataria, mas eu tinha que dizer isso.

— Porque, — eu disse. — Eu não quero fazer isso.

Eu ouvi a respiração sair dele. Eu o ouvi se afastar do telefone e xingar e ele disse: — Isso é por causa dos idiotas da escola? Porque as pessoas nos viram juntos?

— Isso tem muito a ver com isso, sim.

Ele xingou novamente.

E então, calmamente, eu disse: — Eu não sabia que você era um jogador de basquete.

Parecia uma coisa estúpida para dizer, como se não devesse ter importado o esporte que ele jogou em seu tempo livre, mas também começou a parecer uma omissão descarada em seu fim. Ele não era um garoto comum que decidiu jogar basquete em seu tempo livre. Ele era um jogador de destaque no time. Ele aparentemente marcou muitos gols para alguém da idade dele. Cestas. Tanto faz. Eu procurei on-line quando finalmente reuni coragem para me trancar no meu quarto. Havia artigos sobre ele nos jornais locais. Faculdades já estavam circulando ele, falando sobre bolsas de estudo, falando sobre seu potencial, seu futuro. Me deparei com alguns blogs e webcasts patrocinados pela escola que foram bastante esclarecedores, mas quando eu pesquisei mais profundamente descobri uma conta anônima do LiveJournal dedicada apenas a ele e suas estatísticas ao longo dos anos – uma tonelada de números que não consegui entender sobre pontos e rebotes – e de repente eu estava confusa.

Basquete foi claramente uma grande parte da vida de Ocean; Era óbvio que tinha sido por algum tempo. E acabara de me ocorrer que, embora sim, houvesse alguma falha por não lhe fazer mais perguntas sobre si mesmo, sua omissão também era estranha. Ele nunca mencionou casualmente o basquete, em nenhuma das nossas conversas.

Então, quando ele disse: — Eu realmente gostaria que você nunca tivesse descoberto — a coisa toda começou a fazer um pouco mais de sentido para mim.

E então – bem, então ele meio que se abriu.

Ele disse que começou a jogar basquete depois que seus pais se separaram, porque o novo namorado de sua mãe era um treinador de basquete juvenil. Ele disse que só fez isso porque passar um tempo com o novo namorado pareceu fazer sua mãe feliz. Ele jogava bem, o que fez o namorado

feliz. O que fez a mãe feliz. O que o fez feliz.

Quando sua mãe e o namorado se separaram, Ocean tinha doze anos. Ele tentou desistir do basquete, mas sua mãe não o deixou. Ela disse que era bom para ele. Ela disse que ficou feliz em vê-lo jogar tão bem. E então horrivelmente, inesperadamente, os pais de sua mãe morreram, ele disse, neste acidente de carro realmente trágico, ambos ao mesmo tempo, e sua mãe meio que perdeu a cabeça. Mas foi horrível de duas maneiras, ele disse. Ele disse que sua mãe estava se recuperando do impacto emocional, mas que ela também, de repente, não precisava mais ir trabalhar. Seus pais haviam deixado tudo para ela – terra, investimentos, todos os tipos de coisas – e ele disse que era todo o dinheiro que acabou arruinando sua vida.

Ele disse que passou os próximos anos tentando impedir que sua mãe chorasse o tempo todo e que, eventualmente, eles mudaram de papéis; um dia ele se tornaria o responsável enquanto ela meio que desmaiava e perdia o controle de todos, menos de si mesma.

Quando sua mãe finalmente passou pela escuridão, ela se tornou inteiramente sobre suas obrigações sociais. Ele disse que ela ficou obcecada em encontrar outro marido, e que era horrível e doloroso de assistir.

— Ela nem percebe quando eu não estou em casa — ele disse para mim. — Ela está sempre fora, sempre fazendo coisas com as amigas ou namorando um cara novo que não tenho interesse em conhecer. Ela está tão convencida de que eu vou ficar bem – ela está sempre me dizendo que eu sou uma boa criança – e então ela simplesmente desaparece. Ela deixa dinheiro na mesa e então, eu não sei, eu nunca sei quando vou ouvir dela. Ela vem e vai. Sem agenda. Nunca se compromete com nada. Ela nunca chega aos meus jogos. Eu saí de casa por uma semana, uma vez, só para ver o que aconteceria, e ela nem me ligou. Quando finalmente cheguei em casa, ela pareceu surpresa ao me ver. Ela disse que tinha assumido que eu estava no acampamento de basquete ou algo assim. — Ele hesitou. — Mas foi no meio do ano letivo.

Ele disse que continuou jogando basquete porque sua equipe se tornou um substituto para sua família. Era a única que ele tinha.

— Mas há muita pressão — disse ele. — Há muita pressão para se apresentar e estou começando a odiar. Tudo isso. Meu treinador está me matando todos os dias, estressando-me sobre olheiros e estatísticas e esses prêmios estúpidos e eu não sei — disse ele. — Eu sinto que nem sei mais por que estou fazendo isso. Eu nunca joguei basquete porque adorei. Acabou de se tornar essa coisa que assumiu toda a minha vida. É como um parasita. E todo mundo está tão obcecado com isso – disse ele, com raiva em sua voz. — É como se eles não pudessem pensar em mais nada. As pessoas só querem

falar comigo sobre basquete — disse ele. — Como isso é tudo que sou. Como se fosse tudo o que sou. E não é.

— Claro que não — eu disse, mas minha voz estava quieta.

Triste. Eu entendi muito bem como era se sentir como se você fosse definido por uma coisa superficial – sentir que você nunca escaparia da caixa em que as pessoas o colocaram.

Parecia que você ia explodir.

— Ocean — eu disse, — sinto muito pela sua mãe.

— Sinto muito por não ter contado tudo isso antes.

— Está tudo bem — eu disse. — Entendi.

Ele suspirou. — Isso vai soar estranho, eu sei – e realmente idiota – mas eu simplesmente – adorei como você nunca pareceu se importar com quem eu era. Você não me conhece. Você não sabia nada sobre mim. Tipo – não apenas naquele primeiro dia — disse ele — mas, assim, pelos próximos dois meses. Eu fiquei esperando você descobrir – eu pensei que talvez você me visse em um evento ou aparecesse em um jogo ou algo assim, eu não sei, mas você nunca viu. Você nunca me viu depois da escola.

— Depois da escola? — Eu disse. Mas então me lembrei, com um súbito momento de clareza, descobrindo-o na porta da nossa sala de dança. E depois, por uma fração de segundo, saindo do ginásio.

— O que você faz depois da escola?

Ocean riu. — Vê? Isso é exatamente o que quero dizer. Eu tenho praticado — disse ele. — Estamos sempre no ginásio. Eu vejo você desaparecer na sala de dança com esses outros caras e eu sempre achei que você, tipo, — ele riu de novo — Eu não sei, eu acho que pensei que talvez um dia você passasse por aqui? Me veria no meu uniforme de basquete? Mas isso nunca aconteceu. E fiquei tão à vontade falando com você assim. Sem o barulho. Era como se você realmente quisesse me conhecer.

— Eu queria conhecer você — eu disse. — Eu ainda quero.

Ele suspirou. — Então por que ir embora? Por que jogar tudo isso fora?

— Não temos que jogar nada fora. Nós podemos apenas voltar a ser amigos. Ainda podemos conversar um com o outro — eu disse.

— Mas também podemos ter espaço. De um para o outro.

— Eu não quero espaço — disse ele. — Eu nunca quis menos espaço.

Eu não sabia o que dizer. Meu coração estava doendo.

— E você? — Ele disse, e sua voz foi repentinamente forçada novamente.
— Você realmente quer espaço de mim? Honestamente?

— Claro que não — eu sussurrei.

Ele ficou quieto por um segundo ou dois. E quando ele falou em seguida, suas palavras foram suaves. Tão doces. Ele disse: — Amor, por favor, não faça isso.

Eu senti uma onda de sentimento me inundar. Isso me deixou um pouco sem fôlego. O jeito que ele me chamava de *amor*, o jeito que ele dizia, não era nada e tudo de uma vez. Havia tanta emoção na palavra, como se ele quisesse que eu fosse dele, como se ele quisesse que pertencêssemos um ao outro.

— Por favor — ele sussurrou. — Vamos ficar juntos. Sair para curtir. Eu quero passar mais tempo com você.

Ele prometeu que não tentaria me beijar novamente e eu queria dizer que *você não se atreva a prometer não me beijar novamente*, mas eu não disse.

Em vez disso, fiz exatamente o que eu disse que não faria.

Eu aceitei.

22

Vinte e Dois

De repente, a escola ficou estranha como o inferno.

Eu deixei de ser o tipo de pessoa que as pessoas fingiam que não estavam olhando para ser o tipo de pessoa que estava abertamente boquiaberta. Alguns alunos não se preocuparam em esconder o fato de que estavam falando de mim quando eu passei.

Alguns deles realmente apontaram para mim enquanto eu passava.

De repente, foi muito bom para mim que eu tivesse praticado muito ignorando rostos. Eu olhei para o nada enquanto caminhava; Eu não olhei para ninguém. Ocean e eu não tínhamos planos; Nós não discutimos como seria o dia de hoje simplesmente porque ele estava tão certo de que tudo ficaria bem, que estávamos cercados de idiotas e nada disso importaria. Eu sabia que ele estava errado, é claro, que tudo importava, que estávamos nadando ativamente no esgoto que era o ensino médio e não nos faria bem fingir o contrário.

Eu sabia que era apenas uma questão de tempo antes que ele borbulhe em algo feio. Mas esse primeiro dia, pelo menos, foi bastante tranquilo. Mais ou menos.

Meus primeiros quatro períodos foram fáceis. Eu zonei completamente; escondi fones de ouvido debaixo do cachecol e escutei música enquanto o mundo continuava. Foi bom o suficiente.

Além disso, Ocean e eu nunca tínhamos realmente nos envolvido na aula do Sr. Jordan, então a coisa toda era bem discreta. Ocean me encontrou depois que o sinal tocou, sorrindo tão brilhante que iluminou todo o seu rosto. Ele disse oi. Eu disse oi de volta. E depois nos separamos. Nossas próximas aulas foram em direções diferentes.

Foi ao redor do almoço quando as coisas atingiram o pico estranho.

Essa garota aleatória me encurralou. Foi rápido. Totalmente inesperado. Ela quase me derrubou em um dos bancos de piquenique ao ar livre.

Eu fiquei chocada.

— Posso ajudá-la? — Eu joguei nela.

Ela era uma linda garota indiana. Ela tinha cabelos longos e escuros e olhos realmente expressivos, e usava aqueles olhos hoje para me expressar que queria me matar. Ela parecia lívida. — Você é um modelo terrível para garotas muçulmanas em todo lugar! — Ela disse.

Eu fiquei tão surpresa que eu realmente ri. Apenas uma vez, mas ainda assim.

Eu imaginei hoje indo mal de várias maneiras diferentes, mas nossa, uau, eu não estava esperando por isso.

Por um segundo, achei que ela poderia estar brincando comigo.

Eu dei a ela uma chance de tomar de volta. De repente sorri.

Ela não.

— Você está falando sério? — Eu disse.

— Você sabe o quanto tenho que trabalhar, todos os dias, para desfazer o tipo de dano que pessoas como você fazem à nossa fé?

Para a imagem das mulheres muçulmanas em geral?

Agora eu fiz uma careta. — Que diabos você está falando?

— Você não tem permissão para sair por aí beijando garotos! — Ela gritou.

Eu olhei para ela. — Você nunca beijou um menino?

— Isso não é sobre mim. — ela bufou, — isso é sobre você.

Você usa o hijab — disse ela. — Você está desrespeitando tudo o que você deveria representar.

— Hum. Ok. — Eu olhei para ela. Dei um meio sorriso.

Contornei-a e continei andando.

Ela me seguiu.

— Garotas como você não merecem usar o hijab. — ela disse, combinando com o meu ritmo. — Seria melhor para todos se você apenas tirasse isso.

Finalmente parei. Suspirei. Eu me virei para encará-la. — Você é, tipo, tudo que está errado com as pessoas, sabe? Você — eu disse — é o que há de errado com a religião. Pessoas como você fazem o resto de nós parecermos

loucos, e eu não acho que você perceba isso. — Eu balancei minha cabeça. — Você não sabe nada sobre mim, ok? Você não sabe nada sobre como eu vivi ou o que eu passei ou porque eu escolho usar o hijab e não é o seu lugar para me julgar ou como eu vivo a minha vida. Eu sou um ser humano, ok? E você pode ir direto para o inferno.

Seu queixo caiu de forma tão dramática que, por um segundo, ela parecia um personagem de anime. Seus olhos ficaram incrivelmente amplos, sua boca em forma de um O perfeito.

— Uau. — disse ela.

— Tchau.

— Você é ainda mais horrível do que eu pensei que você fosse.

— Tanto faz.

— Eu vou orar por você.

— Obrigada. — eu disse, e comecei a andar novamente. — Eu tenho um teste depois do almoço, então se você pudesse concentrar sua energia lá, isso seria ótimo.

— Você é uma pessoa terrível! — Ela me chamou.

Eu acenei adeus quando saí.

Ocean estava sentado debaixo da minha árvore.

Ele se levantou quando me viu chegando. — Oi. — ele disse.

Seus olhos eram tão brilhantes – felizes – à luz do sol. Era um belo dia. Era final de outubro; O outono havia chegado oficialmente. Havia um frio no ar e eu adorei.

— Oi. — eu disse, e sorri.

— Como foi seu dia? — Nós dois dissemos ao mesmo tempo.

— Estranho. — respondemos em uníssono.

Ele riu. — Sim. — disse ele, e passou a mão pelo cabelo. — Muito estranho.

Eu tentei não dizer *eu te disse*, porque eu não queria ser essa pessoa, mas eu realmente disse isso a ele, então decidi uma variação da mesma coisa e esperei que ele não notasse. — Sim. — eu disse.

— Eu, uh, achei que poderia ser.

Ele sorriu para mim. — Sim. Sim. Eu sei.

— Então, — eu disse, e sorri de volta. — Você sente muito ainda? Pronto para desistir?

— Não. — Ele franziu a testa e olhou, por um momento, genuinamente chateado. — Claro que não.

— Ok. — Dei de ombros. — Então deixe o show de merda começar.

23

Vinte e Três

As primeiras semanas realmente não foram tão ruins, exceto pelo fato de que eu comecei a jejuar, o que só me deixou meio cansada.

Ramadã era, honestamente, meu mês favorito do ano, apesar do quão louco isso soa. A maioria das pessoas não eram grandes fãs de jejum por trinta dias – todos os dias, do nascer ao pôr do sol – mas eu adorei. Eu amei como isso me fez sentir. Isso me deu uma nitidez de coração e mente; Eu experimentei clareza, como raramente fazia durante o resto do ano. De alguma forma, isso me fortaleceu. Depois de sobreviver a um mês de foco sério e autodisciplina, senti que poderia superar qualquer coisa.

Qualquer obstáculo Mental ou físico.

Navid *odiava* isso.

O dia todo tudo o que ele fez foi reclamar. Ele nunca foi mais irritante como ser humano do que durante o Ramadã. Tudo o que ele fez foi se lamentar. Ele disse que o jejum bagunçou sua dieta cuidadosamente equilibrada de peitos de frango simplesmente grelhados e olhando para seu abdômen no espelho. Ele disse que isso o fez ficar lento, que seus músculos precisavam de combustível, que todo o seu trabalho duro estava sendo drenado no banheiro e ele estava perdendo muito peso, ficando mais magro a cada dia e sobre toda a massa que ele trabalhou tão duro para construir? Além disso, sua cabeça doía, ele estava cansado, ele estava com sede; ele olhava para o seu abdômen novamente e fazia um barulho furioso e dizia: — Isso é besteira.

O dia inteiro.

Ocean estava, sem surpresa, curioso sobre a coisa toda. Eu parei de usar a palavra *fascinado* para descrever o modo como ele se envolveu comigo e com a minha vida, porque a iteração pejorativa da palavra não parecia mais justa. De fato, sua afeição era tão sincera que eu não podia mais me provocar em provocá-lo. Ele era facilmente ferido. Um dia ele me perguntou sobre comida persa novamente e eu fiz uma piada sobre o quão engraçado era que ele sabia

tão pouco, como ele realmente achava que falafel e hummus eram minha coisa, e de repente ele ficou tão envergonhado que não nem olhou para mim.

Então eu tentei ser gentil.

Fiel à sua palavra, Ocean realmente não parecia se importar com a estranheza geral que cercava a nossa situação. Mas também estávamos sendo muito cuidadosos. Os compromissos de basquetebol do Ocean eram ainda mais intensos do que eu esperava – ele estava ocupado praticamente o tempo todo. Então nós levamos isso dia a dia.

Nós não fizemos muito no começo.

Eu não conheci seus amigos. Eu não fui para a casa dele. Nós não passamos todos os momentos juntos; nós nem sequer passamos todos os nossos almoços juntos. Para ser claro, estas foram minhas sugestões, não dele. Ocean não estava entusiasmado com a distância que eu mantinha entre nós, mas era a única maneira de fazer isso – eu queria que nossos mundos se fundissem lentamente, sem o caos – e ele parecia resignado em aceitá-lo. Ainda assim, eu me preocupei. Eu me preocupava com tudo que ele teria que lidar. O que ele já deveria estar lidando. Eu checaria com ele diariamente, perguntaria se alguma coisa tinha acontecido, se alguém tivesse dito alguma coisa para ele, mas ele se recusou a falar sobre isso. Ele disse que não queria pensar sobre isso. Não queria dar oxigênio.

Então eu deixei para lá.

Depois de uma semana, parei de perguntar.

Eu só queria aproveitar a companhia dele.

Houve outra batalha de breakdancing acontecendo no próximo final de semana, não muito tempo depois que Ocean e eu começamos, oficialmente, a passar tempo juntos, e eu estava animada. Eu queria que ele viesse comigo, para ver como era participar de uma dessas coisas pessoalmente, e, bônus: era uma excursão que já tinha sido aprovada pelos pais, o que fazia quaisquer mentiras adicionais para minha mãe e pai muito mais fácil de acreditar. Eu não tinha absolutamente nenhum interesse em contar aos meus pais a verdade sobre Ocean, pois eu poderia imaginar literalmente nenhum cenário em que eles me mandariam para a noite com um garoto que queria me beijar, e eu estava muito bem mentindo sobre isso. Meus pais não eram do tipo que se preocupariam com a raça ou religião de Ocean; Eu já sabia disso sobre eles. Não, eles reprovavam, não importa quem ele fosse. Eles apenas nunca quiseram acreditar que eu era uma adolescente normal que gostava de garotos, ponto. Então foi meio que um alívio, na verdade, não contar nada a eles. Essa coisa toda foi bastante dramática sem envolver meus pais e suas

inevitáveis hiperventilações.

Por fim, pensei em criar um plano bem sólido; seria uma maneira divertida de passar uma noite de sábado. Além disso, Ocean poderia conhecer oficialmente Navid e os outros caras, e eu poderia mostrá-lo ao redor deste mundo que eu amava. Mas quando eu lancei isso para Ocean, ele pareceu surpreso. E então, educado.

— Oh. — ele disse. — OK. Certo.

Algo estava errado.

— Você não gosta desse plano. — eu disse. — Você acha que isso é um plano ruim.— Estávamos no telefone. Era tarde, muito tarde, e eu estava sussurrando debaixo das cobertas novamente.

— Não, não. — disse ele, e riu. — É um ótimo plano. Eu adoraria ver uma dessas batalhas – elas soam tão legais – é apenas... — Ele hesitou. Riu de novo. Finalmente, ouvi-o suspirar.

— O que? — eu disse.

— Eu meio que queria ficar sozinho com você.

— *Oh*. — eu disse. Meu coração acelerou.

— E você está me convidando para sair com você e, hum, quatro outros caras. — Eu podia ouvir o sorriso em sua voz. — O que, quero dizer, está totalmente bem, se é isso que você quer fazer, mas eu só...

— Uau. — eu disse. — Eu sou tão burra.

— O que? Você não é burra. Não diga isso. — ele disse. — Você não é burra. Eu sou apenas egoísta. Eu estava ansioso para ter você só para mim.

Um calor agradável encheu minha cabeça. Fez-me sorrir.

— Podemos fazer as duas coisas? — Ele disse. — Podemos ir ao evento e depois, eu não sei, fazer alguma coisa depois, só você e eu?

— Sim. — eu disse. — Definitivamente.

O evento estava atrasado, muito tempo depois do pôr-do-sol, então eu e Navid já havíamos quebrado nossos jejuns e jantado antes de sairmos. Eu dirigi com Navid, e quando chegamos lá, Carlos, Jacobi e Bijan nos encontraram no estacionamento. Ocean apareceu logo depois, mas nós tivemos que nos encontrar dentro com a ajuda de várias mensagens de texto.

O lugar estava lotado.

Eu tinha estado em mais algumas batalhas desde a primeira vez que eu

participei – nós estávamos indo quase todo fim de semana – e esta foi, de longe, a maior. As equipes aqui, esta noite, eram melhores; as apostas eram maiores. Eu olhei ao redor da sala e percebi que meus pais não deveriam saber que tipo de evento eles estavam aprovando todo esse tempo; Eu não podia imaginá-los andando por aqui agora e dando o polegar para cima.

Esta não era realmente uma cena para crianças do ensino médio.

Quase todos ao meu redor pareciam que estavam na faculdade – ou, no mínimo, quase lá – mas mesmo parecendo uma espécie de gente rústica, eu sabia que eles não eram. Havia looks que você esperaria – piercings, tatuagens, moletons infinitos e calças de moletom – mas nem sempre era óbvio quem era secretamente o melhor. As pessoas te surpreenderiam. Eu sabia, por exemplo, que o cara coreano no canto mais distante, que raramente falava e sempre aparecia nessas coisas com a mesma camisa branca despretensiosa, calças cargo e óculos com armação de arame, mais tarde se despiria para um par de ginásios metálicos, calções e chamas no ar como ninguém. Sempre havia tempo, depois que a batalha terminava, mas enquanto a música continuava forte, quando pessoas da multidão formavam cifras – círculos improvisados – e explodiam sua mente.

Não havia nada oficial sobre isso. Tudo era adrenalina.

Eu *amava*.

Ocean estava na sala, com os olhos arregalados. As equipes estavam se preparando, os juízes estavam tomando seus lugares, e o DJ estava animando a multidão, o baixo tão alto que fazia as paredes vibrarem. Nós tivemos que gritar para nos ouvirmos. — Isso — ele disse, — é o que você faz nos finais de semana?

Eu ri. — Isso é lição de casa.

A sala estava tão apertada que Ocean e eu já estávamos muito próximos um do outro. Ele estava de pé atrás de mim, porque ele não queria bloquear minha visão, e não demorou muito para ele fechar a polegada restante do espaço entre nós. Senti as mãos dele na minha cintura e respirei repentinamente; Ele me puxou para trás, gentilmente, me puxando para perto. Foi um movimento sutil; Não tenho certeza de que alguém tenha percebido isso. A multidão estava tão alta e selvagem que eu mal conseguia distinguir a cabeça de Navid a alguns metros de distância. Mas passei o resto da noite com a minha consciência em dois lugares ao mesmo tempo.

O evento foi incrível. Eu sempre achei estas batalhas divertidas.

Eu adorava ver as pessoas fazendo coisas que eram realmente boas, e as equipes que saíam assim estavam sempre no topo do jogo.

Mas não foi o mesmo para mim desta vez. Eu estava apenas pela metade lá.

A outra metade de mim estava focada, a cada momento, no corpo quente e forte pressionado contra mim. Não parecia possível que algo tão simples pudesse ter um efeito tão profundo no meu sistema cardiovascular, mas meu coração nunca diminuiu o ritmo. Eu nunca relaxei, não de verdade. Eu não sabia como. Eu nunca passei uma hora de pé tão perto de *ninguém*. Meus nervos pareciam desgastados, e tudo era de alguma forma mais intenso porque nós realmente não falávamos. Eu não sabia como reconhecer, em voz alta, que isso era insano, que era uma loucura que qualquer pessoa pudesse fazer com que outra pessoa sentisse muito com tão pouco esforço. Mas eu sabia que Ocean e eu estávamos pensando a mesma coisa. Eu podia sentir isso nas mudanças sutis de seu corpo.

Eu ouvi em suas súbitas e lentas inspirações. No aperto na respiração quando ele se inclinou e sussurrou: — De onde diabos você veio?

Virei a cabeça, só um pouquinho, só para poder ver o rosto dele, e sussurrei de volta: — Pensei ter dito a você que me mudei da Califórnia para cá.

Ocean riu e me puxou, de alguma forma, impossivelmente mais perto, envolvendo os braços ao redor da minha cintura, e então ele balançou a cabeça e disse, mesmo enquanto sorria, — Isso não foi engraçado. Essa foi uma piada terrível.

— Eu sei. Me desculpe, — eu disse e ri. — Você só me deixa tão nervosa.

— Eu deixo?

Eu assenti.

Eu senti ele inalar, seu peito subindo com o movimento. Ele não disse nada, mas ouvi o ligeiro tremor em sua respiração quando ele expirou.

24

Vinte e Quatro

Navid realmente passou por mim naquela noite.

Ele me comprou uma hora a mais depois que a multidão saiu para que eu pudesse sair sozinha, em algum lugar, com o Ocean.

— Uma hora, é isso. — disse ele. — Isso é tudo que posso arrumar. Já é tarde e se eu te levar para casa depois das onze horas, Ma vai me matar. OK?

Eu apenas sorri para ele.

— Uh-uh. Não. — ele disse, e balançou a cabeça. — Não sorria.

Estarei de volta aqui em exatamente uma hora e sem sorrir. Eu quero que seu nível de felicidade seja médio quando eu voltar aqui. Se você se diverte demais, vou acabar tendo que chutar a bunda de alguém.

— Ele olhou para Ocean. — Escute. — ele disse — você parece ser um cara legal, mas eu só quero ser claro: se você a machucar, eu vou te matar, porra. OK?

— *Navid...*

— Não, não, tudo bem.— Ocean riu. — Está bem. Entendi.

Navid estudou-o. — Bom homem.

— *Tchau.* — eu disse.

Navid levantou uma sobrancelha para mim. Finalmente, ele saiu.

Ocean e eu estávamos de repente sozinhos no estacionamento, e embora a lua fosse um mero crescente no céu, era linda e brilhante.

O ar cheirava a fresco e gelado e como um tipo particular de vegetação que eu nunca aprendi o nome, mas o perfume parecia vir vivo apenas no final da noite.

O mundo de repente se sentiu cheio de promessas.

Ocean me acompanhou até o carro dele e foi só depois de eu ter afivelado

que percebi que nunca tinha perguntado para onde estávamos indo. Parte de mim nem se importava. Eu teria ficado feliz em apenas sentar em seu carro e ouvir música.

Ele me disse então, sem que eu perguntasse, que íamos a um parque.

— Está tudo bem? — Ele disse, e olhou para mim. — É um dos meus lugares favoritos. Eu queria mostrar para você.

— Isso soa ótimo. — eu disse.

Abaixei a janela quando ele começou a dirigir e me inclinei, meus braços descansando na borda aberta, meu rosto descansando em meus braços. Fechei meus olhos e senti o vento correr sobre mim. Eu amava o vento. Eu amava o cheiro do ar da noite. Isso me fazia feliz de uma maneira que eu nunca poderia explicar.

Ocean entrou em um estacionamento.

Havia colinas suaves e relvadas à distância, com os seus contornos suaves iluminados por luzes sombrias. O parque parecia vasto, como se continuasse, mas estava claramente fechado para o dia. O que fez a coisa toda brilhar, no entanto, foram as luzes brilhantes da quadra de basquete adjacente.

Não foi impressionante. A quadra parecia desgastada, e os aros estavam faltando redes. Mas havia alguns postes altos, que faziam o espaço parecer imponente, especialmente a essa hora da noite.

Ocean desligou o carro. Tudo ficou subitamente preto e leitoso com a luz difusa e distante. Nós éramos silhuetas.

— Foi aqui que aprendi a jogar basquete. — ele disse baixinho.

— Eu venho aqui quando sinto que estou perdendo a cabeça às vezes.— Ele fez uma pausa. — Eu tenho voltado muito aqui ultimamente. Eu continuo tentando lembrar que eu não odiava isso.

Eu estudei seu rosto na escuridão.

Havia tanta coisa que eu queria dizer, mas isso parecia um assunto tão sensível para ele que eu também queria ter cuidado. Eu não sabia se o que eu queria dizer era a coisa certa a dizer.

Eventualmente, eu disse mesmo assim.

— Eu não entendo. — eu disse, — por que você tem que jogar basquete? Se você odeia, você não pode simplesmente – eu não sei?

Parar?

Ocean sorriu. Ele estava olhando diretamente para fora do pára-brisa. —

Eu amo que você diga isso. — disse ele. — Você faz parecer tão simples.— Ele suspirou. — Mas as pessoas aqui são estranhas sobre basquete. É mais do que apenas um jogo. É como um estilo de vida. Se eu fosse embora, seria decepcionante para muitas pessoas.

Eu irritaria muitas pessoas. Seria... muito ruim.

— Sim, eu entendo. — eu disse. — Mas quem se importa?

Ele olhou para mim. Levantou as sobrancelhas.

— Estou falando sério. — eu disse. — Eu não sei nada sobre basquete, é verdade, mas não é preciso muito para ver que as pessoas estão pressionando você para fazer algo que você não quer fazer. Então, por que você deveria fazer isso – passar por isso – por outra pessoa? Qual é o pagamento?

— Eu não sei. — disse ele, e franziu a testa. — Eu apenas conheço essas pessoas. Basquete é, tipo, a única coisa sobre a qual eu falo com minha mãe. E eu conheço meu treinador desde sempre – eu o conhecia antes mesmo de começar a jogar no ensino médio – e ele passou muito tempo me ajudando, me treinando. Eu sinto que devo a ele. E agora ele está confiando em mim para me apresentar.

Não só para ele — disse Ocean — mas para toda a escola. Esses últimos dois anos – meu primeiro e último ano – quero dizer, é nisso que temos trabalhado. Minha equipe está contando comigo. É difícil ir embora agora. Eu não posso dizer a todos para irem para o inferno.

Eu fiquei quieta por um momento. Estava ficando claro para mim que os sentimentos de Ocean sobre esse esporte eram muito mais complicados do que ele demonstrava. E havia muito sobre esta cidade e seus interesses que eu ainda não entendia. Talvez eu estivesse fora da minha profundidade.

Ainda assim, confiei no meu instinto.

— Escute. — eu disse gentilmente — não acho que você deva fazer algo que não pareça certo para você, ok? Você não precisa desistir do basquete. Isso não precisa ser a solução. Mas quero ressaltar uma coisa. Apenas uma coisa que espero que você pense na próxima vez que estiver estressado com tudo isso.

— Sim?

Suspirei. — Você continua se concentrando em se vai ou não decepcionar todas essas pessoas, — eu disse. — Sua mãe. Seu treinador. Seus companheiros de time. Todos os outros. Mas nenhum deles parece se importar com o fato de estarem desapontando você.

Eles estão te machucando ativamente, — eu disse. — E isso me faz odiá-

los.

Ele piscou.

— Não é justo. — eu disse baixinho. — Você está claramente com dor sobre isso, e eles não parecem dar a mínima.

Ocean desviou o olhar. — Uau. — Ele riu. — Ninguém nunca moldou isso para mim assim antes.

— Eu só queria que você tomasse o seu próprio lado. Você está tão preocupado com todos os outros. — eu disse. — Mas eu vou me preocupar com você, ok? Eu me preocupo com você.

Ocean ficou parado. Seus olhos estavam inescrutáveis quando ele olhou para mim. E quando ele finalmente disse: — Tudo bem. — soou como um sussurro.

Eu vacilei.

— Eu sinto muito. — eu disse. — Isso foi malvado? Todo mundo está sempre me dizendo o quão malvada eu sou, mas eu realmente não faço isso de propósito, eu só queria t...

— Eu acho que você é perfeita. — disse ele.

Nós dois estávamos quietos no caminho de volta. Nós nos sentamos juntos em um silêncio confortável até que, eventualmente, Ocean ligou o rádio. Eu o observei, suas mãos cobertas de luar, enquanto ele escolhia uma música, cujo conteúdo eu não ouvia e nem lembrava.

Meu coração estava alto demais.

Ele me mandou uma mensagem, muito mais tarde naquela noite.

eu sinto sua falta

eu queria que eu pudesse te abraçar agora

Eu olhei para as palavras dele por um tempo, sentindo muito.

eu também sinto sua falta

muito

Eu estava deitada na cama, olhando para o teto. Meus pulmões pareciam apertados. Eu estava pensando sobre isso, me perguntando por que era tão bom fazer isso tão difícil de respirar, quando meu telefone tocou novamente.

eu realmente amo que você se preocupe comigo

eu estava começando a me sentir como se ninguém estivesse preocupado

comigo

E algo sobre sua honestidade partiu meu coração.

Então—

isso é estranho?

querer alguém que se importe com você?

não é estranho

apenas humano

E então eu liguei para ele.

— Oi. — ele disse. Mas sua voz era suave, um pouco distante.

Ele parecia cansado.

— Oh, me desculpe, você estava dormindo?

— Não, não. Mas estou na cama.

— Eu também.

— Debaixo das cobertas?

Eu ri. — Ei, isso é ou nada, ok?

— Eu não estou reclamando. — ele disse, e eu quase podia vê-lo sorrir. —
Eu vou pegar o que você está oferecendo.

— Sim?

— Mm-hmm.

— Você parece tão sonolento.

— Sim. — ele disse baixinho. — Eu não sei. Estou cansado, mas me sinto
muito feliz.

— Você faz?

— Sim. — ele sussurrou. — Você me faz tão feliz. — Ele respirou fundo.
Riu um pouco. — Você é como uma droga feliz.

Eu estava sorrindo. Eu não sabia o que dizer.

— Você está aí?

— Sim. — eu disse. — Estou aqui.

— O que você está pensando?

— Estou pensando que gostaria que você estivesse aqui.

— Sim?

— Sim. — eu disse. — Seria ótimo.

Ele riu e disse: — Por quê?

Eu tinha a sensação de que ambos estávamos pensando a mesma coisa e nenhum de nós estava dizendo isso. Mas eu queria beijá-lo a noite toda. Eu estive pensando muito sobre isso, na verdade. Eu estava pensando sobre o corpo dele, o jeito que sentia ao ter seus braços ao meu redor, desejando ter ficado a sós por mais tempo, desejando que tivéssemos tido mais tempo, desejando mais.

Mais de tudo. Eu sempre sonhava com ele estar aqui, no meu quarto.

Eu me perguntava como seria me envolver com ele, adormecer em seus braços. Eu queria experimentar todos os tipos de momentos com ele.

Eu pensava sobre isso o tempo todo.

De alguma forma, eu sabia que ele estava esperando que eu dissesse isso para ele. Alto. Esta noite. Talvez agora mesmo. Isso assustou a merda fora de mim.

Mas então, ele tantas vezes deu esse salto para mim.

Ocean sempre foi tão honesto sobre seus sentimentos. Ele me contou a verdade sobre como se sentia mesmo quando tudo estava incerto, quando eu ficaria em silêncio para sempre.

Então eu tentei ser corajosa.

— Eu sinto sua falta. — eu disse baixinho. — Eu sei que te vi há algumas horas atrás, mas eu já sinto sua falta. Eu quero ver seu rosto. Eu quero sentir seus braços em volta de mim. — eu disse, e fechei meus olhos. — Você parece tão forte e me faz sentir segura e eu apenas... eu acho que você é incrível. — eu sussurrei. — Você é tão maravilhoso que às vezes eu sinceramente não posso acreditar que você é real.

Eu abri meus olhos, o telefone quente pressionou contra a minha bochecha corada, e ele não disse nada e eu fiquei aliviada. Eu deixei o silêncio me devorar. Eu escutei ele respirar. Seu silêncio me fez sentir como se estivesse suspensa no espaço, como se eu tivesse caído em um confessionário.

— Eu realmente queria beijar você hoje à noite. — eu disse suavemente. — Queria que você estivesse aqui.

De repente, eu o ouvi suspirar.

Foi mais como um longo e lento expirar. Sua voz estava tensa, um pouco sem fôlego, quando ele finalmente disse: — Não há realmente nenhuma chance de você sair de sua casa agora, não é?

Eu ri e disse: — Eu queria. E acredite em mim, eu pensei sobre isso.

— Eu não acho que você pensou sobre isso tanto quanto eu pensei.

Eu estava sorrindo. — Eu acho que deveria ir. — Eu disse a ele.

— É tipo três da manhã.

— Mesmo?

— Sim.

— Uau.

Eu ri de novo, suavemente.

Nós dissemos boa noite.

E eu fechei meus olhos e agarrei meu telefone no meu peito e senti o quarto girar em torno de mim.

Vinte e Cinco

Ocean e eu havíamos permanecido relativamente livres de drama por pouco mais de três semanas. As pessoas ainda olhavam de vez em quando, ainda se perguntando, mas minhas regras sobre como passamos um tempo juntas evitaram que as coisas saíssem do controle. Conversávamos na maioria das noites, nos encontrávamos com a frequência que nossos horários permitiam, mas mantínhamos nossa distância na escola. Logo, a maioria das pessoas seguiu em frente, já que não havia muitas novidades para relatar. Recusei-me a alimentar as fofocas. Eu não respondi as perguntas insanas das pessoas. Ocean realmente queria me levar para a escola pela manhã e eu não aceitava sua oferta, não importa o quanto eu quisesse, porque eu não queria fazer um espetáculo de nós.

Ele não amava isso. Na verdade, acho que ele realmente odiava isso, odiava como eu continuava afastando-o. Mas quanto mais eu me apaixonava por ele, mais eu queria protegê-lo. E eu estava caindo mais forte a cada dia.

Nós paramos no meu armário no almoço um dia para que eu pudesse trocar meus livros, e ele esperou por mim, encostado na parede de feias unidades de metal, ocasionalmente olhando em meu armário aberto. De repente, seus olhos se iluminaram.

— Esse é o seu diário? — Ele disse.

Ele chegou e pegou o livro de composição e meu coração se acelerou tão rápido que eu pensei ter visto estrelas. Eu puxei para longe dele e agarrei-o ao meu peito e me senti, por um momento, verdadeiramente horrorizada. Eu não queria que ele lesse isso, *nunca*. Não haveria nenhuma maneira de eu manter um semblante de auto-respeito em torno dele depois que ele lesse minhas muitas descrições de páginas de como era estar com ele – até mesmo estar perto dele. Era muito intenso.

Ele provavelmente pensaria que eu era louca.

Ele estava rindo de mim, rindo do olhar no meu rosto, na velocidade com que eu tirei a coisa de suas mãos, e finalmente ele apenas sorriu. Ele pegou

minha mão. Ele estava correndo os dedos ao longo do interior da minha palma e eu juro que era tudo o que precisava, às vezes, para fazer minha cabeça girar.

Ele segurou minha mão contra seu peito. Foi uma coisa que ele fez muito comigo, pressionou minhas mãos contra o peito dele, e eu não tinha certeza do porquê. Ele nunca explicou e eu não me importei. Eu pensei que era meio que adorável.

— Por que você não quer que eu leia seu diário? — Ele disse.

Eu balancei a cabeça, os olhos ainda muito abertos. — É muito chato.

Ele riu alto.

Lembro-me com tanta clareza, a primeira vez que o vi – foi naquele exato momento, quando Ocean riu e olhei para o rosto dele – que senti alguém olhando diretamente para mim. Era raro que eu me sentisse compelida a procurar a fonte de um olhar, mas esse parecia diferente. Parecia violento. E foi aí que eu me virei e vi seu técnico de basquete pela primeira vez.

Ele balançou a cabeça para mim.

Fiquei tão surpresa que recuei. Eu realmente não sabia quem era o cara até que o Ocean se virou para ver o que me assustou. O rosto de Ocean estava limpo. Ele gritou um oi e, embora o sujeito – soube então que seu nome era treinador Hart – assentiu com a cabeça o que parecia ser um agradável olá em resposta, percebi o milésimo de segundo que ele levou para catalogar os detalhes da minha aparência. Eu o vi olhar de relance, apenas brevemente, para minha mão na de Ocean, entrelaçadas.

Então ele foi embora.

E senti uma sensação súbita e doentia no meu estômago.

26

Vinte e Seis

Ocean veio para o Dia de Ação de Graças.

Meus pais realmente amavam o Dia de Ação de Graças, e eles faziam a coisa muito bem. Minha mãe também tinha um fraco por desgarrados; ela sempre deixava a porta aberta para amigos nossos que não tinham para onde ir, especialmente nos feriados. Era uma espécie de tradição nossa. Todos os anos, a nossa mesa de Ação de Graças apresentava convidados diferentes; sempre havia alguém – e geralmente eles eram amigos do meu irmão – que não tinham família para passar o dia, ou, alternativamente, tinham família que eles odiavam e não queriam passar o dia com, e eles sempre encontram refúgio em nossa casa.

Foi assim que eu convenci meus pais a deixar Ocean vir.

Eu não lhes contei nada, exceto que ele era meu amigo da escola, um amigo que eu alegava não ter ninguém com quem cozinhar um peru no Dia de Ação de Graças, mas também um amigo que estava muito interessado em comida persa.

Esta última parte encantou meus pais sem fim.

Eles viviam por oportunidades de ensinar as pessoas sobre tudo persa. O que quer que fosse, o povo persa inventara-o e, se não o tivessem inventado, quase certamente melhorara-o, e se você fosse capaz de explicar em detalhes cuidadosos e pensados que talvez houvesse algo persa que não tivesse inventado ou melhorado, bem, então, meus pais diriam que o que quer que fosse, provavelmente não valia a pena ter de qualquer maneira.

A coisa interessante sobre o Dia de Ação de Graças deste ano foi que caiu quase no meio do Ramadã, então nós estaríamos quebrando o nosso jejum e tendo o jantar de Ação de Graças ao mesmo tempo. Mas começamos nossos preparativos para o jantar mais cedo, e nossos convidados sempre eram convidados a ajudar.

Navid choramingou o dia todo, apesar de ter recebido a tarefa mais

simples de preparar purê de batatas. Ocean pensou que Navid era hilário, e eu tentei explicar que ele não estava fazendo um pouco, que Navid era muito, muito irritante quando estava em jejum, e Ocean deu de ombros.

— Ainda engraçado. — disse ele.

Não tenho certeza se será uma surpresa para você saber que meus pais amaram o Ocean. Talvez tenha sido porque ele não discutiu com eles quando explicaram que Shakespeare, em farsi, é pronunciado sheikheh peer, que significa “xeque antigo”, e que eles sentiram que isso era prova definitiva de que Shakespeare era na verdade um velho estudioso persa. Ou talvez fosse o jeito que Ocean comia tudo que colocavam na frente dele e parecia genuinamente gostar disso. Meus pais fizeram questão de fazer uma refeição totalmente separada, de seis pratos, para esse meu amigo que nunca experimentou comida persa antes, e eles ficaram sentados lá e o encararam enquanto ele comia, e toda vez que ele dizia que gostava o que ele tinha comido, eles olhavam para mim e irradiavam, orgulhosos como pavões, encontrando no Ocean mais uma prova de que o povo persa havia inventado apenas as melhores coisas, incluindo a melhor comida.

Ocean sentou-se pacientemente com meu pai, que adorava mostrar a todos os seus vídeos favoritos na internet, e nunca traía uma pitada de irritação, nem mesmo quando meu pai o fazia assistir vídeo após vídeo sobre o notável design e eficiência das torneiras européias. Ele passou por fases, meu pai. Essa semana foi tudo sobre torneiras.

Mais tarde, quando toda a comida tinha sido comida e minha mãe tinha virado o samovar, Ocean ouviu atentamente, enquanto meus pais tentavam ensiná-lo a falar farsi. Exceto que eles não ensinariam; eles apenas conversariam. Minha mãe estava, por algum motivo inexplicável, convencida de que poderia forçar a capacidade de falar farsi diretamente no cérebro de uma pessoa.

Ela acabou de dizer algo realmente complicado, e acenou para Ocean, que ela tinha certeza de que seria um bom aluno, porque por que ele *não queria* aprender farsi, farsi era obviamente a melhor língua, e ela repetiu a frase novamente. Então ela apontou para Ocean.

— Então. — minha mãe disse, — o que eu acabei de dizer?

Os olhos de Ocean se arregalaram.

— Não é assim que você ensina a alguém uma língua. — eu disse, e revirei os olhos. — Você não pode apenas ensiná-lo farsi através de osmose.

Minha mãe me dispensou. — Ele entende. — disse ela. Ela olhou para Ocean. — Você entende, não é? Ele entende. — ela disse ao meu pai.

Meu pai assentiu como se isso fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Ele não entende. — eu disse. — Pare de ser estranha.

— Não estamos sendo estranhos. — meu pai disse, parecendo ofendido.
— Ocean gosta de farsi. Ele quer aprender farsi. — Ele olhou para Ocean. —
Você quer, Ocean?

Ocean disse: — Claro.

E meus pais ficaram emocionados.

— Isso me lembra, — meu pai disse, seus olhos se iluminando — desse poema que eu estava lendo na outra noite...

Meu pai pulou da mesa e correu para pegar os óculos e os livros.

Eu gemi.

— Nós vamos ficar aqui a noite toda. — eu sussurrei para minha mãe. —
Faça-o parar.

Minha mãe acenou para mim e disse: — *Harf nazan*. — *Fique quieta*.

E então ela perguntou a Ocean se ele queria mais chá, e ele disse que não, obrigado, e ela serviu mais chá para ele, e meu pai passou o resto da noite lendo e traduzindo poesia persa muito densa e antiga – Rumi, Hafez, Saadi – alguns dos grandes absolutos, e me perguntei se Ocean algum dia iria querer falar comigo de novo. Esse ritual particular dos meus pais era na verdade uma coisa que eu amava; Eu passei muitas noites sentada na mesa da cozinha com meus pais, às lágrimas por uma linha particularmente poderosa de versos. O problema foi que demorou uma *eternidade* para traduzir o farsi do velho mundo para o inglês. Até mesmo um simples poema levaria séculos para acontecer porque meus pais gastariam dez minutos traduzindo o velho farsi para o farsi moderno, e então me pediriam para ajudá-los a traduzir o farsi moderno para o inglês, e vinte minutos depois eles simplesmente levantariam as mãos e diriam: — Não é o mesmo. Não é o mesmo em inglês. Não tem o mesmo sabor. Você perde o coração. Você só vai ter que aprender farsi. — disseram para Ocean, que apenas olhou para eles e sorriu.

Não demorou muito para que eles começaram a defendê-lo sobre mim. Toda vez que eu dizia a eles para recuar, para resumir isso, eles procuravam Ocean. Ele, é claro, muito educadamente ficou do lado deles, insistindo que não se importava, e minha mãe perguntou de novo se ele queria mais chá e ele disse que não, obrigado, e ela serviu mais chá para ele de qualquer maneira, e ela perguntou a ele se ele queria mais comida e ele dissesse não, obrigado, e ela encheu quatro recipientes grandes de Tupperware com restos de comida e os empilhou na frente dele. Mas quando ele viu a comida, ele parecia tão

genuinamente grato que, no final da noite, meus pais estavam meio apaixonados por ele e perfeitamente prontos para me trocar por um modelo melhor.

— Ele é tão educado. — minha mãe continuava dizendo para mim. — Por que você não é educada? O que fizemos de errado?— Ela olhou para Ocean. — Ocean, *azizam*. — ela disse, — por favor, diga a Shirin que ela deveria parar de xingar tanto.

Ocean quase perdeu por um segundo. Eu o vi prestes a rir, forte, e ele sufocou bem na hora.

Eu dei uma olhada nele.

Minha mãe ainda estava falando. Ela estava dizendo: — É

sempre *idiota* isso, *besteira* isso. Eu digo a ela, Shirin *joon*, por que você está tão obcecada por merda? Por que tudo é uma merda?

— Jesus Cristo, mãe. — eu disse.

— Deixe Jesus fora disso. — disse ela, e apontou a colher de pau para mim antes de usá-la para me bater na parte de trás da cabeça.

— Oh meu Deus. — eu disse, acenando-a para longe. — Pare com isso.

Minha mãe suspirou dramaticamente. — Você vê. — ela disse.

Ela estava falando com Ocean agora. — Sem respeito.

Ocean apenas sorriu. Ele parecia que ainda não estava conseguindo evitar que aquele sorriso se transformasse em uma risada. Ele apertou os lábios juntos; limpou a garganta. Mas seus olhos o entregaram.

Finalmente, Ocean suspirou e se levantou, olhou para a pilha de contêineres de Tupperware na frente dele e disse que seria melhor encerrar a noite. De alguma forma, era quase meia-noite. Eu não estava brincando sobre esses vídeos intermináveis de torneira.

Mas quando Ocean começou a se despedir, ele olhou para mim como se realmente não quisesse sair, como lamentava ter que fazer.

Acenei do outro lado da sala enquanto ele agradecia aos meus pais novamente e, uma vez que o vi andando em direção à sala de estar, subi as escadas. Eu não queria ficar por muito tempo e fazer uma produção inteira do adeus. Meus pais eram espertos demais; Eu tinha certeza que eles descobriram que eu tinha algum tipo de paixão por esse cara, mas eu não queria que eles achessem que eu era obcecada por ele. Mas então ouvi uma batida suave na porta do meu quarto, não um momento depois de fechá-la, e fiquei chocada ao descobrir Navid e Ocean ali de pé.

Navid disse: — Você tem quinze minutos. Por nada. — e cutucou Ocean no meu quarto.

Ocean estava sorrindo, sacudindo a cabeça. Ele passou a mão pelo cabelo e suspirou e riu ao mesmo tempo. — Sua família é engraçada. — disse ele. — Navid me arrastou até aqui porque ele disse que queria me mostrar o supino em seu quarto. Isso é mesmo uma coisa real?

Eu assenti. Mas eu estava meio que pirando.

Ocean estava no meu quarto e eu não estava preparada para isso. De modo nenhum. Eu sabia que Navid estava tentando me fazer um favor, mas eu não tive a chance de arrumar o meu quarto, para ter certeza de que eu não tinha nenhum sutiã por aí ou, tipo, eu não sei, me fazer parecer mais legal do que eu realmente era, e me senti de repente preocupada por não ter ideia de como seria ver meu quarto através dos olhos de outra pessoa.

Mas Ocean estava olhando.

Minha pequena cama de solteiro estava no canto direito da sala.

O console estava bagunçado, os travesseiros empilhados precariamente. Algumas peças de roupa tinham sido jogadas ao acaso na minha cama – uma blusa e shorts que eu usava para dormir. Meu telefone estava ligado ao carregador e ficava na pequena mesa de cabeceira. Na parede oposta estava minha escrivaninha, meu computador empoleirado no topo, uma pilha de livros ao lado.

Havia uma forma de vestido em outro canto da sala, um padrão semi-acabado ainda preso ao corpo. Minha máquina de costura estava no chão, e uma caixa aberta cheia de todos os meus outros suprimentos – muitos carretéis de linha, alfinetes e alfineteiro, envelopes de agulhas – estava ao lado dela.

No meio do chão havia uma pequena bagunça.

Um punhado de Sharpies estava deitado no tapete ao lado de um bloco de desenho aberto, um velho aparelho de som e dois fones de ouvido ainda mais velhos do meu pai. Não havia muito na parede.

Apenas algumas peças de carvão que eu fiz no ano passado.

Eu escaneei todo o espaço em poucos segundos, e decidi que teria que fazer. Ocean, por outro lado, ainda estava olhando; sua avaliação estava demorando muito mais. Eu me senti ansiosa.

— Se eu soubesse que você viria no meu quarto hoje, — eu disse, — eu teria feito isso mais legal.

Mas ele não parece me ouvir. Seus olhos estavam trancados na minha cama. — É aqui que você fala comigo à noite. — ele disse. — Quando você está se escondendo embaixo das suas cobertas?

Eu assenti.

Ele caminhou até a minha cama e sentou-se. Olhou ao redor. E

então ele notou meu pijama, que pareceu confundi-lo por apenas um segundo antes de ele dizer: — Oh, uau. — Ele olhou para mim. — Isso vai soar tão estúpido. — disse ele, — mas só me ocorreu que você deve tirar o lenço quando chega em casa.

— Hum. Sim. — eu disse. Eu ri um pouco. — Eu não durmo assim.

— Então... — ele franziu a testa — quando você está falando comigo à noite, você parece totalmente diferente.

— Quero dizer, não *totalmente* diferente. Mas mais ou menos.

Sim.— — E é isso que você está vestindo? — Ele disse. Ele tocou a blusa e shorts na minha cama.

— É o que eu estava vestindo ontem à noite. — eu disse, sentindo-me nervosa. — Sim.

— Ontem à noite. — ele disse baixinho, as sobrancelhas levantadas. E então ele respirou fundo e desviou o olhar, pegando um dos meus travesseiros como se fosse feito de vidro.

Nós ficamos no telefone por horas na noite passada, falando sobre tudo e nada, e apenas a memória da nossa conversa enviou uma emoção repentina em meu coração. Eu não sabia exatamente que horas eram quando finalmente fomos para a cama, mas foi tão tarde que me lembro apenas de uma fraca tentativa de empurrar o celular para debaixo do travesseiro antes de me transformar em sonhos felizes.

Eu queria imaginar que Ocean estava pensando no que eu estava pensando: que ele também sentia essa coisa entre nós construindo com uma velocidade assustadora e sem fôlego e não sabia como, nem mesmo se, diminuir a velocidade. Mas eu não sabia ao certo. E Ocean ficou quieto por tanto tempo que comecei a me preocupar. Ele não saiu da minha cama enquanto examinava meu quarto de novo, e meu nó de nervosismo cresceu apenas mais selvagem.

— Muito estranho? — Eu finalmente disse. — Isso é muito estranho?

Ocean riu quando ele se levantou, balançou a cabeça e sorriu.

— Isso é realmente o que você pensa que está passando pela minha

cabeça agora?

Eu hesitei. Reconsiderando. — Talvez?

Ele riu novamente. E então ele olhou para o relógio na minha parede e disse: — Parece que só temos alguns minutos restantes. — Mas ele veio para a frente enquanto falava. Ele ficou na minha frente agora.

— Sim. — eu disse suavemente.

Ele deu um passo, de alguma forma, ainda mais perto de mim.

Ele enfiou as mãos nos bolsos de trás do meu jeans e eu quase engasguei e ele me puxou mais apertado, pressionou as linhas de nossos corpos juntos e ele se inclinou, descansou sua testa contra a minha. Ele passou os braços em volta da minha cintura e apenas me segurou lá, por um momento. — Ei. — ele sussurrou. — Posso te dizer que eu acho que você é realmente linda? Posso te dizer isso?

Eu senti minhas bochechas quentes. Ele estava tão perto que eu tinha certeza que ele podia ouvir meu coração batendo forte. Nossos corpos pareciam soldados juntos.

Eu sussurrei o nome dele.

Ele me beijou uma vez, gentilmente, e permaneceu lá, nossos lábios ainda se tocando. Meu corpo tremeu. Ocean fechou os olhos.

— *Isso é loucura.* — disse ele.

E então ele me beijou desesperadamente, sem aviso, e sentindo um tiro nas minhas veias com um calor explosivo e abrasador. Eu me senti subitamente derretendo. Seus lábios eram macios e ele cheirava tão bem e minha mente estava cheia de estática. Minhas mãos moveram-se de sua cintura e subiram por suas costas e, em um movimento acidental, não ensaiado, elas deslizaram por baixo do suéter.

Eu congelo.

A sensação de sua pele nua sob as minhas mãos foi tão inesperado. Novo. Um pouco assustador. Ocean quebrou nosso beijo e sorriu gentilmente contra minha boca.

— Você tem medo de me tocar? — Ele disse.

Eu assenti.

Eu senti seu sorriso se aprofundar.

Mas então eu segui meus dedos ao longo da extensão lisa de suas costas e ele respirou rápida e repentinamente. Eu senti seus músculos apertarem.

Com cuidado, tracei a curva de sua espinha. Toquei sua cintura, minhas mãos se movendo ao redor de seu torso. Ele parecia tão forte. As linhas de seu corpo eram profundamente, alarmentemente sexy. E eu estava começando a ficar brava quando ele apertou as mãos sobre as minhas.

Ele tomou outro suspiro instável e apertou o rosto na minha bochecha. Riu, trêmulo. Ele não disse uma palavra. Ele apenas balançou a cabeça.

O prazer de estar tão perto dele era diferente de tudo que eu já imaginara. Foi hiper-real. Impossível. Seus braços estavam em volta de mim agora, fortes e quentes e me puxando para perto, e ele quase me levantou do chão.

Havia uma pequena parte do meu cérebro que sabia que isso era uma má ideia. Eu sabia que Navid podia entrar aqui a qualquer momento. Eu sabia que meus pais estavam a poucos momentos de distância. Eu sabia disso e, de alguma forma, eu não me importava.

Fechei meus olhos e descansei minha cabeça contra seu peito.

Respirei ele.

Ocean recuou um pouco. Ele me olhou nos olhos e seus próprios olhos ficaram pesados de repente. Brilhantes e profundos e aterrorizados.

Ele disse: — O que você faria se eu me apaixonasse por você?

E meu corpo inteiro respondeu sua pergunta. Calor encheu meu sangue, as lacunas em meus ossos. Meu coração se sentiu de repente vivo com emoção e eu não sabia como dizer o que eu estava pensando, o que eu queria dizer, que era— *Isso é amor?*

— e eu nunca tive a chance.

Navid bateu na porta com força e nós éramos como estilhaços, voando para longe.

Ocean parecia um pouco corado. Ele levou um segundo, olhou em volta, olhou para mim. Ele não disse adeus, exatamente. Ele apenas olhou para mim.

E então ele se foi.

Duas horas depois, ele me mandou uma mensagem.

está na cama?

sim

posso te fazer uma pergunta estranha?

Eu olhei para o meu celular por um segundo. Eu respirei fundo.

okay

como é o seu cabelo?

Eu na verdade ri alto, antes de me lembrar que meus pais estavam dormindo. As garotas nunca pareciam se importar com o estado do meu cabelo, mas os caras vinham me fazendo essa pergunta desde sempre. Sempre era a mesma pergunta, e eles nunca pareciam crescer com isso.

é marrom. meio longo.

E então ele me ligou.

— Oi. — ele disse.

— Oi. — Eu sorri.

— Eu gosto que eu possa imaginar onde você está agora. — disse ele. — Como seu quarto parece.

— Eu ainda não consigo acreditar que você esteve aqui hoje.

— Sim, obrigado por isso, a propósito. Seus pais são incríveis.

Isso foi muito divertido.

— Fico feliz que não foi excruciante. — eu disse, mas me senti triste, de repente. Eu não sabia como dizer a ele que desejava que a mãe dele entendesse tudo. — Meus pais estão oficialmente apaixonados por você, a propósito.

— Mesmo?

— Sim. Tenho certeza de que eles me trocariam por você em qualquer dia da semana.

Ele riu. E então ele não disse nada por um tempo.

— Ei. — eu finalmente disse.

— Sim?

— Está tudo bem?

— Sim. — ele disse. — Sim. — Mas ele parecia um pouco ofegante.

— Você tem certeza?

— Eu estava apenas pensando em como seu irmão tem um timing terrível.

Eu estava apenas a uma batida atrás; Levei um segundo, mas de repente entendi o que ele estava tentando dizer.

Eu nunca respondi a pergunta dele.

E eu estava de repente nervosa. — O que você quis dizer com isso? —

Você perguntou o que eu *faria*? Por que você formulou a pergunta assim?

— Eu acho, — disse ele, e respirou fundo, — Eu estava pensando se isso iria assustá-la.

Havia uma parte de mim que adorava sua incerteza. Como ele parecia não ter ideia de que eu estava tão longe quanto ele.

— Não. — eu disse suavemente. — Isso não me assustaria.

— Não?

— Não. — eu disse. — Sem chance.

Vinte e Sete

O Ramadã acabou. Celebramos, trocamos presentes e Navid devorou o conteúdo de toda a nossa cozinha. O semestre de outono estava chegando ao fim rapidamente. Estávamos entrando na segunda semana de dezembro, e eu consegui manter um certo nível de distância entre mim e Ocean por tanto tempo quanto qualquer um de nós pudesse suportar.

Já fazia quase dois meses desde o dia em que ele me beijou em seu carro.

Eu não podia acreditar.

Na tranquila e relativa paz que cercava nossos cuidadosos esforços para sermos discretos, o tempo acelerou. Voou. Eu nunca estive tão feliz, talvez, desde sempre. Ocean era divertido. Ele era doce e inteligente e nós nunca ficávamos sem coisas para falar. Ele não tinha muitas horas livres, porque o basquete era uma atividade extracurricular exigente e uma enorme perda de tempo, mas sempre achamos uma maneira de fazê-lo funcionar.

Eu estava feliz com o compromisso que fizemos. Era seguro aqui. Secreto, sim, mas era seguro. Ninguém conhecia nosso negócio. As pessoas finalmente pararam de me encarar nos corredores.

Mas Ocean queria mais.

Ele não gostou de se esconder. Ele disse que isso fazia parecer que estávamos fazendo algo errado, e ele odiava isso. Ele insistiu, repetidamente, que ele não se importava com o que as outras pessoas pensavam. Ele não se importava, ele disse, e ele não queria que um bando de idiotas tivesse tanto controle sobre sua vida.

Honestamente, eu não pude discordar dele.

Eu também estava cansada de me esconder; Eu estava cansada de ignorá-lo na escola, cansada de sempre ceder ao meu cinismo. Mas Ocean era muito mais visível do que ele mesmo sabia ou entendia. Uma vez que comecei a prestar mais atenção a ele – e ao mundo dele – as sutis gradações de sua vida começaram a entrar em foco. Ocean tinha ex-namoradas nessa escola.

Companheiros de equipe antigos. Rivalidades. Havia caras que eram abertamente ciumentos de seu sucesso, e garotas que o odiavam por estar desinteressado nelas. Mais importante: havia pessoas que construíram suas carreiras nas costas do time de basquete da escola.

Eu sabia que o Ocean era muito bom no basquete, mas eu não sabia o quão bom até começar a ouvir. Ele era apenas um júnior, mas estava superando seus colegas de equipe por uma larga margem e, como resultado, atraía muita atenção; as pessoas falavam sobre como ele poderia ser bom o suficiente para ganhar todos os prêmios estaduais e nacionais de Jogador do Ano – e não apenas ele, mas também seu técnico.

Isso me deixou nervosa.

Ocean tinha esse visual tipicamente americano, o tipo de visual que tornava fácil para as garotas se apaixonarem por ele, para os escoteiros saberem onde colocá-lo, para a comunidade pensar nele, sempre e para sempre, como um bom menino com grande potencial e um futuro brilhante. Tentei explicar por que minha presença em sua vida seria complicada e controversa, mas Ocean não conseguia entender. Ele simplesmente não achava que era um grande negócio.

Mas não era algo que eu queria lutar. Então nos comprometemos.

Eu concordei em deixar Ocean me levar para a escola uma manhã. Eu pensei que seria um pequeno passo cuidadosamente medido. Totalmente inocente. O que eu estive esquecendo, é claro, foi que o ensino médio era o lar de clichês infinitos por uma razão, e que Ocean era, de certa forma, ainda inextricável de seu próprio estereótipo.

Mesmo onde ele estacionava seu carro no

estacionamento da escola parecia importar. Eu nunca tive uma razão para saber ou me importar com isso, porque eu era a esquisita que andava para a escola todos os dias. Eu nunca interagi com esse lado do campus pela manhã, nunca vi essas crianças ou falei com elas.

Mas quando Ocean abriu minha porta naquele dia, eu saí para um mundo diferente. Todo mundo estava aqui. Aqui, no estacionamento da escola, era ali que ele e seus amigos saíam todas as manhãs.

— Oh, uau, isso foi uma má ideia. — eu disse a ele, mesmo quando ele pegou minha mão. — Ocean, — eu disse, — isso foi uma má ideia.

— Não é uma má ideia. — ele disse, e apertou meus dedos. — Somos apenas duas pessoas de mãos dadas. Não é o fim do mundo.

Eu me perguntava, então, como seria viver em seu cérebro. Eu me

perguntei o quão segura e normal seria a vida que ele deveria ter vivido para dizer algo assim, tão casualmente, e realmente, realmente, acreditar.

Às vezes, eu queria dizer a ele, que para algumas pessoas, era realmente o fim do mundo.

Mas eu não fiz. Eu não disse isso porque de repente me distraí.

Um silêncio inquietante havia acabado de infectar os grupos de crianças que estavam mais perto de nós, e senti meu corpo ficar tenso enquanto olhava para frente e olhava para o nada. Eu esperei por algo – algum tipo de hostilidade – mas isso nunca veio.

Conseguimos abrir caminho pelo estacionamento, olhos seguindo nossos corpos enquanto íamos, sem incidentes. Ninguém falou comigo. O silêncio deles parecia estar impregnado de surpresa e, para mim, parecia que eles estavam decidindo o que pensar. Como responder.

Ocean e eu tivemos reações muito diferentes a essa experiência.

Eu disse a ele que deveríamos voltar para a escola separadamente, que foi uma boa tentativa, mas, no final, uma má ideia.

Ele não concordou, nem um pouquinho.

Ele continuou apontando para mim que tinha sido bom, que era estranho, mas não era ruim, e ele insistiu, acima de tudo, que ele não queria que suas opiniões controlassem sua vida.

— Eu quero estar com você. — disse ele. — Eu quero segurar sua mão e almoçar com você e eu não quero ter que fingir que eu não sou... — suspirou ele com força — Eu só não quero fingir que não noto você, OK? Eu não me importo se outras pessoas não gostam disso. Eu não quero me preocupar o tempo todo. Quem dá uma merda sobre essas pessoas?

— Eles não são seus amigos? — Eu disse.

— Se eles fossem meus amigos, — ele disse — eles ficariam felizes por mim.

O segundo dia foi pior.

No segundo dia, quando saí do carro de Ocean, ninguém ficou surpreso. Eles eram apenas idiotas.

Alguém realmente disse: — Por que você está fodendo com Aladdin aqui, mano?

Este não foi um novo insulto, não para mim. Por alguma razão, as pessoas adoravam usar Aladdin para me colocar para baixo, o que me deixou triste,

porque eu realmente gostava de Aladdin. Eu adorava assistir esse filme quando criança. Mas eu sempre quis dizer às pessoas que elas me insultavam incorretamente. Eu queria que eles entendessem que Aladdin era, em primeiro lugar, um cara, e que, segundo, ele não era o único que cobria seu cabelo. Este não foi um insulto *exato*, e me incomodou que fosse tão preguiçoso. Havia tantas alternativas boas e ruins do filme para escolher – como, talvez, eu não sei, me comparar a *Jafar* – mas nunca houve um bom momento, durante esses tipos de situações, para falar sobre isso.

Independentemente disso, Ocean e eu não tivemos a mesma reação ao insulto.

Eu estava irritada, mas Ocean estava com *raiva*.

Eu podia sentir, naquele momento, que Ocean era ainda mais forte do que parecia. Ele tinha uma estrutura magra e musculosa, mas, de repente, pareceu muito sólido ao meu lado. Seu corpo inteiro ficou rígido; a mão dele na minha parecia estranha. Ele parecia irritado e enojado e ele balançou a cabeça e eu poderia dizer que ele estava prestes a dizer algo quando alguém, muito de repente, jogou um rolo de canela meio comido no meu rosto.

Eu fiquei chocada.

Houve um momento de perfeito silêncio quando o bolo doce e pegajoso atingiu parte do meu olho e a maior parte da minha bochecha e depois arrastou, lentamente, pelo meu queixo. Caiu no chão. Havia gelo em todo o meu cachecol.

Isso, pensei, era novo.

Quem jogou a coisa em mim estava de repente rindo pra caramba e Ocean meio que perdeu. Ele agarrou o cara pela camisa e o empurrou, muito, muito forte e eu não tinha certeza do que estava acontecendo, mas eu estava tão mortificada que eu mal conseguia enxergar direito e de repente eu não queria nada mais do que simplesmente desaparecer.

Então eu fiz.

Ninguém havia jogado *comida* em mim antes. Sentime entorpecida quando me afastei, me senti estúpida, humilhada e entorpecida. Eu estava tentando fazer o meu caminho para o banheiro das meninas porque eu realmente queria lavar meu rosto, mas de repente, Ocean me alcançou, me pegou pela cintura.

— Hey. — disse ele, e ele estava sem fôlego, — Hey...

Mas eu não queria olhar para ele, eu não queria que ele me visse com essa merda em todo o meu rosto, então me afastei. Eu não encontrei seus olhos.

— Você está bem? — Ele disse. — Eu sinto muito...

— Sim. — eu disse, mas eu já estava me virando novamente. — Eu, hum – eu só preciso lavar meu rosto, ok? Vejo você mais tarde.

— Espere. — ele disse — espere...

— Eu vou te ver mais tarde, Ocean, eu juro. — Acenei, continuei andando. — Estou bem.

Quer dizer, eu não estava bem. Eu *ficaria* bem. Mas eu ainda não estava lá.

Cheguei ao banheiro das garotas e larguei minha bolsa no chão.

Eu desembrulhei meu lenço ao redor da minha cabeça e usei uma toalha de papel úmida para esfregar a cobertura do meu rosto. Eu tentei limpar meu cachecol da mesma maneira, mas não foi tão eficaz. Suspirei. Eu tive que tentar lavar partes dele na pia, o que só deixou tudo molhado, e eu estava me sentindo mais do que um pouco desmoralizada quando pendurei o lenço levemente úmido em volta do meu pescoço.

Só então, alguém entrou no banheiro.

Eu estava feliz que eu tivesse acabado de esfregar meu rosto antes que ela entrasse. Eu tinha acabado de soltar meu rabo de cavalo – eu tive que tirar um pouco de gelo do meu cabelo também, e eu precisava retirar a coisa toda – quando ela foi até a pia ao meu lado. Eu sabia que tinha me tornado super visível aqui, porque eu joguei minha bolsa no chão, desmontada, e estava cercada, no momento, por pequenas montanhas de toalhas de papel úmidas, mas eu esperava que ela não notasse. Não fizesse perguntas. Eu não sabia quem ela era e eu não me importava; Eu não queria mais lidar com mais pessoas hoje.

— Hey. — disse ela, e instinto forçou minha cabeça para cima.

Eu sempre me lembrarei daquele momento, do jeito que meu cabelo caiu ao redor do meu rosto, como ele sacudiu, em ondas longas, quando eu me virei, o cachecol de cabelo ainda enrolada no meu pulso.

Eu olhei para ela, uma pergunta nos meus olhos.

E ela tirou uma foto minha.

— Que diabos? — Eu recuei, confusa. — Por que você...?

— Obrigada. — ela disse, e sorriu.

Eu estava atordoada. Ela saiu pela porta e levei um minuto para encontrar minha consciência. Demorei mais alguns segundos para entender.

Quando o fiz, fiquei mais impressionada ainda.

E de repente me senti tão mal do estômago que achei que poderia desmaiar.

Foi um dia realmente ruim.

Ocean finalmente me encontrou no corredor. Ele pegou minha mão e eu me virei e no começo ele não disse nada. No começo ele apenas olhou para mim.

— Uma garota tirou uma foto minha no banheiro. — eu disse baixinho.

Ele respirou fundo. — Sim. — ele disse. — Eu sei.

— Você sabe?

Ele assentiu.

Eu me afastei. Eu queria chorar, mas eu jurei que não. Eu prometi a mim mesma que não faria. Em vez disso, sussurrei: — O que está acontecendo, Ocean? O que está acontecendo agora?

Ele balançou sua cabeça. Ele parecia arrasado. — Isso é culpa minha. — disse ele. — Isso é tudo minha culpa. Eu deveria ter escutado você, eu nunca deveria deixar isso acontecer...

E então, um cara que eu nunca tinha visto antes passou por nós, bateu nas costas de Ocean e disse: — Ei cara, eu entendo – eu também.

Ocean empurrou-o com força, e o cara gritou alguma coisa com raiva e caiu para trás, pousando nos cotovelos.

— O que diabos está errado com você? — Ocean disse a ele. — O que aconteceu com você?

Eles começaram a gritar um com o outro e eu não aguentava mais.

Eu precisava sair.

Eu sabia um pouco sobre câmeras digitais, mas eu mesmo não tinha uma, então, naquele momento, não entendi como as pessoas estavam compartilhando fotos minhas tão rapidamente. Eu só sabia que alguém tinha tirado uma foto minha sem meu cachecol – sem o meu consentimento – e agora estava espalhando ela. Foi um tipo de violação que eu nunca tinha experimentado antes. Eu queria gritar.

Era *meu* cabelo, eu queria gritar.

Era o meu cabelo e era o meu rosto e era o meu corpo e era *a porra do meu negócio* e o que eu queria fazer com ele.

Claro, ninguém se importava.

Eu abandonei a escola.

Ocean tentou vir comigo. Ele continuou se desculpando e tentou, com tanta força, melhorar, mas eu só queria ficar sozinha. Eu precisava de tempo.

Então eu parti.

Eu andei por aí por um tempo, tentando limpar a minha cabeça.

Eu não sabia mais o que fazer. Havia uma parte de mim que queria ir para casa, mas temia que, se me trancasse no meu quarto, nunca saísse. Eu também realmente não queria chorar.

Eu *senti* vontade de chorar. Eu senti vontade de chorar e gritar ao mesmo tempo, mas não queria ceder ao sentimento. Eu só queria passar por isso. Eu queria sobreviver sem perder a cabeça.

Eu soube, horas depois, que as coisas tinham ficado ruins quando Navid começou a me mandar mensagens. Se Navid tivesse ouvido falar sobre isso, as coisas teriam que explodir. E ele estava preocupado.

Eu disse a ele que estava bem, que tinha saído do campus. Eu acabei me escondendo em uma biblioteca local. Eu estava sentada na seção de terror de propósito.

Navid me disse para vir praticar.

por que?

porque isso ajudará você a esquecer suas coisas

Eu suspirei.

quão ruim é isso?

Alguns segundos depois:

bem, não é ótimo

Voltei ao campus apenas quando sabia que o dia escolher estava oficialmente acabado. Fui ao meu armário para pegar minha bolsa de ginástica, mas quando abri a porta, um pedaço de papel caiu. Desdobrei-o para descobrir que havia duas fotos minhas, impressas lado a lado. Uma com meu cachecol, uma sem.

Eu parecia confusa na última das duas, mas a foto não era nada desagradável. Foi uma imagem perfeitamente ok. Eu sempre gostei do meu cabelo. Eu pensei que tinha bom cabelo. E fotografou bem, na verdade, talvez melhor do que parecia na vida real. Mas essa revelação só tornou a coisa toda mais dolorosa. Era mais óbvio do que nunca que isso nunca deveria ser um truque bobo; o ponto aqui nunca foi me fazer parecer feia ou estúpida. Quem

quer que tenha feito isso queria apenas me desmascarar sem a minha permissão, para me humilhar intencionalmente minando uma decisão que tomei para manter algumas partes de mim apenas por mim. Eles queriam tirar o poder que eu pensava ter sobre o meu próprio corpo.

Foi uma traição que doeu, de alguma forma, mais do que qualquer outra coisa.

Quando eu apareci para praticar, Navid apenas parecia triste.

— Você está bem? — Ele disse, e me puxou para um abraço.

— Sim. — eu disse. — Esta escola sopra.

Ele respirou fundo. Me espremeu mais uma vez antes de soltar.

— Sim. — ele disse, e exalou. — Sim, isso realmente acontece.

— As pessoas são tão fodidas. — disse Bijan para mim, balançando a cabeça. — Sinto muito que você tenha que lidar com isso.

Eu não sabia o que dizer. Eu tentei sorrir.

Carlos e Jacobi foram simpáticos.

— Ei, apenas me aponte na direção certa, — disse Carlos, — e eu vou alegremente chutar a merda de alguém para você.

Eu realmente sorri, então. — Eu nem sei quem fez isso. — eu disse. — Quero dizer, eu vi a garota que tirou a foto de mim, mas eu não sei de mais nada. Eu não sei nada sobre ela. — eu disse, e suspirei. — Eu não conheço as pessoas nesta escola.

E então Jacobi me perguntou o que aconteceu, como a garota tinha conseguido tirar uma foto minha e eu disse a eles que eu estava no banheiro, me limpando, porque um cara jogou um rolo de canela no meu rosto, e eu tentei rir sobre isso, para fazer parecer engraçado, mas todos os quatro ficaram subitamente quietos.

De cara de pedra.

— Algum cara jogou um rolo de canela na sua cara? — Navid parecia mudo. — Você está brincando comigo?

Eu pisquei. Hesitando. — Não?

— Quem? — Era Jacobi agora. — Quem era?

— Eu não sei...

— Filho da puta. — disse Carlos.

— E o Ocean não fez nada? — Bijan, desta vez. — Ele apenas deixa um cara jogar comida em você?

— O que? Não! — eu disse rapidamente. — Não, não, ele, tipo, eu não sei, acho que ele começou a brigar com ele, mas eu simplesmente fui embora, então eu não...

— Então, o Ocean sabe quem é esse cara. — Bijan novamente.

Ele não estava olhando para mim, ele estava olhando para Navid.

— Quero dizer, eu acho que sim, — eu disse cuidadosamente, — mas, como, realmente não é...

— Você sabe o que, foda essa merda. — disse Navid, e ele pegou suas coisas. O mesmo aconteceu com os outros caras. Eles estavam todos fazendo as malas.

— Espere, onde vocês estão indo?

— Não se preocupe com isso. — disse Carlos para mim.

— Eu vou te ver em casa. — disse Navid, apertando meu braço enquanto passava por mim.

— Espere – Navid...

— Você vai ficar bem andando para casa hoje? — Jacobi agora.

— Sim. — eu disse. — Sim, mas...

— Tudo bem, legal. Bem, até amanhã.

E eles apenas saíram.

Ouvi dizer, no dia seguinte, que eles realmente haviam expulsado esse cara, porque os policiais apareceram em minha casa, procurando por Navid, que deu de ombros. Ele disse aos meus pais horrorizados que era apenas um grande mal entendido. Navid pensou que era hilário. Ele disse que as únicas pessoas que ligaram para a polícia durante uma briga de rua eram pessoas brancas.

No final, o garoto não quis fazer acusações. Então eles deixaram passar.

Navid ficaria bem.

Mas as coisas, para mim, continuaram piorando.

28

Vinte e Oito

Foi uma coisa para mim ter que lidar com esse tipo de coisa. Eu já estive aqui antes. Eu sabia como lidar com esses golpes e sabia como evitá-los, mesmo quando eles me feriam. E eu tomei muito cuidado para parecer tão profundamente, completamente indiferente ao desastre da foto que a bagunça se desfez em questão de dias. Eu não dei vida a isso. Nenhum poder. E secou facilmente.

Ocean, por outro lado, era novo nisso.

Observando-o tentar navegar pela experiência avassaladora e devastadora da multidão desmascarada.

Foi como ver uma criança aprender sobre a morte pela primeira vez.

As pessoas não o deixariam em paz, de repente. Meu rosto se tornou notório da noite para o dia, e Navid chutando a porcaria de uma dessas crianças por jogar um bolo no meu rosto complicou tudo.

Quer dizer, eu não amava os métodos de Navid, mas vou dizer isso: ninguém nunca jogou nada em mim, nunca mais. Mas as crianças agora pareciam apavoradas de estar perto de mim. As pessoas estavam com raiva e com medo, o que era possivelmente a combinação mais perigosa de emoções, e isso fez a associação de Ocean comigo mais ultrajante do que nunca. Seus amigos disseram coisas terríveis para ele sobre mim, sobre ele mesmo – coisas que eu nem quero repetir – e ele foi forçado a uma posição impossível, tentando me defender contra declarações caluniosas sobre minha fé, sobre o que significava ser muçulmano, sobre como era ser eu. Foi exaustivo.

Ainda assim, o Ocean jurou que ele não se importava.

Ele não se importava, mas eu sim.

Eu podia me sentir me afastando, recuando para dentro, querendo salvá-lo e a mim mesma sacrificando essa nova felicidade, e eu sabia que ele sentia isso acontecer. Ele podia sentir a distância crescendo entre nós – podia me ver desligando, fechando – e eu senti o pânico dele. Eu podia ver na maneira

como ele olhava para mim agora. Eu ouvi em sua voz quando ele sussurrou *Estamos bem?* no telefone ontem à noite. Eu senti quando ele me tocou, hesitante, como se eu pudesse me assustar a qualquer segundo.

Mas quanto mais eu me afastava, mais ele mudava.

Ocean fizera uma escolha, e ele estava tão disposto a apoiar essa escolha que deixou todos mais irritados. Ele foi alienado por seus amigos e ele deu de ombros; seu treinador continuou assediando-o sobre mim e ele ignorou.

Eu acho que foi que ele não mostrou nenhuma lealdade – que ele parecia se importar muito pouco com as opiniões de pessoas que ele conhecia há muito mais tempo do que a mim – que finalmente as irritou tanto.

Era o meio de dezembro, uma semana antes das férias de inverno, quando tudo ficou feio.

Foi apenas uma brincadeira, no final.

Foi uma brincadeira idiota. Alguém queria mexer com o Ocean e a coisa toda girou tão fora de controle que jogou todo o nosso mundo fora de seu eixo.

Uma pessoa anônima invadiu os sistemas de computador e enviou um e-mail em massa para o banco de dados inteiro do distrito escolar. Todos os alunos e professores de todo o condado – até mesmo os pais que estavam nas listas de discussão da escola – receberam este e-mail. A nota era terrível. E nem era sobre mim. Era sobre Ocean.

Acusou-o de apoiar o terrorismo, de ser antiamericano, de acreditar que não havia problema em matar pessoas inocentes porque queria acesso a setenta e duas virgens. Isso exigia que ele fosse expulso da equipe. Dizia que ele era um representante pobre de sua cidade natal e uma desgraça para os veteranos que apoiavam seus jogos. A nota chamava-o de nomes horríveis. E o que tornou ainda pior, claro, foi que havia uma foto de nós dois de mãos dadas na escola. Aqui estava a prova, parecia dizer, que ele fez amizade com o inimigo.

A escola começou a receber ligações irritadas. Cartas. Pais horrorizados exigiam uma explicação, uma audiência, uma reunião na prefeitura. Eu nunca soube que as pessoas poderiam se importar tanto com os dramas que cercam o basquete colegial, mas, diabos, foi aparentemente um grande negócio. Ocean Desmond James foi um grande negócio, acabou acontecendo, e eu não acho que ele tenha percebido o quanto até que isso aconteceu.

Ainda assim, não foi difícil para mim entender como chegamos aqui. Eu estava esperando por isso. Eu estava temendo isso. Mas era tão difícil para

Ocean sentir que o mundo estava cheio de pessoas tão terríveis. Eu tentei dizer a ele que os fanáticos e os racistas sempre estiveram lá, e ele disse que honestamente nunca os viu assim, que ele nunca pensou que eles poderiam ser assim, e eu disse sim, eu sei. Eu disse que é assim que funciona o privilégio.

Ele ficou chocado.

Nós ficávamos sem lugares para encontrar privacidade – até mesmo para falar sobre tudo o que havia acontecido. Nós conversamos à noite, é claro, mas raramente tínhamos a chance de nos conectar durante o dia, pessoalmente. A escola ainda estava tão agitada com toda essa besteira que eu não conseguia mais falar com ele nos corredores. Cada aula foi uma provação. Até os professores pareciam um pouco assustados. Apenas o Sr. Jordan parecia simpático, mas eu sabia que não havia muito que ele pudesse fazer.

E todo dia pessoas com as quais eu nunca fiz contato visual se inclinavam e diziam coisas quando eu me sentava.

— O que ele tem que fazer, exatamente, para obter as setenta e duas virgens?

— Não é contra a sua religião sair com caras brancos?

— Então, você está relacionada com Saddam Hussein?

— Por que você está aqui mesmo, se você odeia tanto a América?

Eu disse a todos para irem embora, mas foi como um jogo de Whac-a-Mole. Eles apenas continuaram voltando.

Ocean furou um treino de basquete uma tarde para que pudéssemos finalmente encontrar um momento sozinhos juntos. Seu técnico de repente estava afogando a equipe em práticas extras desnecessárias, e Ocean disse que era porque seu treinador estava tentando mantê-lo ocupado – que ele estava tentando manter os dois separados. Eu sabia que a decisão do Ocean de abandonar a prática provavelmente explodiria em nossos rostos, mas eu também estava grata pelo momento de paz. Eu estava morrendo de vontade de vê-lo, de falar com ele pessoalmente e ver por mim mesma que ele estava bem.

Estávamos sentados em seu carro no estacionamento do IHOP.

Ocean descansou a cabeça contra a janela, seus olhos apertados, enquanto ele me contava sobre o desenvolvimento mais recente nesta tempestade. Seu treinador implorou que ele fizesse a coisa toda desaparecer, e ele disse que seria fácil: a escola iria emitir uma declaração dizendo que era uma farsa estúpida, que a coisa toda era absurda, não era grande coisa. Feito.

Eu fiz uma careta.

Ocean parecia chateado, mas eu não conseguia entender o porquê. Esta não parece uma ideia terrível. — Isso realmente soa como uma ótima solução. — eu disse. — É tão simples.

Ocean riu então, mas não havia vida nele. E ele finalmente encontrou meus olhos quando disse: — Para que a declaração fique, não posso mais ser visto com você.

Eu senti como se tivesse levado um soco no estômago. — Oh.

— eu disse.

Na verdade, seria melhor, disse seu treinador, se Ocean nunca mais fosse publicamente associado a mim, nunca mais. Já havia um drama escolar circulando nós dois, e agora isso, a foto de nós juntos, ele disse, era demais. Era muito político. Todas as principais agências de notícias pareciam indicar que estávamos prestes a entrar em guerra com o Iraque, e o ciclo de notícias, embora sempre insano, tinha sido talvez especialmente insano ultimamente. Todo mundo estava no limite. Tudo era tão sensível. O técnico do Ocean queria dizer a todos que a foto de nós juntos era apenas outra parte da brincadeira, que ela havia sido photoshopada, mas essa explicação só seria convincente se Ocean também promettesse parar de passar o tempo comigo. Não poderia haver mais fotos de nós dois juntos.

— Oh. — eu disse novamente.

— Sim. — Ocean parecia exausto. Ele passou as duas mãos pelos cabelos.

— Então, você... — eu respirei rápida e dolorosamente — Quero dizer, eu entenderia se...

— Não. — Ocean sentou-se, olhou de repente em pânico. — Não, não, não, foda-se ele, foda-se todos eles, eu não me importo...

— Mas...

Ele estava balançando a cabeça com força. — Não. — ele disse novamente. Ele estava me encarando sem acreditar. — Eu não posso acreditar que você mesmo... Não, não é nem uma discussão. Eu disse a ele para ir para o inferno.

Por um momento, eu não sabia o que dizer. Senti raiva e desgosto e até, de repente, uma imensurável onda de alegria, tudo no mesmo momento. Parecia impossível saber qual emoção seguir, qual me levaria à decisão correta. Eu sabia que só porque eu queria estar com Ocean não significava que iria – ou deveria – funcionar dessa maneira.

E meus pensamentos devem ter sido fáceis de ler, porque Ocean se inclinou e pegou minhas mãos. — Ei, isso não é grande coisa, ok? Parece um grande negócio agora, mas eu juro que isso vai acabar. Nada disso importa. Eles não importam. Isso não muda nada para mim.

Mas eu não conseguia mais encontrar seus olhos.

— Por favor. — disse ele. — Eu não me importo. Eu realmente não sei. Eu não me importo se eles me cortarem da equipe. Eu não me importo com nada disso. Eu nunca me importei.

— Sim. — eu disse suavemente. Mas eu estaria mentindo se dissesse que não acho que minha presença em sua vida só piorou as coisas para ele.

Ele não se importava.

Mas *eu* sim.

Eu me importava. As coisas tinham sido rápidas, e eu não podia fingir que não estava mais com medo. Eu me importava que Ocean estava prestes a ser colocado na lista negra por todos nesta cidade.

Eu me importava com suas perspectivas. Eu me importava com o futuro dele. Eu disse a ele que se eles o cortassem da equipe ele perderia a chance de conseguir uma bolsa de basquete, e ele me disse para não me preocupar com isso, que ele nem precisava da bolsa de estudos, que sua mãe tinha deixado de lado alguma parte de sua herança para pagar pela faculdade.

Ainda assim, isso me incomodou.

Eu me importava.

Eu estava balançando a cabeça, olhando para as minhas mãos abertas quando ele tocou minha bochecha. Eu olhei para cima. Seus olhos estavam angustiados.

— Ei. — ele sussurrou. — Não faça isso, ok? Não desista de mim. Eu não estou indo a lugar nenhum.

Eu me senti paralisada.

Eu não sabia o que fazer. Meu intestino disse *se afaste*. Deixe-o viver sua vida. Até mesmo Navid me disse que as coisas tinham ido longe demais, que eu deveria quebrar as coisas.

E então, no dia seguinte, o treinador Hart me encurralou.

Eu deveria saber melhor do que falar com ele sozinha, mas ele me pegou em uma multidão e conseguiu me intimidar, em voz alta, para entrar em seu escritório. Ele jurou que só queria ter uma conversa amigável sobre a

situação, mas no minuto em que entrei, ele começou a gritar comigo.

Ele me disse que eu estava arruinando a vida do Ocean. Ele disse que gostaria de eu nunca ter me mudado para esta cidade, que no momento em que eu apareci eu tinha sido uma distração, que ele soube o tempo todo que deve ter sido eu colocando idéias na cabeça de Ocean sobre desistir da equipe, causando problemas. Ele disse que eu apareci e fiz uma bagunça de tudo, de todo o distrito, e não pude ver o que eu fiz? Pais e estudantes do outro lado do condado estavam em caos, os jogos foram adiados e sua reputação estava em jogo. Eles eram uma cidade patriótica, ele disse, com patriotas entre eles, e minha associação com Ocean estava destruindo sua imagem.

Esse time importava, ele disse para mim, de maneiras que eu nunca pude entender, porque ele tinha certeza de que, de onde quer que eu viesse, não tinha basquete. Eu não disse a ele que de onde eu vim era a Califórnia, mas ele nunca me deu a chance de falar. E então ele disse que eu precisava deixar o Ocean em paz antes de eu tirar todas as coisas boas que ele tinha em sua vida.

— Você acaba com isso, mocinha. — ele disse para mim. — Termine agora mesmo.

Eu realmente queria dizer a ele para ir para o inferno, mas a verdade era que ele meio que me assustou. Ele parecia violentamente irritado de uma maneira que eu nunca tinha experimentado sozinha em um quarto com um adulto. A porta estava fechada. Eu senti que não tinha poder. Como se eu não pudesse confiar nele.

Mas essa pequena conversa deixou as coisas mais claras para mim.

O treinador Hart era um idiota completo, e quanto mais ele gritava comigo, mais irritado ficava. Eu não queria ser intimidada a tomar uma decisão tão séria. Eu não queria ser manipulada, não por ninguém. Na verdade, eu estava começando a acreditar que terminar com o Ocean agora, em um momento como este, seria o maior ato de covardia. Pior, seria cruel.

Então eu recusei.

E então o treinador dele me disse que se eu não terminasse com ele, ele teria certeza de que o Ocean não seria apenas expulso da equipe, mas expulso por falta grave.

Eu disse que tinha certeza de que o Ocean descobriria.

— Por que você está tão determinada a ser teimosa? — Treinador Hart gritou, seus olhos se estreitaram em minha direção.

Ele parecia alguém que gritava muito; ele era um tipo atarracado de cara

com um rosto quase permanentemente vermelho. — Deixe de lado isso. — disse ele. — Você está desperdiçando o tempo de todos e nem valerá a pena no final. Ele vai esquecer você em uma semana.

— Tudo bem. — eu disse. — Posso ir agora?

De alguma forma ele ficou mais vermelho. — Se você se importa com ele, — ele disse — então vá embora. Não destrua a vida dele.

— Eu sinceramente não entendo porque todo mundo está chateado, — eu disse — por causa de um jogo estúpido de basquete.

— Esta é a minha carreira. — disse ele, batendo a mesa enquanto se levantava. — Eu dediquei minha vida inteira a esse esporte. Temos uma chance real nos playoffs nesta temporada e eu preciso que ele se apresente. Você é uma distração indesejável, — ele disse — e preciso que você desapareça. *Agora*.

Eu não tinha percebido, quando eu saía da escola naquele dia, até onde essa loucura iria. Eu não tinha percebido que o seu treinador estaria tão determinado a fazer isso ir embora – para *me* fazer ir embora – que ele estaria realmente disposto a machucar a Ocean no processo. Aqui, com espaço suficiente entre eu e seu treinador, consegui processar a situação com um pouco mais de objetividade.

E, honestamente, a coisa toda estava começando a me assustar.

Não foi que eu pensei que o Ocean não iria se recuperar de ser expulso da equipe; nem que eu achasse que eu não poderia dizer a Ocean o que o treinador dele tinha dito para mim, que ele basicamente me ameaçou para terminar com ele. Eu sabia que o Ocean acreditaria em mim, que ele ficaria do meu lado. O que mais me assustou, no fim das contas, não foram as ameaças. Não foi a retórica abusiva, a xenofobia flagrante. Não, o que mais me assustou foi que— Eu acho que não achava que valia a pena.

Eu achei que o Ocean iria acordar, tonto e desestabilizado por esse desastre emocional para descobrir que não valia a pena, na verdade; que eu não valia a pena. Que ele perdeu a chance de ser um grande atleta em um momento de pico em sua carreira no ensino médio e que, como resultado, perdeu a chance de jogar basquete na faculdade, um dia jogando profissionalmente. Se este show de merda era para ser acreditado, Ocean era bom o suficiente para ser tudo isso e muito mais. Eu nunca tinha visto ele jogar – o que parecia quase engraçado para mim agora – mas eu não podia imaginar que muitas pessoas ficariam *tão* chateadas se o Ocean não fosse realmente bom em colocar uma bola em uma cesta.

Eu me senti de repente com medo.

Eu me preocupei que Ocean perderia tudo que ele já conheceu – tudo em que ele estava trabalhando desde que ele era uma criança – apenas para descobrir que, eh, eu não fui nem assim tão bom, no final. Mau negócio.

Ele se ressentiria de mim.

Eu tinha dezesseis anos, pensei. Ele tinha dezessete anos. Nós éramos apenas crianças. Esse momento parecia uma vida inteira – esses meses passados pareciam eternos – mas o ensino médio não era o mundo todo, não é? Não poderia ter sido. Cinco meses atrás eu nem sabia que existia Ocean.

Ainda assim, eu não queria ir embora. Eu me preocupei que ele nunca me perdoasse por abandoná-lo, especialmente agora, não quando ele me dizia todos os dias que isso não tinha mudado nada para ele, que ele nunca deixaria suas opiniões odiosas ditarem como ele vive sua vida. Eu me preocupava que, se eu fosse embora, ele pensaria que eu era uma covarde.

E eu sabia que não era.

Eu olhei para cima, de repente, ao som de uma buzina de carro.

Foi implacável. Obnóxió. Eu estava na metade da rua principal, andando pelo mesmo trecho da calçada que eu seguia para casa todos os dias, mas eu estava perdida na minha cabeça; Eu não estava prestando atenção na estrada.

Havia um carro esperando por mim na frente. Parou para o lado e quem estava dirigindo não parava de gritar comigo.

Eu não reconheci o carro.

Meu coração deu uma guinada repentina e aterrorizante e eu dei um passo para trás. O motorista estava acenando freneticamente para mim, e só o fato de que o motorista era uma mulher me dava uma pausa. Meus instintos me disseram para correr como o inferno, mas eu me preocupava que talvez ela precisasse de ajuda. Talvez ela tenha ficado sem gasolina? Talvez ela precisasse emprestar um celular?

Eu pisei cautelosamente em direção a ela. Ela se inclinou para fora da janela do carro.

— Uau. — ela disse, e riu. — É muito difícil conseguir sua atenção.

Ela era uma loura bonita e mais velha. Seus olhos pareciam amigáveis o suficiente, e meu pulso desacelerou sua corrida..

— Você está bem? — Eu perguntei. — Seu carro quebrou?

Ela sorriu. Olhou curiosamente para mim. — Eu sou a mãe do Ocean. — disse ela. — Meu nome é Linda. Você é Shirin, certo?

Ah, pensei. Merda merda.

Ah merda.

Eu pisquei para ela. Meu coração estava batendo como um tambor.

— Você gostaria de dar uma volta?

Vinte e Nove

— Escute, — ela disse — eu quero tirar isso do caminho direto. — Ela olhou para mim enquanto dirigia. — Eu não me importo com as diferenças em seus planos de fundo. Não é por isso que estou aqui.

— Ok. — eu disse devagar.

— Mas o seu relacionamento está causando um problema real no Ocean agora, e eu seria uma mãe irresponsável se eu não tentasse parar.

Eu quase ri alto. Eu não achei que isso fosse a coisa que a transformaria em uma mãe irresponsável, eu queria dizer.

Em vez disso, eu disse: — Eu não entendo porque todo mundo está tendo essa conversa *comigo*. Se você não quer que seu filho passe algum tempo comigo, talvez você devesse conversar com *ele*.

— Eu tentei. — disse ela. — Ele não vai me ouvir. Ele não está ouvindo ninguém. — Ela olhou em minha direção novamente. De repente, percebi que não tinha ideia de para onde estávamos indo. — Eu estava esperando, — ela disse — que você seria mais razoável.

— Isso é porque você não me conhece. — eu disse a ela. — Ocean é o razoável no relacionamento.

Ela realmente deu um sorriso. — Eu não vou perder seu tempo, eu prometo. Eu posso dizer que meu filho realmente gosta de você.

Eu não quero machucá-lo – ou você, por falar nisso – mas há apenas coisas que você não sabe.

— Coisas como o que?

— Bem, — ela disse, e respirou fundo — coisas como – eu sempre confiei no Ocean ganhando uma bolsa de estudos de basquete. — E então ela olhou para mim, olhou para mim por tanto tempo que eu me preocupei alguma coisa. — Eu não posso arriscar que ele seja expulso da equipe.

Eu fiz uma careta. — Ocean me disse que ele não precisava de uma bolsa

de estudos. Ele disse que você tinha dinheiro reservado para ele, para a faculdade.

— Eu não tenho.

— O quê? — Eu olhei para ela. — Por que não?

— Isso não é da sua conta. — ela disse.

— Ocean sabe sobre isso? — Eu disse. — Que você gastou todo seu dinheiro para a faculdade?

Ela corou inesperadamente e, pela primeira vez, vi algo ruim em seus olhos. — Primeiro de tudo, — ela disse — não é o dinheiro dele.

É o meu dinheiro. Eu sou o adulto em nossa casa e, enquanto ele viver sob o meu teto, posso escolher como vivemos. E, segundo de tudo, — hesitou — meus assuntos pessoais não estão em discussão.

Eu fiquei chocada.

Eu disse: — Por que você mentiria sobre algo assim? Por que você não diria a ele que ele não tem dinheiro para a faculdade?

Suas bochechas estavam com um vermelho manchado e não muito bom, e sua mandíbula estava tão apertada que eu realmente pensei que ela poderia estalar e começar a gritar comigo. Em vez disso, ela disse, muito rigidamente: — Nosso relacionamento está tenso o suficiente como está. Eu não vi o ponto em piorar as coisas.

— E então ela parou subitamente.

Nós estávamos na frente da minha casa.

— Como você sabe onde eu moro? — Eu disse, atordoada.

— Não foi difícil descobrir. — Ela colocou o carro no parque.

Virou-se na cadeira para me encarar. — Se você o expulsar da equipe, — ela disse, — ele não poderá ir para uma boa escola. Você entende isso? — Ela estava me olhando completamente no rosto agora, e de repente foi difícil ser corajosa. Seus olhos eram tão paternalistas. Condescendentes. Eu me senti totalmente como uma criança. — Eu preciso que você me diga que entende. — disse ela. — Você entende?

— Eu entendo. — eu disse.

— Eu também preciso que você saiba que eu não me importo de onde sua família é. Eu não me importo com qual fé você pratica. O

que quer que você pense de mim, — ela disse — eu não quero que você

pense que eu sou uma fanática. Porque não sou. E eu nunca criei meu filho para ser assim também.

Eu só podia olhar para ela agora. Minha respiração estava curta; afiada.

Ela ainda estava falando.

— Isso é mais do que ficar de pé, ok? Se você pode acreditar, ainda me lembro como era ter dezesseis anos. Todas essas emoções. — disse ela, acenando com a mão. — Parece o negócio real. Eu na verdade me casei com meu namorado da escola. Ocean lhe contou?

— Não. — eu disse baixinho.

— Sim. — ela disse, e assentiu. — Bem. Você vê o quão bem isso funcionou.

Uau, eu realmente a odiei.

— Eu só quero que você entenda. — disse ela. — Isso não é sobre você. Isso é sobre Ocean. E se você se importa com ele – o que eu tenho certeza que você faz – então você precisa deixá-lo ir.

Não cause a ele todo esse problema, ok? Ele é um bom menino. Ele não merece isso.

Eu me senti de repente impotente com raiva. Eu senti isso dissolvendo meu cérebro.

— Estou muito feliz por termos tido essa conversa. — disse ela, e estendi a mão para abrir minha porta. — Mas eu ficaria grata se você não dissesse a Ocean que isso aconteceu. Eu ainda gostaria de salvar um relacionamento com meu filho.

Ela sentou-se, a porta aberta gritando para eu sair.

Senti então, naquele momento, o peso insubstancial de meus dezesseis anos de uma maneira que nunca senti antes. Eu não tinha controle aqui. Nenhum poder. Eu nem tinha minha carteira de motorista. Eu não tinha emprego, não tinha minha própria conta bancária. Não havia nada que eu pudesse fazer. Nada que eu pudesse fazer para ajudar, para melhorar isso. Eu não tinha conexões no mundo, nenhuma voz que alguém pudesse ouvir. Senti de uma vez tudo, *tudo* e absolutamente nada.

Eu não tinha mais escolha. A mãe de Ocean tinha tirado minhas opções de mim. Ela estragou tudo, e agora era minha culpa que Ocean não tivesse dinheiro para a faculdade.

Eu me tornaria um bode expiatório conveniente. Parecia muito familiar.

Ainda assim, eu sabia que tinha que fazer isso. Eu teria que dirigir uma cunha permanente entre nós. Pensei que a mãe de Ocean era horrível, mas também sabia que não podia mais deixá-lo ser expulso da equipe. Eu não aguentava o peso de ser a razão de sua vida ter descarrilado.

E às vezes, eu pensava, ser adolescente é a pior coisa que já me aconteceu.

30

Trinta

Foi horrível.

Eu não sabia como fazer isso – foi tão difícil para nós encontrar tempo sozinhos juntos – então mandei uma mensagem para ele. Era tarde. Muito tarde. De alguma forma, eu tinha a sensação de que ele ainda estaria de pé.

ei

eu preciso falar com você

Ele não respondeu, e por alguma razão eu sabia que não era porque ele não tinha visto a minha mensagem. Eu achava que ele me conhecia bem o suficiente para saber que algo estava errado, e muitas vezes me perguntava se ele sabia naquele momento que algo terrível estava prestes a acontecer.

Ele me mandou uma mensagem dez minutos depois.

não

Eu liguei para ele.

— Pare. — disse ele, quando ele atendeu. Ele parecia cru. — Não faça isso. Não tenha essa conversa comigo, ok? Sinto muito, — ele disse — sinto muito por tudo. Me desculpe por colocar você nessa situação. Eu sinto muito.

— Ocean, por favor...

— O que minha mãe disse para você?

— O quê? — Eu me senti jogada fora. — Como você sabia que eu conversei com sua mãe?

— Eu não sabia, — disse ele — mas eu sei agora. Eu estava preocupado que ela tentasse falar com você. Ela esteve na minha bunda toda a semana, me implorando para terminar com você. — E

então — Ela fez isso? Ela lhe disse para fazer isso?

Eu quase não consegui respirar.

— Ocean...

— Não faça isso. — disse ele. — Não por ela. Não faça isso por nenhum deles.

— Isso é sobre você. — eu disse. — Sua felicidade. Seu futuro.

Sua vida. Eu quero que você seja feliz, — eu disse — e estou apenas tornando sua vida pior.

— Como você pode dizer isso? — Ele disse, e ouvi sua voz quebrar. — Como você pode pensar isso? Eu quero isso mais do que eu sempre quis alguma coisa. Eu quero tudo com você. — disse ele.

— Eu quero tudo isso com você. Eu quero você. Eu quero isso para sempre.

— Você tem dezessete anos. — eu disse. — Estamos no ensino médio, Ocean. Nós não sabemos nada sobre para sempre.

— Poderíamos tê-lo se quiséssemos.

Eu sabia que estava sendo cruel, e eu me odiava por isso, mas eu tinha que encontrar uma maneira de passar por essa conversa antes que ela me matasse. — Eu gostaria que isso fosse mais simples, — eu disse a ele — eu queria que muitas coisas fossem diferentes. Eu gostaria que fôssemos mais velhos. Eu gostaria que pudéssemos tomar nossas próprias decisões — Não, amor, não faça isso.

— Você pode voltar para a sua vida agora, sabe? — E eu senti meu coração estilhaçar quando disse isso. Minha voz tremeu. — Você pode ser normal novamente.

— Eu não quero normal. — ele disse desesperadamente. — Eu não quero o que quer que seja, porque você não acredita em mim.

— Eu tenho que ir. — eu disse, porque eu estava chorando agora. — Eu tenho que ir.

E eu desliguei.

Ele me ligou de volta, umas cem vezes. Deixou-me mensagens de voz que eu nunca verifiquei.

E então eu chorei até dormir.

31

Trinta e Um

Eu tinha duas semanas de férias de inverno e afoguei minhas tristezas na música, fiquei acordada até tarde lendo, treinei duro, e desenhei coisas feias e nada impressionantes. Eu escrevi no meu diário. Eu fiz mais roupas. Eu me joguei na prática.

Ocean não parava de me ligar.

Ele me mandou uma mensagem, repetidamente—

eu te amo

eu te amo

eu te amo

eu te amo

Parte de mim sentiu um pouco como se eu tivesse morrido. Mas aqui, na explosão silenciosa do meu coração, estava uma quietude que me pareceu familiar. Eu era apenas eu de novo, de volta ao meu quarto com meus livros e meus pensamentos. Tomei café todas as manhãs com meu pai antes dele zair para o trabalho. Sentei-me com minha mãe à noite e assisti aos episódios de seu programa de TV favorito, *Little House on the Prairie*, depois que ela encontrou a caixa de DVDs na Costco.

Mas passei a maior parte dos meus dias com Navid.

Ele entrou no meu quarto naquela primeira noite. Ele me ouviu chorando e sentou-se na minha cama, puxou as cobertas para trás, empurrou meu cabelo para fora do meu rosto e me beijou na testa.

— Foda-se esta cidade. — disse ele.

Nós realmente não conversamos sobre isso desde então, e não porque ele não perguntou. Eu não tinha o vocabulário. Meus sentimentos ainda eram inarticulados, compreendendo pouco mais do que lágrimas e expletivos.

Então nós praticamos.

Nós não tínhamos acesso aos salões de dança na escola durante as férias de inverno, e nós estávamos realmente cansados das caixas de papelão que usamos nos finais de semana, então nós gastamos um upgrade. Fomos ao Home Depot, compramos um rolo de linóleo e entupimos o carro do Navid. Era fácil desdobrar o linóleo em becos desertos e estacionamentos. Às vezes, os pais de Jacobi nos deixam usar a garagem deles, mas não importa onde estamos; Acabamos de configurar nosso antigo boom box e breakdance.

Eu dominei o passo de caranguejo muito bem, acredite ou não.

Navid começou a me ensinar como fazer o críquete, que era um nível de dificuldade um pouco mais alto do que isso, e eu estava melhorando a cada dia. Navid ficou *emocionado* – mas só porque ele tinha uma participação pessoal no meu progresso.

Navid ainda estava realmente envolvido no show de talentos da escola – algo que eu não me importava nem um pouco – mas ele estava planejando há tanto tempo que eu não tinha coragem de dizer a ele que eu não queria fazer mais isso. Então eu escutei suas idéias sobre coreografia, as músicas que ele queria mixar para a música, que eram melhores para os quais o poder se movia. Eu fiz isso por ele. Eu oficialmente odiei essa escola mais do que qualquer outra escola que eu já estive, e tinha absolutamente zero interesse em causar uma boa impressão. Mas ele me treinou com tanta paciência todos esses meses; Eu não podia voltar agora.

Além disso, estávamos ficando muito bons.

A primeira semana de férias de inverno pareceu se arrastar. Era impossível negar, apesar de todas as provas empíricas em contrário, que não havia uma cavidade enorme no meu peito, onde minhas emoções costumavam estar. Eu me sentia entorpecida o tempo todo.

Olhei para as mensagens de texto de Ocean antes de adormecer, me odiando pelo meu próprio silêncio. Eu queria desesperadamente mandar uma mensagem para ele, para dizer a ele que eu também o amava, mas eu me preocupava que, se eu esticasse em contato com ele, não seria forte o suficiente para me afastar novamente. Tantas vezes, pensei, tentei traçar uma linha na areia e nunca fui forte o suficiente para mantê-la ali.

Se eu tivesse.

Se ao menos eu tivesse dito a Ocean para ir embora depois que ele me seguiu para fora da aula do Sr. Jordan. Se eu não tivesse mandado uma mensagem para ele mais tarde naquela noite. Se pelo menos eu nunca tivesse concordado em falar com ele no almoço. Se eu nunca tivesse ido com o Ocean para o carro dele talvez ele nunca tivesse me beijado e talvez eu não

soubesse, eu não saberia como era estar com ele e nada disso teria acontecido e Deus, às vezes eu realmente queria voltar no tempo e apagar todos os momentos que levaram a este. Eu poderia ter salvado a ambos todo esse problema.

Toda essa mágoa.

Ocean parou de me mandar mensagens na segunda semana.

A dor se tornou uma batida; Um ritmo que eu poderia escrever uma música. Estava sempre lá, firme e firme, raramente diminuindo.

Eu aprendi a abafar o som durante o dia, mas à noite ele gritava através do buraco no meu peito.

32

Trinta e Dois

Yusef tinha se tornado um bom amigo de Navid, e eu tinha ignorado completamente isso até ele começar a aparecer em nossas práticas de breakdancing. Aparentemente, Navid o vendera na arte de breakdancing, e agora ele estava interessado em aprender.

Estávamos praticando no canto distante de um estacionamento raramente frequentado de Jack in the Box quando Yusef apareceu pela primeira vez, e eu estava de cabeça para baixo quando o vi.

Navid estava no meio de me ensinar a girar na minha cabeça, e quando ele soltou minhas pernas para dizer oi, eu caí de bunda.

— *Oh meu Deus.* — eu gritei: — Que diabos, Navid...

Eu tirei meu capacete, reajustei meu lenço e tentei me sentar com alguma dignidade.

Navid apenas deu de ombros. — Você tem que trabalhar no seu equilíbrio.

— Ei. — disse Yusef, e sorriu para mim. Seus olhos se iluminaram; todo o seu rosto parecia brilhar. Sorrir era um olhar objetivamente bom para ele. — Eu não sabia que você estaria aqui também.

— Sim. — eu disse, e puxei distraidamente o meu suéter. Eu tentei sorrir de volta, mas não estava realmente sentindo, então eu acenei. — Bem vindo.

Passamos o resto da semana juntos, todos os seis de nós. Foi legal. Carlos, Bijan e Jacobi de alguma forma se tornaram meus amigos também, o que foi reconfortante. Eles nunca realmente conversaram comigo sobre o que aconteceu com o Ocean, mesmo sabendo que eles sabiam, mas eles eram gentis comigo de outras maneiras. Eles me disseram que se importavam sem nunca dizer as palavras. E Yusef era apenas... legal. Amigável.

Fácil.

Era meio incrível, na verdade, não ter que explicar tudo para ele o tempo todo. Yusef não tinha pavor de meninas em hijab; elas não o deixaram

perplexo. Ele não precisou de um manual para navegar em minha mente. Meus sentimentos e escolhas não exigiam explicações constantes.

Ele nunca foi estranho comigo.

Ele nunca me fez perguntas idiotas. Ele nunca perguntou em voz alta se eu tinha que tomar banho com aquela coisa. Um dia, no ano passado – em uma escola secundária diferente – eu estava sentada na aula de matemática e esse cara que eu mal conhecia não parava de olhar para mim. Em absoluto. Quinze minutos se passaram e finalmente eu não aguentei mais. Eu me virei, pronta para dizer a ele para ir para o inferno, quando ele disse: — Ei, ok, e se você estivesse fazendo sexo e essa coisa simplesmente caísse de sua cabeça? O que você faria então?

Yusef nunca me fez perguntas como essa.

Era legal.

Ele começou a aparecer em nossa casa o tempo todo, na verdade. Ele veio depois do treino para comer e jogar videogames com meu irmão e ele sempre foi muito, muito legal. Yusef era a escolha óbvia para mim, eu sabia disso. Eu acho que ele sabia disso também, mas ele nunca disse nada sobre isso. Ele só olhava para mim um pouco mais do que a maioria das pessoas. Ele sorria para mim um pouco mais do que a maioria das pessoas fazia. Ele esperou, eu acho, para ver se eu faria uma jogada.

Eu não fiz.

Na véspera de Ano Novo, sentei-me na sala de estar com meu pai, que estava lendo um livro. Meu pai estava sempre lendo. Ele lia antes do trabalho no período da manhã e todas as noites antes de dormir.

Muitas vezes pensei que ele tinha a mente de um gênio louco e o coração de um filósofo. Eu estava olhando para ele naquela noite, e olhando para uma xícara fria de chá, pensando.

— Baba. — eu disse.

— Hmm? — Ele virou uma página.

— Como você sabe se fez a coisa certa?

A cabeça do meu pai virou. Ele piscou para mim e fechou o livro.

Removeu os óculos dele. Ele me olhou nos olhos por um momento antes de dizer, em persa: — Se a decisão que você fez o aproximou da humanidade, então você fez a coisa certa.

— Oh.

Ele me observou por um segundo, e eu sabia que ele estava dizendo, sem falar, que eu poderia dizer a ele o que estava em minha mente. Mas eu não estava pronta. Eu ainda não estava pronta. Então eu fingi não entender.

— Obrigada. — eu disse. — Eu estava apenas me perguntando.

Ele tentou sorrir. — Tenho certeza de que você fez a coisa certa. — disse ele.

Mas eu não achei que tivesse feito.

33

Trinta e Três

Nós voltamos para a escola em uma quinta-feira, meu coração se alojou firmemente na minha garganta, mas o Ocean não estava lá.

Ele não apareceu em nenhuma das aulas que tínhamos juntos. Eu não sabia se ele tinha ido para a escola naquele dia, porque eu nunca o vi, e de repente me preocupei que talvez ele tenha transferido suas aulas. Eu não poderia culpá-lo se ele tivesse, é claro, mas eu estava esperando por um vislumbre dele. Do seu rosto.

A escola era, de outro modo, anticlimática. Eu me tornei um erro de photoshopping, e nossas duas semanas de férias deram a todos algum tipo de amnésia. Ninguém se importava mais comigo. Havia novas fofocas agora, fofocas que não me preocupavam nem atingiam minha vida. Tanto quanto eu poderia dizer, Ocean havia retornado ao seu status anterior. Não havia mais necessidade de entrar em pânico, pois eu havia sido removida cirurgicamente de sua vida.

Tudo estava bem.

As pessoas voltaram a me ignorar da maneira que sempre fizeram.

Eu estava sentada embaixo da minha árvore quando vi aquela garota novamente.

— Ei. — ela disse. Seu longo cabelo castanho estava amarrado em um rabo de cavalo desta vez, mas ela ainda era inconfundivelmente a mesma garota que me disse que eu era uma pessoa terrível.

Eu não tinha certeza se queria dizer oi para ela.

— Sim?

— Posso me sentar? — Ela disse.

Eu levantei uma sobrancelha, mas eu disse ok.

Nós duas ficamos em silêncio por um minuto.

Finalmente, ela disse: — Sinto muito pelo que aconteceu. Com essa foto. Com Ocean. — Ela estava sentada de pernas cruzadas na grama, encostada na minha árvore e olhando para o pátio ao longe.

— Isso deve ter sido realmente horrível.

— Eu pensei que você disse que eu era uma pessoa terrível.

Ela olhou para mim, então. — As pessoas nesta cidade são tão racistas. Às vezes é muito difícil viver aqui.

Suspirei. Disse: — Sim. Eu sei.

— Eu meio que não pude acreditar quando você apareceu. — ela disse, e ela estava olhando para longe novamente. — Eu te vi no primeiro dia de aula. Eu não acreditava que você fosse corajosa o suficiente para usar o hijab aqui. Ninguém mais faz.

Eu quebrei uma folha de grama. Dobrei ao meio. — Eu não sou corajosa. — eu disse a ela. — Estou com medo o tempo todo também. Mas sempre que penso em tirá-lo, percebo que minhas razões têm a ver com o modo como as pessoas me tratam quando estou usando. Eu acho que seria mais fácil, sabe? Muito mais fácil.

Isso tornaria minha vida mais fácil, porque se eu não usasse, talvez as pessoas me tratassem como um ser humano.

Eu quebrei outra folha de grama. Rasguei em pequenos pedaços.

— Mas isso parece ser uma razão de merda para fazer alguma coisa. — eu disse. — Isso dá aos valentões todo o poder. Isso significaria que eles conseguiram me fazer sentir como o que eu sou e o que eu acredito fosse algo para se envergonhar. Então, eu não sei. — eu disse. — Eu continuo usando.

Nós duas estávamos quietas novamente.

E depois—

— Não faz diferença, você sabe.

Eu olhei para cima.

— Tirando isso. — disse ela. — Não faz diferença. — Ela estava olhando para mim agora. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Eles ainda me tratam como se eu fosse lixo.

Ela e eu nos tornamos amigas depois disso. Seu nome era Amna. Ela me convidou para almoçar com ela e suas amigas, e eu estava genuinamente grata pela oferta. Eu disse a ela que a procuraria na escola amanhã. Eu pensei que talvez eu pediria para ela ir ao cinema algum dia. Inferno, eu poderia até

fingir dar uma merda sobre os SATs quando ela estava por perto.

Soava legal.

Eu vi Ocean pela primeira vez no dia seguinte.

Eu cheguei ao salão de dança um pouco mais cedo, e estava esperando do lado de fora que Navid chegasse com a chave quando Yusef apareceu.

— Então é aí que a mágica acontece, hein? — Yusef estava sorrindo para mim novamente. Ele era um grande sorridente. — Estou animado.

Eu ri. — Estou feliz que você gostou. — eu disse. — Muitas pessoas nem sequer sabem o que é breakdancing, o que é meio desanimador. Navid e eu ficamos obcecados por isso, eu não sei, desde sempre.

— Isso é muito legal. — ele disse, mas ele estava sorrindo para mim como se eu tivesse dito algo engraçado. — Eu gosto do quanto você gosta.

— Eu gosto disso. — eu disse, e não pude evitar, sorri de volta.

Yusef estava tão animado o tempo todo; seus sorrisos eram ocasionalmente contagiantes. — Breakdancing é na verdade uma combinação de kung fu e ginástica, — eu disse a ele — que eu acho que vai funcionar bem para você, porque Navid disse que você costumava fi...

— Oh... — Yusef pareceu subitamente assustado. Ele estava olhando para algo atrás de mim. — Talvez, — ele olhou para mim — eu deveria ir?

Eu me virei confusa.

Meu coração parou.

Eu nunca tinha visto Ocean em seu uniforme de basquete antes.

Seus braços estavam nus. Ele parecia forte e tonificado e musculoso.

Ele parecia tão bom. Ele era tão lindo.

Mas ele parecia diferente.

Eu nunca conheci esse lado dele — a versão de jogador de basquete dele — e em seu uniforme ele parecia alguém que eu não conhecia. Na verdade, eu estava tão distraída com sua roupa que levei um segundo para perceber que ele parecia chateado. Mais do que chateado. Ele parecia chateado e irritado de uma só vez. Ele estava congelado no lugar, olhando para mim. Olhando para Yusef.

Eu comecei a entrar em pânico.

— Ocean — eu disse — eu não...

Mas ele já havia saído.

Eu descobri na segunda-feira que o Ocean tinha sido suspenso da equipe. Ele entrou em uma briga com outro jogador, aparentemente, e ele teria que ficar de fora dos próximos dois jogos por conduta desordeira.

Eu sabia disso, porque todo mundo estava falando sobre isso.

A maioria das pessoas parecia pensar que era engraçado – era quase como se achassem que era legal. Entrar em uma briga na quadra parecia dar algum tipo de credibilidade à Ocean.

Mas eu estava preocupada.

A segunda semana foi igualmente ruim. Horrível. Estressante. E não foi até o final da semana que eu percebi que Ocean não tinha, de fato, mudado qualquer uma de suas aulas.

Ele estava apenas matando aula. O tempo todo.

Eu percebi isso quando apareci em bio na sexta-feira e ele estava lá. Sentado em sua cadeira. A mesma em que ele sempre se sentou.

Meu coração estava subitamente acelerado.

Eu não sabia o que fazer. Eu digo oi? Eu ignoro ele? Ele quer que eu diga oi? Ele preferiria que eu o ignorasse?

Eu não pude ignorá-lo.

Eu andei devagar. Deixei minha bolsa no chão e senti algo no meu peito se expandir enquanto eu olhava para ele. Emoções, enchendo a cavidade.

— Ei. — eu disse.

Ele olhou para cima. Ele desviou o olhar.

Ele não disse nada para mim pelo resto do período.

34

Trinta e Quatro

Navid tinha trabalhado com todos nós mais do que trabalhávamos na prática. O show de talentos era em duas semanas, o que significava que estávamos praticando até muito tarde, todas as noites. Todos os dias, parecia cada vez mais estúpido para mim que eu me apresentasse em um show de talentos para essa escola terrível, mas achei que só iríamos passar por isso. Acabar com isso. Breakdancing tinha sido a minha única constante em tudo este ano, e eu estava tão grata pelo espaço que me deu para apenas ser, respirar e me perder na música.

Eu senti que devia a Navid esse favor.

Além disso, as apostas eram maiores do que eu pensava que seriam. Acontece que o show de talentos era realmente um grande negócio nesta escola – maior, ao que parece, do que em qualquer outra escola em que eu estive, porque aconteceu durante o dia da escola. Eles cancelaram as aulas para isso. Todos saíram.

Professores, alunos, toda a equipe. Mães, pais e avós já estavam em pé ao redor do ginásio, ansiosamente tirando fotos de nada importante. Meus pais, por outro lado, não tinham ideia do que estávamos fazendo hoje. Eles não estavam aqui torcendo por nós, segurando buquês de flores em mãos suadas e nervosas. Meus pais geralmente não se impressionavam com seus próprios filhos, e eu realmente acreditava que poderia, não sei, ganhar algo como o Prêmio Nobel da Paz, e eles só compareceriam com relutância à cerimônia, enquanto apontavam que muitas pessoas ganharam Prêmios Nobel, que, de fato, distribuíam prêmios Nobel todos os anos e, de qualquer maneira, o prêmio da paz era claramente o prêmio para os preguiçosos, então talvez da próxima vez eu deva concentrar minha energia em física, matemática ou algo assim.

Meus pais nos amavam, mas eu nem sempre sabia se eles gostavam de nós.

Principalmente, a vibe que recebi da minha mãe foi que ela pensava que

eu era uma adolescente dramática e sentimental cujos interesses eram fofos, mas inúteis. Ela me amava ferozmente, mas também tinha pouca tolerância com pessoas que não conseguiam se recuperar e se recompor, e meus ocasionais lapsos em profundos buracos emocionais a faziam pensar que eu ainda estava sem comida. Ela estava sempre esperando por mim para crescer.

Ela estava se preparando para sair para o trabalho esta manhã quando, enquanto se despedia, teve um vislumbre da minha roupa.

Ela balançou a cabeça e disse: — *Ey khoda. Een chiyeh digeh?* — *Oh Deus. O que é isso?*

Eu estava usando uma jaqueta de estilo militar recém-alterada, totalmente renovada, com dragonas e botões de latão, e eu tinha bordado as costas à mão; se lia, em um script solto, *peessoas são estranhas*. Não foi apenas uma homenagem a uma das minhas músicas favoritas dos Doors – mas foi uma declaração que me ressoou profundamente. A coisa toda levava horas de trabalho. Eu achei que estava incrível.

Minha mãe se encolheu e disse, em persa: — É realmente isso que você vai usar? — Ela esticou o pescoço para ler a parte de trás do meu casaco. — *As pessoas do Yanni chi são estranhas?* — E eu nem sequer tive a chance de defender minha roupa antes que ela suspirasse, me desse um tapinha no ombro e dissesse: — *Nabash Negaran.* — *Não se preocupe.* — Tenho certeza que você vai crescer com isso.

— Ei, — eu disse, — eu não estava preocupada. — Mas ela já estava saindo pela porta. — Ei, sério, — eu disse — eu realmente gosto do que estou vestindo...

— Não faça nada estúpido hoje. — ela disse, e acenou em despedida.

Mas eu *estava* prestes a fazer algo estúpido.

Quero dizer, eu pensei que era estúpido, de qualquer maneira.

Navid achou que esse show de talentos era incrível. Era aparentemente um grande negócio que nós até conseguimos nos apresentar; algum comitê reduziu uma pilha de submissões e escolheu, dentre os muitos, apenas dez atos para estar no palco hoje.

Nós estávamos no quarto lugar.

Eu não tinha percebido o quão sério era isso até que o Navid me explicou. Ainda assim, havia, como alguns milhares de crianças em nossa escola, e todos eles estavam sentados na platéia, nos observando – e outras nove apresentações – e eu não entendia como isso poderia ser uma coisa boa. Eu pensei que era idiota. Mas me lembrei de que estava fazendo isso por Navid.

Nós estávamos esperando nos bastidores com os outros artistas – principalmente cantores; um par de bandas; havia até uma garota que faria um solo no saxofone – e, pela primeira vez, eu era a única do grupo que parecia ter mantido algum nível de frio. Nós mudamos para blusões de prata combinando, calça de moletom cinza e camurça cinza da Puma – e eu pensei que parecíamos bem. Eu pensei que estávamos prontos. Mas Jacobi, Carlos, Bijan e Navid pareciam super nervosos, e era estranho vê-los assim. Eles eram normalmente tão legais; Totalmente imperturbáveis. Percebi então que a única razão pela qual eu não compartilhava seus nervos era porque eu realmente não me importava com o resultado.

Eu me senti esvaziada. Meio entediada.

Os caras, por outro lado, não pararam de andar. Eles conversaram um com o outro; eles conversaram com eles mesmos.

Jacobi começava a dizer: — Então, como todos nós caminhamos – sim, todos nós saímos do mesmo jeito — e então ele parava, contava alguma coisa nos dedos, e então assentia, apenas para si mesmo. — Ok. — ele disse. — Sim.

E toda vez que um novo ato acabava, eu os sentia tensos.

Ouvimos os baques e guinchos que significavam que eles estavam preparando o palco para uma nova apresentação; ouvimos os aplausos levemente suaves após a introdução; e então nos sentamos em silêncio e ouvimos nossos concorrentes. Carlos sempre se perguntava em voz alta se os outros artistas eram ou não bons. Bijan iria assegurar-lhe que eles foram ruins. Jacobi discordaria. Carlos iria agonizar. Navid olhava para mim e perguntava, em cinco ocasiões diferentes, se eu tinha conseguido a música certa para a tecnologia AV.

— Sim, mas, lembre-se, nós mudamos a mistura no último minuto. — disse ele. — Tem certeza que você conseguiu a nova?

— Sim. — eu disse, tentando não revirar os olhos.

— Você tem certeza? Foi o CD que disse *Mix Número Quatro* nele.

— Oh. — eu disse, fingindo surpresa. — Foi *Mix Número Quatro*? Você tem c...

— Oh meu Deus Shirin não mexa comigo agora.

— *Acalme-se*. — eu disse, e ri. — Vai ficar tudo bem. Nós fizemos isso mil vezes.

Mas ele não ficaria parado.

No final, eu estava errada.

O show não foi nada estúpido. Na verdade, a coisa toda foi incrível. Nós fizemos essa rotina tantas vezes que eu nem precisei pensar mais nisso.

Nós começamos com todos nós cinco fazendo uma coreografia totalmente coreografada, e como a música mudou, nós também. Nós nos separamos e nos revezamos no centro do palco, cada um de nós executando uma combinação diferente de movimentos; mas nossas performances eram fluidas – elas conversavam entre si. A coisa toda estava destinada a respirar, como se tudo o que fizemos era parte de um batimento cardíaco maior. Os garotos mataram.

Nossa coreografia estava fresca; nossos movimentos estavam firmes e perfeitamente sincronizados; a música estava misturada lindamente.

Mesmo eu não fui tão ruim.

Minha escalada foi a melhor que já existiu; meu seis degraus foram perfeitos e eu caí em um passo de caranguejo que se transformou, brevemente, em um grilo. O grilo era um movimento similar; meu peso corporal ainda estava equilibrado nos meus cotovelos, que eu enfiei no meu torso; a diferença era que você se movia em um círculo. A coisa toda foi bem rápida. Eu me senti forte.

Totalmente estável. Eu terminei com um aumento, e depois caí para frente em uma parada de mão, apenas para arquear as costas e deixar minhas pernas se curvarem atrás de mim, nunca tocando o chão. Essa era uma pose chamada hollowback, e foi um movimento que poderia ter sido, para mim, ainda mais difícil do que a caminhada de caranguejo. Eu trabalhei nisso desde sempre. Depois de alguns segundos, deixei a gravidade me puxar para baixo, devagar, e pulei de volta novamente.

Era minha rotina. Eu pratiquei isso um milhão de vezes.

Bijan terminou o set inteiro fazendo quatro backflips pelo palco, e quando nosso show acabou nós todos tivemos meio segundo de tranquilidade para olhar um para o outro, ainda recuperando o fôlego.

De alguma forma, sabíamos, sem falar, que estávamos bem.

O que eu não esperava, claro, era que o resto da escola concordasse. Eu não esperava que eles subissem de repente, comessem a gritar, geralmente perdessem a merda em nosso desempenho. Eu não estava esperando os aplausos, o trovão de aplausos.

Eu não estava esperando que *ganhássemos*.

Principalmente, eu estava feliz pelo meu irmão. Ele construiu esse momento; ele liderou esta missão. E quando recebemos um troféu de plástico e um

certificado de presente de cinquenta dólares para o Olive Garden, Navid parecia ter recebido a lua. Eu estava tão feliz por ele.

Mas eu não sei.

A escola ficou subitamente ridícula.

Durante uma semana inteira após o show de talentos, não consegui ir para a aula sem incidentes. As pessoas começaram a me perseguir pelo corredor. Todo mundo queria falar comigo. As crianças começaram a acenar para mim enquanto eu passava. Eu estava atravessando a quadra um dia e um dos zeladores me viu, disse: — Ei, você é aquela garota que gira sobre a cabeça! — E eu estava realmente apavorada.

Eu nem sequer tinha girado na minha cabeça.

Quer dizer, eu estava feliz que eles não estavam mais me chamando de toalha, mas a transição repentina e abrupta de desagradável para legal estava me dando uma chicotada. Eu estava confusa. Eu não podia acreditar que as pessoas achavam que eu esqueceria que há pouco mais de um mês elas estavam me tratando como um verdadeiro pedaço de merda. Meus professores, que, depois do Ramadã – quando eu queria tirar um dia de folga para celebrar literalmente o maior feriado do calendário muçulmano – me disseram: “Vamos precisar de uma nota de seus pais para nos certificarmos. Você está perdendo a escola para uma coisa real.”, agora estavam me parabenizando na frente de toda a classe. As políticas de popularidade escolar eram desconcertantes. Eu não sabia como eles poderiam mudar de marcha assim. Todos pareciam ter se esquecido abruptamente de que eu ainda era a mesma garota que eles tentaram humilhar, de novo e de novo.

Navid estava passando por um problema semelhante, mas, ao contrário de mim, ele não parecia se importar. — Apenas aproveite.

— disse ele.

Mas eu não sabia como.

No final de janeiro, eu tinha um status social totalmente diferente do que eu tinha tido apenas algumas semanas antes. Foi uma *loucura*.

Eu abri meu armário e cinco convites para cinco festas diferentes caíram no meu rosto. Eu estava sentada debaixo da minha árvore no almoço, lendo um livro, quando um grupo de garotas gritou comigo, do outro lado do pátio, para me sentar com elas. Os caras começaram a conversar comigo na aula. Eles vinham até mim depois da escola, perguntavam se eu tinha planos, e eu diria *sim, tenho grandes planos para dar o fora daqui* e eles não entenderiam. Eles se ofereciam para me levar para casa.

Eu queria gritar.

Eu, de alguma forma, inadvertidamente, fiz algo que permitia à população desta escola me colocar em um tipo diferente de caixa, e eu não sabia como lidar com isso. Foi mais do que confuso – me *matou* descobrir a profundidade de sua falta de espírito. De alguma forma, eu não era mais uma terrorista. Eu subi de nível. Eles agora me viam como uma espécie de dançarina de aparência exótica.

Nosso desempenho desativou seus alarmes.

Eu fui considerada legal. Segura.

Nível de Ameaça Verde.

E não foi até que o treinador Hart passou por mim no corredor, apontou o chapéu de basquete para mim e disse: — Bom trabalho no outro dia. — que de repente senti que estava queimando espontaneamente.

Eu terminei com o Ocean por causa disso.

Eu me afastei de uma das pessoas mais incríveis que eu já conheci porque eu tinha sido intimidada por seu treinador, por seus colegas, por sua própria mãe. Meu rosto, meu corpo, minha imagem geral em sua vida estavam machucando-o. Tinha sido uma ameaça à sua carreira. Para as suas perspectivas.

E agora?

E se Ocean tivesse se apaixonado por mim agora? Agora, quando os estudantes não me acham mais tão assustadora. Agora, quando as pessoas olhavam na minha direção e sorriam; agora, quando eu não conseguia andar pelo corredor sem alguém tentar falar comigo; agora, quando meus professores me paravam depois da aula e me perguntavam onde eu aprendi a dançar assim.

O timing faria diferença?

Os níveis arrebatadores de sua hipocrisia tinham me causado uma enxaqueca.

Eu vi Ocean novamente em uma quarta-feira.

Eu estava no meu armário muito tempo depois do último sinal tocar, trocando minhas coisas em preparação para a prática – o show de talentos acabou, mas ainda tínhamos muito mais que queríamos fazer – quando o Ocean me encontrou. Eu não tinha falado uma única palavra para ele desde o dia em que eu o vi em bio, e pela primeira vez em um mês, eu tive uma oportunidade real de estudá-lo. Para olhar nos olhos dele.

Mas o que vi só me fez sentir pior.

Ele parecia cansado. Esgotado. Ele parecia mais magro. Ele nunca mais apareceu na aula, e eu não tinha certeza de como ele estava se safando.

— Oi. — ele disse.

Eu me senti congelada apenas com o som de sua voz.

Sobrecarregada. Um pouco como se eu quisesse chorar.

— Oi. — eu disse.

— Eu não... — ele desviou o olhar, passou a mão pelos cabelos — Na verdade, não sei o que estou fazendo aqui. Eu só... — Ele parou e olhou para cima, para longe. Eu o ouvi suspirar.

Ele não precisava explicar.

Foi em meados de fevereiro. Os salões estavam cobertos de recortes de Cupido e corações de papel. Algum clube no campus estava vendendo guloseimas para o Dia dos Namorados e os cartazes violentamente rosados me agrediam em todos os lugares que eu ia. Eu nunca precisei de uma desculpa para pensar em Ocean, mas o Dia dos Namorados estava a apenas dois dias de distância, e era difícil não ser constantemente lembrada do que eu havia perdido.

Finalmente, ele olhou para mim.

— Eu nunca cheguei a dizer que eu vi você. — disse ele. — No show de talentos. — Sua boca ameaçou sorrir, e então, não. — Você foi ótima. — ele disse suavemente. — Você estava tão bem.

E eu não conseguia mais controlar as palavras que eu disse em seguida do que o terremoto que ele deixou em meus ossos. — Eu sinto sua falta. — eu disse. — Sinto tanto a sua falta.

Ocean estremeceu, como se eu tivesse batido nele. Ele olhou para longe e quando ele olhou para cima novamente, eu jurei que vi lágrimas em seus olhos. — O que eu devo fazer com isso? — Ele disse. — O que eu devo dizer sobre isso?

Eu não sei, eu disse, me desculpe, eu disse, não importa, eu disse, e minhas mãos tremiam, e deixei cair meus livros por todo o chão. Eu me mexi e Ocean tentou me ajudar, mas eu disse a ele que estava bem, estava tudo bem, e eu empilhei os livros no meu armário, eu disse um desajeitado adeus, e a coisa toda foi tão horrível que eu não percebi que eu esqueci de girar a combinação – que eu tinha esquecido de ter certeza de que meu armário estava fechado – até muito depois de eu ter terminado o treino.

Quando voltei para verificar, dei um suspiro de alívio. Tudo ainda estava lá. Mas eu estava prestes a encerrá-lo quando percebi que meu diário, que eu sempre escondia no fundo do meu armário, subitamente foi para o topo.

35

Trinta e Cinco

Passei o resto da noite sentindo-me vagamente apavorada.

Eu estava imaginando isso? Eu consegui mover meu diário quando estava reorganizando tudo? Foi coincidência ou acidente?

E depois—

E se eu *não tivesse* imaginado isso? E se Ocean realmente leu meu diário?

Eu estive fora por menos de duas horas, então eu não achei que houvesse qualquer perigo de ele ter lido a coisa toda, mas até mesmo pequenas porções do meu diário eram extremamente sensíveis para mim.

Eu peguei do esconderijo atual no meu quarto e comecei a ler ao contrário. Imaginei que, se Ocean comesse a ler meu diário, ele estaria mais interessado nas coisas que eu tinha escrito recentemente, e só precisasse escanear a página por um segundo antes de me sentir subitamente inundada de vergonha. Eu apertei meus olhos fechados. Cobri meu rosto com uma mão.

Eu tive um sonho sobre Ocean ontem à noite, cujo conteúdo foi extremamente intenso. Isso foi, uau. Isso foi terrível. Sentei-me na cama, encolhendo-me em outro rubor de constrangimento, e continuei virando as páginas, retrocedendo no tempo.

Minha raiva de como outros estudantes me trataram agora; como eles fingiram que sua crueldade original nunca havia acontecido.

Meus pensamentos em ver Ocean em seu uniforme; meu medo de que ele pensasse que eu estava interessada em Yusef.

A agonia de voltar para a escola; preocupando-me com Ocean, preocupada com sua suspensão.

Minha conversa com meu pai; minhas preocupações se eu fiz a coisa errada.

Reflexões sobre conversas com Yusef; como eu nunca tive que me explicar para ele.

Páginas e páginas tentando capturar como eu me sentia sobre a ausência de Ocean na minha vida; o quanto eu sentia falta dele; quão terrível eu me sentia sobre tudo o que tinha acontecido.

Uma única página que dizia: Eu também te amo tanto, tanto

Continuou assim nas últimas semanas. Principalmente era só eu, narrando o coração partido, da única maneira que eu sabia.

Eu exalei um longo suspiro e olhei para a parede. Minha mente estava em guerra consigo mesma.

Havia uma parte de mim que sentia verdadeiro horror com a ideia de Ocean ter lido tudo isso. Parecia uma intrusão, uma traição.

Mas havia outra parte de mim que entendia por que ele poderia estar procurando por respostas.

Eu odiava como as coisas tinham terminado entre nós. Eu odiava como eu fui forçada a me afastar dele, odiava que ele não soubesse a verdade, odiava que ele me disse que me amava e eu simplesmente o ignorei. Especialmente depois de tudo – depois de tudo que passamos, depois de tudo que ele disse para mim e o quanto ele lutou para estar comigo.

Ele me disse que me amava e eu simplesmente o ignorei.

Só pensar nisso partiu meu coração de novo. E de repente, eu esperava que ele realmente tivesse lido essas páginas. De repente, eu desejei que ele tivesse. Eu queria que ele soubesse.

De repente, eu queria contar tudo a ele.

Quanto mais eu pensava sobre isso, mais a perspectiva de Ocean descobrir essas páginas parecia um pouco com liberdade. Eu queria que ele soubesse que eu o amava, mas eu sabia que não poderia dizer isso a ele agora, não pessoalmente, não sem uma explicação sobre o modo como as coisas terminaram entre nós. Era embaraçoso, de muitas maneiras, imaginá-lo lendo meus pensamentos pessoais. De outras formas, era meio que libertador.

Ainda assim, eu não sabia ao certo se ele leu alguma coisa.

Foi então que percebi que uma das páginas do diário havia sido rasgada, só um pouquinho. Eu olhei para ela. Era o último dia de aula, pouco antes do inverno. O dia em que terminei as coisas com o Ocean.

A primeira parte foi toda sobre o seu treinador, me encurralando.

Todas as coisas horríveis que ele disse sobre mim. Como ele ameaçou expulsar Ocean se eu não terminasse com ele. E depois, mais tarde, sobre a mãe dele. Como ela perdeu o dinheiro para a escola. Como ela me pediu para

nunca contar nada sobre a nossa conversa.

E então, no final, como, independentemente de todas as ameaças, eu não achava que valesse a pena os sacrifícios que ele estava fazendo por mim.

Eu fechei o diário. Eu estava respirando muito rápido.

36

Trinta e Seis

O dia seguinte na escola foi insano.

Ocean foi expulso.

Eu estava sentada com Amna debaixo da minha árvore quando ouvi a comoção. Crianças no pátio estavam gritando - as pessoas estavam se debatendo - e algumas delas gritavam: — Luta! Luta!

Eu senti uma sensação repentina e horrível apertar meu intestino.

— O que você acha que está acontecendo? — Eu disse.

Amna deu de ombros. Ela se levantou, saiu vários metros e olhou para a distância. Ela veio hoje para me dar um saco de doces de gengibre que sua mãe tinha feito, e eu me lembrei disso porque quando ela se virou, com os olhos arregalados, largou a pequena sacola de ziplock no chão.

Doces de gengibre se espalharam pela grama.

— Oh meu Deus, — ela disse, — é Ocean.

Ele socou o seu treinador na cara. Eu corri para a quadra bem a tempo de ver dois caras tentando acabar com a luta e Ocean começou a brigar contra eles também. As pessoas estavam gritando umas com as outras.

Ocean gritava: — Vocês são um bando de hipócritas, — e alguém tentou levá-lo embora e ele disse: — Não me toque, não me toque, porra.

Ele saiu do time.

Ele foi expulso mais tarde naquele dia. Ele aparentemente quebrou o nariz do treinador Hart; ele precisaria de uma cirurgia.

E eu não tinha certeza de que veria Ocean novamente.

37

Trinta e Sete

Minhas manhãs sempre foram assim: Navid e eu brigando sobre quem tomava banho primeiro em nosso banheiro compartilhado, porque ele sempre conseguia deixar tudo molhado, e depois que ele terminava de fazer a barba ele deixava esses pêlos minúsculos por toda a pia e não importava quantas vezes eu dizia a ele como era grosseiro, ele nunca pareceu entender a dica. Ainda assim, ele geralmente ganhava o direito de tomar o primeiro banho porque tinha que estar na escola uma hora mais cedo do que eu. Meus pais então forçavam os dois a descer e tomar café da manhã, período em que minha mãe nos perguntava se havíamos feito nossas orações matinais, e Navid e eu colocaríamos cereal em nossas bocas e mentiríamos que tínhamos feito. Mamãe revirava os olhos e nos dizia para nos certificarmos de que pelo menos faríamos nossas orações da tarde, e mentiríamos que iríamos, e minha mãe suspiraria pesadamente, e então Navid iria para a escola. Meus pais partiram para o trabalho pouco depois, e eu geralmente tinha a casa só para mim por pelo menos trinta minutos gloriosos antes de começar minha caminhada até o panóptico.

Não me ocorreu que essa informação – informação que eu tinha compartilhado com o Ocean quando ele queria me levar para a escola pela primeira vez – continuaria a ser útil para nós.

Eu acabei de terminar de trancar a porta quando me virei para descobrir Ocean em pé na frente da minha casa. Ele estava na frente de seu carro, na frente da minha casa. Olhando para mim.

Eu quase não conseguia acreditar.

Ele levantou a mão em uma aproximação de uma onda, mas ele parecia incerto. Eu andei, meu coração batendo para fora do meu peito, até que eu estava bem na frente dele e de alguma forma, isso pareceu surpreendê-lo. Ele estava encostado em seu carro; De repente, ele se endireitou. Ele enfiou as mãos nos bolsos. Ele respirou fundo e disse: — Ei.

— Oi. — eu disse.

O ar estava frio – gelado, mesmo – e cheirava como as primeiras manhãs sempre cheiravam para mim: como folhas mortas e os restos de xícaras de café inacabadas. Ele não estava vestindo uma jaqueta, percebi, e eu não sabia há quanto tempo ele estava aqui fora. Suas bochechas estavam rosadas. Seu nariz parecia frio.

Seus olhos eram mais brilhantes à luz da manhã; mais azuis, castanhos mais nítidos.

E depois—

— Eu sinto muito. — dissemos ao mesmo tempo.

Ocean riu, desviou o olhar. Eu apenas olhei para ele.

Finalmente, ele disse: — Você quer matar a escola comigo hoje?

— Sim. — eu disse. — Sim.

Ele sorriu.

Eu assisti enquanto ele dirigia. Estudei seu perfil, as linhas de seu corpo. Eu gostei do jeito que ele se movia, do jeito que ele tocava as coisas, do jeito que ele levantou a cabeça com uma dignidade tão casual. Ele sempre parecia tão confortável em sua própria pele, e isso me lembrou do que eu amava sobre a maneira como ele andava: ele tinha esse passo realmente firme e certo. A maneira como ele se movia pelo mundo me fez pensar que nunca lhe ocorrera, nem uma vez, nem mesmo em um dia muito difícil, imaginar se ele poderia ter sido uma pessoa ruim. Era óbvio para mim que ele não se desgostava. Ocean não dissecou sua própria mente. Ele nunca agonizou sobre suas ações e nunca desconfiou das pessoas. Ele nunca pareceu sentir constrangimento do jeito que eu fiz. Sua mente parecia, para mim, um lugar extremamente pacífico. Livre de espinhos.

— Uau. — ele disse, e quando ele exalou foi um pouco irregular.

— Eu não, hum, quero dizer-lhe para parar, tipo, de olhar para mim, exatamente, mas todo esse olhar fixo ininterrupto está realmente me deixando nervoso.

Eu me virei de volta, de repente mortificada. — Eu sinto muito.

Ele olhou em minha direção. Tentou sorrir. — O que você está pensando sobre?

— Você. — eu disse.

— Oh. — Mas soou mais como uma respiração.

E então, de repente, estávamos em outro lugar. Ocean tinha estacionado

seu carro na entrada de uma casa que eu não conhecia, mas tinha certeza de que era sua própria casa.

— Não se preocupe, minha mãe não está aqui. — ele disse, depois de desligar o carro. — Eu realmente queria falar com você em algum lugar particular, e eu não sabia para onde ir. — Ele encontrou meus olhos e eu senti pânico e paz ao mesmo tempo. — Está tudo bem?

Eu assenti.

Ocean abriu minha porta para mim. Ele pegou minha mochila, pendurou-a no ombro e me levou até a casa dele. Ele parecia um pouco apreensivo. Eu me *senti* um pouco apreensiva. Sua casa era grande – não muito grande – mas grande. Agradável. Eu gostaria de ter notado mais quando entramos, mas a manhã já havia sido pontuada por momentos tão intensos que seus detalhes pareciam ser exibidos em aquarela. Suave e um pouco turvo. Tudo que eu realmente lembro era o rosto dele.

E o quarto dele.

Não era um espaço complicado. Na verdade, era uma reminiscência do meu próprio quarto. Ele tinha uma cama, uma mesa, um computador. Uma estante de livros que não estava cheia de livros, mas com o que pareciam ser prêmios relacionados ao basquete. Havia duas portas aqui, o que me fez pensar que ele tinha seu próprio banheiro e talvez um closet. As paredes eram brancas. O

tapete estava macio.

Era legal. Não havia desordem.

— Seu quarto é tão limpo. — eu disse a ele.

E ele riu. — Sim, — ele disse — bem, eu realmente esperava que você estivesse vindo hoje. Então eu limpei.

Eu olhei para ele. Eu não sabia porque fiquei surpresa. Era óbvio que ele tinha feito uma espécie de plano para vir me pegar hoje.

Para falar comigo. Mas havia algo em imaginá-lo limpando seu quarto em antecipação à minha possível visita que me fez adorá-lo. De repente, eu queria saber o que ele fez. O que ele removeu. Eu queria saber como era seu quarto antes que ele organizasse.

Em vez disso, sentei-me na cama dele. A dele era muito maior que a minha. Mas então, ele também era muito mais alto que eu.

Minha cama teria esmagado ele.

Ocean estava em pé no meio do seu quarto, observando-me enquanto eu

olhava os detalhes de sua vida. Era tudo muito vazio.

Seu console era branco. Seus travesseiros eram brancos. Sua estrutura de cama era feita de madeira marrom escura.

— Ei. — ele disse gentilmente.

Eu olhei para cima.

Ele soou de repente perto das lágrimas. — Eu sinto muito. — disse ele. — Sobre tudo.

Ele me disse que leu meu diário. Ele pediu desculpas, uma e outra vez. Ele disse que sentia muito, ele sentia muito, mas ele só queria saber o que tinha acontecido com sua mãe – o que ela me disse para causar tudo isso – porque ele não achava que eu iria dizer a ele. Ele disse que perguntou à mãe dele mil vezes o que ela me disse naquele dia, mas que ela se recusou a responder qualquer uma das perguntas dele, que ela o trancou completamente. Mas então, no processo de procurar as partes sobre sua mãe, ele também viu todo o resto. Como seu treinador havia me intimidado. Gritado comigo.

Todas as coisas horríveis que aconteceram comigo na escola. Tudo isso.

— Eu sinto muito. — disse ele. — Eu sinto muito que eles fizeram isso com você. Me desculpe, eu não sabia. Eu gostaria que você tivesse me dito.

Eu balancei a cabeça. Brinquei com a coberta sob minhas mãos.

— Não é realmente sua culpa. — eu disse a ele. — É minha culpa. Eu estraguei tudo.

— O que? Não...

— Sim. — eu disse. Eu encontrei seus olhos. — Eu não deveria ter deixado isso acontecer. Eu deveria ter te dito o que sua mãe disse para mim. Eu só não sei. Ela me fez sentir tão estúpida. — eu disse.

— E ela disse que você não tinha dinheiro para a faculdade, Ocean, e eu simplesmente não podia deixar você...

— Não importa. — ele disse. — Eu vou descobrir. Vou ligar para o meu pai. Eu vou pegar um empréstimo. Isso não importa mais.

— Eu sinto muito. — eu disse. — Sinto muito por tudo isso.

— Não se preocupe. — disse ele. — Mesmo. Eu vou descobrir.

— Mas o que você vai fazer agora? — Eu disse. — Sobre escola?

Ele exalou pesadamente. — Eu tenho uma audiência em uma semana. Eles ainda não me expulsaram *oficialmente*, — disse ele — mas tenho certeza

que sim. Até então, estou suspenso. Eu posso acabar tendo que ir para a escola em um distrito diferente.

— Sério? — Meus olhos se arregalaram. — Oh meu Deus.

— Sim. — ele disse. — A menos que, você sabe, eu consiga convencer todos na audiência de que eu estava realmente fazendo um *favor* ao quebrar o nariz do meu treinador. Embora eu esteja achando que as chances são pequenas.

— Uau. — eu disse. — Eu sinto muito.

— Não sinta. Eu estava feliz por dar um soco no pedaço de merda. Eu faria de novo em um piscar de olhos.

Nós dois estávamos quietos por um momento, apenas olhando um para o outro.

Finalmente, Ocean disse: — Você não tem ideia do quanto senti sua falta.

— Hum, eu acho que sim. — eu disse. — Eu acho que eu venceria essa competição.

Ele riu baixinho.

E então ele se aproximou, sentou ao meu lado em sua cama.

Meus pés não tocaram o chão. Os dele sim.

Eu estava de repente nervosa. Eu não estava tão perto dele há tanto tempo. Era como começar tudo de novo, como se meu coração tivesse que ter esses ataques cardíacos de novo e meus nervos estivessem acendendo, minha cabeça estava se enchendo de vapor novamente e então, muito gentilmente, ele pegou minha mão.

Nós não dissemos nada. Nós nem sequer olhamos um para o outro. Nós estávamos olhando para as nossas mãos, entrelaçadas, e ele estava desenhando padrões ao longo da minha palma, e eu mal conseguia respirar enquanto ele deixava trilhas de fogo ao longo da minha pele. E então, de repente, notei que sua mão direita estava machucada. Os dedos do seu punho direito pareciam ter sido destruídos, na verdade.

Com cuidado, toquei a pele rasgada. As feridas mal começaram a cicatrizar.

— Sim. — ele disse, em resposta à minha pergunta não formulada. Sua voz estava tensa. — Isso é, hum... sim.

— Dói? — Perguntei.

Nós dois olhamos para cima. Nós estávamos sentados tão juntos que

quando levantamos nossas cabeças, nossos rostos estavam a apenas alguns centímetros de distância. Eu podia sentir sua respiração contra a minha pele. Eu podia sentir o cheiro dele – sua colônia fraca, o cheiro que era inteiramente dele próprio.

— É, sim. — disse ele, e piscou, distraído. — É meio que... — ele respirou fundo, repentinamente — Me desculpe, — ele disse — eu só...

Ele pegou meu rosto em suas mãos e ele me beijou, me beijou com tanta intensidade que eu fui inundada, imediatamente, com sentimentos tão dolorosos que eu fiz um som, um som involuntário que era quase como chorar. Eu senti minha mente ficar embaçada.

Eu senti meu coração se expandir. Toquei sua cintura, hesitante, passei minhas mãos pelas suas costas e senti algo se abrir dentro de mim, algo que parecia rendição. Eu me perdi na sensação dele, no calor de sua pele, no jeito que seu corpo tremeu quando ele se afastou e eu senti como se estivesse sonhando, como se tivesse esquecido como pensar. *Sentia sua falta*, ele dizia: *Deus, eu senti sua falta*, e ele me beijou de novo, tão profundamente, e minha cabeça estava girando, e ele tinha o gosto, de alguma forma, como puro calor. Nós nos separamos, lutando para respirar, segurando um ao outro como se estivéssemos nos afogando, como se tivéssemos sido perdidos, deixados para morrer em uma extensão muito grande de mar.

Eu pressionei minha testa na sua e sussurrei: — Eu te amo.

Eu senti ele tenso.

— Me desculpe, eu não disse isso antes. — eu disse. — Eu queria. Eu gostaria de ter dito.

Ocean não disse uma palavra. Ele não precisava. Ele estava segurando meu corpo como se ele nunca me deixasse ir, como se ele estivesse esperando por mim toda a sua vida.

No final, a coisa que nos separou não foi todo o ódio. Não foram os racistas ou os idiotas.

Eu estava me mudando de novo.

Ocean e eu tivemos dois meses e meio de felicidade perfeita antes de meu pai dar a notícia, no começo de maio, que sairíamos da cidade assim que Navid se formasse. Nós teríamos ido embora em julho.

As semanas de férias passaram em uma espécie de agonia doce e estrangulada. Por fim, Ocean não havia sido expulso. Sua mãe contratou um advogado para a audiência e – em uma reviravolta que surpreendeu apenas Ocean – descobriu-se que ele era muito popular. A diretoria da escola concordou em suspendê-lo por mais uma semana e convocá-lo por um dia. Eles tentaram convencê-lo a voltar ao time de basquete, mas Ocean recusou. Ele disse que nunca quis jogar basquete competitivamente, nunca mais. De certa forma, ele parecia muito mais feliz.

De outras formas, não de todo.

Estávamos sempre conscientes de nossa data de validade que se aproximava rapidamente, e passamos tanto tempo juntos quanto podíamos. Meu status social mudara de forma tão dramática – subindo apenas mais alto depois que surgiram notícias de que Ocean havia dado um soco no rosto de seu treinador por causa de mim – que ninguém mais piscou para nós, e nós dois ficamos atordoados e confusos o tempo todo do ridículo perfeito do ensino médio. Ainda assim, pegamos o que conseguimos. Estávamos envolvidos um no outro, sentindo-nos felizes e tristes ao mesmo tempo, praticamente o tempo todo.

A mãe de Ocean percebeu que me tirar da vida de seu filho tinha apenas fraturado seu próprio relacionamento com ele, então ela me deixou entrar. Ela tentou me conhecer e fez um trabalho medíocre. Tudo bem. Ela ainda era meio esquisita, mas pela primeira vez em muito tempo, ela estava ativamente envolvida na vida de Ocean novamente. Sua quase expulsão parecia

realmente sacudir algo solto em seu cérebro; ela estava talvez mais surpresa do que ninguém de que Ocean tivesse quebrado voluntariamente o nariz de alguém e, de repente, ela estava fazendo perguntas. Ela queria saber o que estava acontecendo em sua cabeça. Ela começou a aparecer para jantar e ficar em casa nos fins de semana e isso o deixou tão feliz. Ele adorava ter sua mãe por perto.

Então eu sorri. Eu comi sua salada de batata.

A escola sempre foi estranha. Realmente nunca virou algo normal. Lentamente, depois de muita introspecção, meus colegas de classe cavaram fundo e encontraram a fortaleza intestinal para falar comigo sobre coisas além de breakdancing e aquela coisa na minha cabeça, cujos resultados acabaram sendo divertidos e

esclarecedores. Quanto mais eu conhecia as pessoas, mais eu percebia que todos nós éramos apenas um bando de idiotas assustados andando no escuro, batendo uns nos outros e entrando em pânico sem motivo algum.

Então comecei a acender uma luz.

Parei de pensar nas pessoas como mobs. Hordas. Massas sem rosto. Eu tentei, muito duro, parar de assumir que eu tinha entendido as pessoas, especialmente antes de eu sequer ter falado com elas.

Eu não era ótima nisso – e provavelmente teria que trabalhar nisso pelo resto da minha vida – mas eu tentei. Eu realmente fiz. Isso me assustou ao perceber que eu havia feito a outras pessoas exatamente o que eu não queria que elas fizessem comigo: fiz declarações abrangentes sobre quem eu achava que elas eram e como elas viviam suas vidas; e fiz amplas generalizações sobre o que achei que estavam pensando o tempo todo.

Eu não queria mais ser essa pessoa.

Eu estava cansada de me concentrar na minha própria raiva. Eu estava cansada de me concentrar apenas nas minhas memórias de pessoas terríveis e as coisas terríveis que eles disseram e fizeram para mim. Eu estava cansada disso. A escuridão tomou muito valor na minha cabeça. Além disso, eu me mudei o suficiente agora para saber que o tempo era uma coisa fugaz e exaustiva.

Eu não queria desperdiçá-lo.

Eu perdi tantos meses empurrando o Oceano para longe e eu desejei tanto, todo dia, que eu não tivesse feito isso. Eu queria ter confiado nele mais cedo. Eu gostaria de ter saboreado cada hora que passamos juntos. Eu desejei muito. Por tantas coisas com ele. Ocean me fez querer encontrar todas as

outras pessoas boas do mundo e mantê-las perto.

Talvez fosse o suficiente, pensei, que soubesse que alguém como ele existe neste mundo. Talvez fosse o suficiente para que nossas vidas se fundissem e divergissem e deixasse ambos transformados. Talvez fosse o suficiente para saber que o amor era a arma inesperada, que era a faca que eu precisava para cortar o Kevlar que eu usava todos os dias.

Talvez isso, pensei, fosse o suficiente.

Ocean me deu esperança. Ele me fez acreditar nas pessoas novamente. Sua sinceridade me deixou crua, descascou as teimosas camadas de raiva em que eu vivi por tanto tempo.

Ocean me fez querer dar ao mundo uma segunda chance.

Ele ficou no meio da rua quando nosso carro se afastou naquela tarde ensolarada. Ele ficou parado, imóvel, e nos observou ir, e quando sua figura foi finalmente engolida pelo espaço entre nós, eu me virei de volta no meu lugar. Apanhei meu coração quando caiu do meu peito.

Meu telefone tocou.

não desista de mim, ele escreveu.

E eu nunca desisti.

About the Author



Photo by Tana Gandhi

TAHEREH MAFI é a autora bestseller do *New York Times* e do *USA Today*

por Estilhaça-me, *Furthermore*, e *Whichwood*. Ela geralmente pode ser encontrada sob altas doses de café e presa em um livro.

Você pode encontrá-la em qualquer lugar online com @TaherehMafi ou em www.taherehbooks.com.

Discover great authors, exclusive offers, and more at hc.com.

Livros por Tahereh Mafi

[*Shatter Me*](#)

[*Unravel Me*](#)

[*Ignite Me*](#)

[*Destroy Me*](#)

[*Fracture Me*](#)

[*Shatter Me Complete Collection*](#)

[*Restore Me*](#)

[*Defy Me*](#)

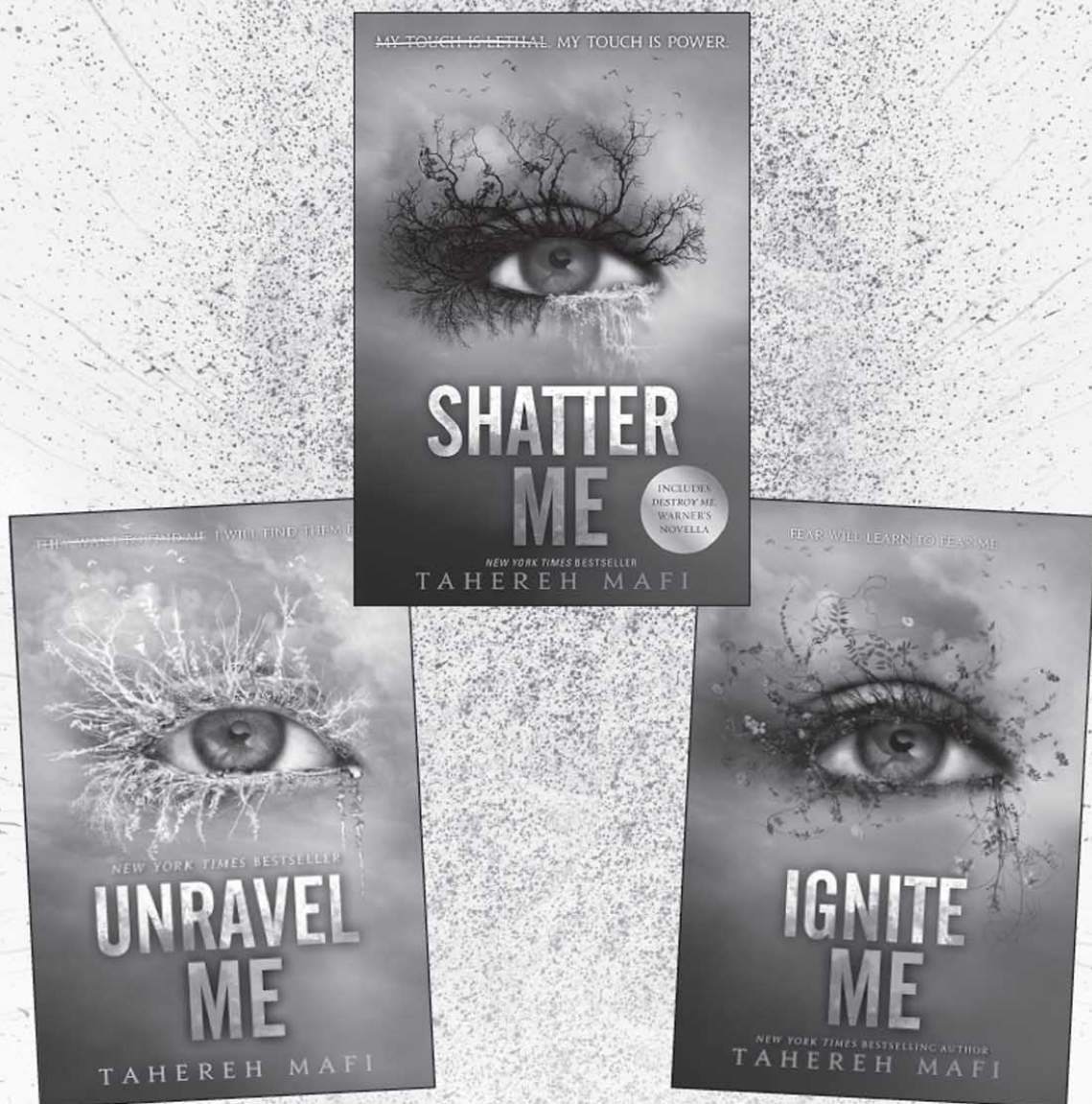
[*A Very Large Expanse of Sea*](#)

Furthermore

Whichwood

Back Ads

~~Her touch is lethal.~~
Her touch is power.



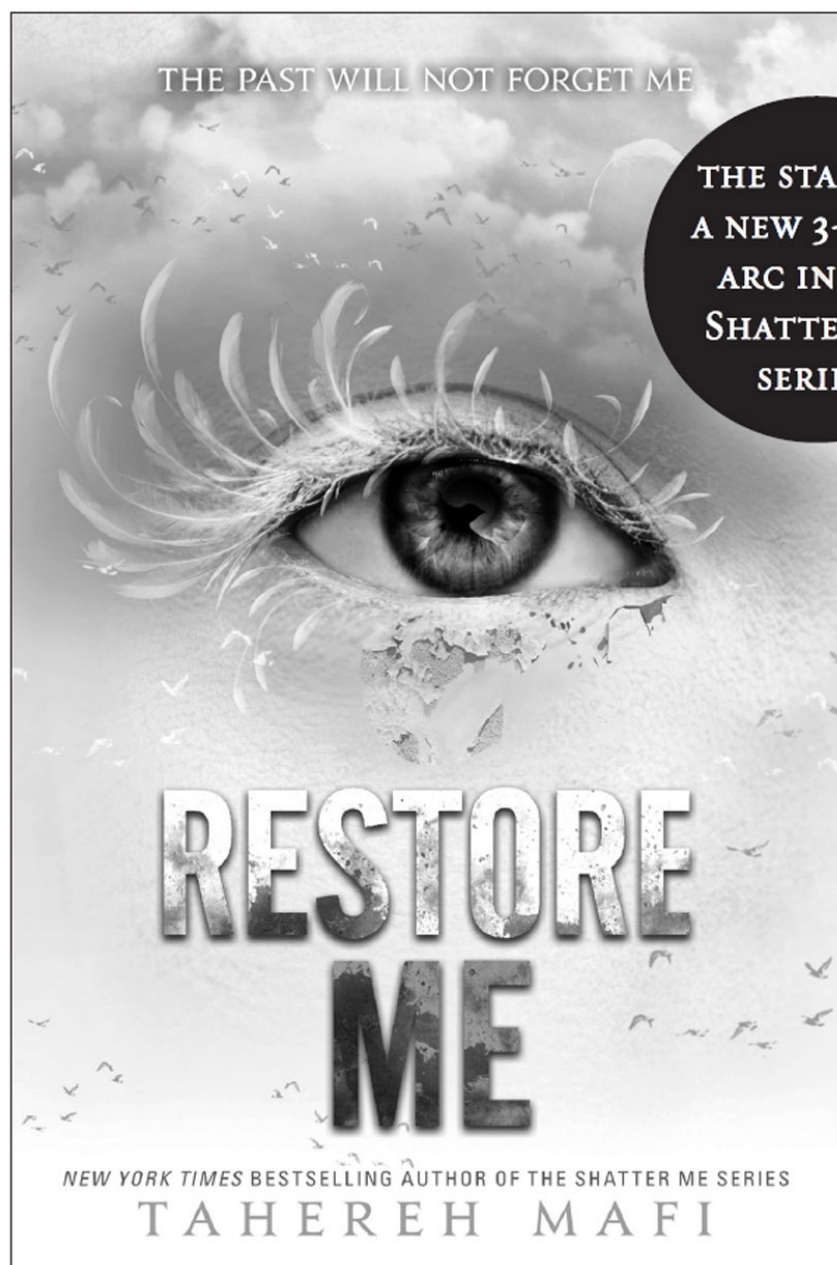
DISCOVER THE *NEW YORK TIMES* BESTSELLING
SHATTER ME SERIES.

HARPER

An Imprint of HarperCollinsPublishers

www.epicreads.com

THEIR STORY ISN'T OVER YET.



THE START OF
A NEW 3-BOOK
ARC IN THE
SHATTER ME
SERIES!

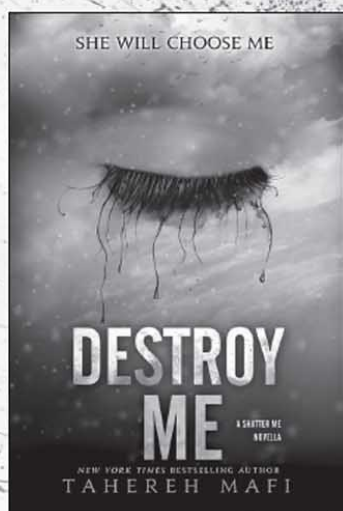
Return to the world of SHATTER ME!

HARPER

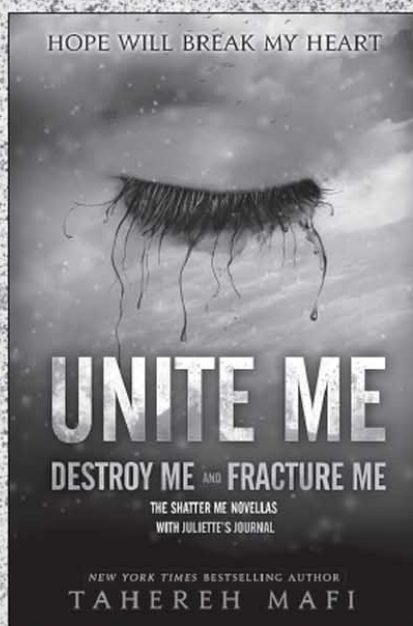
An Imprint of HarperCollinsPublishers

www.epicreads.com

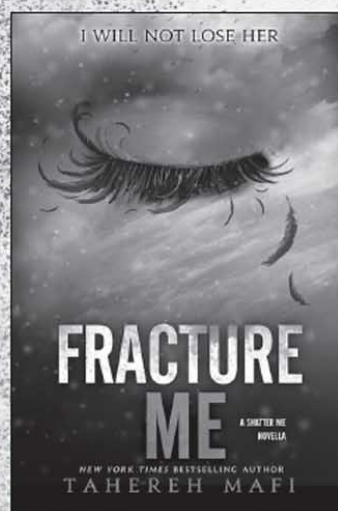
Can't get enough of the **SHATTER ME** series?



**DIGITAL
NOVELLA**



**PAPERBACK
BIND-UP**



**DIGITAL
NOVELLA**

GO DEEPER INTO THE STORY
WITH THESE ORIGINAL NOVELLAS

HARPER

An Imprint of HarperCollinsPublishers

www.epicreads.com



DISCOVER

[your next favorite read](#)

MEET

[new authors to love](#)

WIN

[free books](#)

SHARE

[infographics, playlists, quizzes, and more](#)

WATCH

[the latest videos](#)

www.epicreads.com

Copyright

A VERY LARGE EXPANSE OF SEA. Copyright © 2018 by Tahereh Mafi. All rights reserved under International and Pan-American Copyright Conventions. By payment of the required fees, you have been granted the nonexclusive, nontransferable right to access and read the text of this e-book on-screen. No part of this text may be reproduced, transmitted, downloaded, decompiled, reverse-engineered, or stored in or introduced into any information storage and retrieval system, in any form or by any means, whether electronic or mechanical, now known or hereafter invented, without the express written permission of HarperCollins e-books.

www.epicreads.com

Cover art © 2018 by Rodrigo Corral Design

Library of Congress Control Number: 2018945999

Digital Edition OCTOBER 2018 ISBN: 978-0-06-286658-5

Print ISBN: 978-0-06-286656-1

ISBN 978-0-06-286656-1 — ISBN 978-0-06-289094-8 (special ed)

ISBN 978-0-06-287870-0 (special ed) — ISBN 978-0-06-290507-9 (special ed)

ISBN 978-0-06-289085-6 (intl ed)

18 19 20 21 22 PC/LSCH 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1



FIRST EDITION

About the Publisher

Australia

HarperCollins Publishers Australia Pty. Ltd.

Level 13, 201 Elizabeth Street

Sydney, NSW 2000, Australia

www.harpercollins.com.au

Canada

HarperCollins Publishers Ltd

Bay Adelaide Centre, East Tower

22 Adelaide Street West, 41st Floor

Toronto, Ontario, Canada

M5H 4E3

www.harpercollins.ca

India

HarperCollins India

A 75, Sector 57

Noida

Uttar Pradesh 201 301

www.harpercollins.co.in

New Zealand

HarperCollins Publishers New Zealand

Unit D1, 63 Apollo Drive

Rosedale 0632

Auckland, New Zealand

www.harpercollins.co.nz

United Kingdom

HarperCollins Publishers Ltd.

1 London Bridge Street

London SE1 9GF, UK

www.harpercollins.co.uk

United States

HarperCollins Publishers Inc.

195 Broadway

New York, NY 10007

www.harpercollins.com